

Tese Doutoramento

Jornalismo Literário: Aspetos Cognitivos da Receção

Orientadora: Professora Doutora Alice Trindade

Co orientador: Professor Doutor Alexandre Castro Caldas

Isabel Lopes Almeida Nery de Oliveira

(Bolseira FCT)

Doutoramento em Ciências da Comunicação

Lisboa

2021

Financiamento:



WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

Jornalismo Literário: Aspetos Cognitivos da Receção

Isabel Lopes Almeida Nery de Oliveira

Orientador: Prof. Doutora Alice Maria Quelhas Lima Donat Trindade

Coorientador: Prof. Doutor Alexandre Castro Caldas

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em
Ciências da Comunicação

Júri:

Presidente:

Doutora Anália Maria Cardoso Torres, Professora Catedrática e membro do Conselho Científico do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa,

-

Vogais:

- Doutor Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos, Professor Titular da Universidade Metodista de São Paulo, Brasil;

– Doutora Maria Isabel Soares Carvalho, Professora Associada com Agregação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

– Doutora Alice Maria Quelhas Lima Donat Trindade, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de orientadora;

– Doutor Paulo Jorge dos Santos Martins, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

– Doutora Rita Isabel Mangerico Canaipa, Professora Auxiliar Convidada do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Lisboa

2021

"Duas estradas divergiram num bosque, e eu – Eu escolhi a menos usada e isso fez toda a diferença."
Robert Frost, poeta norte-americano (1920)

AGRADECIMENTOS

Podia começar estes agradecimentos ao jeito daqueles filmes em que nos apresentam inúmeras personagens que, aparentemente, nada têm a ver umas com as outras, mas que, no final, fazem parte de uma mesma narrativa, encaixando-se na perfeição para nos contarem uma boa história.

Quando conheci a Alice (atrevo-me a chamá-la assim porque começou por ser apenas a Alice e só muito mais tarde a Professora Alice), na primeira conferência de Jornalismo Literário, na Ryerson University, no Canadá, em que apresentei uma comunicação, nem eu sonhava que viria a fazer um doutoramento nem ela podia imaginar que viria a ser minha orientadora.

Muitos anos depois, continuando a não imaginar-me com um doutoramento em mãos, decidi propor-me a uma insanidade intelectual: apresentar uma comunicação na Universidade de Harvard sobre neurociências e jornalismo. Tinha apenas uma proposta de umas escassas dez linhas, que foram, para meu espanto, aceites pelos organizadores daquela conferência internacional. Com a aceitação veio o pânico: E agora? Com o pânico veio aquilo que os jornalistas sabem fazer melhor: telefonar a quem entende dos assuntos para aprender alguma coisa. Falara com o Professor Alexandre Castro Caldas algumas vezes sobre o tema, para mim fascinante, de como o nosso cérebro lida com a linguagem e a comunicação. Tinha, portanto, de ser ele a ajudar-me a não fazer péssima figura perante os outros investigadores (eles profissionais e eu uma amadora) em Cambridge. Entramos em contacto e logo se disponibiliza, com aquele seu jeito de sábio despreocupado, para uma conversa sobre o tema, no seu gabinete da Universidade Católica. As pistas que me deu, então, foram fundamentais para a dita comunicação. Mas não só. Com elas ficou o bichinho da curiosidade e daquele querer mais que sempre se alapa aos da espécie jornalística.

Passaram mais uns anos e, apoiada nas palavras de incentivo que tinha ouvido da plateia em Harvard, mas mais ainda nos vários almoços em que a Alice Trindade me falava do caminho fascinante que a investigação em Jornalismo Literário estava a fazer em Portugal, apresento candidatura para Bolsa de Doutoramento à FCT. Quem poderiam ser os orientadores senão a Professora (agora sim) Alice Trindade e o Professor Alexandre Castro Caldas?

Portanto, ainda não tinha escrito uma única linha e já estava imensamente grata a ambos. Pela incrível disponibilidade e por me abrirem portas do meu cérebro para as quais nem sabia que tinha chave.

Com o "Sim" da FCT vinha o desafio maior: montar um projeto de doutoramento multidisciplinar num país mais conhecido pelos seus retalhos territoriais, vulgo quintinhas, do que pela sua visão estratégica.

Depois de várias reuniões com o Professor Castro Caldas sobre o que medir e como medir o corpo humano para percebermos de que forma o jornalismo nos afeta biologicamente, sou apresentada a novas *personagens*, que, fazendo jus a qualquer boa narrativa, cumpriam o objetivo do *turning point* do meu trabalho de pesquisa. A Universidade Católica Portuguesa de Lisboa acolhe-me na sua equipa de Ciências da Cognição e da Linguagem e dá-me a conhecer a Professora Rita Canaipa. Sem ela, o seu conhecimento sobre questões psicofisiológicas e a sua capacidade de me guiar no caminho de coisas tão complexas como a medição de dor, esta tese não teria chegado a sê-lo. Talvez pudesse até ter havido outra tese, mas não esta.

Perdida num mundo de medidas de bem estar emocional, dor, batimentos cardíacos, tendências para a catastrofização – e até para o suicídio –, que era preciso aplicar a uma amostra de 60 voluntários, sou salva pela Maria Ana Guerra, uma jovem estudante de Mestrado, que, apesar da sua inexperiência (ou talvez por causa dela) parecia sempre mais calma com o mundo de botões, programas informáticos e indutores de choques elétricos do que eu. Nunca nos tínhamos visto até ao dia em que sou apresentada à maquinaria e à minha ajudante de bordo, mas logo nos entendemos como uma boa equipa.

Estava tudo alinhado. Até parecíamos todos feitos uns para os outros. Mas nenhuma boa história – e ao fim destes anos chego à conclusão que a aventura de um doutoramento é sempre uma boa história – vive sem um momento de clímax. Tínhamos feitas apenas 12 experiências das 60 a que nos propuséramos no projeto de investigação quando somos atingidos por esse tsunami que teima em não sair das nossas vidas e que dá pelo nome de Coronavírus. A nossa investigação implicava termos uma sala só para nós, investigadoras, e para os participantes. Mas a Universidade Católica é obrigada a fechar portas para proteção dos seus funcionários e alunos. Como o isolamento e os confinamentos viessem, afinal, por

longo tempo e não apenas por umas semanas como alguns acreditaram, foi preciso arranjar novo local para a recolha de dados. E é aqui que se impõe um novo – e justo – agradecimento. Desta vez ao coletivo dos meus camaradas da direção do Sindicato dos Jornalistas (SJ) e à sua presidente de então, Sofia Branco, que aceitaram ceder-me uma sala das instalações do SJ, na altura desabitado devido ao confinamento, para as experiências do meu doutoramento. Assim, com pulverizações de álcool nos textos que havia plastificado, máscaras e desinfecções de mãos amiúde, recebemos durante vários dias mais de 40 indivíduos da nossa amostra na bela sala do Sindicato dos Jornalistas, ao Chiado.

Passou exatamente um ano desde esses dias de trabalho no terreno que nos deixou milhares de dados para analisar. Para a Maria Ana um monte de potencial conhecimento sobre dor aguda; para mim a esperança de perceber melhor os efeitos do meu trabalho jornalístico nos leitores.

Aqui chegados, só nos resta esperar por um final feliz. E admitir que esta tese nunca seria sem o trabalho de equipa em que todas as pessoas referidas acima aceitaram participar.

Mas nada do que é verdadeiramente importante na vida pode ser possível sem amor. Por isso, faltam ainda os agradecimentos aos alicerces, aqueles que ninguém vê, mas sem os quais a casa viria abaixo.

Aos meus amigos Teresa e Vitor Flores, Miguel Crespo, Vitor Tomé e José Eduardo Franco, uns porque souberam muito antes de mim que eu viria a fazer um doutoramento, outros porque me ouviram as queixinhas e o desespero sem nunca vacilarem na sua confiança em mim.

À minha família. Aos meus pais por terem posto sempre a educação em primeiro lugar. Às minhas irmãs e irmão por me aturarem os desabafos e responderem sempre com "Força nisso!" Ao Nuno, Matilde e Rafael por me saberem ler naqueles dias em que batia nas teclas com tanta fúria que os fazia temer pelas paredes da casa. "Também não é preciso partir o teclado!", gozavam. E não foi. Embora tenha ajudado pensar ao ritmo dessas patadas carinhosas.

Quando achei que tinha terminado a minha tese de doutoramento desabafei com um amigo: "Parece que me sugaram os neurónios por uma palhinha!"

Espero que tenha valido a pena (e que eles, os neurónios, voltem).

Em qualquer caso, Bem hajam a todos – por tudo!

Estoril, julho de 2021

RESUMO

Através da leitura de um texto Noticioso e outro de Jornalismo Literário procuramos demonstrar, recorrendo a instrumentos das Neurociências e das Ciências Sociais, os efeitos da comunicação jornalística nos indivíduos.

Fizemo-lo utilizando ferramentas psicofisiológicas, como medidas das emoções, percepção de Dor e Batimentos Cardíacos. Mas também utilizando medidas de autorrelato, como inquéritos por questionário.

A metodologia utilizada proporcionou a recolha de respostas autorrelatadas, através de questionários depois da leitura, mas sobretudo a recolha de respostas inconscientes, através de medidas psicofisiológicas, como a avaliação das emoções, do batimento cardíaco e da percepção de dor antes, durante e depois da leitura. Além disso, a resposta a questionários de medida das emoções e de características psicológicas permitiram avaliar a receção individual aos textos jornalísticos propostos.

A revisão de literatura desenvolve o conceito de géneros jornalísticos, com especial enfoque na notícia e na reportagem, e aprofunda as peculiaridades do jornalismo literário. Entende-se que o jornalismo literário recorre sempre ao género reportagem, pelo que se analisam as suas características, tendo em vista o contributo para o jornalismo de profundidade.

Os 60 indivíduos da amostra leram um excerto da reportagem *Hiroshima*, de John Hersey, em formato Noticioso e de Jornalismo Literário, tendo sido sujeitos a várias medidas psicofisiológicas antes, durante e após a leitura. Esta investigação multidisciplinar quase seminal permitiu-nos demonstrar que textos jornalísticos têm, de facto, efeitos, nomeadamente emocionais e psicofisiológicos, sobre os leitores. E que esses efeitos variam com o tipo de texto (Noticioso ou de Jornalismo Literário), mas também com as características psicológicas individuais dos sujeitos da amostra.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Neurociências; Emoções; Reportagem; Hiroshima; Receção

ABSTRACT

By reading a News piece and a Literary Journalism piece, we seek to demonstrate the effects of journalistic communication on individuals, using instruments from Neurosciences and Social Sciences.

We did it using unconscious psychophysiological tools, such as measuring emotions, pain perception and heart rate. But also using conscious measures like questionnaire surveys. The methodology selected provided the collection of self-reported responses, through questionnaires after reading, but above all the collection of unconscious responses, through psychophysiological measurements, such as heart rate assessment and perception of pain before, during and after reading. In addition, the response to questionnaires measuring emotions and psychological characteristics allowed us to assess the individual reception of the proposed journalistic works.

Our literature review develops the concept of journalistic genres, with a special focus on news and reportage, and deepens the peculiarities of literary journalism. It is understood that literary journalism always resorts to the reporting genre, so its characteristics are analyzed, with a view to contributing to in-depth journalism.

The 60 individuals sample read an excerpt from the *Hiroshima* reportage, by John Hersey, in News and Literary Journalism format, and were subjected to various psychophysiological measures before, during and after the reading.

This quasi-experimental multidisciplinary investigation allowed us to demonstrate that journalistic texts pieces do, in fact, have effects on readers, namely emotional and psychophysiological ones. And that these effects vary with the type of text (News or Literary Journalism), but also with the individual psychological characteristics of the subjects in the sample.

KEY-WORDS: Literary Journalism; Neurosciences; Emotions; Reportage; Hiroshima; Reception

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. NEUROCIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR	11
1.1. Informação e Recepção.....	11
1.1.1. Efeitos Cognitivos da Comunicação.....	12
1.1.2. Informação e Recepção nas Neurociências	20
1.2. Jornalismo Noticioso <i>versus</i> Jornalismo Literário.....	25
1.2.1. Géneros Jornalísticos: a Notícia	27
1.2.2. Géneros Jornalísticos: a Reportagem	33
1.2.3. Jornalismo Literário como Reportagem	38
1.3. O Conceito de Jornalismo Literário	39
1.3.1. De que falamos quando falamos de Jornalismo Literário	41
1.3.2. Porquê <i>Hiroshima</i>	46
1.3.3. Abordagem Cognitiva e Jornalismo Literário	48
1.3.4. O Papel do Meio	52
1.3.5. O Papel das Emoções	57
CAPÍTULO 2. OPÇÕES METODOLÓGICAS	61
2.1. Participantes	63
2.2. Questionários de avaliação psicológica	64
2.2.1. Avaliação das Emoções.....	65
2.2.2. Avaliação Cognitiva	65
2.2.3. Avaliação do Sistema Nervoso Autónomo (SNA).....	66
2.2.4. Tarefa de Avaliação do Batimento Cardíaco (<i>Interoception Accuracy</i>)	66
2.2.5. Avaliação da Dor	66
2.3. Procedimentos	67
CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	72
3.1. Análise estatística.....	72
3.2. Caracterização da Amostra	73

3.3. Emoções e Características Demográficas	75
3.3.1. Intensidade	75
3.3.2. Idade	78
3.3.3. Género.....	79
3.4. Correlação Emoções e Características Demográficas.....	80
3.4.1. Correlações Emoções (IEA-R) e Características Psicológicas Individuais	80
3.4.2. CORE-OM.....	81
3.4.3. Questionário MAIA	81
3.5. Dor	83
3.5.1. Dor e Emoções	85
3.5.2. Dor e Características Psicológicas Individuais.....	86
3.5.3. Correlação Dor, Bem-estar emocional e Leitura dos Textos	86
3.5.3.1. CORE-OM	86
3.5.3.2. MAIA	87
3.6. Batimentos Cardíacos	88
3.6.1. Dor e Batimentos Cardíacos	89
3.7. Questionários Pós-Leitura	90
3.7.1. Compreensão dos textos	90
3.7.2. Leitores e Receção dos Textos	94
3.7.2.1. Leitura, Meios, Estilos e Receção	104
CAPÍTULO 4. SISTEMATIZAÇÃO DA ANÁLISE DE RESULTADOS.....	111
CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	124
5.1. Na Abordagem das Neurociências	126
5.2. Na Abordagem das Teorias da Comunicação	154
5.3. Na Abordagem do Jornalismo Literário	174
CONCLUSÃO.....	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207

ÍNDICE de FIGURAS

Figura 1. Efeitos da Informação.....	6
Figura 2: Investigação Multidisciplinar entre Comunicação e Neurociências	11
Figura 3: Correntes e Teorias da Comunicação relevantes para esta tese	19
Figura 4: Critérios de Noticiabilidade	31
Figura 5: Texto Noticioso	77
Figura 6: Texto Jornalismo Literário	77

ÍNDICE de QUADROS

Quadro 1: Características do Jornalismo Literário.....	43
Quadro 2: Batimentos Cardíacos.....	89
Quadro 3: Amanhã ainda me vou lembrar do que acabei de ler neste artigo	90
Quadro 4: Este texto fala da bomba atómica.....	91
Quadro 5: Os acontecimentos relatados passam-se em Hiroshima	91
Quadro 6: O hospital tinha todas as condições para socorrer as vítimas	92
Quadro 7: Ninguém sobreviveu à bomba lançada sobre Hiroshima	92
Quadro 8: A maior parte dos sobreviventes tinha ferimentos e queimaduras	93
Quadro 9: Que edifício caiu ao rio.....	93
Quadro 10: Qual o número de feridos	93
Quadro 11: A leitura deste artigo deu-me satisfação (texto A).....	94
Quadro 12: A leitura deste artigo deu-me satisfação (texto B).....	95
Quadro 13: A leitura do artigo despertou o meu interesse (texto A).....	95
Quadro 14: A leitura do artigo despertou o meu interesse (texto B)	96
Quadro 15: Recomendaria este texto a um amigo (texto A)	96
Quadro 16: Recomendaria este texto a um amigo (texto B).....	97
Quadro 17: A leitura deste texto angustiou-me (texto A)	97

Quadro 18: A leitura deste texto angustiou-me (texto B)	98
Quadro 19: A leitura deste texto fez-me sentir no local da explosão (texto A)	98
Quadro 20: A leitura deste texto fez-me sentir no local da explosão (texto B)	99
Quadro 21: A forma como o texto está escrito influenciou a compreensão e perceção do conteúdo (texto A)	99
Quadro 22: A forma como o texto está escrito influenciou a compreensão e perceção do conteúdo (texto B)	100
Quadro 23: Senti-me informado com este texto (texto A)	100
Quadro 24: Senti-me informado com este texto (texto B)	101
Quadro 25: A leitura deste texto deu-me vontade de aderir a Movimentos Antinucleares (texto A).....	101
Quadro 26: A leitura deste texto deu-me vontade de aderir a Movimentos Antinucleares (texto B).....	102
Quadro 27: Este texto vai-me permitir opinião mais fundamentada sobre o uso energia nuclear (texto A)	102
Quadro 28: Este texto vai-me permitir opinião mais fundamentada sobre o uso energia nuclear (texto B).....	103
Quadro 29: A leitura deste texto causou-me emoções fortes (texto A)	103
Quadro 30: A leitura deste texto causou-me emoções fortes (texto B)	104
Quadro 31: Conhecia o autor que acabou de ler ?	104
Quadro 32: Conhecia o texto que acabou de ler ?	105
Quadro 33: Com qual dos textos se sentiu melhor informado?.....	105
Quadro 34: De que texto gostou mais?	106
Quadro 35: Qual dos textos recomendaria a um amigo?	106
Quadro 36: Qual dos textos lhe causou mais emoção?	107
Quadro 37: Qual dos textos associa a prazer de leitura?.....	107
Quadro 38: Já ouviu falar de Jornalismo Literário ou Novo Jornalismo?.....	108

Quadro 39: Alguma vez leu um texto de Jornalismo Literário ou Novo Jornalismo?	108
Quadro 40: Para si, Jornalismo Literário ou Novo Jornalismo é:.....	109
Quadro 41: A leitura de informação ou texto jornalístico em papel ou dispositivos electrónicos é diferente?	109
Quadro 42: Quando leio em papel assimilo melhor a informação	110
Quadro 43: Qual dos suporte é mais adequado para uma leitura imersiva ?	110
Quadro 44: A minha leitura de informação/texto jornalístico em papel por comparação com a leitura em dispositivos eletrónicos é:.....	111
Quadro 45: Modificações Psicofisiológicas reportadas com texto Noticioso.....	113
Quadro 46: Modificações Psicofisiológicas reportadas com texto Jornalismo Literário....	114
Quadro 47: Diferenças de receção texto Noticioso e de Jornalismo Literário	123

ÍNDICE de TABELAS

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica	74
Tabela 2 – Comparação por subescalas de emoções entre Géneros Jornalísticos	75
Tabela 3 – Subescalas emoções Antes e Depois da Leitura por Género Jornalístico	76
Tabela 4 – Comparação por grupos: estimulação elétrica	84
Tabela 5 – Evolução: estimulação elétrica	85

ÍNDICE de ANEXOS

ANEXO 1: GLOSSÁRIO TERMOS NEUROCIÊNCIAS.....	231
ANEXO 2: PARECER COMISSÃO DE ÉTICA UNIVERSIDADE CATÓLICA	233
ANEXO 3: PARECER ADELINO GOMES	234
ANEXO 4: DADOS SPSS: EMOÇÕES E CORRELAÇÕES	236
Anexo 4.1: Dor na última semana	236

Anexo 4.2: Correlações Emoções e Características Demográficas (Idade e Escolaridade) – Texto A.....	237
Anexo 4.3: Correlações Emoções e Características Demográficas (Idade e Escolaridade) - Texto B.....	238
Anexo 4.4: Correlações Deltas Emoções e Características Demográficas (Idade e Escolaridade) – Texto A	239
Anexo 4.5: Correlações Subescalas Emoções e Características Demográficas (Idade) – Texto A	240
Anexo 4.6: Correlações Emoções e Características Demográficas (Idade) – Texto A.....	241
Anexo 4.7: Correlações Subescalas de Emoções e Características Demográficas (Escolaridade) – Texto A	242
Anexo 4.8: Correlações Subescalas de Emoções e Características Demográficas (Escolaridade) – Texto B	242
Anexo 4.9: Correlações Deltas Subescalas de Emoções e CORE-OM – Texto A.....	243
Anexo 4.10: Correlações Deltas Subescalas de Emoções e CORE-OM – Texto B.....	244
Anexo 4.11: Correlações Deltas Subescalas de Emoções e MAIA – Texto A	245
Anexo 4.12: Correlações Deltas Subescalas de Emoções e MAIA - Texto B	246
ANEXO 5: DADOS SPSS: DOR E CORRELAÇÕES	247
Anexo 5.1: Estimulação Elétrica Depois e Antes da leitura – Texto A	247
Anexo 5.2: Correlações Emoções e Dor – Texto A	247
Anexo 5.3: Correlações Emoções e Dor – Texto B	248
Anexo 5.4: Correlações Dor e Batimentos Cardíacos – Texto B	249
Anexo 5.5: Correlações Deltas Dor e PCS – Texto A	250
Anexo 5.6: Correlações Deltas Dor e PCS – Texto B.....	251
Anexo 5.7: Correlações Deltas Dor e CORE-OM – Texto A.....	252
Anexo 5.8: Correlações Deltas Dor e CORE-OM – Texto B	253
Anexo 5.9: Correlações Deltas Dor e MAIA – Texto A	254

Anexo 5.10: Correlações Deltas Dor e MAIA – Texto B.....	255
ANEXO 6: DADOS SPSS: BATIMENTOS CARDÍACOS E CORRELAÇÕES	256
Anexo 6.1: Baseline Batimentos Cardíacos – Texto A.....	256
Anexo 6.2: Baseline Batimentos Cardíacos – Texto B.....	256
Anexo 6.3: Correlações Deltas Batimentos Cardíacos e Deltas Dor – Texto B	256
ANEXO 7: MATRIZ RECOLHA DE DADOS: DOCUMENTOS E TEXTOS	257
Anexo 7.1: Consentimento informado	257
Anexo 7.2: Checklist	260
Anexo 7.3: Folha de registo I.....	261
Anexo 7.4: Folha de registo II.....	262
Anexo 7.5: Memória de dígitos	263
Anexo 7.6: Texto A	265
Anexo 7.7: Texto B	267
ANEXO 8: MATRIZ QUESTIONÁRIOS CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS INDIVIDUAIS	271
Anexo 8.1: CORE-OM.....	271
Anexo 8.2: Questionário MAIA	273
Anexo 8.3: Questionário PCS	275
Anexo 8.4: Questionário Autoconsciência	276
Anexo 8.5: IEA-R.....	277
ANEXO 9: MATRIZ TAREFAS PSICOFISIOLÓGICAS.....	279
Anexo 9.1: Instruções para o participante	279
Anexo 9.2: Folha de registo Interocepção	280
Anexo 9.3: Registo de batimentos cardíacos	281
Anexo 9.4: Registo de Dor.....	282
ANEXO 10: MATRIZ QUESTIONÁRIOS TEXTOS	284
Anexo 10.1: Questionários de Compreensão e Avaliação de texto.....	284

Anexo 10.2: Questionário de Avaliação de texto	285
Anexo 10.3: Questionário pós-leitura.....	286
Anexo 11: FOTOS RECOLHA DADOS PSICOFISIOLÓGICOS.....	288
Anexo 11.1: Sala Experiências.....	288
Anexo 11.2: Bitalino	289
Anexo 11.3: Estímulos elétricos	290

INTRODUÇÃO

Seria preciso recuar mais de cinco séculos, até à invenção dos caracteres móveis por Johannes Gutenberg (Davis, 2019), para encontrar um período tão disruptivo na comunicação e imprensa como o vivido desde o início do século XXI. Como resume Vallejo (2020, p. 124): "Neste momento estamos mergulhados numa transição tão radical como a alfabetização grega. A Internet está a mudar o uso da memória e da própria mecânica do saber".

O panorama tecnológico alterou o consumo de informação, como demonstram, por exemplo, os inquéritos *Reuters Digital News Report*, do *Reuters Institute for the Study of Journalism* e os relatórios Obercom. Se em 2015, 46% dos portugueses usavam a imprensa para se informarem, em 2020 já eram apenas 33,4% a escolher esse meio de informação (Cardoso, Martinho & Paisana, 2020). Já o relatório Obercom 2018 (Cardoso, Paisana, Quintanilha & Pais, 2018) apontava para as plataformas digitais de redes sociais como principal forma de aceder a notícias (43,9%), seguido do acesso direto a *websites/apps* de notícias (36,8%) e dos motores de busca para pesquisa por *website* (31,7%). A tendência aqui patente é também demonstrativa da evolução do uso da internet em Portugal, onde mais do que triplicou em 14 anos: em 2002 era usada por 19,4% da população e em 2016 por 67,4 por cento, ultrapassando já os 84% atualmente (Kemp, 2021). No mesmo sentido, o relatório *Digital 2021* (Kemp, 2021) indica que os Portugueses passam mais de duas horas por dia nas redes sociais, mas apenas cerca de uma hora a informar-se na imprensa, em papel e *online*.

Estes dados são um sinal claro de que os permanentes avanços tecnológicos têm alterado os hábitos de consumo de *media*. No entanto, o "excesso" de informação (Gleick, 2012) possibilitado pelas facilidades tecnológicas começa também a ser identificado como um "fardo" para os leitores. Alguns consumidores de informação manifestam-se esmagados pela quantidade de notícias, sobretudo quando acedem a elas através das redes sociais. Tal sensação, provocada em parte pela impossibilidade cognitiva de abarcar tanta informação, acarreta o perigo de os cidadãos evitarem notícias para se defenderem dessas perceções de fardo, excesso e incapacidade de acompanhar (Lee et al., 2017).

O Dicionário Oxford online define *media* social como "sites e aplicações que permitem aos utilizadores criar e partilhar conteúdos, ver, avaliar e comentar sobre o conteúdo partilhado por outros, bem como partilhar de forma fácil mensagens, imagens ou vídeos, ou participar

em interações sociais"¹ (Hassel & Sukalich, 2016). A definição permite-nos perceber a complexidade das teias que as redes podem tecer, assim como a proatividade que implicam para o recetor de informação. Tal significa também que as implicações sociais do seu uso justificam alguma atenção.

Lembrando que as redes sociais estão cada vez mais presentes nos espaços educativos, que a tecnologia tem vindo a alterar a forma como se comunica e aprende, Tess (2013) nota que 94% dos estudantes universitários passam uma média de 10 a 30 minutos diários nas redes e têm entre 150 a 200 amigos no Facebook. Já a rede social Instagram, que atrai especialmente as camadas mais jovens e tem vindo a moldar o jornalismo digital, é a principal fonte de informação para 33% dos indivíduos entre os 18 e os 24 anos, seguida dos sítios de notícias, com 31% e da televisão e imprensa, com 29% (Vázquez-Herrero et al., 2019).

A facilidade e universalização do acesso à internet precedeu as redes sociais. Nesse sentido, observamos que a tendência generalizada para o uso de internet em Portugal poderia ser preditora do interesse nas redes sociais que agora se verifica. As vantagens têm sido estudadas, demonstrando ser positivas no que toca às interações sociais (Choi, 2016, Hassel & Sukalich, 2016 & Tess, 2013), mas também no que toca ao interesse pelo envolvimento cívico, concluindo-se que há uma relação positiva com a participação política por parte dos jovens (Beam et al., 2016).

Porém, socializar, mais do que informar, é o motor das três principais atividades em rede – ler, postar e partilhar –, o que implica também mudanças quanto à motivação para o consumo de notícias, agora especialmente ligado a atividades sociais. Além disso, o uso generalizado tenderá para uma relação negativa com a performance educativa, sabendo-se já que a média do ensino superior pode estar negativamente correlacionada com o maior uso das redes sociais (Hassel & Sukalich, 2016).

As plataformas digitais de redes sociais tornaram-se uma das principais fontes de informação, com todos os perigos que tal tendência pode encerrar, nomeadamente o da dificuldade de distinção entre informação e entretenimento, ou mesmo entre informação e conteúdos falsos (*fake news*).

¹ Traduções sempre da autora, a menos que se explicita o contrário.

O contexto atual tem vindo a favorecer o fenómeno das notícias falsas. A expressão é controversa na medida em que, sendo falsa, uma informação nunca pode ser apelidada de notícia: se é falsa não é notícia; se é notícia não pode ser falsa. Por vezes, opta-se pela expressão "notícias falsificadas" para enfatizar que se trata de uma intenção e não apenas de um erro. Veja-se, a este propósito, as considerações da agência de notícias portuguesa, Lusa, que clarifica o conceito e entende a expressão "notícias falsificadas" como alternativa à expressão "notícias falsas" (Simas, 2019).

Não sendo este um trabalho sobre *fake news* ou *media* sociais, os temas importam aqui por nos ajudarem a compreender este tempo especialmente complexo vivido pelos *media*. E, mais ainda, a pertinência de estudar a forma como se consome e recebe informação através de um género que se caracteriza por ser o oposto da informação efémera e acelerada: o jornalismo literário.

O período adverso para os *media*, com redução de meios nas redações tem imposto de forma crescente um "jornalismo sentado" (Neveu, 2014, p. 535), avesso a informação de profundidade. A conseqüente redução de leitores (Andi et al., 2020) e a crise mundial para o modelo de negócio, patentes nas curvas descendentes de audiências, publicidade e emprego para os jornalistas há quase duas décadas, como tem sido demonstrado, por exemplo, pelos dados publicados pelo *Pew Research Center – Journalism&Media* (Pew Research Center, 2019), dão pertinência à busca de respostas para o setor, bem como para a sociedade em geral. Se o século XX foi marcado pela realidade da comunicação de massas, quando muitas pessoas viam ou liam a mesma informação ao mesmo tempo, hoje assiste-se a uma atomização dos públicos e dos interesses, sem que, por isso, possamos dizer que deixou de haver comunicação de massas (Deuze, 2021).

O século XXI tem sido de enormes desafios e perdas para o jornalismo e para os jornalistas. É entendimento da autora desta tese que os jornalistas têm a obrigação de pensar e buscar soluções. Mas poderá perguntar-se porque é importante salvar o jornalismo. Sendo certo que é uma profissão como muitas outras, também é verdade que não é como nenhuma outra. Desde logo por ser a única com respaldo direto na Constituição da República Portuguesa, no artigo 38º.², numa referência que nada tem a ver com eventuais corporativismos. O que lhe

² <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

está subjacente é o assumir do papel crucial do jornalismo enquanto garante da democracia, desígnio defendido na Constituição da República Portuguesa aprovada depois do 25 de Abril de 1974.

Porém, num tempo em que qualquer cidadão pode produzir e difundir informação, nomeadamente através das redes sociais, a questão será mais a de saber porque faz falta jornalismo produzido por profissionais jornalistas. Por um lado, a cidadania já não depende apenas do poder cultural de votar e prosperar, mas também do poder de saber e de comunicar (Miller, 2009). Por outro, não há democracia sem verdade sobre o mundo que nos rodeia e não há garantia de verdade das instituições de poder sem a guarda do jornalismo (Kovach & Rosenstiel, 2007). Como resume Lemann (2015, p. 56), "a principal missão do jornalista é chegar à verdade, e depois, secundariamente, encontrar uma história que comunique a verdade".

Defendendo-se que a democracia é um dever do jornalista (Adam, 2009), torna-se também importante perceber como o jornalismo é fundamental para a democracia. Informa, investiga e analisa, promovendo entendimento mútuo, dando voz às pessoas e mobilizando-as para agir (Wahl-Jorgensen & Hanitzsch, 2009), sendo considerada responsabilidade do cidadão nas sociedades democráticas manter-se informado (Mendes, Carter & Davies, 2009). Para o *Pro Publica*, (<https://www.propublica.org/>) o jornalismo é uma forma de denunciar as injustiças e os abusos de poder porque "ilumina a exploração dos fracos pelos fortes e as falhas dos detentores de poder, reivindicando a confiança neles depositada".

O jornalismo tem-se afastado do público, fechando meios de comunicação locais e forçando os repórteres a trabalho de secretária, mais fácil e barato. Se algo nos ensinou a crise dos *media* nos últimos anos, é que o exercício do jornalismo precisa de estar mais alinhado com os desejos e interesses do público. Precisa da sua confiança (Becket & Deuze, 2016).

Não é novidade que vivemos em dois mundos – o mundo real e o mundo mediático (Potter, 2018). Mas, graças à tecnologia, a fronteira agora é cruzada cada vez mais inconscientemente. Um *smartphone* hoje tem maior poder de processamento do que o computador que guiou Neil Armstrong até à Lua e o número de pessoas conectadas à internet passou de 400 milhões em 2000 para 3,5 mil milhões em 2016, prevendo-se que chegue a 4,6 mil milhões em 2021. Todos os dias enviamos 269 mil milhões de e-mails, postamos 350 milhões de fotos no

Facebook. A cada segundo fazem-se 60.000 pesquisas no Google. Em 2020, geramos tanta informação a cada duas horas quanto os humanos geraram em dois mil anos de existência (Susskind, 2018). A cada meio minuto é publicado um livro (Vallejo, 2020).

Seria até ingénuo pensar que a sociedade poderia lidar com a atual avalanche informativa com as mesmas ferramentas de antes. A disponibilidade de muitos dados significa muita informação e nenhum jornalista ou defensor da liberdade de expressão deixará de ficar feliz com isso. Mas o problema não está no acesso a informação, mas sim como continuar a usá-la para o bem comum. E é também por isso, porque novos problemas exigem novas soluções, que esta tese optou por uma abordagem multidisciplinar, usando processos das Neurociências para estudar os efeitos e a receção de notícias em comparação com o jornalismo de profundidade, refletido, por exemplo, no jornalismo literário.

O próprio jornalismo literário implica uma abordagem menos linear da informação (Hartsock, 2000). Não se trata tanto de seguir a lógica da pirâmide invertida, caracterizada pela hierarquização da informação a partir do mais importante e atual, mas do prazer da leitura num texto baseado em factos e acontecimentos comprováveis (Sims & Kramer, 1995; Abrahamson, 2005; Trindade, 2016). Exigente em tempo, empenho e capacidade crítica, tanto do jornalista, como do leitor, o jornalismo literário obriga à reflexão, podendo ser encarado como um antídoto contra informações falsificadas, como defende Trindade:

O jornalismo literário tornou-se parte da tradição de espalhar o conceito de valor notícia. Como tal é parte de uma evolução no sentido da redução de falhas de informação e de conhecimento entre os cidadãos de todo o mundo (2012, p. 101).

O jornalismo literário, não sendo novo, reemerge em períodos de crise (Hartsock, 2000), parecendo indicar uma constância no interesse dos recetores de informação ao longo do tempo e incremento nesse interesse quando a perceção de risco para os cidadãos aumenta. Por isso, entendeu-se que a comparação entre as reações aos diferentes tipos de textos jornalísticos – noticioso e literário – em tempos mais críticos para o setor da comunicação poderia contribuir para a discussão. Sendo o jornalismo uma área com muitas e variadas especificidades, focamos a análise no jornalismo literário, por comparação com o jornalismo noticioso, de forma a identificar possíveis explicações para a escolha da leitura de um artigo em detrimento de outro.

Será a informação encarada de forma distinta por ter sido adquirida com a leitura de um texto noticioso ou de um texto de jornalismo literário? Terão diferentes estilos de escrita jornalística efeitos distintos sobre os recetores? Haverá reações diferentes à leitura em papel ou em dispositivos eletrónicos? Sabem os leitores distinguir os conteúdos jornalísticos que lhes são apresentados?

Para encontrar respostas, a relação individual com o que é lido, a relação entre a expectativa do que se vai receber e o efeito que cada meio e conteúdo têm nos recetores poderão ser abordagens úteis. Embora a neurociência da comunicação esteja ainda pouco explorada, sabemos já que: a informação tem de ser reconhecida, o que implica uma série de mecanismos cognitivos e emocionais, não apenas um depósito (Meditich, 2005); que a informação pode ser percebida como uma recompensa (Bromberg-Martin & Hikosaka, 2009); que a informação é um importante gerador de emoções (Miall & Kuiken, 2002, Mar; 2011; Mangen et al., 2013; Lecheler, 2020); e que é um motor motivacional devido à reação neurológica e emocional à informação (Cunningham & Stanovich, 2001; Knobloch et al., 2004; Damásio, 2017; Sigman, 2018).

Figura 1. Efeitos da Informação



Fonte: Elaboração Própria

Conforme se observa na figura 1 entende-se que a informação precisa de ser reconhecida enquanto tal. Uma vez que isso aconteça, torna-se um importante gerador de emoções e um

motor motivacional que pode provocar sensações de recompensa, tanto individuais como sociais.

Assim, esta tese será enquadrada em uma das áreas prioritárias de investigação em Ciências da Comunicação no ISCSP, estando inserida na linha de investigação Jornalismo e Sociedade. O nosso principal contributo será o de promover o desenvolvimento do conhecimento sobre o Jornalismo Literário, desta feita na diferenciação entre o jornalismo noticioso e o jornalismo literário, através de metodologia adiante explicitada e que envolve técnicas de experimentação proveniente das Neurociências, complementadas por outras utilizadas em Ciências Sociais. A prossecução dos objetivos de investigação é conseguida através de colaboração académica interuniversitária: não seria possível, em termos metodológicos e nas componentes teórica e experimental, levar a cabo este trabalho sem a Orientação do Professor Doutor Alexandre Castro Caldas e da sua equipa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Nesse sentido, importa notar que se trata de uma tese experimental, multidisciplinar e inovadora, que se baseia em pesquisa psicofisiológica para melhor compreender a receção de informação, ligando teorias da comunicação e neurociências. Por pesquisa psicofisiológica entenda-se o registo das alterações que os estados psicológicos induzem na fisiologia do indivíduo (Cacioppo, 2016). Para lá de um recetor que descodifica a mensagem, como proposto por Stuart Hall (1973), interessa-nos estudar a forma como determinantes neurológicas, observáveis experimentalmente através de manifestações físicas, como, por exemplo, os batimentos cardíacos, podem influenciar a receção. Ou seja, focar-nos-emos no recetor individual e nas reações fisiológicas, o que nos permite ir para além do que pode ser expresso em perguntas diretas e respostas conscientes. Uma tal abordagem tem riscos, na medida em que é ainda muito inovadora. No entanto, como explicitaremos mais à frente, é também um tipo de processo investigativo que muitas áreas do conhecimento têm vindo a seguir, podendo considerar-se pertinente que as Ciências da Comunicação as absorvam igualmente.

Numa altura em que, mais uma vez, se questiona o futuro do jornalismo, esta tese propõe-se explorar o consumo de informação, tentando perceber melhor a existência ou ausência de mecanismos diferenciados que levam os leitores a interessarem-se por um determinado texto. Para isso procedeu-se a uma experiência comparativa com leitura de um texto de

jornalismo literário convertido em noticioso de modo a observar as diferenças de reação e recepção dos leitores através da utilização de diferentes técnicas experimentais.

A análise mais aprofundada da questão baseou-se também em inquéritos por questionário. Durante o primeiro ano de doutoramento foi feito um estudo exploratório, que nos permitiu perceber a utilidade destas ferramentas. Tendo sido pedido a cerca de 500 estudantes universitários que respondessem a várias perguntas sobre os seus hábitos de leitura de jornais, a preferência por suportes informativos em papel ou digitais, mas também o conhecimento e interesse por textos de jornalismo literário, bem como o tempo ocupado com a leitura, foi possível aferir a relevância e o valor atribuído aos diferentes géneros e suportes. Posteriormente, em *focus group*, cinco estudantes leram a mesma informação tratada de forma noticiosa e em estilo de jornalismo literário, para depois discutirem: que diferenças tinham encontrado; com que texto se sentiam melhor informados; que emoções lhes provocaram as leituras e qual dos estilos lhes permitia reter melhor a informação acabada de ler.

Este estudo exploratório, com recurso a métodos mistos (Plano Clark, Huddleston-Casas, Churchill, O'Neil Green, & Garrett, 2008), revelou-se importante para ajudar a definir o rumo da investigação e demonstrou ser útil, na medida em que permitiu perceber o nível de conhecimento dos jovens em relação ao jornalismo literário (embora afirmassem desconhecer a expressão, souberam defini-la corretamente) e em relação aos meios preferenciais para leitura (apesar de preferirem notícias online, admitem que o papel é mais adequado para uma leitura imersiva). Não obstante as dúvidas que subsistem relativamente aos efeitos dos dispositivos escolhidos para ler, os jovens parecem acreditar que quando o objetivo é assimilar informação, o meio (neste caso, o papel) pode fazer a diferença.

Com o estudo desta interseção entre jornalismo, leitura e cognição pretende-se contribuir para a compreensão dos mecanismos de escolha e apetência por textos de informação, aferindo as diferenças de recepção entre conteúdos de jornalismo literário por comparação com conteúdos noticiosos.

Assim, esta investigação visa aprofundar o conhecimento interdisciplinar das duas áreas – o jornalismo literário e as neurociências –, prosseguindo os seguintes objetivos:

1. Contribuir para a compreensão da recepção de textos dos géneros jornalísticos noticioso e de jornalismo literário;
2. Elencar respostas para a forma como o leitor se relaciona com a informação;
3. Explorar e aprofundar o impacto da leitura de diferentes tipos de textos jornalísticos nos mecanismos psicofisiológicos.

A estratégia de pesquisa referida pretende responder à seguinte pergunta de partida:

Como se caracteriza, comparativamente, em termos cognitivos e psicofisiológicos, a recepção a textos de jornalismo noticioso e de jornalismo literário?

Ou seja, no âmbito de estudos sobre jornalismo, a tese visa inquirir se diferentes géneros jornalísticos originam diferentes características de recepção, entendida não só como o momento da leitura, mas também como origem de criações diferentes de significado pelo leitor (Heikkilä & Ahva, 2015, p. 52). Assim e, com recurso a metodologia transdisciplinar, pretende-se verificar se experimentação no âmbito das Neurociências corrobora a existência de diferentes efeitos neurológicos, mediante a recepção pelo mesmo sujeito da mesma notícia, em géneros jornalísticos diferentes.

Nos Estudos de Comunicação, desde Ezra Park que se discute a questão dos efeitos cognitivos, isto é, como as pessoas apreendem algo ou tomam conhecimento de algo: a primeira atitude era a que William James (*apud* Saperas, 1993, p. 22) referia como *know about*, a segunda como *know of*. Explica Saperas:

O primeiro tipo de conhecimento define-se como formal e analítico, sistemático e científico, cumulativo e exaustivo; enquanto o segundo, do qual faz parte a notícia jornalística, se define como não-sistemático, intuitivo, fragmentário e enraizado no senso comum, partilhado coletivamente por uma comunidade (pp 22-23).

Com a presente investigação procuramos obter respostas para a questão da recepção e relacionamento dos recetores com a informação, neste caso transmitida por géneros jornalísticos diferentes.

Como jornalista, um outro aspeto pesou na escolha de uma abordagem multidisciplinar. Entre os temas que mais abordámos com maior especialização ao longo do percurso profissional, a saúde e a ciência ocuparam um lugar privilegiado. Essa experiência, que obriga o profissional

a "traduzir" para os leitores temas tão complexos como a genética, as doenças oncológicas ou as neurociências, exige uma relação entre o trabalho jornalístico e áreas do saber que podem não ser as da origem académica, mas que nos levam a encará-las com uma tranquilidade e à vontade que nem sempre será fácil para quem não tenha qualquer relação com elas. Tais temas continuam complexos, até para quem os domina, mas a experiência profissional de jornalista referida permitiu selecionar caminhos, fontes fidedignas e estratégias para encontrar as melhores respostas e a melhor forma de as transmitir, apesar de não fazerem parte da formação de base. Acreditamos que sem este percurso seria impossível trilhar a ideia de conjugar saberes aparentemente tão distintos como as neurociências, a literatura e o jornalismo.

Por último, importa referir que as dificuldades inerentes à abordagem multidisciplinar, especialmente quando a recolha de dados psicofisiológicos teve de ser executada em plena pandemia de COVID-19, foram também a maior demonstração de que o trabalho em equipa é fundamental em investigação. Sem ele a presente tese não teria sido possível. De facto, a recolha de dados aconteceu maioritariamente nas instalações da Universidade Católica de Lisboa, com recurso aos equipamentos e profissionais que a referida instituição nos disponibilizou para o efeito.

Esta tese é composta por seis partes, incluindo Introdução e Conclusão. Na primeira explicitamos o enquadramento teórico, desenvolvendo a razão de ser e pertinência de uma abordagem multidisciplinar. Para isso, focamo-nos nos efeitos cognitivos da comunicação, bem como nas correntes teóricas que sustentam as nossas opções metodológicas. Na Revisão da Literatura desenvolvemos a distinção entre jornalismo literário e jornalismo noticioso, olhando para uma explicação mais aprofundada do que são os géneros jornalísticos, especialmente os que nos interessam para esta investigação: Notícia e Reportagem. A abordagem cognitiva, o papel do meio e das emoções na comunicação são também analisados neste primeiro capítulo.

No Capítulo 2 enunciamos as Opções Metodológicas, explicando a escolha do texto *Hiroshima*, de John Hersey, para a nossa análise, os critérios de participação dos voluntários e os vários procedimentos aplicados aos inquiridos, onde se inclui a aplicação de estímulos dolorosos, a avaliação de emoções, a avaliação cognitiva, a avaliação do sistema nervoso autónomo, a avaliação do batimento cardíaco e a avaliação de dor.

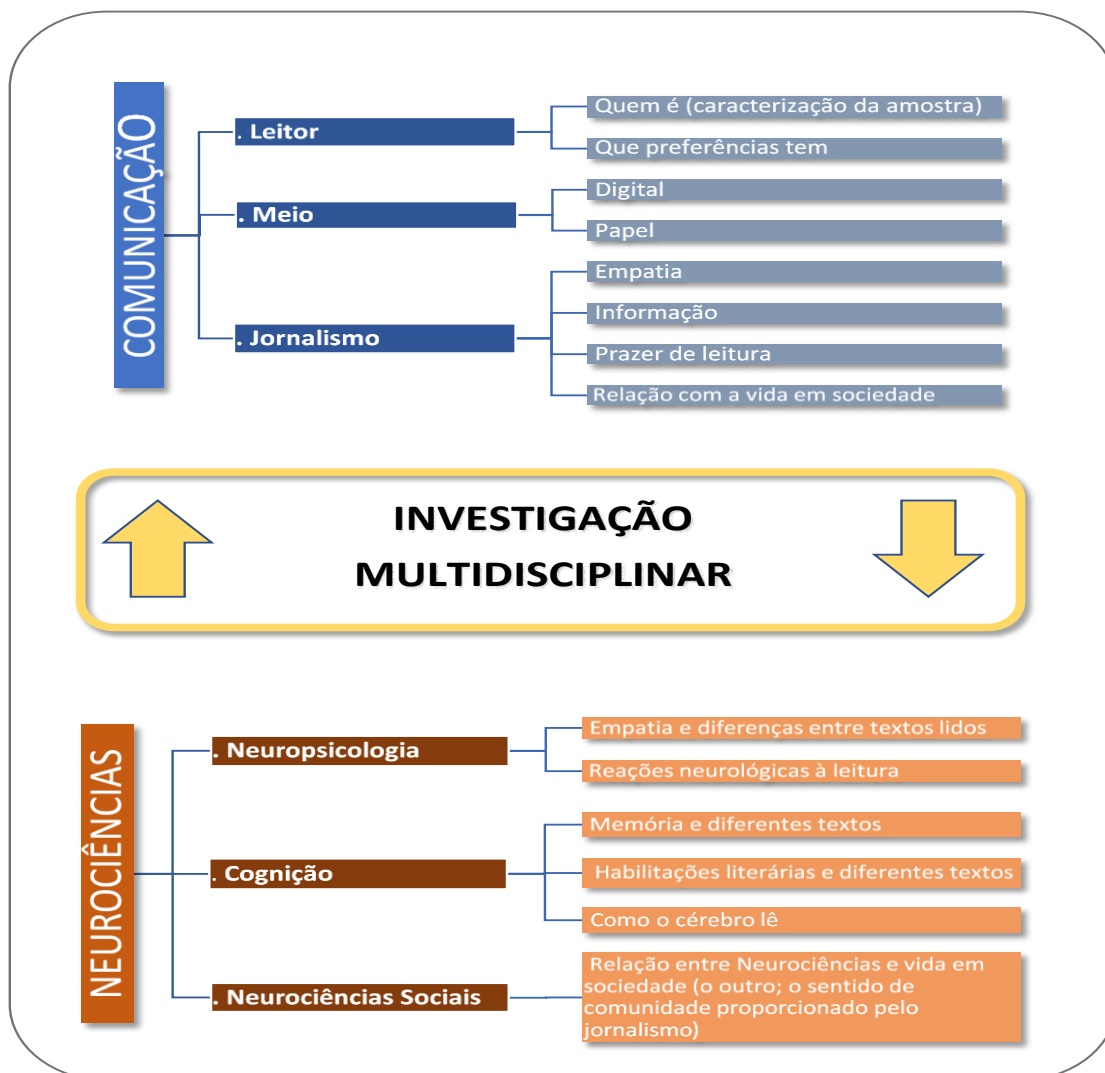
No Capítulo 3 apresentamos e analisamos os resultados da pesquisa, numa primeira parte em maior detalhe e, seguidamente, fazendo a sua sistematização. No Capítulo 4 discutimos os resultados nas perspetivas das principais áreas do conhecimento em que se baseou a investigação: as neurociências, as teorias da receção e o jornalismo literário. E, por fim, apresentamos as Conclusões.

CAPÍTULO 1. NEUROCIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR

1.1. INFORMAÇÃO E RECEÇÃO

Sendo certo que pretendemos estudar a forma como a mensagem chega ao recetor, numa abordagem comunicacional clara, também é verdade que propomos uma visão multidisciplinar, como se pode observar na figura 2, com contributos da psicologia cognitiva e das neurociências, tornando, por isso, mais difícil enquadrar a pesquisa em teoria filiada apenas a uma área científica.

Figura 2: Investigação Multidisciplinar entre Comunicação e Neurociências



Fonte: Elaboração Própria

A opinião pública preocupa-se e ocupa-se de diferentes temas em diferentes alturas, e quanto mais complexa é a sociedade, mais difícil se torna encontrar temas de interesse comuns. Saperas (1993, p. 94) considera que a seleção dos temas ajuda os indivíduos a viverem nos sistemas complexos que são as sociedades: "Se a atenção é limitada e o meio extremamente complexo, a opinião pública permite a comunicação entre os indivíduos, reclamando a sua atenção para um número limitado dos temas existentes no meio complexo". No seguimento do pensamento de Saperas, a análise dos temas propostos pelos meios de comunicação permite a aproximação à realidade.

1.1.1. EFEITOS COGNITIVOS DA COMUNICAÇÃO

O uso de *media* é, nas Ciências da Comunicação, abordado, entre outras, através das teorias dos Efeitos mediáticos e da teoria dos Usos e Gratificações. Esta linha investigativa defende

que os *media* possuem um efeito sobre os comportamentos e as atitudes dos recetores. O estudo dos efeitos dos *media* importa para esta tese porque permite analisar e compreender o que se passa quando um leitor e um texto se cruzam.

Por outro lado, de acordo com a linha teórica dos Usos e Gratificações os indivíduos têm necessidades específicas e a utilização dos meios tentará ir ao encontro dasatisfação dessas necessidades (Coyne et al., 2013). A teoria dos Usos e Gratificações nega as premissas de recetores passivos e uniformemente influenciados pelos *media* (Griffin, 2012), aspeto central para a pesquisa ora proposta, que se focará na receção psicofisiológica da informação de cada sujeito. A perceção de interação entre os meios e os utilizadores é, aliás, um dos principais interesses da abordagem privilegiada pelas teorias referidas.

A Corrente Funcionalista ocupa-se dos efeitos da comunicação (Lasswell, 1948). Além disso, note-se que a corrente funcionalista trata também da abordagem dos Usos e Gratificações (Katz et al., 1973), que serve de moldura teórica à pesquisa na medida em que um dos pressupostos da investigação nesta área é a existência de uma reação fisiológica positiva à informação, encarada como uma recompensa. Por outro lado, as Teorias Culturalistas entendem que o público não é passivo e que o significado dado a uma mensagem depende do contexto social (Martín-Barbero, 1993). Aqui o processo de receção, codificação (produção da mensagem) e descodificação (como a audiência compreende a mensagem) (Hall, 1973) tem um carácter crítico para a investigação.

Sendo comumente aceite que os jornais ligam os indivíduos às sociedades (Katz et al., 1973) e que a comunicação e a informação passaram a ocupar lugar central nessas mesmas sociedades (Martín-Barbero, 1993), não é menos verdade que essa relação está ainda em parte por compreender, levando até a um certo conflito entre a teoria e a prática. Talvez por isso seja também já evidente que não há uma teoria única capaz de explicar o que acontece quando "um texto e um leitor se encontram" (Sousa, p. 45, 1998).

Mas tal não significa que não se venha tentando, já desde os anos 1930 do século passado, encontrar modelos explicativos para os processos de receção da informação, embora numa primeira fase tenham sido privilegiados os processos de emissão (Sousa, 1998). No estudo das audiências detetamos duas tradições importantes: o consumo das notícias como um ritual e a codificação/descodificação das notícias, que permite a sua interpretação (Madianou, 2009).

Mas também duas concepções extremadas: para uns, os efeitos podem ser poderosos e para outros nulos (Livingstone, 1996).

No entanto, sendo um processo relacional e dinâmico, o estudo da recepção de notícias foi-se também adaptando ao longo dos tempos. Numa primeira fase (entre a I Guerra Mundial e 1930) encarou-se o tema a partir do pressuposto de que os efeitos podiam ser ilimitados e onnipotentes. Numa segunda fase (entre 1930 e 1960) recuou-se nessa perspetiva tão abrangente e entendeu-se que os *media* poderiam não ser tão influentes, encarando-se como mais eficazes as teorias dos efeitos limitados. Mais tarde (entre 1960 e 1970) parece haver uma redescoberta destas teorias, mas então com as atenções viradas para efeitos mais direcionados do que massificados. Depois de 1970, e até hoje, o foco está sobretudo nos efeitos negociados ou transacionais, entendendo-se que os efeitos dos *media* são tanto maiores quanto mais contribuírem para o processo de dar sentido e significado à mensagem (Esser, 2008).

Esta última fase traz-nos ao tema e à metodologia da tese aqui apresentada, na medida em que se compreende agora que a reação à informação não é uniforme nem universal (Perse, 2008 e Valkenburg & Peter, 2013), exigindo-se uma abordagem mais individual, para além da focada nos efeitos sociais.

A relação entre o recetor e a mensagem está no centro das pesquisas dos efeitos da comunicação (Grall et al., 2021). Entre os quatro modelos que atualmente dominam a teoria dos efeitos – efeitos diretos, efeitos condicionados, efeitos cumulativos e efeitos cognitivos – esta pesquisa dará especial enfoque nos efeitos cognitivos (Perse, 2008).

Para o que concerne a investigação aqui proposta, entende-se por efeitos dos *media*:

As mudanças intrapessoais deliberadas e não deliberadas de curto e longo prazo nas cognições (incluindo crenças), emoções, atitudes e comportamento que resultam do uso dos *media*. (Valkenburg et al., 2016, p. 60)

Embora a noção de que os *media* têm efeitos poderosos sobre os indivíduos seja muitas vezes mais facilmente aceite pela população em geral do que pela própria comunidade científica (Oliver & Krakowiak, 2009 e Valkenburg et al., 2016), tem sido feito caminho no sentido de encarar o papel significativo das diferenças individuais na interpretação dos conteúdos

informativos, podendo até olhar-se para o uso dos meios de comunicação como indicador das personalidades de quem os utiliza.

Sendo preciso admitir a crítica de que as diferenças individuais na receção da informação podem tornar-se difusas pelas infinitas possibilidades que apresentam, também é verdade que o olhar para essas mesmas multiplicidades inclui a análise das necessidades cognitivas e afetivas (Oliver & Krakowiak, 2009), dois aspetos cruciais para a tese proposta. Estes autores (2009) entendem até que o estudo da teoria dos efeitos pode beneficiar com a inclusão das diferenças individuais.

Certo é que o próprio consumo de informação é cada vez mais individualizado, numa tendência que se tornou evidente com o uso generalizado da internet, mas que vem já desde os anos 1980 (Valkenburg et al., 2016). Até recentemente, o foco das pesquisas era sobretudo dado aos efeitos em grupos, sendo pouco valorizadas as diferenças individuais, mas alguns estudiosos, como Valkenburg et al., entendem que "os efeitos dos *media* são limitados quando observados em grupos grandes e heterogéneos" (2016, p. 8). De facto, tem-se constatado que o público depende cada vez menos da mediação garantida pelos meios de comunicação e do filtro que estes proporcionam, sendo hoje claro que tanto originam como reforçam atributos pessoais (Bandura, 2009).

Uma das dificuldades desta abordagem teórica, que passa por uma componente cognitiva do processo de receção ainda pouco conhecida (Grall et al., 2021), prende-se com o facto de resultar em efeitos moderados ou mesmo pequenos. Aliás, o estudo de medidas psicofisiológicas, não sendo novo, seria abandonado nos anos 1970 por se esperarem mudanças fisiológicas medíveis e significativas em resposta às mensagens de *media*, tendo esse objetivo sido frustrado numa fase inicial (Lang et al., 2009). Mas, como defendem Valkenburg & Peter (2013), a obtenção de resultados residuais acontece igualmente noutras áreas do saber, nomeadamente nas ciências médicas, sem que tal torne impeditiva a aceitação de dados científicos com estas características.

Assim como cada grupo social assume receções diferentes da informação consoante a sua cultura e recursos simbólicos, também o recetor individual estabelece com os meios uma relação que passa por processos intuitivos e inconscientes (Sousa, 1998), semelhantes a um "contrato" (Sousa, 1998, p. 45). Também por isso, explicar o impacto da mensagem no recetor

implica muitas vezes isolar elementos do comunicador, do meio ou da mensagem (Rubin, 2009).

A abordagem dos Usos e Gratificações permite analisar os motivos de utilização dos *media* por parte dos destinatários, assim como as gratificações que daí possam resultar. A informação transmitida pelos órgãos de comunicação satisfaz necessidades psicológicas ou sociológicas dos indivíduos, funcionando como gratificação cívica ou individual (Katz et al., 1973). Recusando a perspetiva de que os públicos são passivos e facilmente manipuláveis, encaram-se aqui os processos motivacionais de uma utilização ativa dos *media* para satisfação de necessidades do recetor enquanto indivíduo (Griffin, 2012). As teorias dos Usos e Gratificações baseiam-se numa perspetiva psicológica da comunicação, com foco nos efeitos diretos nos recetores para compreender como os indivíduos utilizam os *media*. Interessam especialmente as motivações individuais para o uso e receção da informação, assim como os efeitos dessa mesma informação (Rubin, 2009).

Indo ao encontro das necessidades diferentes em públicos diferentes, impõe-se admitir que haverá tantas gratificações quanto o número de recetores (Katz et al., 1973). Ainda assim, é possível classificar as necessidades em categorias, como as definidas por Katz, Gurevitch & Haas (in Tan, 1985, pp 235-236): Necessidades cognitivas (aquisição de informação e conhecimento, compreensão do ambiente social, curiosidade, exploração); Necessidades afetivas (experiências emocionais e prazer); Identidade pessoal (autoconfiança, estabilidade pessoal, integridade, estatuto social, necessidade de autorrespeito); Integração e interação social (relações familiares e amizade, conexão com o mundo exterior, necessidade de afiliação); e Fuga (necessidade de escapar, libertar tensões, procura de bem-estar).

Outros autores, como Neuman & Guggenheim (2011, pp 175-176) elencam os vários efeitos suportando-se num modelo de seis etapas: primeiro as Teorias da Persuasão (1944–1963), depois as Teorias das Audiências Ativas (1944–1986), as Teorias baseadas no Contexto Social (1955–1983), as Teorias de *Media* e Sociedade (1933–1978), seguidas das Teorias dos Efeitos Interpretativos (1972–1987), e, por fim, as Novas Teorias dos *Media* (1996–até hoje).

Independentemente das cronologias escolhidas, interessa perceber do que se trata. Como resumido por Rubin (2009, p. 166):

Os principais elementos de usos e gratificações incluem o nosso ambiente psicológico e social, as nossas necessidades e motivos para comunicarmos, os *media*, as nossas atitudes e expectativas em relação aos *media*, alternativas funcionais para o uso dos *media*, o nosso comportamento comunicacional e os resultados ou consequências do nosso comportamento. (...) Katz, Blumler e Gurevitch delinearam os principais objetivos da investigação de usos e gratificações: explicar como as pessoas usam os *media* para satisfazer as suas necessidades, entender os motivos do comportamento dos *media* e identificar as funções ou consequências que se seguem.

A visão dos Usos e Gratificações aplicada aos recetores atuais implica também compreender a componente interativa entre emissores e recetores, com a participação de fatores afetivos e biológicos, bem como padrões comportamentais e ambientais, numa influência bidirecional (Bandura, 2009). Como dizem Valkenburg et al. (2016, p. 2), "a comunicação tem uma natureza transacional". Aliás, importa não esquecer que "o que garante a atenção para um conteúdo de *media* é o resultado de um conjunto complexo e interligado de fatores de contexto social, de desenvolvimento e de disposição" (Valkenburg et al., 2016, p. 14). Por outro lado, parte-se da premissa de que dificilmente se compreenderá a complexidade dos efeitos dos *media* recorrendo a variáveis únicas e simplificadoras (Rubin, 2009).

É possível detetar lacunas em relação à pouca importância dada aos processos cognitivos que medeiam a relação entre a informação e o recetor (Shrum, 2009), ao ponto de se considerar que está ainda por abrir essa "caixa negra entre estímulo e resposta" (Shrum, 2009, p. 51). Esta tese pretende preencher a referida lacuna. Por outro lado, muitas vezes, quando a pesquisa se foca no processamento cognitivo, desvaloriza o emocional (Valkenburg et al., 2016), contradição que pretendemos igualmente evitar, conforme se detalhará mais adiante neste trabalho. No entanto, é de ter em conta que a maioria das teorias da comunicação foi pensada tendo como base a comunicação de massas, realidade hoje mais híbrida e indefinível devido ao uso tendencialmente fluido dos meios e à interação constante por parte dos recetores (Deuze, 2021).

Além disso, uma vez que a presente pesquisa pretende observar receções cognitivas e psicofisiológicas da informação, o foco estará mais no indivíduo como ser dotado de raciocínio e emoções, e não tanto em comportamentos sociais no seu conjunto. Olhando para as teorias iniciais da comunicação, que viam os *media* como emissores e os leitores como recetores, muitas vezes passivos, compreendemos que, à luz das mais recentes perspetivas sobre o

conhecimento, em parte baseadas em descobertas das neurociências, poderá ser vantajoso abarcar linhas de pensamento mais multidisciplinares e abrangentes como forma de conhecer o mundo.

Como se observa na figura 3, pretende-se recorrer a medidas psicofisiológicas para compreender fenómenos da Comunicação, com especial enfoque nas Teorias de Recepção, neste caso enquadradas na Corrente Funcionalista e nas Teorias Culturalistas. Por um lado, os efeitos serão avaliados através de técnicas de recolha das neurociências, que permitem gravar efeitos fisiológicos inconscientes (como, por exemplo, o ritmo cardíaco). Por outro, recorre-se também a inquéritos por questionário para compreender as percepções conscientes dos recetores em relação ao que acabaram de ler.

Figura 3: Correntes e Teorias da Comunicação relevantes para esta tese



Fonte: Elaboração Própria

A interseção entre estas áreas: jornalismo, leitura e cognição gera ainda questões sobre o processamento de informação que, de acordo com autores como Griffin et al. (2013), pode ocorrer de duas maneiras: "as pessoas usam a informação de uma forma que implica esforço e dedicação, enquanto noutras alturas se movem de forma instável, ou mesmo superficial, sobre a informação que têm disponível" (Griffin, Dunwoody, & Yang, 2013, p. 326). Estes

diferentes processamentos ou utilizações da informação carecem ainda de estudo mais detalhado, mas revelam algum do caminho já trilhado por estas abordagens.

Um dos objetivos estabelecidos para a pesquisa apresentada é encontrar respostas recorrendo a um caminho multidisciplinar, na linha do que é hoje proposto por vários autores, tanto na área da Comunicação, como das Neurociências (e.g. Deuze, 2021, Mangen & Van der Weel, 2016, Phillips, 2015, Zunshine, 2015, Batista & Marlet, 2018). Sendo hoje cada vez mais defendido o envolvimento em pesquisa colaborativa pelos cientistas, considera-se igualmente crucial integrar as várias áreas de conhecimento de forma equitativa, evitando sobreposições (Rato, 2014). Para Machado (2004), as parcerias multidisciplinares tornaram-se inevitáveis para compreender os fenómenos da comunicação e desenvolver novas teorias.

Assim, também o estado da arte que adiante se explicita será disso reflexo, evocando literatura proveniente dos dois campos científicos a que a tese recorre.

1.1.2. INFORMAÇÃO E RECEÇÃO NAS NEUROCIÊNCIAS

Uma vez compreendido e aceite que não era o coração, mas sim o cérebro o órgão responsável pelas funções mais nobres do corpo humano, a linguagem passou a ser um dos aspetos mais estudados pelas neurociências, nomeadamente a partir do aprofundamento do conhecimento sobre as perturbações da linguagem. Nesse sentido, identificar as zonas do cérebro responsáveis por cada uma das atividades humanas em termos de comunicação foi uma das primeiras missões a que os cientistas se dedicaram (Caldas, 2010).

Para o avanço desta área, a generalização do recurso a dados recolhidos com Ressonância Magnética funcional (RMf) foi fundamental, permitindo, por exemplo, tirar conclusões sobre a dominância cerebral. Daí nasce o conceito de que "falamos com o hemisfério esquerdo" (Caldas, 2010, p. 12). Hoje entende-se que o processamento da linguagem falada é mais complexo do que isso. São várias as regiões cerebrais implicadas no processamento de frases, com recurso a representações mentais de ambos os hemisférios, que compartilham informação (Oliveira Henriques, 2013). Além disso, a linguagem não nasce de um órgão em concreto, sendo antes uma aquisição, modificada por experiências escolares, como se comprova com a constatação de que "quem aprendeu na idade certa utiliza o cérebro de forma mais económica" (Caldas, 2010, p. 16).

Muitos dos estudos sobre a compreensão da linguagem e comportamento humanos começaram por observar os animais. Uma dessas investigações permitiu perceber que as intenções podem ativar as mesmas zonas cerebrais do que os atos:

(...) Quando um dos primatas realizava um movimento dirigido a um objeto, o outro, que estava a observar a experiência (mas não envolvido nela), aumentava a atividade do lobo frontal quando o seu parceiro fazia o movimento. Verificou-se depois que essa atividade só se registava se o movimento do outro tivesse uma intenção. Esta observação inaugural foi seguida de muita investigação e hoje sabemos que também os humanos ativam certas regiões do cérebro quando observam os movimentos intencionais dos outros. A leitura das intenções é crucial para compreender o nosso comportamento social. (Caldas, 2010, p. 15)

Socialmente, há uma correlação entre níveis de literacia mais elevados e comportamentos sociais positivos, nomeadamente no que toca a baixas taxas de criminalidade e de desemprego (Cull, 2011). Muita da investigação sobre comunicação tem-se dirigido às questões da vida em sociedade, mas alguns estudos com animais focaram-se no valor dado à informação pelos indivíduos. Pesquisas como as de Bromberg-Martin & Hikosaka (2009) parecem indicar que a informação é valorizada não só em termos sociais (partilha de conhecimentos, sentimentos e pensamentos sobre o outro), mas também em termos biológicos. Os estudos que fizeram com macacos *rhesus* permitiram concluir que estes preferem um prato de comida e água com informação sobre o que vão receber em vez de apenas comida e água. Valorizam a informação mesmo quando não interfere no que estão prestes a obter.

Na experiência, os macacos tinham de escolher alvos coloridos no lado esquerdo e direito de um ecrã, que, uns segundos depois, permitiam ao macaco receber uma recompensa grande ou pequena de água. A "informação" sobre as cores do alvo dava uma pista sobre o tamanho da recompensa (quantidade de água).

Esta investigação, que se debruçou sobre a recompensa cognitiva de humanos e animais, concluiu que os neurónios dopaminérgicos (transmissores de prazer que permitem a ativação de circuitos de recompensa do cérebro) tratam a informação como recompensa (Bromberg-Martin & Hikosaka, 2009). Os macacos escolheram ter informações 80 a 100% das vezes, mesmo que as mesmas não resultassem na obtenção de maior quantidade de água.

Embora tudo se comece a complexificar em termos de comunicação com as diferentes representações da linguagem humana, verdadeiramente a única espécie que até agora

contempla linguagens orais, escritas e gestuais, para esta investigação interessa-nos especificamente a comunicação estabelecida através da leitura. Porém, ao contrário do muito que já se sabe sobre a linguagem falada, a aquisição da capacidade de leitura continua controversa (Al Dahhan et al., 2016). Ainda assim, é comumente aceite pelas teorias da área que a essência está na leitura das palavras. Para tal, é preciso envolver observações sobre a fonologia, ou seja, como soam as palavras, a ortografia, aspeto visual dessas mesmas palavras, e a semântica, o seu significado. Graças à maior exigência de oxigénio das áreas cerebrais com mais atividade neuronal, a observação de imagens recolhidas por ressonância magnética permitiu perceber quais as ativações provocadas pela leitura (Al Dahhan et al., 2016), melhorando com isso o conhecimento sobre como o cérebro humano processa a informação recebida.

No entanto, para a pesquisa aqui apresentada não se recorreu a Ressonância Magnética (RM), mas sim à análise de medidas psicofisiológicas, como as Emoções, a percepção de Dor e o Batimento Cardíaco. Por um lado, o recurso a RM exige custos e logística quase impraticáveis. Por outro, não nos interessava tanto identificar áreas de ativação cerebral e sim compreender, de forma mais fina, como é que o cérebro interage com os *media*, na perspetiva do leitor.

Nesse domínio, sabe-se que os indivíduos pesquisam informação de forma diferente e que o processamento da informação se baseia em três pontos principais: codificar, guardar e readquirir. A combinação destes processos, que acontecem de forma contínua e simultânea, condiciona os efeitos cognitivos provocados por uma determinada mensagem (Wise et al., 2009). O recurso a medidas psicofisiológicas como as propostas nesta tese tem a vantagem de aferir receções individuais, mais do que sociológicas, mas acarreta também a desvantagem de poder resultar em efeitos modestos. Porém, essa é uma característica intrínseca a este tipo de metodologia e não necessariamente um problema que deva limitar o uso das referidas medidas. Assim tem sido entendido por muitos, tanto pelas neurociências como pelas próprias teorias da Comunicação (Wise et al., 2009, Mizgajski & Mikołaj, 2019 e Neuman & Guggenheim, 2011).

Uma vez que não é possível encontrar respostas corporais diretas às emoções e à receção da informação, muitos investigadores recorrem a leituras indiretas de algumas reações. Algo que, de resto, acontece igualmente na Medicina, na medida em que se interpretam sinais indiretos (no sangue, por exemplo) para interpretar a presença ou ausência de doença (Crane, 2015).

Uma das formas de obviar essas limitações pode ser a recolha de medidas diversas, não apenas fisiológicas, mas também psicológicas. Tradicionalmente, têm sido mais estudados os estados emocionais dos autores (emissores) do que os dos leitores (recetores). Ainda assim, sabendo-se que as palavras têm muitas vezes significados emocionais implícitos, a busca pela emoção dominante durante a leitura permitiu que algumas pesquisas constatassem como um mesmo artigo noticioso pode provocar várias emoções diferentes (Lin et al., 2008).

Essencial para viver em sociedade, a compreensão dos estados mentais (Teoria da Mente) tem vindo a ser estudada para compreender as reações emocionais à informação que recebemos (Kidd & Castano, 2013).

O princípio básico da Teoria das Emoções é que não requerem apenas a crença na bondade ou perniciosidade de um estímulo (a avaliação do estímulo), mas também desejos (estados motivacionais) em relação a esses estímulos. (Mizgajski & Mikołaj, 2019, p. 355)

Importantes preditores do comportamento humano e fundamentais na tomada de decisões, as emoções, embora experiências subjetivas, expressam-se em efeitos psicofisiológicos, biológicos e estados mentais (Mizgajski & Mikołaj, 2019), que podem ser medidos.

Na falta de estudos mais específicos sobre a receção psicofisiológica a textos jornalísticos, a investigação na área da literatura tem vindo a facultar importantes pistas de análise, nomeadamente ao indicar que a leitura de ficção literária melhora a empatia, além de aumentar o conhecimento dos leitores sobre a vida que os rodeia, ajudando a perceber as semelhanças entre nós e os outros, refinando a sensibilidade interpessoal (Kidd & Castano, 2013).

Por exemplo, estudos com ouvintes de textos literários demonstraram que, graças ao envolvimento que proporcionam, as histórias transmitidas em formato narrativo têm impacto mais profundo nas emoções dos indivíduos do que as mensagens transmitidas noutros formatos. Este fenómeno sucede porque a representação social dos personagens promove o envolvimento emocional e leva os ouvintes a construir mundos a partir da narrativa. Tal significa que as narrativas focadas em histórias humanas (como é apanágio dos trabalhos de reportagem e jornalismo literário) induzem respostas neuronais diferentes e que essas respostas variam com o envolvimento do recetor perante uma determinada mensagem. Ou seja, para compreender os fenómenos da comunicação é também necessário compreender

os efeitos das mensagens na cognição, emoção e comportamento dos recetores (Grall et al., 2021).

Raymond Mar é um dos investigadores que mais analisou imagens de ressonância magnética para compreender a teoria da mente (interações com outros e construção de mapas de intenções alheias), concluindo que há uma relação entre quem lê ficção frequentemente e a capacidade de ter empatia e ver o mundo na perspectiva do outro. O investigador encontrou resultados semelhantes para crianças em idade pré-escolar. Quanto mais histórias lhes tinham sido lidas, melhor era a sua relação empática. O mesmo efeito foi detetado em crianças que viam filmes. Mas não nas que viam televisão (Mar, 2011).

Essa comparação leva-nos a um outro ponto importante da investigação, na medida em que nos lembra que, além das emoções e das reações do cérebro à informação, releva também considerar a importância do meio. Ao contrário do que acontecia no passado, hoje os investigadores dispõem de caminhos de pesquisa, nomeadamente o recurso a áreas do conhecimento como o das neurociências aplicadas às ciências sociais, que poderão trazer nova luz às teorias da comunicação de McLuhan (1964).

O processo da leitura digital parece ser cognitivamente diferente da leitura em papel, tanto em termos de ativação cerebral, como de compreensão e de rapidez. Tem vindo a surgir alguma evidência de que até os recetores mais especializados, como estudantes ou investigadores, são leitores diferentes quando perante um texto apresentado em papel ou em formato digital. Para efeitos de aprendizagem, estudantes questionados tanto nos EUA como no México afirmam mesmo que preferem ler em papel e que a leitura digital está limitada a uma hora de concentração (Cull, 2011). Por seu lado, Mangen & Kuiken (2014) examinaram a leitura de texto numa brochura e em *lpad*. Concluíram que a noção de localização foi afetada, causando alguma estranheza em relação aos conteúdos que exigiam a manipulação do dispositivo. De acordo com esta investigação, a forma como lemos é moldada pelas tecnologias que usamos. No papel, os textos obrigam a uma relação sensorial e motora com o leitor que é diferente da estabelecida nos textos em computador, *tablet* ou monitor. Estes autores entendem que uma leitura menos física (sem contacto com o papel) pode impedir a imersão no mundo da narrativa.

1.2. JORNALISMO NOTICIOSO *VERSUS* JORNALISMO LITERÁRIO

A contraposição entre jornalismo literário e noticioso é aqui importante na medida em que ao primeiro se atribui um tipo de leitura imersiva, que implica maior envolvimento (inclusive emocional) do leitor, enquanto o segundo depende de uma relação mais casual e rápida com o recetor, sobretudo neste tempo em que as tecnologias convidam tantas vezes a leituras em modo *scan* (Fong & Mar, 2011).

Por jornalismo noticioso entenda-se a técnica de estruturação denominada pirâmide invertida, que implica a organização da informação de forma a que o texto comece pelos aspetos mais relevantes, enunciados por Harold Laswell (Laswell, 1945): O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?, ficando o detalhe da informação e a sua contextualização para o final. Ou, ironizam Machill et al. (2008), a técnica de escrita informativa que se equipara a saber o resultado antes de ver o jogo.

Como explica Correia (2009), o "jornalismo refere-se a objetos, pessoas e estados de coisas do mundo que se identificam relevantes e atuais" (p. 5), querendo isso dizer que para algo ser considerado notícia deve ter acontecido há pouco e ter alguma relevância, podendo mesmo ser considerado conhecimento imprescindível por uma sociedade. Isto porque, sendo uma construção social, a relevância dos acontecimentos define-se em função de cada contexto social e cultural, a partir de critérios multifatoriais.

Quando se fala da construção social da realidade não é para falar de manipulação, mas apenas para dizer que a construção de um significado objetivo é um processo histórico, social e cultural que resultou da intervenção de protagonistas da realidade social que nele participaram e de processos cognitivos que estão associados aos processos sociais e culturais. Logo, a evidência desta construção não é uma licença para a mentira. (Correia, 2009, p. 22)

A este propósito, note-se ainda o conceito de jornalismo como analisado por Traquina. Embora alerte para a aparente impossibilidade de definir o que é o jornalismo num só livro, Traquina (2005) sugere a identificação da notícia como tudo o que é importante e interessante. Daí que o jornalismo seja entendido como uma parte seletiva da realidade. Nesse sentido, duas variáveis, entre outras, aparecem como determinantes na constituição da agenda jornalística: 1) toda a atuação dos membros da tribo jornalística e, em particular, os critérios de noticiabilidade que utilizam na seleção das ocorrências; 2) a ação estratégica

dos promotores de notícias e os recursos que possuem e que são capazes de mobilizar para obterem acesso ao campo jornalístico (Traquina, 2000, p. 26).

A escolha dos textos propostos aos leitores para esta investigação correspondeu à preocupação de proporcionarem os mesmos factos (a mesma informação jornalística, verificável) apresentada em estilos de escrita diferentes (género noticioso e de reportagem). Repare-se como os excertos selecionados para esta pesquisa, a partir de *Hiroshima*, de John Hersey, apresentam arranques diferentes consoante o género jornalístico: notícia ou reportagem. No caso da peça noticiosa (denominada por Texto A, consultável no Anexo 7.6), respondendo às perguntas essenciais (O Quê? Quem? Onde? Quando?) em estrutura de pirâmide invertida. "A cidade de Hiroshima, com 245 mil habitantes, foi alvo de um ataque nuclear às oito horas e quinze minutos da manhã do dia 6 de agosto de 1945 que provocou a morte a quase metade da sua população e deixou feridos outros cem mil. Pelo menos 10 mil procuraram auxílio no melhor hospital de Hiroshima, a instituição da Cruz Vermelha, impedido de dar resposta por falta de camas."

No caso da peça de jornalismo literário (denominada Texto B, consultável no Anexo 7.7), arrancando com uma impressão do repórter que permita ao leitor começar a sentir-se no local dos acontecimentos e seguindo imediatamente para a história de uma pessoa em concreto que possibilita envolvimento e empatia com o recetor da mensagem. Tal como na notícia, também nos é dito o quando e o onde, mas o como, a descrição e o detalhe ganham maior expressão e primazia. "Foi então que um tremendo clarão rasgou o céu. O reverendo Tanimoto lembra-se perfeitamente que às oito horas e quinze minutos da manhã do dia 6 de agosto o clarão percorreu o firmamento de nascente para poente, da cidade em direção às colinas. Parecia uma lâmina de luz. Aterrorizados, os dois homens reagiram cada qual à sua maneira — e ambos tiveram tempo para o fazer, por se encontrarem a mais de três quilómetros do centro da explosão. O Sr. Matsuo galgou os degraus da entrada até ao interior da casa e encafuou-se de um salto no meio das trouxas de roupa. O reverendo Tanimoto deu quatro ou cinco passos e atirou-se para o meio de duas grandes pedras do jardim. Comprimiu-se com toda a força contra uma delas. Como ficou com a cara contra a pedra não viu o que aconteceu. Sentiu uma súbita pressão seguida da queda de bocados de madeira e de estilhaços de telha. Não ouviu barulho algum. Quase ninguém em Hiroshima se lembra de ter ouvido qualquer barulho provocado pela bomba. Porém, um pescador a bordo da sua

sampana, no mar Interior perto de Tsuzu, o homem em cuja casa viviam a sogra e a cunhada do reverendo Tanimoto, viu o clarão e ouviu uma tremenda explosão; separavam-no de Hiroshima mais de trinta quilómetros, mas o barulho foi maior do que quando os B-29 atingiram luakuni, situado a apenas oito quilómetros".

A forma como um texto jornalístico começa (o arranque) é muitas vezes identificativa do género escolhido para passar a informação. Ao diferenciar notícia e reportagem estamos a recorrer à distinção entre dois géneros jornalísticos. Não sendo, como podemos verificar pelos exemplos referidos, categorias fechadas, e menos ainda, modelos puros (Bonini, 2009), importam-nos aqui para ajudar a compreender em que contexto podemos incluir o jornalismo literário dentro dos códigos jornalísticos. Uma vez que esta tese se baseia na distinção da receção de um texto de género noticioso e outro de jornalismo literário, clarificamos em seguida o que os caracteriza.

1.2.1. GÉNEROS JORNALÍSTICOS: A NOTÍCIA

É ainda dispersa e escassa a literatura que permite compreender os géneros jornalísticos do ponto de vista académico, pelo que se admite que a distinção se faça sobretudo a partir da prática jornalística (Bonini, 2009 e Melo & Assis, 2016), até porque, como defende Seixas (2009, p. 1), "aprender jornalismo é aprender a produzir géneros", entendidos como formas de lidar com a relação entre discurso e realidade.

Para Denis McQuail (2003, p. 336), trata-se de conteúdos que devem ter uma "identidade coletiva", tanto reconhecida por produtores como por consumidores, com a função explícita de compatibilizar forma, conteúdo e permanência no tempo, revelando uma estrutura narrativa previsível. Por seu lado, Silva (2007) destaca a função sociocomunicativa e a capacidade de revelar atividades sociais dos géneros jornalísticos ao longo do tempo.

Como Melo & Assis (2016), aceitamos aqui a necessidade da classificação para melhor entender o tema, na medida em que quando falamos em géneros jornalísticos falamos de uma forma de agrupar as manifestações jornalísticas, com o objetivo de nos ajudar a conhecer como se estabelece esse contrato prévio entre o emissor e o recetor.

Género jornalístico é a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respetivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de

informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos, potencialmente habilitados para atingir audiências anónimas, vastas e dispersas. (Melo & Assis, 2016, p. 48)

Apesar de remontar aos anos 1950 (Seixas, 2009), a produção teórica sobre o tema continua dispersa e vaga (Silva, 2007 e Bonini, 2009). Por isso, daremos aqui primazia à prática das redações, que entendem os Géneros Jornalísticos como as diferentes formas de trabalhar a informação de modo a melhor responder às necessidades do leitor/espectador/ouvinte e aos desafios da atualidade a cada momento. As diversas abordagens mediáticas dependem essencialmente de decisões editoriais, tanto das chefias como dos próprios jornalistas. A generalidade dos temas pode ser tratado por qualquer um dos géneros, que têm vindo a sofrer mudanças ao longo dos tempos.

Sem entrar em categorizações excessivas, podemos partir da distinção entre géneros informativos, interpretativos, opinativos e entretenimento de Marques Melo (2016), considerado uma autoridade sobre o tema, por exemplo no Brasil (Seixas, 2009). Esta tese debruçar-se-á apenas sobre géneros informativos, já que aí se incluem a notícia e a reportagem, alvos da investigação ora tratada.

Silva (2007) lembra que os manuais de jornalismo costumam restringir-se aos géneros notícia, reportagem, entrevista e editorial. Nas redações portuguesas, pode considerar-se que os Géneros Jornalísticos informativos mais comuns e reconhecidos são: Notícia, Entrevista, Perfil e Reportagem. Destes, a Notícia, a Entrevista e, especialmente a Reportagem (Moraes et al., 2015 e Soares, 2021), são considerados os géneros mais relevantes.

Em termos de produção jornalística, a expressão Entrevista pode ser usada em duas situações: enquanto método de investigação, sendo necessária em quase todos os trabalhos, e enquanto género jornalístico. Neste último caso, a distinção (Silva, 2007) advém do facto de ser sempre publicado em forma de diálogo (pergunta-resposta), enquanto os restantes géneros chegam ao público em texto corrido, vulgarmente com recurso a discurso direto (as chamadas citações) e a discurso indireto. O Perfil pode ser um género mais versátil, que permite misturar reportagem, entrevista e notícia. Na sua essência, trata-se de uma biografia resumida e jornalística (Silva, 2007) sobre alguém mediático ou digno de ser melhor conhecido com base em critérios de atualidade e noticiabilidade.

Para melhor compreensão das diferenças, e sendo os géneros formatos para veicular informação nos *media*, considerou-se útil explicitar as várias etapas da produção jornalística. A primeira passa por definir o tema e o ângulo do trabalho. Descobrir um bom tema, geralmente a partir da atualidade, torna-se uma forma de olhar de modo mais aprofundado para o que nos dá o quotidiano (Granado, 2021). As pandemias, o desemprego, as guerras, são apenas alguns exemplos. Mas todos eles podem estar na ordem do dia durante anos. Por isso, mais do que o tema, faz falta um foco, um ângulo que leva o repórter a colocar-se numa determinada posição e a observar o mundo a partir dela, apresentando uma abordagem que interesse ao leitor, que o faça parar e ler. Descrito por alguns autores como "milagre" (Boucher, 2004), por permitir uma aproximação única e identitária, o ângulo pode tornar uma ideia simples numa boa ideia ou mesmo num furo jornalístico (Boucher, 2004).

Decidido o tratamento a dar a um determinado assunto, há que responder a várias perguntas. Com quem falar? Como fazer as fontes colaborar (dificuldade acrescida quando se pretende um ângulo inovador)? Onde fazer o trabalho jornalístico? Com que meios? Muitas vezes, são exigidas autorizações de instituições para marcar as entrevistas ou registar imagens. Um jornalista experiente resolve a maior parte destes problemas com leituras, um telefone e um computador.

Se a decisão foi tratar o tema como uma notícia, tal significa optar pelo princípio da relevância (Silva, 2007), seguindo de forma mais linear a lógica da pirâmide invertida, com a escrita do texto partindo do mais importante – a novidade, a última hora – para o menos importante, por ordem decrescente de relevância. Deve responder às questões essenciais: O Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?, embora estas duas últimas, especialmente o Porquê, nem sempre possam ser reveladas assim que algo acontece. Ainda assim, de um texto noticioso é esperado que vá de encontro, pelo menos, às primeiras cinco questões.

Como explica Godinho (2021), esta precisão do que é imperativo numa publicação noticiosa surge durante a Guerra Civil Americana (1861-1865), graças ao aparecimento do telégrafo, que permitiu enorme rapidez no envio de notícias. A nova tecnologia, rápida, mas de espaço limitado, passa a obrigar o repórter a selecionar as palavras-chave com o essencial. Daí nasce o "lead", exigindo poucas linhas que permitam revelar o mais importante. Logo veio a generalização das práticas da hierarquização dos factos e da pirâmide invertida.

Apesar de ser um género já com longa história, e de vivermos num mundo cada vez mais mediatizado, por vezes transbordante de produção informativa, continua controversa a definição de notícia. Talvez porque varie no tempo e no espaço (Harcup & O'Neill, 2009 e Silva, 2005), mas não apenas por isso. Para compreender o conceito de notícia é importante ter em mente dois aspetos-chave da produção jornalística: a atualidade e o acontecimento (Fontcuberta, 1999). De facto, não basta que algo aconteça para ser digno de notícia, também é preciso que encaixe naquilo a que cada sociedade entende por atualidade (Nery, 2004). Do mesmo modo, o acontecimento não existe *de per se*, estando antes "no ponto de convergência da ocorrência com a respetiva perceção" (Rebelo, 2000, p. 17). Fontcuberta (1999, p. 18) resume a três os fatores que justificam categorizar uma informação como notícia: ser recente (o acontecimento ou a sua descoberta); ser imediata; que circule. Assim, podemos dizer que a notícia se caracteriza por dar a conhecer aos leitores factos e acontecimentos tanto atuais como mais antigos, de forma breve ou mais alargada (Silva, 2007, p. 98), mas sucinta.

Para melhor compreensão do tema, a contribuição dos chamados critérios de noticiabilidade ou valores-notícia é aqui fundamental. Silva (2005, p. 96) define-os assim:

Todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do facto, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de *media*, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, económicas e sociais.

Por vezes, o fator que parece presidir à seleção do que é ou não notícia resume-se ao instinto ou "faro" jornalístico, como se diz na gíria das redações, ou até a um conceito quase mítico (Harcup & O'Neill, 2009). Apesar da generalização dessas práticas, há caminhos mais metódicos para a apreensão dos valores-notícia, nomeadamente quando pretendemos responder à pergunta "O que é notícia?". Embora não possa ser considerada um processo científico (Harcup & O'Neill, 2009), e apesar de sujeita a subjetivismos, a seleção das notícias também não deve ser encarada como casual (Nery, 2004). Basear as escolhas em valores-notícia é um método de trabalho que preside às decisões do dia-a-dia das redações, ainda que de forma essencialmente empírica e nem sempre verbalizada ou consciencializada.

São também eles que permitem perceber a lógica mediática de duas das tarefas mais distintivas da produção jornalística: a seleção e a hierarquização (Harcup & O'Neill, 2017,

Nery, 2004 e Silva, 2005). O mecanismo dos valores-notícia é muitas vezes criticado por naturalizar o poder das elites, por envolver julgamentos subjetivos (Harcup & O'Neill, 2017), e por servir para confirmar visões do mundo (Ettena, 2009). Porém, esta categorização ajuda a compreender o funcionamento da lógica mediática, sobretudo em relação ao tema aqui analisado, já que as *hard news* tendem a seguir de forma mais linear os critérios espelhados nos valores-notícia (Harcup & O'Neill, 2017).

Sem descurar as mudanças operadas pela maior procura de notícias em plataformas digitais, nomeadamente a que parece encaminhar para o fator "entretenimento" como uma das principais motivações de partilhas (Harcup & O'Neill, 2017), bem como para o envolvimento das notícias em formatos mais condizentes com esse mesmo entretenimento (Correia, 2016 e Schrøder, 2019), e apesar de haver exceções, podemos sintetizar a maior parte das escolhas nos critérios de valor-notícia expressos na figura 4. Aqui constatamos como os pretextos noticiosos têm origens diversas, que vão desde o clássico "interesse público", identificado já em 1923 pela *American Society of Newspaper Editors* (Eaman, 2009), até ao critério reconhecido mais recentemente por autores como Harcup & O'Neill (2017) para enfatizar as novas características da informação na era digital: a "partilha".

Figura 4: Critérios de Noticiabilidade.



Fonte: Elaboração Própria. Composto a partir de: Galtung & Ruge (1965), Traquina (2002) e Harcup & O'Neill (2009 e 2017)

Na perspetiva de Fontcuberta (1999, p. 33), o trabalho do jornalista depende de três ações principais: incluir, excluir e hierarquizar. Essas ações são facilitadas pelo uso de critérios como os identificados através dos valores-notícia e resumidos no quadro acima.

Os utilizadores de *media* navegam em ambientes cada vez mais marcados pela necessidade de escolhas daquilo que realmente merece o seu tempo, numa batalha competitiva pela atenção e numa categorização mais elástica do que é notícia (Schrøder, 2019). Por isso, apesar da importância de categorizações como as permitidas pelos valores-notícias, devemos notar que tal releva menos para a produção de notícias e mais para a análise de como funciona o emissor da mensagem. Porém, esta investigação pretende ajudar a descortinar as escolhas do recetor. Daí que seja importante perceber o que pode motivá-las.

Estar informado é importante individualmente. Mas que diferença faz para a vida em sociedade? O papel das notícias vai muito para além desse objetivo aparentemente singelo que é saber o que se passa, o que é novo ou fora do comum (Traquina & Agee, 2000). Recurso social, servem para resolver a dialética entre a ansiedade e a necessidade de segurança, mas também para criar identidade cultural, sendo até motivo de embaraço o facto de um cidadão não estar a par das notícias (Madianou, 2009). "A função das notícias é suscitar temas de diálogo. O processo fecha-se com o surgimento de um consenso ou 'opinião coletiva', quer dizer, com o nascimento de uma opinião pública" (Berganza, 2000, p. 366). Correia (2000) entende mesmo que sem jornalismo não se chegaria a formar opinião pública ou esta seria diferente. Por um lado, o ser humano precisa de satisfazer o impulso básico de conhecer a realidade para além da sua própria experiência direta. Por outro, estar informado transmite sensações como segurança, controlo e confiança. Sabermos o que se passa à nossa volta é uma forma de nos protegermos e de criar laços (Kovach & Rosenstiel, 2007).

Para Fontcuberta (1999), a função das notícias é modificar a consciência da realidade. Encorajando o debate e a reflexão, estar informado torna-se um ponto de partida essencial para a ação (McNair, 2009), até porque as escolhas das audiências também são motivadas por interesses cívicos (Schrøder, 2019) e a partilha de realidades comuns através das notícias fazem delas uma "cola social" importante, moldando a identidade dos cidadãos enquanto grupo social (Wahl-Jorgensen & Hanitzsch, 2009). Por isso, as notícias podem ser consideradas tanto um produto cultural, como organizacional, económico ou político (Ettema, 2009).

Sendo possível admitir que, tradicionalmente, as notícias se apoiam mais nos acontecimentos do que nos temas fundamentais da sociedade (Traquina, 2000), fazendo falar muita gente, mas não necessariamente fazendo agir (Berganza, 2000), também é certo que os dois géneros informativos aqui tratados, Notícia e Reportagem, funcionam como um contínuo, sendo comum que uma notícia dê origem a uma ou mais reportagens (Bonini, 2009).

1.2.2. GÉNEROS JORNALÍSTICOS: A REPORTAGEM

Se a notícia se caracteriza pelo foco no essencial, sem grande margem de manobra no formato, a reportagem distingue-se pelo processo de narrar (Silva, 2007), investigando a origem dos factos, mas também as suas razões e efeitos (o como e o porquê), sendo esperado um tratamento mais extenso e de maior profundidade dos temas. Distingue-se pelo conteúdo, alcance e profundidade (Bonini, 2009).

Voltando ao processo de produção jornalística a que os géneros jornalísticos obedecem, uma vez resolvido o caminho teórico da abordagem pretendida para um determinado trabalho, é preciso passar à prática: ir para o terreno. Entrevistar, observar, cheirar, sentir. Porque, conforme descrito por Kapuściński, um jornalista sentado a uma secretária, é como um "inválido metido numa cinta ortopédica" (Domoslawski, 2018, p. 151). Por muito que se queira objetivar o jornalista, e sabendo que sem uma boa ideia e recolha de informação, a reportagem não poderá vingar (Granado, 2021), também urge admitir que não há reportagem sem sentir (Boucher, 2004), sem estar em ação, experimentando à própria custa do repórter (Domoslawski, 2018, p. 219).

A atenção ao sentir é especialmente crítica numa profissão que produz a partir da palavra e do dito, apesar de ser igualmente importante estar atento ao não dito, ao mostrado pelo corpo e pelos silêncios, não apenas às expressões verbais. Sobretudo se o género escolhido for a reportagem. Para Boucher (2004, p. 90), a caneta é a câmara do repórter: "Faz-se a reportagem com os sentidos bem abertos. Escreve-se com as entranhas". Trata-se de um desafio: admitir o sentir sem ignorar o imperativo da objetividade, entendida como a publicação de factos verificáveis. Até porque, como nos diz Oliveira (2006), a relação entre o leitor e o jornal é como um encontro entre dois parceiros em que o conhecer não se separa do sentir. Por isso, em reportagem, o jornalista:

Anota avidamente os pormenores das paisagens que visita, dos lugares por onde passa, das pessoas com quem fala. Anota as cores e os cheiros, os sons e os sabores. Não ignora os detalhes de uma estante cheia de livros, de um relógio de cuco na parede, de uma secretária repleta de fotografias de crianças. Aponta o nome dos aparelhos que estão em cima das bancadas do laboratório, pergunta o primeiro e o último nome de todas as pessoas com quem fala, escreve as marcas e os modelos dos quatro automóveis antigos que estão na garagem de alguém com quem falou, e sobre quem está a escrever um perfil. (Granado, 2021, p. 143)

Manter-se fiel aos factos, mesmo que o texto expresse um ponto de vista, é, para autores como Gutkind (2007), a melhor literatura de todos os géneros, despertando emoções, inspirando ideias, quebrando fronteiras de estilos e questionando normas sociais. O jornalista deve ambicionar um estilo próprio, sem nunca abandonar a realidade como matéria essencial à sua produção. Capturar o real "com o poder do cinema e a integridade do facto" (Gutkind, 2007, p. 15).

No caso da reportagem, como explica Godinho (2017 e 2021), só no século XIX começa a ser enquadrada enquanto género jornalístico, para no século seguinte ganhar o epíteto de género nobre do jornalismo (Moraes et al., 2015). Um dos seus atributos foi a capacidade de dar uma marca diferenciadora a quem apostava no formato elaborado a partir de investigação apurada, fator que se viria a tornar uma estratégia de concorrência entre meios de comunicação (Moraes et al., 2015).

Godinho (2017) sublinha que o jornalismo é uma forma de interrogar a atualidade e faz o exercício de se perguntar sobre o que é a reportagem, questionando se saber do que se trata nos poderá ajudar a fazer uma reportagem. Recuando à origem da palavra, o investigador nota que reportar implica "trazer de novo", mas também "levar de volta", como num dispositivo narrativo (p. 191). Do mesmo modo, também a palavra relatar ajuda a compreender o conceito.

[A reportagem] Permite integrar o indivíduo num dispositivo onde viaja junto com os acontecimentos. Dentro das narrativas os acontecimentos viajam, na medida em que são reportados, trazidos de novo à presença mas os sujeitos, na qualidade de leitores, ouvintes ou espectadores também "viajam" (ainda que só através da imaginação) até ao tempo e espaço dos acontecimentos. Dentro das narrativas os acontecimentos tornam-se presentes de novo e por isso se diz que são representados. (Godinho, 2017, p. 192)

Por isso, defende Godinho (2017), tratar um tema de forma jornalística não é apenas enumerar factos e dados. Sobretudo quando falamos de reportagem, o género que permite aos recetores da mensagem trilharem os mesmos passos do repórter. Contar de modo a que o leitor "calce os sapatos" e siga o repórter. "É esta a experiência que a reportagem permite, uma forma de experimentar os acontecimentos, num processo, numa duração, como se fosse o próprio leitor a recolher e reunir os dados para melhor os conhecer" (p. 194). Ou seja, a reportagem dá aos leitores, espectadores ou ouvintes a possibilidade de experienciarem os acontecimentos como se tivessem sido vividos pelos próprios.

Não surpreende, assim, que o género Reportagem seja considerado o mais completo, aquele que exige o domínio de todos os géneros, investigando a origem dos factos, mas também as suas razões (Bonini, 2009) e efeitos (o como e o porquê). Quando o objetivo é investigativo, o "quem" não pode ser apenas um nome, mas sim uma personalidade, o "quando" não é apenas uma data, mas uma continuação narrativa, o "quê" passa de simples evento a fenómeno com causas e consequências e o "onde", mais do que um local, é uma ambiência. É recorrendo a estas diferenças que o repórter confere qualidade estética e impacto emocional às histórias jornalísticas trabalhadas em profundidade (Hunter, 2013). O mesmo se espera do jornalismo literário.

Apesar de não ser tão dependente da actualidade como a notícia, a reportagem precisa de uma forte ligação com ela. A reportagem deve, portanto, informar, dando ao leitor a sensação de ser transportado para o local e situação descrita (Granado, 2021). Ao contrário dos outros géneros, que podem ser trabalhados à distância (via telefone, mail ou ligações de vídeo), a reportagem é o único que exige sempre a presença física do repórter no local. Porque, como afirma Godinho (2021), deve ser escrita por uma testemunha que viu com os seus próprios olhos.

Embora nos outros géneros a presença física continue a ser preferencial, não impede o trabalho jornalístico caso seja impossível ter um repórter no local dos acontecimentos. A reportagem deve informar, interpretando, dando especial ênfase às perguntas Como? e Porquê? Tal obriga a que o repórter tenha a capacidade de conjugar uma elevada complexidade de conteúdos com a simplicidade narrativa (Moraes et al., 2015).

Aliás, como disse Schudson em entrevista a Santos & Pereira (2008), o jornalismo não se pode deixar abafar numa lógica de entretenimento, devendo antes relatar-nos vivências diferentes, contribuindo para a discussão de uma vida pública democrática e para a criação de comunidade. Embora admita a existência de um volume de informação e de opinião política sem precedentes, o autor faz questão de distinguir entre era da informação e era da informação rigorosa. Para tal não bastam grandes quantidades de dados, sendo cada vez mais necessários intérpretes e mediadores que "descodifiquem a informação fragmentada que nos chega e que a coloquem em contexto" (Santos & Pereira, 2008, p. 179). E porque "as pessoas têm sede de contexto, de linhas que as orientem neste mundo de informação acessível e fragmentada" (idem), o jornalismo deve ter a função social de ajudar a dar sentido ao mundo.

Devido a essa sede de contexto, ao repórter exige-se que seja um agente de informação que nos relata uma história verdadeira sobre acontecimentos. Deve esclarecê-los e pô-los em perspectiva. Mas não só. Com o género reportagem, o leitor não se limita a ser informado, é também sensibilizado. A reportagem, diz-nos Boucher (2004), apela à afetividade do leitor, implica o jornalista e, por isso, implica também uma certa subjetividade. Desde logo porque a essência do trabalho do jornalista é a seleção e esta exige escolhas, mas também porque a reportagem se caracteriza por ser um dos formatos mais flexíveis e completos. É uma mistura, uma fusão, de todos os géneros (Moraes et al., 2015) na prática jornalística, cuja essência é a história – logo, uma narrativa – e também o principal campo de experimentação do jornalismo. "Apesar da importância que a objetividade e a relação com a verdade têm na construção das normas profissionais que regem esta atividade, é impossível ignorar que o jornalismo é uma narrativa" (Correia, 2016, p. 120).

A reportagem deve informar, emocionar, analisar, interpretar, contextualizar, mostrar personagens e lugares e divulgar dados. Tais características levam autores como Moraes et al. (2015) a admitir a dificuldade em definir reportagem e a adjectivar o género como o mais plástico e flexível de todos. Porque os conteúdos podem ser complexos, mas a narrativa deve ser simples, acessível. Longe de uma menos valia, a dificuldade de definições fechadas e rígidas é a prova da importância da reportagem, um género informativo que contém interpretação e resulta em textos de estilo mais literário. E isso ganha relevância se pensarmos na aceção dos autores referidos quando nos dizem que "as narrativas mediáticas têm um papel importante na sociedade e na relação entre os interlocutores, participando da forma

como os sujeitos constroem o universo e como se vêm inseridos nele" (Moraes et al., 2015, p. 227).

Até porque, importa lembrar, sendo uma narrativa de estilo conciso, mas preciso, simples, colorido e rico em impressões, a reportagem é também uma montagem, uma construção (ou uma reconstrução) que se pode assemelhar à complexidade de um espetáculo, na medida em que, para fazer o leitor ver, ouvir, sentir e experimentar como se estivesse lá, tem de incluir cenários, sons, personagens, roupas e ação (Boucher, 2004).

Relatando sem adjetivar, as reportagens usam o presente do indicativo como recurso estilístico, exactamente para conseguir aproximar mais o leitor dos acontecimentos (Granado, 2021). Por tudo isto, e por recorrer aos cinco sentidos em benefício do recetor, a reportagem é vista por alguns autores como o género mais próximo do cinema e da televisão (Boucher, 2004).

No regresso à redação, a questão para o repórter é: como contar a história? Aí há condicionalismos vários. Até porque, se os jornalistas quebrassem os códigos constantemente, o público não os compreenderia (Fulton, 2013). Muitos órgãos de comunicação criam livros de estilo que pré-definem uma série de regras de apresentação de um texto, com o objetivo de fazer sentir ao leitor alguma uniformidade nos vários temas disponíveis no meio de informação escolhido para se esclarecer sobre os acontecimentos e a atualidade. A não ficção narrativa, onde se engloba o jornalismo literário, dá mais liberdade estilística ao jornalista, mas nunca em relação à verdade. Apenas na construção da história (Gutkind, 2007).

O jornalismo literário abarca esta noção de que a realidade está na base de toda a sua ação, mas pode ir mais além, sendo entendido como um género agente de mudança, que apela à ação de quem o lê (Trindade, 2016). Com a capacidade de moldar e refletir correntes sociais, culturais e políticas (Abrahamson, 2011), tem vindo a ser cada vez mais analisado o seu impacto social. Soares (2017) concluiu que o jornalismo literário pode ser um meio de denúncia social, depois de estudar a intersecção entre as esferas do jornalismo literário e da sociologia.

1.2.3. JORNALISMO LITERÁRIO COMO REPORTAGEM

Para efeitos de categorização dentro dos géneros jornalísticos informativos comumente aceites, o Jornalismo Literário deverá integrar-se no género reportagem, já que nem o género notícia nem o género entrevista permitem o estilo narrativo e de profundidade investigativa exigidos. Admitindo que o perfil possa ser tratado de forma mais narrativa, é importante referir que tal acontece porque a publicação de um perfil com ambição de estilo biográfico poderá implicar o recurso a reportagem, numa clara demonstração de que os géneros não são estanques (Silva, 2007), misturando-se e reconfigurando-se noutros consoante o tratamento jornalístico adotado.

Nalguns países, como, por exemplo, a Polónia, o jornalismo literário é, na verdade, conhecido como reportagem (Sims, 2012), o que denota a apropriação e aceitação do género como o mais enquadrável no conceito. Aliás, o jornalismo literário influenciou a reportagem em vários países (Bak & Reynolds, 2011). Por outro lado, é importante lembrar que a *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS) equipara, em termos científico-académicos, jornalismo literário e reportagem (Soares, 2021, p. 57), definindo-os como sinónimos, equivalentes: "Reportagem como jornalismo literário é enquadrá-la no escopo enobrecido do contacto entre a literatura e o jornalismo para a criação de valor noticioso empático e resistente à fugaz temporalidade" (Soares, 2021, p. 73). Como Godinho (2017), entendemos que há pontos comuns entre jornalismo literário, reportagem e ficção, mas sempre enquanto técnicas narrativas, que não podem ser pretexto para obscurecer o contrato de honestidade entre jornalista e leitor, nem para desvalorizar o compromisso com os factos.

Reportagem e ficção competem num mesmo campo de experiência que é o da narrativa e do juízo. Por isso, partilham historicamente as mesmas técnicas narrativas. Para Tom Wolf, precursor do jornalismo literário, o "novo jornalismo" é a narrativa que usa técnicas literárias. O crescente interesse pelo jornalismo literário nos últimos anos não é mais que a velha aspiração de conseguir, numa mesma fórmula narrativa, a fusão que concretize a proximidade entre reportagem e ficção e que guarde o melhor das suas experiências (...). (Godinho, 2017, p. 199)

Em tempos visto como um género "bastardo" entre a literatura e o jornalismo (Bak & Reynolds, 2011, p. 17), é graças à profundidade e rigor exigidos à reportagem que o

jornalismo literário se pode afirmar como um género "responsável e respeitável" (idem, p. 1) na imprensa.

1.3. O CONCEITO DE JORNALISMO LITERÁRIO

Nos seus fundamentos, a Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário (IALJS) declara entender a área não como significante de "jornalismo sobre literatura", mas sim "jornalismo como literatura" (Bak & Reynolds, 2011).

A *nuance* é importante para enfatizar a ideia de que se trata de jornalismo, não de ficção, reportando os factos de forma literária. Isto é, a diferença está no formato e não no conteúdo, nem na ética a que o jornalismo obriga. Os autores podem seguir diferentes conjuntos de regras de forma e conteúdo, adequados aos géneros literários em que se inserem. A fronteira é a realidade (Sims, 2009). Aliás, em Portugal, a obrigação de se manter fiel aos factos está patente em letra de lei, no Artigo 1º do Código Deontológico do Jornalista³: "O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso. A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público".

De acordo com Gutkind (2007), o jornalismo literário dá aos autores mais liberdade artística – não em relação à verdade, mas na construção da história. O objetivo da não ficção criativa é comunicar informação, mas trabalhando-a para que se leia como um romance. A ficção pode criar o seu mundo, estabelecer regras e geografias livremente. O jornalismo literário trabalha com a realidade existente e não pode recriar essa estrutura que o precede. A inovação advém da seleção de tema e abordagem em termos de foco, bem como do estilo de escrita.

Porque o termo é passível de controvérsia (Soares, 2017 e Trindade, 2016), até do ponto de vista cronológico, importa determo-nos um pouco nas origens do jornalismo literário. Muitas vezes associado a Tom Wolfe, é verdade que este lhe conferiu uma atenção e relevo indiscutíveis (Keeble, 2018). Mas, em rigor, o seu nascimento remonta a períodos anteriores, como notam Soares (2017), Abrahamson (2015) ou Jacobson et al. (2016).

³ O último Código, aprovado no 4º Congresso dos Jornalistas, em 2017, sofreu algumas alterações, mas este artigo consta desde a sua origem.

No século XIX como no século XXI, o jornalismo é visto como uma forma de ajudar os cidadãos a lidarem com um mundo cada vez mais complexo (Ostertag, 2010). E os jornalistas devem contribuir para a consciencialização dos problemas sociais (Soares, 2017). Tom Wolfe, um dos impulsionadores do jornalismo literário, elencou assim as suas principais características (Connery, 1992 e Jacobson et al., 2016):

- 1) Descrição de cenas que levam o leitor a seguir os movimentos das personagens, com detalhes das suas experiências físicas e emocionais;
- 2) Uso de discurso direto, sem anular o vernáculo ou o vocabulário próprio dos entrevistados em vez do discurso limpo do jornalista, humanizando os personagens das histórias;
- 3) Pontos de vista de terceiros (não necessariamente os do jornalista);
- 4) Uso de detalhes que ajudam a definir o estatuto e estilo de vida dos personagens. Através destas descrições o leitor pode encontrar padrões de comportamento e perceber o papel social das pessoas descritas.

Já Trindade (2006, pp 87-88) enfatiza os pontos distintivos de imersão, profundidade da pesquisa, rigor, fontes, escrita sobre temas do dia a dia, voz íntima, simplicidade do estilo e ao mesmo tempo complexidade da estrutura.

Vários autores (e.g. Inácio & Trindade, 2017) notam que encontrar a verdade nos detalhes da vida real e do quotidiano, num esforço claro para ir de encontro ao cidadão comum, é uma das mais importantes características do jornalismo literário. Ou, como dizem Sims & Kramer (1995), o jornalismo que homenageia os simples:

O Jornalismo Literário une a frieza dos factos com os eventos pessoais, na companhia humana do autor. E isso alarga as perspetivas dos leitores, permite-lhes abranger as vidas de outros, muitas vezes de um contexto longínquo. O processo leva os leitores e os escritores a um processo de consciencialização, compaixão, e no melhor dos cenários, sabedoria. (Sims & Kramer, 1995, p. 34)

Sims & Kramer (1995) defendem que o jornalismo literário pode ser um instrumento de poder, na medida em que ajuda a compreender a complexidade social em que vivemos, sendo, por isso, um convite à ação. Artefacto social importante, auxilia na compreensão de temas difíceis, contribuindo para uma democracia mais ativa (Lemann, 2015).

1.3.1. DE QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE JORNALISMO LITERÁRIO

Quando se tenta descrever o conceito de Jornalismo Literário a primeira tentação é defini-lo do ponto de vista técnico, um pouco na linha de Wolfe (Keeble, 2018) e do paralelo com as destrezas literárias: a qualidade da escrita, as estratégias narrativas, como caracterização e simbolismo ao serviço do jornalismo e não apenas do romance, ou a capacidade imersiva dos textos do género. Tudo isso, mas com o requisito adicional do rigor (Sims, 2012 e Soares, 2021). No entanto, sendo todos estes aspetos importantes, há outros a merecer idêntica atenção e, talvez até, a darem mais significado à distinção entre Jornalismo Literário e outros estilos de produção jornalística.

Procurando uma explicação com o mundo que nos rodeia (Pagone, 2012 e Lemann, 2015) ao mesmo tempo que nos conta os factos, o Jornalismo Literário assume uma importante função social, levando mesmo alguns estudiosos a defenderem o jornalista literário como um cientista social (Soares, 2017). Pondo de lado a pertinente observação de Keeble (2018) ao sublinhar que nenhum jornalista alguma vez se autointitulou de jornalista literário, pormenor relevante para compreender como, de um modo geral, as redações estão alheadas destas distinções, interessa-nos aqui perceber que papel assume o Jornalismo Literário. Aliás, para Keeble, tem havido demasiado foco na diferenciação técnica, quando deveria ser igualmente destacado pelo relevo político, económico e até ideológico.

Sendo indiscutível que os autores do género têm como objetivo principal o do jornalismo em geral – chegar à verdade –, (Kovach & Rosenstiel, 2007) é aqui relevante considerar que o bom jornalismo não procura só a verdade, mas sim combater o mal (Abrahamson, 2011). Porque, acreditam os autores de Jornalismo Literário, encontrar a verdade permite contar histórias que podem mudar o mundo:

Continuaremos a olhar para a forma como a vida é vivida no planeta. Vamos dar conta das excentricidades e explorá-las. Vamos descobrir mundos e trazer de volta as suas histórias e vidas. Mas a busca moral do Jornalismo Literário será sempre a mesma: encontrar a verdade, contar histórias, mudar o mundo. Um bom jornalista não se limita a encontrar a verdade, também combate o mal que existe no mundo. (Wilentz, 2014, p. 40)

Pela sua exigência de profundidade, o jornalismo literário terá de ser sempre investigativo. E o jornalismo investigativo caracteriza-se por utilizar materiais objetivamente verdadeiros, mas com a meta subjetiva de mudar o mundo: "Não é uma licença para mentir por uma boa causa,

é uma responsabilidade para que a verdade seja aprendida de modo a que o mundo possa mudar" (Hunter, 2013, p. 8).

Mas será esta uma ideia romântica e pouco sustentada dos fins e poderes do Jornalismo Literário? São cada vez mais os que defendem que não. Uma das funções dos jornalistas, que os coloca no papel de servidores públicos mesmo quando trabalham para órgãos privados (Cagé, 2016), é dar aos leitores a oportunidade de encontrarem sentido para o que os rodeia, compreenderem o mundo mesmo quando ele oferece diferentes versões da realidade (Kovach & Rosenstiel, 2007 e Andeweg, 2012). É por isso que um dos elementos definidores, embora não exclusivo, do Jornalismo Literário é o foco nas pessoas comuns (Sims, 2007, Soares, 2021 e Pagone, 2012). Com isso, assume a sua função social, tal como referido acima, descrevendo as sociedades através das palavras das pessoas, e mesmo até dos falhados. Defendendo que é o melhor género para expor males sociais e para levar os cidadãos a agir contra eles, Sims (2009) entende que é mais importante pôr ênfase na utilidade social do que na forma artística e estilística.

Tal papel social do Jornalismo Literário poderá ser uma salvaguarda para o seu futuro e sustentabilidade (Coutinho, 2014 e Trindade, 2012), na medida em que tem vindo a ocupar um espaço cada vez mais negado aos leitores devido à ditadura do *click* e ao imediatismo da informação partilhada.

Admitindo-se que é muitas vezes impossível perceber o verdadeiro significado das histórias em direto (Wilentz, 2014) e em modo acelerado, o Jornalismo Literário assume o papel de um género que não entrega ao leitor um resultado natural, espelhado, dos acontecimentos, mas sim uma interpretação (Sims, 2012), que permita compreender a complexidade das diferentes realidades socioculturais das populações (Pagone, 2012) e contribuir para uma partilha de valores global (Abrahamson, 2011).

É neste ponto, que obriga a relembrar a importância da imparcialidade jornalística, mas mais ainda a distingui-la de neutralidade (Kovach & Rosenstiel, 2007, Flis & Milharčič, 2012 e Soares, 2021), que o Jornalismo Literário se destaca. Imersivo, investigativo, focado em histórias humanas, está obrigado a dar espaço à criatividade e subjetividade (Roiland, 2015, Wilentz, 2014 e Soares, 2021). E até mesmo à ambiguidade que a heterogeneidade de abordagens pode comportar (Roberts & Giles, 2014 e Schaberg, 2018). Porque isso permite

"pensar várias verdades em vez de um mundo com valores fixos" (Abrahamson, 2015, p. 156), num compromisso responsável de informar sobre as diferenças: "Seja em que língua for, o jornalismo literário manteve-se leal ao seu compromisso de informar de forma rigorosa e honesta sobre o mágico no mundano, o grande no pequeno e, acima de tudo, o *nós* no *eles*" (Bak & Reynolds, 2011, p. 2).

Aqui sabemos que entramos num terreno sempre movediço relativamente à análise do que é jornalístico. Muito mudou desde o século XIX, época em que o culto da objetividade e da independência do jornalismo surge, arrastado depois pelo aparecimento de grandes órgãos de comunicação de massas para públicos variados (Rebelo, 2000). Defensores da objetividade como característica intrínseca do seu trabalho, envolve-se em complexidade o assumir de um papel também subjetivo (Keeble, 2018, Soares, 2021, Roberts & Giles, 2014, Hunter 2013). Mas antes, tal como hoje, tem de ficar claro que nada do que se relata foi inventado (Hersey, 1980).

Quadro 1: Características do Jornalismo Literário

Características Sociais e Estilísticas	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">. Jornalista como cientista social. Explicação do mundo. Foco nas pessoas comuns. Perspetiva dos falhados. Combater o mal. Mudar o mundo. Compromisso com os factos. Imersivo e investigativo. Criatividade. Subjetividade. É uma interpretação. Imparcial, mas não neutro	<ul style="list-style-type: none">. Capacidade de emocionar o leitor. Propiciar empatia. Vínculo entre autor e leitor. Seduzir o leitor. Chegar à verdade. Contar histórias. Encontrar sentido em diferentes versões da realidade

Fonte: Elaboração própria

Este detalhe pode ajudar a compreender a importância da distinção entre subjetivo e falso. Reportando factos, o jornalismo não é apenas factos. Os jornalistas são *storytellers* porque usam os factos para contar histórias que reforçam as noções de realidade das suas audiências,

numa busca de coerência, significado e propósito (Bird & Dardenne, 2009, p. 205). Também Neveu (2014) é defensor de que a cobertura noticiosa se pode ligar a questões de prazer e alerta para o facto de que "o uso de narrativas e arte de *storytelling*, não são pecados nem traições à prática jornalística" (p. 536).

Tanto o impulso narrativo no jornalismo, especialmente o literário, como a leitura do humano que se exige impõem a aceitação da subjetividade: "O Jornalismo Literário fala da natureza do fenómeno da nossa realidade apesar do facto de a nossa interpretação ser inevitavelmente subjetiva e pessoal" (Sims, 2009, p. 15). Aliás, como nos diz Hersey, "em relação ao jornalismo, podemos desde já garantir que não existe objectividade absoluta" (1980, p. 68). Opinião secundada por autores como Abrahamson (2015), para quem a objetividade em si mesma é impossível. O aparente paradoxo é, ao mesmo tempo, o que melhor define e distingue o Jornalismo Literário do Noticioso:

Durante mais de um século, os académicos e os críticos definiram o jornalismo literário como uma forma de escrita factual assumidamente pessoal e subjetiva (...) Não sendo nem *hard news* nem ficção, acabou por cair entre duas normas historicamente importantes. (Roberts & Giles, 2014, p. 105)

Com isso, não se pretende defender que o Jornalismo Literário pode ceder às regras da ficção. No momento em que tal acontecesse deixaria de poder usar-se a expressão "jornalismo", sendo, por isso, imprescindível insistir em duas regras, tal como notadas por Hersey (1980): o escritor de ficção deve inventar, o jornalista não pode inventar. O que se pretende é apenas deixar nota da ambição do Jornalismo Literário, que, no entender de Roiland (2015), "captura o mundo e faz arte com isso". Admitindo que esta poderá ser uma reivindicação algo ambiciosa, será, no entanto, de aceitar como clarificador o paralelismo usado por Roiland (2015) ao comparar pintura e arquitetura para ajudar a compreender a diferença entre literatura e Jornalismo Literário: a arquitetura pode e deve ser bela, mas tem de ser funcional, já à pintura pode bastar-lhe ser bela para cumprir o seu desígnio.

O Jornalismo Literário não só assume a presença do subjetivo, como prefere encará-lo de forma imprescindível para entender o mundo que nos rodeia, em busca de uma verdade maior (Soares, 2021), naquilo que pode ser considerado uma qualidade intrínseca ao jornalismo de profundidade. Contrariamente ao que acontece com a exigência de neutralidade associada ao

jornalismo noticioso, a interpretação e valorização do significado atribuído à mensagem são fundamentais no jornalismo narrativo (Johnston & Graham, 2012). Para Machill et al. (2008), o aparente conflito entre a reivindicação, que consideram ingénuas, de objetividade jornalística e qualidade narrativa pode ser evitado revelando ao leitor a perspectiva adotada de forma explícita e transparente.

O estado do jornalismo literário na academia é ainda um trabalho em curso (Sims, 2009), mas os últimos anos têm sido de progressos assinaláveis. Considerando que os estudos de jornalismo de massas (Sims, 2009) não são suficientes para compreender o fenómeno, Sims defende a necessidade de um conhecimento académico internacional que reconheça a existência de diferentes manifestações. Nesse sentido, releva o ano de 2006 como ponto de viragem neste campo de estudo graças à criação da *International Association for Literary Journalism Studies* (IALJS). Três anos depois, na Primavera de 2009, seria publicado o primeiro número da revista indexada *Literary Journalism Studies*, que veio dar novo impulso à divulgação académica internacional nesta área. Por tudo isto, é hoje aceite o crescimento do género, tanto como prática criativa, de que o Prémio Nobel atribuído à jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch, em 2015, é exemplo, mas também como objeto de estudo (Roiland, 2015).

Do mesmo modo, embora a pesquisa neste campo científico-académico tenha ainda caminho a fazer, também Portugal tem convergido para o estudo da área, sobretudo desde a primeira década de 2000 (Rosa, 2019). Contam-se já várias teses de doutoramento, como as de Alice Donat Trindade, "News that last: quatro momentos de jornalismo literário americano no século XX" (2006), pioneira do estudo do género na lusofonia (Nery, 2018). Mas também de Isabel Soares, "O império do Outro: Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Oliveira Martins e a Inglaterra Vitoriana" (2007), de Manuel João de Carvalho Coutinho, "Jornalismo Literário na Era da Democracia: Técnicas Narrativas e o Conceito de Trama e de Herói" (2018) e de Vanda Rosa, "A cidade de Lisboa no jornalismo literário de Fialho de Almeida", esta última defendida no ISCSP.

Têm sido muitos os que se dedicaram a categorizar e identificar o jornalismo literário. O que fica claro em todas as tentativas de definição é que não pode haver dúvidas de que se trata de informação. Caso contrário, a expressão "jornalismo" não teria cabimento.

1.3.2. PORQUÊ HIROSHIMA

O texto de John Hersey (1914-1993) escolhido para esta análise conta a história de seis sobreviventes japoneses – uma escriturária, uma costureira, viúva e mãe de três filhos, um jovem cirurgião do Hospital da Cruz Vermelha, o dono de uma clínica privada, também médico, um pastor metodista e um missionário jesuíta de nacionalidade alemã – depois do lançamento da bomba atômica em Hiroshima (Cruz, 2016).

Hersey viaja para o Japão no início do verão e publica a história a 31 de agosto de 1946, data em que a revista *The New Yorker* dedica, pela primeira e única vez na sua história, o número inteiro a uma só reportagem. Hersey reconstitui para a publicação norte-americana o lançamento da bomba atômica sobre a cidade japonesa de Hiroshima, que acontecera um ano antes (Gomes, 2021, Lemann, 2019 e Forde & Ross, 2011) e da qual se sabiam poucos detalhes. A este propósito vale a pena lembrar o ensaio de George Orwell, *Nós e a Bomba Atômica*, datado de 19 de Outubro de 1945, onde se torna evidente o desconhecimento sobre a nova arma e a falta de debate público sobre o tema:

Tendo em conta a forte possibilidade de, nos próximos cinco anos, uma explosão nos reduzir a cacos, a bomba atômica não tem sido objeto de discussão tanto quanto seria de prever. Os jornais publicaram inúmeros diagramas, mais ou menos incompreensíveis para o cidadão comum, com os neutrões e os protões a fazerem das suas, e ouve-se reiteradamente a vã afirmação de que a bomba devia estar sob controlo internacional. (Orwell, p. 41, 2020)

De facto, os cem mil mortos e os mais de 200 mil feridos provocados pelo lançamento da primeira bomba atômica, cujo nome de guerra era "Little Boy", resultaram na descrição de uma realidade que muitos norte-americanos desconheciam e que apenas lhes foi revelada em detalhe com a reportagem de Hersey (Lemann, 2019).

Graças a esta "maravilha da engenharia jornalística" (Lemann, 2019), considerada um marco, ao ponto de ser rotulado de mais importante trabalho do Jornalismo Literário americano no século XX (Forde & Ross, 2011 e Cruz, 2016), muitos, incluindo o jornalista português Adelino Gomes, continuam a considerá-lo como o autor da "melhor reportagem jamais feita" (2021, p. 18). O sucesso do relato em estilo de Jornalismo Literário foi imediato: numa hora a revista vendeu 300 mil cópias e 200 mil foram enviadas para os assinantes por correio. Depois da reportagem original, sai, no final do mesmo ano, uma edição de três milhões de exemplares que resulta no livro mais vendido sobre os efeitos da guerra nuclear (Cruz, 2016). Mais de

meio século depois da publicação, num concurso do Departamento de Jornalismo da Universidade de Nova Iorque, em 1999, *Hiroshima* foi considerado o melhor trabalho de jornalismo produzido nos EUA no século XX (Forde & Ross, 2011).

Tais qualidades justificam a escolha deste trabalho jornalístico para o estudo em questão. Mas não só. Sendo considerado um clássico do Jornalismo Literário, o texto *Hiroshima* denota algumas das suas características mais identitárias: "Ele foi ao local, olhou incansavelmente para onde a maioria dos jornalistas não olhou, e encontrou formas de escrever sobre o que viu que deu ao seu jornalismo um poder de durabilidade no tempo" (Lemann, 2019, p. 3).

A qualidade estilística é uma das características identificativas desta peça jornalística como Jornalismo Literário, mas, e talvez mais importante, é o facto de ter levado a mudanças históricas na sociedade norte-americana de então, alterando definitivamente a forma como o país encarava a bomba atómica.

Para compreender a importância social (e mundial) do texto, importa contextualizar historicamente o momento da sua publicação. O lançamento da bomba foi considerado uma vitória, permitindo pôr fim à II Guerra Mundial, ao arrasar o inimigo japonês, especialmente odiado pelos norte-americanos depois do ataque a Pearl Harbour, em 1941. No dia seguinte ao lançamento da bomba do Enola Gay com potência explosiva de 15 mil toneladas de TNT (Barata, 2020), o jornal *The Manchester Guardian* publica as seguintes palavras no seu editorial: "Apesar de todo o horror que o uso de uma tal arma contra a humanidade deve suscitar, a sua utilização contra os japoneses é inteiramente legítima" (*The Manchester Guardian*, 7/8/1945). Por seu lado, em notícia datada do mesmo dia, o *The New York Times* enaltece o avanço científico que o lançamento da bomba significava. Além da vitória militar (a 15 de agosto o Japão rendia-se), em 1945, o uso do nuclear era defendido como a resposta para os problemas energéticos de boa parte do planeta. Só o Projeto Manhattan, que permitiu o seu desenvolvimento, chegou a empregar mais de cem mil pessoas (Andrade, 2020).

Até à publicação do texto de Hersey, depois da bomba que fez subir a temperatura dos solos a dez mil graus Celsius e provocou ventos de 200 quilómetros por hora (Moreira, 2020), o mundo desconhecia a verdadeira dimensão da devastação causada pela nova arma de destruição maciça, como se comprova também pelo texto de Orwell citado acima. A reportagem do autor que recebera o Prémio Pulitzer dois anos antes, em 1944, deu ao público

norte-americano nova informação e incentivou a discussão pública sobre a bomba atômica. Isto apesar de o presidente Harry S. Truman ter enviado um pedido confidencial aos editores americanos para que não publicassem informação sobre a arma, incluindo o seu uso e efeitos, sem consultarem o Departamento de Guerra. Pouco depois tornadas lei, as novas normas restringiam a disseminação de informação sobre o nuclear, com castigos criminais pela sua violação. Hersey arriscava, assim, graves sanções legais, na medida em que o tema tinha passado a ser considerado segredo de Estado. Mas mudou o curso da história com a sua peça jornalística (Forde & Ross, 2011).

Além de a maioria dos norte-americanos aprovarem o uso das bombas nucleares por desconhecerem os seus efeitos, o sentimento generalizado em relação aos japoneses era de hostilidade devido à guerra. Com o seu trabalho jornalístico, Hersey humaniza um inimigo visto pelos norte-americanos como brutal, os militaristas "Japs". Daí que a reportagem Hiroshima seja considerada um documento com importância histórica, tornando-se um clássico sobre as consequências do uso nuclear (Forde & Ross, 2011). Hersey fá-lo recorrendo a uma narrativa de linguagem elegante, utilizando técnicas da ficção e optando por se silenciar para melhor deixar falar o horror que testemunhou (Cruz, 2016). Fá-lo recorrendo ao Jornalismo Literário.

1.3.3. ABORDAGEM COGNITIVA E JORNALISMO LITERÁRIO

Uma vez que nos propomos recorrer às neurociências para melhor compreender fenómenos da comunicação, releva para este estudo olharmos para questões básicas do funcionamento do cérebro.

Longe vão os tempos em que os estudiosos destes temas (muitas vezes, filósofos) entendiam que as emoções eram governadas por órgãos como o coração e o fígado, como sucedia no século XVII. E ainda mais longe os primeiros registos de extração de cérebro, fio a fio, através do nariz, no Egito, há quatro mil anos. Então, o grande objetivo dos cientistas era conhecer melhor a anatomia da alma, e o mesmo é dizer, a busca por sinais de Deus no universo. O coração, e não o cérebro, era visto como o centro da existência e inteligências humanas (Zimmer, 2005). Apesar de hoje poderem parecer caricatas, tais observações e investigações foram primeiros passos cruciais nos avanços da neurologia, que só viria a conhecer o seu *boom* entre 1990 e 2000, período denominada como a década do cérebro, aquela que permitiu o

neuroturn (Della Rocca, 2017), uma significativa viragem na forma como se estudava o órgão que, sabemos hoje, tudo comanda. Atualmente está claro que "existem sistemas operativos dentro do cérebro que são responsáveis por organizar a informação, oriunda da exploração do mundo através dos sentidos" (Caldas, 2012, p. 164).

Mas precisamos de recuar ainda mais no tempo para tomar consciência de que a outra temática desta tese – a comunicação – é relativamente recente na evolução da humanidade. O bipedismo, a primeira mudança que distinguiu os hominídeos dos primatas, aconteceu há seis milhões de anos, enquanto a linguagem tem um milhão e meio e a fala humana cerca de 400 mil anos (Allen, 2009). Já o avanço seguinte – e o que mais nos interessa para esta tese – a escrita, conta com apenas cinco mil anos de vida (Allen, 2009). Primeiro veio a fala, considerada hoje pelos neurocientistas como uma capacidade motora, e só depois a escrita, uma invenção humana que funcionou como gatilho para todos os avanços culturais (Allen, 2009). Portanto, o que se passa no cérebro de cada indivíduo é o resultado de milhões de anos de evolução (Caldas, 2016).

Esta breve viagem no tempo ajuda-nos a compreender como as neurociências são um caminho recente, especialmente impulsionado pelos avanços permitidos pela imagiologia que possibilitam observar as dinâmicas cerebrais em tempo real. Não será, por isso, de estranhar que a aplicação desses conhecimentos a áreas como a comunicação esteja ainda a dar os primeiros passos. Porém, o interesse tem sido exponencial, como denotam os dados que indicam o número de pesquisas no motor de busca Google para a expressão "neurociências sociais": 393 em 2001 e 290 mil, em 2011 (Berckman et al., 2014). Assim sendo, embora possamos questionar o recurso a uma área científica tão recente numa investigação sobre comunicação, também devemos perguntar-nos se faria sentido algo tão importante para o ser humano como a comunicação ficar de fora desta nova tendência científica.

Por um lado, o cérebro "é a base fisiológica dos pensamentos, emoções, imaginações e comportamentos humanos, sendo o seu modo operativo um pré-requisito para os seres humanos se compreenderem a si mesmos" (Zheng, 2019, p. 50). Por outro – e mais relevante para o nosso tema –, as neurociências permitem-nos obter informação sobre o impacto inconsciente da comunicação, levando o conhecimento sobre o tema a novos patamares investigativos, para lá do nível consciente.

Os estudos neurológicos permitem investigar processos inconscientes assim como a cognição que os participantes poderão não querer, não conseguir ou admitir explicitamente. As neurociências sociais são assim de particular utilidade para explorar as motivações dos participantes sem ter de depender de medidas que podem ser coloridas por enviesamentos pessoais ou desejos sociais. (Kedia et. al., 2017, p. 11)

Para Kedia et al. (2017), os sistemas biológicos podem servir de instrumentos para compreender pensamentos, emoções e intenções. E esse trajeto investigativo é útil porque a compreensão de processos biológicos nos ajuda a captar mais profundamente os comportamentos humanos (Harmon-Jones & Beer, 2012).

Conjugando mecanismos neurocognitivos e resultados observáveis, Batista & Marlet (2018) enumeraram hipóteses de recolha de dados relativamente ao comportamento neurológico perante a comunicação, nomeadamente recorrendo a Eletroencefalograma (EEG), Ressonância Magnética, *Eyetracking* e Condutância da pele. A análise teórico-metodológica das neurociências da Comunicação permitiu-lhes relacionar as questões da receção e as emoções, explorando especificamente a receção não-declarada do indivíduo, apenas acessível com recurso a ferramentas e metodologias oriundas da neurociência. Depois do levantamento dos métodos que podem ser úteis a este subcampo, os autores concluíram que a abordagem interdisciplinar entre comunicação e neurociências poderá vir a contribuir para novas teorias da comunicação. Os vários autores referidos seguem a linha de pesquisa segundo a qual a informação em si parece ser um importante motor motivacional, não só para os seres humanos, mas também para os animais, já que se regista uma reação neurológica e emocional à informação.

Mas, se é verdade que se verifica um entusiasmo crescente na busca de compreensão para o processamento da informação (Anderson et al., 2006), havendo já quem defenda as neurociências da comunicação como disciplina (Falk, 2012), aliando métodos das neurociências aos estudos da pesquisa em comunicação (Zheng, 2019), também não é menos certo que escasseiam ainda abordagens cognitivas ao jornalismo, enquanto florescem na literatura (Zunshine, 2015).

Perante essa escassez na área do jornalismo e maior abundância na literatura, e uma vez que nos propomos estudar a receção ao jornalismo literário, entendemos que podemos beneficiar de algum do conhecimento já estabelecido relativamente à produção ficcional. Do ponto de

vista neurológico, os sentidos relevantes para a recepção da comunicação são a audição e a visão (Caldas, 2016), sendo este último sentido essencial para a leitura. Estudos sobre comportamento neurológico e leitura como os de Mar (2004) e Mangen & Kuiken (2014) utilizaram textos literários. Se o jornalismo literário emprega técnicas da narrativa, deverá estar em linha com o que se observa para os estudos sobre ficção.

Recorrendo à análise de imagens do cérebro através de ressonância magnética, Phillips (2015) adotou uma abordagem cognitiva da literatura e observou que havia mudanças na atividade cerebral quando os sujeitos passam da leitura atenta, que obriga a interpretação e foco, para a leitura por lazer. Estudos como os de Phillips (2011) sugerem que no caso da literatura se verifica um aumento global no fluxo sanguíneo durante a leitura atenta, permitindo inferir que a atenção a textos literários requer a coordenação de múltiplas funções cognitivas complexas.

Na ficção, os leitores entram nas histórias, seguindo o funcionamento da mente dos personagens e, tal como com as pessoas reais, as personagens permitem experienciar os mesmos acontecimentos de formas diferentes (Palmer, 2015). Havendo já evidência empírica de que a narrativa transporta o leitor para dentro da história, sabemos que tem efeitos na reflexão sobre acontecimentos narrados (Magalhães, 2016). Comprovou-se até que o ser humano não consegue evitar criar histórias para o que o rodeia, como demonstram estudos em que os sujeitos vêm narrativas em meras figuras geométricas de bolas e quadrados (Eagleman, 2015).

Uma consciência literária melhorada está relacionada com maior flexibilidade de modelos internos e melhor capacidade para compreender o que nos rodeia. Ou seja, a leitura de literatura treina funcionalidades sociais e de adaptação. Permitindo significados alternativos, encoraja perspetivas menos rígidas da realidade, com implicações que se podem estender ao bem-estar físico (O'Sullivan et. al., 2015). A leitura proporciona empatia cognitiva, capacitando os indivíduos para compreenderem o que se passa com os outros e partilharem o que sentem (Bloom, 2016). Através de questionários com medidas concretas aplicadas aos leitores de diferentes textos e entrevistas mais abertas para descodificar os efeitos da leitura, Miall & Kuiken (2002) perceberam que os sentimentos de estética e narrativa interagem para produzir metáforas de identificação pessoal que modificam o autoconhecimento.

Por outro lado, a leitura de ficção narrativa promove maior retenção de vocabulário do que a leitura de não-ficção, o que, para Fong & Mar (2011) está relacionado com o facto de a emoção tornar a informação mais memorável. Já a leitura rápida e em modo *scan* dificulta a interpretação, levando a argumentações mais exíguas e acríticas do mundo que nos rodeia.

Não é nova a interceção das emoções com a comunicação. Rosseau acreditava que a linguagem tinha sido inventada pelos humanos para expressar emoções, já que para as atividades básicas do quotidiano a comunicação por gestos bastaria (Allen, 2009). O que se conhece agora com maior detalhe (embora ainda não tanto como gostaríamos) são os mecanismos fisiológicos envolvidos nas emoções: "A amígdala, um pequeno conjunto em forma de amêndoa (...) tem um papel evidente no processamento das emoções e da memória" (Allen, 2009, p. 30).

Caldas demonstrou que o corpo caloso (garante da ligação entre os dois hemisférios cerebrais) de sujeitos iletrados é mais pequeno do que o dos sujeitos letrados (Allen, 2009). Por outro lado, aprender a ler e a escrever durante a infância influencia a organização funcional do cérebro adulto humano (Caldas et al., 1998). Sabendo-se hoje que o treino cultural, nomeadamente a leitura, influencia a morfologia do cérebro, como podemos deixar de fora uma área tão prometedora como a neurocognição para a compreensão das questões da comunicação?

Embora haja ainda muito caminho a desbravar sobre a cognição de textos jornalísticos, as neurociências parecem justificar uma necessidade "natural" para obter informação e algumas reações neuro psicológicas à informação colocam-na em estreita ligação com as emoções (Fong & Mar, 2011 e Damásio, 2017).

1.3.4. O PAPEL DO MEIO

Esta tese surge num contexto de enormes contradições relativamente ao consumo e acesso à informação. Por um lado, há mais notícias do que alguma vez antes (Fenton, 2009), até porque nunca se registaram tantos produtores de informação nem tantos leitores. Como nota Cagé (2016), França conta com quatro mil títulos de imprensa e mil estações de rádio, os EUA com mil canais de televisão locais, 15 mil estações de rádio e 1300 diários. Naquele país europeu, de 2008 para 2013, as visitas aos diários na internet passaram de 50 para 180 milhões. Mas, por outro lado, a receita anual combinada do conjunto dos jornais diários americanos era, no

mesmo período, duas vezes inferior à da Google, sendo clara a dificuldade da imprensa em rentabilizar as suas audiências na internet, com o leitor de papel a gerar vinte vezes mais receitas publicitárias do que o leitor online (Cagé, 2016).

Entre 1970 e 2016, o ano em que a Sociedade Americana de Editores de Notícias parou de contar, fecharam mais de quinhentos jornais diários, enquanto os outros cortaram a cobertura das notícias ou reduziram o tamanho do jornal ou deixaram de ser impressos (Lepore, 2019). Em 2000, apenas trezentos e cinquenta dos mil e quinhentos jornais diários restantes nos Estados Unidos eram de propriedade independente. Os jornalistas deixaram de controlar a informação (Aldi et al., 2020). A boa informação, o jornalismo de qualidade e profundidade, é, por comparação, caro. Logo, atinge mais as elites. Especialmente nas últimas duas décadas, o próprio jornalismo – a forma como as notícias são cobertas, relatadas, escritas e editadas – mudou, tendo de se confrontar com o crescimento de notícias falsificadas. A informação tornou-se ao mesmo tempo mais caótica e gratuita (Lepore, 2019).

Aqui chegamos a mais um dos paradoxos desta indústria global da informação que se tem vindo a converter numa indústria em rede (Deuze, 2017). Parecia que os avanços tecnológicos iriam desatualizar o conceito de *mass media*, caracterizado como grande, heterogéneo e disperso, quando na verdade vieram modificar essa relação, que é agora mais pessoal, privada, dirigida, interativa e difusa. Em vez do seu desaparecimento, as noções de *mass media* coexistem com a comunicação interpessoal e individual (Deuze, 2021 e Fenton, 2012). Quando muito, defendem alguns estudiosos, teremos agora uma comunicação individual de massas (Fenton, 2012).

Tais mudanças devem-se em grande parte à disseminação de informação através da internet. Mais uma vez, o resultado não foi tão categoricamente positivo como muitos chegaram a vaticinar. Se é verdade que a possibilidade de espaço quase infinito *online* (por oposição à rigidez do número limitado de páginas dos jornais impressos) quer dizer mais notícias, e que a tecnologia facilita a diversidade, o que se tem verificado é que a quantidade não é sinónimo de qualidade, sendo a diversificação desejada substituída pela homogeneização do discurso no espaço público. Ainda que os produtos de informação sejam variados, contam, muitas vezes, as mesmas histórias, na mesma perspetiva e usando o mesmo material informativo (Fenton, 2009).

Esquecendo-se que a internet é uma forma revolucionária de distribuição, mas não necessariamente uma forma revolucionária de produção de conteúdos (Edge, 2014), idealizou-se como democratizadora de povos, desincentivadora de monopólios e descentralizadora da informação. No entanto, o modelo de negócio baseado no "grátis" provocou, pelo contrário, a concentração (Freedman, 2016). O facto de 10% dos utilizadores do Twitter gerarem mais de 90% dos conteúdos, contribuindo para que as redes sociais reforcem as hierarquias sociais existentes, é apenas um dos exemplos desse fenómeno concentracional. Ou seja, a internet não demonstrou, afinal, o seu potencial libertador (Fenton, 2012). Como nos dizem Curran et al. (2012), a internet não mudou o mundo como se imaginava porque, tal como acontece com todas as outras tecnologias antes dela, o seu impacto depende do contexto: "A internet não promoveu um entendimento global da forma que se tinha antecipado porque acabou por refletir as desigualdades, divisões linguísticas, conflitos de valores e interesses do mundo real. A internet não espalhou nem rejuvenesceu a democracia" (Curran et al., p. 2012, p. 180).

Apesar de uma audiência digital crescente, tal não se traduz em rendimento para os produtores de informação, criando novos paradoxos no contexto dos *media*, na medida em que uma pequena quantidade de atores atinge um público extremamente vasto. Em 1965, o volume de negócios dos jornais nos EUA valia 1% do PIB e hoje apenas 0,2% (Cagé, 2016). Poder-se-ia afirmar que se trata de uma evolução do modelo de negócio, tal como acontece em muitas outras áreas. Porém, quando se trata de jornalismo exige-se um olhar mais fino, desde logo porque os meios de comunicação social não podem ser vistos como qualquer outra empresa. "Têm por principal objetivo o fornecimento de um bem público: uma informação de qualidade, livre e independente, indispensável ao debate democrático, e não a maximização do lucro" (Cagé, 2016, p. 112).

Ainda que possamos concordar que, para o futuro do negócio dos *media*, o verdadeiramente importante não deveria ser o suporte, mas sim o conteúdo (Cagé, 2016), não podemos ignorar que a tendência crescente para o consumo de informação digital merece maior e melhor atenção do ponto de vista dos efeitos da comunicação. No caso português, os estudos mais recentes (Aldi et al., 2020) indicam que as redes sociais continuam a crescer como fonte de informação primordial, enquanto as vendas dos meios em papel descem, pondo em causa a sustentabilidade do setor.

Embora alguns estudiosos designem de "mito" a ideia de que os jornais não são lucrativos, sendo mais correto afirmar que dão dinheiro, mas não tanto como antes (Edge, 2014, p. 223), a verdade é que o jornalismo e os jornalistas vivem sob enorme pressão, com tendência crescente para a precarização dos profissionais. Evoluindo para um modelo pós-industrial (mais individualizado e flexível), o digital introduz uma nova lógica mediática (Deuze & Witschge, 2018) e altera a profissão: "Antes organizado em instituições formais, onde trabalhadores contratados produziam conteúdos sob condições estruturadas, hoje a profissão é muito mais precária, fragmentada e em rede" (Deuze, 2017, p. 10).

Todas estas constatações aparentemente paradoxais dão razão à perspectiva de que cada tecnologia da informação traz os seus próprios poderes e os seus próprios medos. E, mais importante, obrigam-nos a refletir sobre como cada novo meio altera a natureza do pensamento humano (Gleick, 2012).

Resumida na célebre máxima *The Medium is the message* estava a ideia de McLuhan (1964) de que os efeitos cognitivos serão diferentes consoante o meio (que depois classifica em frios e quentes, de acordo com o grau de envolvimento dos sentidos).

O que o teórico da comunicação escreveu nos anos de 1960, nomeadamente sobre o facto de os diferentes meios provocarem diferentes efeitos nos utilizadores, era de difícil comprovação na época. No século XXI, o recurso a estudos interdisciplinares, entre neurociências e jornalismo literário, pode ajudar a consolidar conhecimentos nesta área e a preencher algumas lacunas. O canadiano que vislumbrou a internet décadas antes de ser inventada, começou a estudar os *media* por se preocupar com o facto de os alunos não se interessarem por autores como Shakespeare. Queria perceber modelos de pensamento e de gostos. Tal como ele, também esta pesquisa pretende contribuir para encontrar respostas para a forma como o leitor se relaciona com a informação.

Partindo do tema da morte da escrita manual e do nascimento dos jogos de vídeo, Heuer (2016) contribui para a discussão ao analisar as consequências das capacidades sensoriomotoras para estudar a ambivalência de muitas mudanças tecnológicas. Mediu perceções, transformando-as depois em gráficos de correlações, pretendendo observar comportamentos e discutir a relação de causa-efeito entre a escrita manual e a escrita em dispositivos, para concluir que os aspetos negativos de cada utilização podem também ser vistos como positivos, dependendo do enquadramento e da perspectiva.

Se tudo é informação, como poderia advogar Luhmann (1993), nem toda a informação é registada da mesma forma pelo cérebro. Como vimos, questiona-se ainda, por exemplo, até que ponto a transmissão de informação em papel ou em dispositivos tecnológicos pode ter diferentes efeitos neurológicos (Mangen et al., 2013). Se há área em permanente atualização é a da interseção entre jornalismo, leitura e cognição. Uma investigação (Mangen et al., 2013) que observou as consequências da leitura em papel e num monitor permitiu concluir que a leitura em dispositivos eletrónicos leva a uma pior compreensão do que é lido do que quando o suporte é o papel.

Adams (1994) reflete sobre a importância da fisicalidade na compreensão do texto e sobre a importante relação entre gestos e cognição, enquanto Wästlund et al. (2005) discutem o efeito de distração provocado pelo uso do rato e as consequências na memorização de informação quando a leitura acontece a partir de dispositivos. Holmes (2005) nota como McLuhan já entendia que a tecnologia implica especificidades temporais e espaciais a que correspondem diferentes percepções por parte do recetor. Mas recorda igualmente que, ao começar a analisar o uso de meios como o computador, McLuhan afasta-se do discurso inicial de leitores, ouvintes e espetadores em que o meio é a mensagem, para um discurso posterior em que o utilizador é o próprio conteúdo em todos os meios.

Sendo importante, o fator meio é ainda escassamente estudado no que toca aos efeitos cognitivos da leitura, subsistindo muitas dúvidas sobre a forma como o meio pode afetar a compreensão. No entanto, e apesar de algumas contradições, com diversos estudos a apontarem para a vantagem do texto impresso, enquanto outros favorecem o digital, meta-análises como as de Delgado et al. (2018) permitem algumas conclusões sustentadas: quem lê em computador teve piores resultados nos testes escolares do que os leitores de papel; há uma inferioridade dos ecrãs, com mais baixos níveis de compreensão para textos digitais; há uma correlação negativa entre a frequência de leitura digital e a compreensão do texto; *scrolling* pode adicionar uma sobrecarga cognitiva à função da leitura, dificultando a orientação espacial no texto não impresso.

Mesmo admitindo que a exposição ao longo do tempo possa beneficiar da plasticidade do cérebro e vir a sobrepor a conveniência do digital, a evidência científica sugere, para já, o contrário, com a vantagem da leitura em papel a aumentar significativamente em anos recentes, entre 2000 e 2017. Atualmente, tem-se verificado que as preferências por papel

sobre a leitura digital persistem apesar dos avanços tecnológicos e a mera experiência com tecnologia não melhora as capacidades de compreensão dos estudantes, tendo até um efeito prejudicial, pelo que se sugere cautela, por exemplo, quanto à introdução do digital nas salas de aula (Delgado et al., 2018 e Silva, 2019).

Como vimos acima, regista-se um uso cada vez mais individualizado das notícias, realidade que exige um conhecimento também mais individualizado das necessidades dos leitores, como se propõe nesta investigação. Além disso, se as notícias podem ser feitas por robots (Myllyhti, 2017) e passam a ver vistas nas redes sociais, que enriquecem sobretudo grandes plataformas digitais, é legítimo perguntar se o futuro dos jornalistas e do jornalismo enquanto modelo sustentável não estará tanto no jornalismo noticioso como no jornalismo de profundidade. Mas como é que os leitores lidam com a informação?

1.3.5. O PAPEL DAS EMOÇÕES

Sabemos que a leitura é hoje uma prática não só generalizada e massificada, como valorizada em todos os suportes e contextos sociais (Neves, 2015). Embora se desconheça exatamente quando a linguagem foi inventada (Hoffman, 2009), verifica-se que a partilha de narrativas é uma componente crucial do desenvolvimento humano (Nijhof & Willems, 2015) e que contribui para construir pensamento consciente, sendo o primeiro recurso para dar sentido ao que nos rodeia, porque mesmo antes da linguagem e interpretação há atividade narrativa na mente (Abbott, 2015).

Das várias dimensões da leitura (ergonómica, atenção, perceção, cognitiva, emocional, fenomenológica e socio cultural) descritas por autores como Mangen & Van der Weel (2016), procuramos tratar aqui em especial as dimensões cognitivas e emocionais. Das várias etapas do processo (preparação, leitura e efeitos), para este estudo interessam os efeitos da leitura. Conhecem-se algumas correlações entre leitura por prazer e capacidades académicas, mas tem vindo a tornar-se claro também o papel da leitura de ficção na promoção de capacidades pró-sociais e nas emoções, nomeadamente na empatia (Mangen et al., 2018).

Falar de emoções e de jornalismo é, geralmente, motivo de controvérsia. Desde logo pela ênfase dada à objetividade jornalística. Perante a palavra emoção, a maior parte dos repórteres dará dois passos atrás. Não é o jornalista o farol da versão factual dos acontecimentos e da objetividade?

A ideia de uma imprensa criativa e refletora de emoções não é universalmente aceita (Fulton, 2013), por isso aquelas reticências são compreensíveis até um certo ponto, na medida em que têm na sua gênese a defesa do caráter objetivo argumentada pelos produtores de informação noticiosa, mais ainda numa época em que as redes sociais criam novas exigências e formas de consumo de informação (Deuze, 2021) atomizadas. Por isso, importa esclarecer que quando falamos de emoções nesta investigação nos referimos ao efeito emocional que a comunicação tem sobre os seres humanos e não à tentativa de transmitir a realidade de forma mais sensacionalista, suscitando facilmente emoções como o medo, por exemplo. Sobretudo importa referir que se entende que negar a existência de emoções provocadas pelas notícias pode resultar num erro, na medida em que leva a ignorar algumas características do jornalismo que influem na sua receção.

Apesar do caminho que começa a trilhar-se noutras áreas do saber, o ideal de objetividade tem afastado a promoção de estudos sobre emoção e jornalismo, tornando invisível o lado emocional associado à produção de notícias (Wahl-Jorgensen, 2020). No entanto, se nos ativermos nas palavras de Richards (2009, p. 310) quando nos diz que "as notícias são um negócio emocional", rapidamente compreendemos como a dimensão emocional do jornalismo é essencial para perspetivarmos a sua influência.

Se é verdade que não há nada de novo na ideia de emoções nas notícias e se o jornalismo sempre se caracterizou por ser um ambiente carregado de emoção (Becket & Deuze, 2016), também não é menos verdade que as emoções têm sido tradicionalmente um "elefante na sala" dos estudos de jornalismo (Wahl-Jorgensen, 2020, p. 7). O corolário natural dessa aversão tem sido a falta de pesquisas sobre a emoção e o jornalismo (Weber et al., 2015). Assim sendo, importa corrigir o trajeto que tem desviado a atenção deste tema, especialmente crucial numa era digital em que o foco emocional se intensifica (Wahl-Jorgensen, 2020). Até porque, como advoga Wahl-Jorgensen (2020 p. 30), "assim que aprendermos a olhar para as emoções no contexto da produção de notícias (...), iremos encontrá-las em todo o lado".

O jornalismo literário, enquanto produção jornalística que assume e valoriza as emoções como essenciais para chegar à verdade, pode ser um elemento desbloqueador deste afastamento entre emoções e jornalismo. Ou, mais importante ainda, na compreensão de que a objetividade deverá ser entendida mais como um método do que como um fim em si

mesmo, uma vez que as decisões humanas dificilmente serão tomadas exclusivamente de forma racional. Olhando para o caminho já feito pelas neurociências para melhor compreender as emoções, será fácil advogar que o racional está ligado com o emocional (Damásio, 2017). Mas o que são emoções?

São conjuntos de ações involuntárias (por exemplo, respiração) e externas (expressões faciais, etc.) provocadas por estímulos externos, reais ou recordados. Estas ações visam apoiar a homeostasia, por exemplo, reagir a ameaças (com medo ou raiva) ou dando a conhecer um sucesso (com alegria). Quando recordamos acontecimentos também produzimos emoções e sentimentos. (Damásio, 2020, p. 114).

Sendo um dos cientistas que se tem dedicado à compreensão do papel das emoções nas ações humanas, Damásio (2017) entende que os sentimentos ainda não receberam o apreço que merecem como motivadores e que, embora a linguagem, a sociabilidade, o conhecimento e o raciocínio sejam os principais atores da cultura humana, são os sentimentos que motivam essa realização.

Admitindo que a ciência não será suficiente para compreender o humano sem recorrer às artes e humanidades, Damásio defende que o que sentimos é, também, biologia: "Os sentimentos não são uma fabricação independente do cérebro. Resultam de colaboração entre corpo e cérebro, os quais interagem graças a moléculas químicas e vias nervosas" (Damásio, 2017, p. 27).

Em vez de banir os sentimentos da equação, pelo receio de que isso o afaste da objetividade, Damásio integrou-os nas suas pesquisas como forma de compreender o comportamento neurológico dos seres humanos. Do mesmo modo, a emoção fará parte integrante desta pesquisa, na medida em que ajudará a analisar a forma como reagimos ao que lemos e à informação que recebemos. Se as neurociências tendem a abandonar a dicotomia entre emoção e razão, seria de esperar que a investigação na área da Comunicação abra igualmente a porta a essa *sinapse* investigativa.

Independentemente do que se pense sobre o papel das emoções no jornalismo, elas são relevantes para esta tese por serem evocadas quando algo importante está em jogo para o indivíduo. Mais, elas surgem de forma automática e involuntária, gerando sentimentos específicos, assim como efeitos fisiológicos, como o aumento do batimento cardíaco (Moreira & Gamboa, 2016), resultando numa receção não declarada que nos interessa sobremaneira

para o tema em estudo. As emoções são individuais e subjetivas, mas encerram uma verdade relativa ao efeito que os acontecimentos têm sobre as pessoas. É essa verdade que tentaremos registrar com a investigação aqui tratada, através da leitura de textos jornalísticos que possam induzir emoções, tal como acontece quando se presenciam acontecimentos.

Estando ainda incipiente o cruzamento entre o conhecimento das neurociências e do jornalismo, podemos apoiar-nos em estudos focados na literatura, que nos dizem, por exemplo, que a leitura de ficção narrativa pode promover maior retenção de vocabulário por ser mais emocional (Fong & Mar, 2011). Havendo menos espaço para liberdades estilísticas na produção de *hard news*, interessa-nos pensar aqui o jornalismo como análise profunda da realidade, que nos ajuda a contextualizar, a compreender o mundo e a tomar decisões (McNair, 2009). Nesse sentido, podemos aceitar que a escrita jornalística use estratégias da narrativa ficcional em textos noticiosos. Para Fulton (2013) é a estrutura do trabalho jornalístico que permite produzir textos mediáticos criativos. Essa criatividade é mais bem aceite no contexto do jornalismo literário ou de artigos de fundo, porque estes géneros são vistos como tendo menos constrangimentos estruturais, o que resulta em maior latitude de forma para o jornalista.

Sigman (2018) entende a neurociência como uma forma de nos compreendermos – e de comunicarmos. O autor sublinha que uma canção se memoriza mais facilmente por ter uma trama, uma história. Acontecerá o mesmo com o jornalismo literário? O que Sigman (2018, p. 222) nos ensina sobre a forma como o cérebro capta o que vê poderá contribuir para a discussão: "A melhor maneira de recordar é formar uma imagem vívida do objeto nesse local. A imagem deve ser emocionalmente forte".

Se pensarmos que um dos atributos do jornalismo literário é fazer-nos sentir como se estivéssemos lá (Hartsock, 2000), formando imagens no nosso cérebro sobre a história que nos é contada, percebemos que a memória também é um exercício criativo (Sigman, 2018). Até porque um estado emocional forte contribui para que uma experiência fique gravada de forma mais profunda. O jornalismo literário tem a capacidade de usar a informação factual de um modo criativo e envolvente, dando aos leitores detalhe suficiente para criar uma imagem, mas também espaço, através da palavra escrita, para o seu processo imaginativo (Giles & Hitch, 2017).

De acordo com os autores referidos anteriormente, criar uma imagem mental sobre os acontecimentos ajuda a memorizá-los e essa memória é mais retida se for recebida com emoção. Assim, deste estado da arte resulta que pode existir uma relação entre o meio (dispositivo eletrónico ou papel) e a compreensão de um texto, mas também que a imersão da leitura poderá estar correlacionada com a emoção sentida perante o conteúdo, o que imprime especial relevo ao estudo dos efeitos do jornalismo literário nos leitores e à busca de peculiaridades da receção.

CAPÍTULO 2. OPÇÕES METODOLÓGICAS

A investigação para esta tese seguirá uma abordagem metodológica predominantemente quantitativa. Tratando-se de uma tese em Ciências da Comunicação, mas transdisciplinar, recorrendo aos contributos das Neurociências, a abordagem quantitativa foi possibilitada por diferentes técnicas experimentais utilizadas para registo e observação de fenómenos do foro neurológico que impactam diretamente na prossecução dos objetivos e hipóteses de estudo colocadas. Ainda que recorrendo a técnicas de análise comuns às Ciências Sociais, os dados foram também obtidos através de ferramentas das Neurociências.

Os objetivos propostos são os seguintes:

1. Contribuir para a compreensão da receção de textos dos géneros jornalísticos noticioso e de jornalismo literário;
2. Elencar respostas para a forma como o leitor se relaciona com a informação;
3. Explorar e aprofundar o impacto da leitura de diferentes tipos de textos jornalísticos nos mecanismos psicofisiológicos.

Estes objetivos deverão permitir a possível verificação ou infirmação das seguintes hipóteses:

1. Há diferenças na receção de um texto noticioso e de jornalismo literário.
2. A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.
3. A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: Noticioso ou de Jornalismo Literário.

4. A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

Em fase prévia do projeto foi proposto um inquérito por questionário a 476 estudantes universitários. Em seguida, organizou-se um *focus group* para apurar a reação dos leitores a textos de dois géneros jornalísticos, o noticioso e o de jornalismo literário, que permitiu verificar algumas diferenças na receção dos artigos, com participantes na pesquisa para validar os resultados e a própria narrativa textual, através de *member checking* (Creswell & Miller, 2000, p.127).

O estudo experimental foi feito em cooperação com a Universidade Católica Portuguesa de Lisboa e da sua equipa de Ciências da Cognição e da Linguagem, coordenada pelo Professor Doutor Alexandre Castro Caldas, co-orientador desta tese. Esta instituição de Ensino Superior tem vindo a desenvolver uma linha de investigação orientada para as neurociências e a neuropsicologia, nomeadamente para as questões da leitura e do seu impacto neuropsicológico. Por um lado, procuram-se indicadores fisiológicos, como os explicitados em seguida, que possam dar informações sobre as reações a diferentes formas de escrita jornalística. Por outro, usando métodos de análise exploratória através de medidas psicofisiológicas, pretendeu-se desenvolver estudos empíricos que ajudem a compreender os efeitos dos diferentes tipos de leitura nos indivíduos. Ou seja, analisar a receção a textos jornalísticos através das reações psicofisiológicas individuais.

Os procedimentos propostos foram analisados de forma positiva pela Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, como se impõe em investigação experimental. O parecer da Comissão de Ética nº019/2019, de 02 de outubro de 2019, consultável no Anexo 2, valida, assim, as opções metodológicas propostas para esta investigação.

Antes da aplicação ao grupo que compunha a amostra foi realizado um estudo-piloto, junto de um número de sujeitos mais reduzido, com o qual se pretendia verificar se as variáveis escolhidas funcionavam para o objetivo. Garantido esse propósito, foi possível avançar para o estudo global.

Recorrendo a estudos indicativos do nosso funcionamento neuronal e à observação dos efeitos nos indivíduos (por exemplo, batimento cardíaco durante a leitura), pretendemos recolher dados que permitam melhor compreender a temática até aqui explicitada.

Propomos um desenho de estudo quase experimental, prospetivo a partir da análise da receção psicofisiológica de textos jornalísticos por dois grupos, que leram dois artigos com o mesmo conteúdo, mas em estilo diferente (noticioso e jornalismo literário). Para o efeito os voluntários nesta pesquisa responderam a um conjunto de dez questionários e sujeitaram-se a vários procedimentos físicos que, no conjunto, demoraram cerca de uma hora e meia por indivíduo.

Os dados foram recolhidos sob a forma de avaliação individual. Em primeiro lugar foi explicado o estudo aos participantes, após essa explicação genérica, foi dada oportunidade para o esclarecimento de questões e, caso aceitassem participar, leram e assinaram o consentimento informado.

2.1. PARTICIPANTES

Este estudo contou com 60 participantes saudáveis. Trata-se de uma amostra não-probabilística, por conveniência. Os participantes foram aceites de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (1) idade superior a 18 e inferior a 65 anos; (2) sem dor aguda e sem história de dor crónica ou outra condição de dor; (3) ausência de perturbações psiquiátricas, cognitivas e/ou neurológicas. Como critérios de exclusão consideraram-se: (1) analfabetismo; (2) a presença de limitações que pudessem comprometer a realização das tarefas especialmente ao nível da memória (3); utilização de medicação atual para controlo da dor; (4) qualquer condição médica crónica não controlada (ex. diabetes *mellitus* não controlada, doença cardíaca não controlada); (5) gravidez ou amamentação.

Antes da pesquisa foi obtido consentimento escrito informado de todos os participantes (Anexo 7).

Durante o estudo um dos participantes desistiu a meio das tarefas solicitadas, tendo sido posteriormente substituído por outro indivíduo, seguindo os mesmos critérios acima referidos para seleção da amostra.

2.2. QUESTIONÁRIOS DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

O *Clinical Outcome Routine Evaluation - Outcome Measure* (CORE-OM) tem como objetivo medir a saúde mental em adultos. É constituído por 34 itens agrupados nas seguintes dimensões: "Bem-estar subjetivo", "queixas e sintomas", "funcionamento social e interpessoal" e "comportamentos de risco". Os itens são avaliados numa escala de 0 ("Nunca") a 4 ("Sempre" ou "Quase sempre"). Para responder, o participante deve reportar-se à "última semana". A versão portuguesa de Sales et al., 2011 foi a utilizada.

O *Multidimensional Assessment of Interoceptive Awareness* (MAIA) avalia a sensibilidade interoceptiva (capacidade de compreender estados do corpo). Este questionário é constituído por trinta e dois itens, dividido em oito subescalas: "Notar" relacionada com a atenção às mudanças no corpo devido a sensações corporais confortáveis, desconfortáveis e neutras, "Não se Distrair", que avalia a tendência para não ignorar/distrair de sensações de desconforto, "Não se Preocupar", que avalia a tendência para não se inquietar com sensações de desconforto físico, "Regulação Atencional", que avalia a capacidade de sustentar a atenção e controlar as sensações ou processos corporais, "Consciência Emocional", que avalia a capacidade de reconhecer alterações fisiológicas no corpo devido aos estados emocionais, "Autorregulação", que avalia a capacidade de regular o stress negativo através da concentração nas sensações corporais, "Ouvir o Corpo", que avalia uma escuta ativa do corpo e "Confiar", que avalia a capacidade de experienciar o próprio corpo como seguro. Os participantes avaliam cada item numa escala de 0 a 5, em que 0 equivale a "nunca" e 5 a "sempre". A versão portuguesa tem boas qualidades psicométricas e foi a utilizada (Machorrinho, Veiga & Fernandes et al., 2018).

O *Pain Catastrophizing Scale* (PCS) avalia a tendência do indivíduo para catastrofizar em relação à dor (Sullivan et al., 1995). É composto por 13 itens divididos por três dimensões: "ruminação", "magnificação" e "desânimo". A partir de uma escala de 0 a 4, com uma pontuação final que pode variar entre 0 pontos e 52 pontos, os participantes avaliam em que medida os pensamentos, sentimentos ou perceções estão relacionados com a dor. A versão portuguesa tem boas qualidades psicométricas e foi a utilizada (Azevedo, Pereira, Dias, Agualusa, Lemos, Romão, Patto, Vaz-Serra, Abrunhosa, Carvalho, Cativo, Correia, Coucelo, Lopes, Loureiro, Silva & Castro-Lopes, 2007).

A escala *Scale of Self-Consciousness* (Fenigstein et al., 1975) avalia a autoconsciência, através de três escalas: "Consciência pública", "Consciência Privada" e "Ansiedade Social". Apresenta 23 itens que devem ser respondidos numa escala de 0 a 4, em que 0 representa "extremamente incharacterístico" e 4 "extremamente característico". A versão portuguesa de Félix Neto (1986) apresenta boas qualidades psicométricas e foi a utilizada.

2.2.1. AVALIAÇÃO DAS EMOÇÕES

As emoções foram avaliadas através de um questionário denominado "Inventário de Estados Afetivos – Reduzido" (IEA-R), que consiste numa medida multidimensional dos estados afetivos, composta por 19 itens e incluindo cinco escalas, que avaliam "Emoções Negativas", de "Ativação Positiva", de "Autoeficácia", "Pró-Sociais" e de "Serenidade" (Moreira, & Gamboa, 2016).

2.2.2. AVALIAÇÃO COGNITIVA

O teste de Memória de Dígitos (Wechsler, 2008) é uma prova de avaliação neuropsicológica que se divide em duas tarefas (a de ordem direta e a inversa) para medir memória de curto-prazo, concentração e atenção focada. É pedido ao participante que repita, na ordem em que ouviu, uma sequência de dígitos. A tarefa envolve várias sequências que vão aumentando em extensão e, portanto, em grau de dificuldade. Para cada sequência de dígitos há dois ensaios, mas o segundo apenas se realiza caso o participante tenha falhado o primeiro. A prova termina quando o participante falha dois ensaios do mesmo nível. A tarefa de ordem inversa avalia memória de trabalho. Nesta tarefa, o participante tem de repetir a sequência de dígitos, mas agora pela ordem inversa em que os ouviu. Tem igualmente dois ensaios para cada nível de dificuldade, sendo que o segundo só se aplica caso tenha falhado o primeiro. Duas sequências erradas no mesmo nível levam à conclusão da tarefa. Esta prova permite obter classificação para cada uma das tarefas e uma pontuação global.

O Questionário de avaliação do impacto do texto (Quadros 3 a 10) foi construído pelos investigadores do presente estudo, com o objetivo de avaliar a compreensão do texto e a memória dos factos relatos. Pretende-se verificar o que o indivíduo recorda do que leu, se compreendeu o seu conteúdo e a sua perspetiva sobre esse mesmo texto.

O Questionário de comparação (Quadros 11 a 30) entre os textos também foi construído pelos investigadores do presente estudo. Após a recolha de todos os dados, foi pedido ao participante que lesse o outro texto (se havia lido o de Jornalismo literário primeiro leu nessa altura o Noticioso e vice-versa). Após a leitura, foram ainda pedidas opiniões dos participantes sobre os dois textos (Quadros 31 a 43).

2.2.3. AVALIAÇÃO DO SISTEMA NERVOSO AUTÓNOMO (SNA)

Relativamente aos instrumentos para avaliação e monitorização dos batimentos cardíacos, foi utilizado o BITalino, comercializado pela empresa Biosignals Plux, Lisboa (Portugal). Este equipamento permite uma aquisição e visualização de bio sinais em tempo real, possibilitando a aquisição de dados de Eletrocardiografia (ECG) para observar o batimento cardíaco e medidas associadas (Guerreiro, Martins, Silva et al., 2013; Silva, 2015).

2.2.4. TAREFA DE AVALIAÇÃO DO BATIMENTO CARDÍACO (*INTEROCEPTION ACCURACY*)

A precisão interoceptiva foi avaliada através de uma tarefa de deteção do batimento cardíaco (Schandry, 1981). Foi pedido aos participantes que contassem, em silêncio, os próprios batimentos cardíacos em quatro intervalos diferentes de 25, 35 e 45 segundos, apresentados por ordem crescente. No final de cada intervalo foi solicitado que reportassem o número de batimentos cardíacos contados. Utilizou-se um BITalino (Plux Biosignals, Lisboa) de modo a ser possível proceder-se à gravação fisiológica do batimento cardíaco, através da eletrocardiografia. Para se obter o valor da precisão interoceptiva utilizou-se a fórmula: Pontuação da precisão do batimento cardíaco = $1/3 \sum [1 - (\text{batimentos cardíacos gravados} - \text{batimentos cardíacos contados}) / \text{batimentos cardíacos gravados}]$. Pode variar entre 0 e 1, sendo que os valores mais próximos de 1 indicam melhor capacidade para detetar os batimentos cardíacos.

2.2.5. AVALIAÇÃO DA DOR

Os estímulos dolorosos foram aplicados através de um eléctrodo bipolar (da empresa Digitimer, Hertfordshire, Inglaterra) colocado na região ventral do braço esquerdo, junto ao punho. O eléctrodo foi ajustado com gel condutivo e ligado através de um cabo a um estimulador eléctrico (Digitimer, modelo DS7A; Hertfordshire, Inglaterra). O experimentador

desencadeia o estímulo. Estes equipamentos são específicos para investigação na área da dor e comercializados por empresas certificadas na UE, conforme pode ser verificado no manual dos equipamentos.

Familiarização

Inicialmente, os participantes foram sujeitos a estímulos de intensidade crescente para que fossem familiarizados com os procedimentos e a avaliação dos estímulos. Após cada estímulo o participante indicou verbalmente, numa Escala Numérica de Dor, a intensidade da dor que sente, variando de 0, correspondendo a "nada doloroso", até 10, "a pior dor imaginável". A estimulação começa em 10 mA (miliamperes) e aumenta em degraus de 10 mA até que o participante a avalie como 6 em 10. Cada estímulo tem a duração de 200 ms e 10 segundos de intervalo interestímulo.

Estimulação antes e depois da leitura do texto

A intensidade utilizada antes e depois da leitura foi ajustada individualmente através de uma regressão linear, com base nas intensidades relatadas correspondendo ao mínimo (intensidade de estimulação que o participante classificou como 1 na intensidade da dor) e o máximo (a intensidade a que o participante classificou como 6 na intensidade da dor) na sessão de familiarização. A duração da estimulação (200ms) e o intervalo interestímulo foram os mesmos que na fase da familiarização (10s).

Antes e depois da leitura do texto, foram utilizados 6 estímulos com o objetivo de induzir uma avaliação de dor na Escala Numérica de Dor. Esses 6 estímulos não são iguais, tendo diferenças de intensidade muito pequenas (ajustadas individualmente). O objetivo é reduzir a habituação, o que se sabe ser importante na estimulação elétrica. Este protocolo de calibração foi baseado em dois trabalhos anteriormente realizados no nosso laboratório (Canaipa et al., 2016 a; Canaipa et al., 2016 b). Os 6 estímulos foram aplicados antes de depois da leitura dos textos.

2.3. PROCEDIMENTOS

Esta investigação pretende aprofundar o conhecimento interdisciplinar das duas áreas já enunciadas – o jornalismo literário e as neurociências. O principal objetivo do presente estudo

é investigar até que ponto a leitura imersiva de um artigo de jornalismo literário ou de um texto noticioso modulam o processamento emocional, do sistema de dor e do sistema nervoso autónomo, refletindo-se em alterações na receção do texto.

O estudo iniciou-se com recolha de informação de base, com *Questionário sociodemográfico*, que apresenta questões quanto a género, idade e nível educacional, e com os questionários *Clinical Outcome Routine Evaluation - Outcome Measure (CORE-OM)*, *Pain Catastrophizing Scale (PCS)*, *Multidimensional Assessment of Interoceptive Awareness (MAIA)* e *Scale of Self-Consciousness (SCS)*, consultáveis nos Anexos 8.1 a 8.4 e explicitados nos Procedimentos dos Estímulos.

Posteriormente foi realizada a tarefa de Memória de Dígitos e a tarefa do Batimento Cardíaco. Na fase de 5 minutos de repouso desta tarefa foram recolhidas as medidas psicofisiológicas de base registadas através do BITalino. De seguida, iniciou-se a fase de familiarização e calibração do protocolo de dor, finda a qual, foram aplicados os 6 estímulos antes da leitura. Os participantes foram depois convidados a ler um dos textos, período durante o qual se recolheram dados de batimento cardíaco. Aleatoriamente, metade dos participantes leu primeiro o texto de Jornalismo Noticioso (A), que exigia cerca de quatro minutos de leitura, e a outra metade o de Jornalismo Literário (B), que exigia cerca de oito minutos de leitura. Imediatamente a seguir ao sinal de que terminaram a leitura, os 6 estímulos dolorosos foram repetidos de acordo com o protocolo definido e os participantes avaliaram as emoções evocadas pela leitura através do Inventário de Estados Afetivos – Reduzido (IEA-R).

Por fim, completaram o questionário de memória do texto e foram convidados a ler o segundo artigo, A ou B, consoante o que tinham lido em primeiro lugar, para que pudessem estabelecer comparações entre os dois textos no questionário seguinte. Os questionários de compreensão e avaliação dos textos (Anexos 10.1 a 10.3) foram construídos especificamente para esta pesquisa e seguem a lógica da escala de Likert. Optou-se por uma pontuação de 0 a 5 por se entender que deveria captar com mais minúcia as perceções dos sujeitos da amostra em relação ao que tinham acabado de ler. Como nos explica Leung (2011) várias escalas são admissíveis e não há diferenças substanciais entre elas, pelo que a sua utilização deve corresponder aos objetivos e interesses de cada investigação. O Questionário Pós-Leitura (Anexo 10.3), também criado para esta pesquisa, embora já parcialmente usado durante o estudo exploratório realizado com estudantes universitários, contemplava escolhas mais

taxativas entre os textos ("Sim", "Não", Texto A ou B e "Verdadeiro" ou "Falso", por exemplo) e não uma escala.

Durante a leitura foram utilizados os equipamentos de monitorização que permitiram medir vários parâmetros fisiológicos considerados relevantes para o estudo. Na pesquisa aqui relatada, os respondentes leram a mesma informação (uma passagem selecionada e adaptada do texto *Hiroshima*, de John Hersey, a partir da edição portuguesa de 1997 (Edições Antígona), tratada de forma noticiosa e em estilo de jornalismo literário, para depois aferirem as diferenças na receção dos dois tipos de texto. A referida passagem foi transformada em texto noticioso, ou seja, limpa de sensações e interpretações do autor, mantendo-se apenas as descrições factuais.

Baseados no mesmo original, a reportagem *Hiroshima*, de John Hersey, considerado um autor clássico e consagrado de jornalismo literário (Boynnton, 2005; Connery, 1992; Trindade, 2006), utilizaram-se dois textos distintos:

- 1) Um excerto da reportagem de John Hersey (Jornalismo Literário), consultável no Anexo 7.4;
- 2) Uma notícia baseada nesse mesmo texto, consultável no Anexo 7.3.

Para o efeito, procedeu-se à adaptação do original de jornalismo literário (*Hiroshima*, de John Hersey, na edição portuguesa de 1997) para um artigo de género noticioso, feita pela autora da tese. Embora essa adaptação tenha sido suportada na sua experiência de mais de vinte anos enquanto jornalista, considerou-se importante validá-la junto de um repórter experiente e consagrado. A referida validação foi, assim, solicitada a Adelino Gomes. O jornalista considerou que a peça adaptada de jornalismo literário para jornalismo noticioso mantinha o cunho informativo e retinha o essencial dos dados recolhidos, condensando as principais informações da peça original (Anexo 3).

O exercício proposto aos participantes nesta pesquisa teve como objetivo comparar a leitura de artigos de jornalismo noticioso com a leitura de jornalismo literário. Para tal, ambos os textos contêm exatamente a mesma informação factual (por exemplo, o número de mortos ou o número de habitantes, datas e nomes de localidades), variando apenas a forma como a informação é transmitida, bem como a estrutura e qualidade narrativas.

No caso do texto noticioso, obedecendo à regra da pirâmide invertida, começa pela informação mais importante e factual ("a cidade de Hiroshima, com 245 mil habitantes, foi

alvo de um ataque nuclear"), enquanto o texto original, de jornalismo literário, arranca com uma passagem narrativa, descritiva ("um imenso clarão cortou o céu").

Com os resultados da comparação da recepção e efeitos individuais a estes textos pretendeu-se obter uma base de análise sobre a relação dos leitores com os *media*, com especial enfoque no interesse (ou não) por artigos de jornalismo literário por comparação com artigos noticiosos.

Antes da recolha definitiva de dados relativos ao funcionamento neuronal, foi feito um pré-teste que permitiu averiguar se os textos selecionados provocavam efeitos diferentes e validar os estímulos usados.

Correlatos psicofisiológicos da modulação emocional

A reatividade autonómica possui uma grande variedade de processos, sendo também acompanhada por alterações na atividade cardíaca (Fauchon, Pichot, Faillenot et al., 2018). De salientar ainda que as emoções, as cognições e a dor induzem alterações nos controlos autonómicos cardíacos (Fauchon, Pichot, Faillenot et al., 2018). O sistema nervoso autónomo consegue, num curto espaço de tempo, ajustar a circulação de acordo com diversos fatores, sendo um deles as emoções (Guyenet, 2006). Smith, DeVito, & Astley (1990) destacam a região do hipotálamo lateral como a fonte dos corpos celulares responsáveis pelas respostas autonómicas associadas às emoções.

As emoções negativas são conhecidas por induzir mudanças profundas na atividade autonómica, marcadas por uma diminuição na atividade parassimpática e por um aumento das atividades simpáticas, como descrito também em resposta aos estímulos dolorosos (Lane, McRae & Reiman et al., 2009). Níveis elevados de processos corticais, como os emocionais e cognitivos, são acompanhados por mudanças na atividade cardíaca autonómica.

Perceção da Dor

Processos cognitivos e emocionais como a sobrecarga atencional, emoções negativas ou stress mental interagem com a perceção da dor. O contexto em torno da experiência dolorosa influencia essa perceção, sendo que o contexto engloba diversos elementos externos, como

as emoções induzidas, as expectativas ou a interação interpessoal (Craig, 2003, Mehling et al., 2018 e Scheier, Carver & Gibbons, 1979) e social (Eisenberger et al., 2003).

O conceito de dor evoluiu ao longo dos tempos. No passado seguiu-se a visão cartesiana clássica, onde a dor era considerada como um sistema rígido no qual a entrada nociva era passivamente transmitida ao longo dos canais sensoriais para o cérebro. Nos dias de hoje, a dor é conhecida por representar uma experiência multidimensional influenciada por efeitos modulatórios tanto *top-down* (descendente, modulação) como *bottom-up* (ascendente, informação) (Bingele & Tracey, 2008). A dor é uma experiência altamente complexa e subjetiva, que nem sempre está relacionada com o input nociceptivo (a ativação dos estímulos dolorosos) que a gerou. A informação nociceptiva e a consequente percepção da dor estão sujeitas a modulações pro e anti nociceptivas, sendo que estas modulações podem ser iniciadas por manipulações reflexivas ou contextuais da experiência da dor, incluindo fatores emocionais e cognitivos (Murphy et al., 2017, Lumley et al., 2011, Rhudy et al., 2010 e Rhudy & Meagher, 2003). O mais recente entendimento do conceito de dor aceite pela Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP), consultável em <https://www.iasp-pain.org/Education/Content.aspx?ItemNumber=1698#Pain>, define-a assim: "Uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a danos reais ou potenciais nos tecidos corporais ou descrita em termos de tais lesões".

As emoções, quer sejam positivas, negativas ou neutras podem ser induzidas de diversas formas, através de imagens carregadas de emoções (Wied & Verbaten, 2001; Meagher, Arnau, & Rhudy, 2001) de filmes (Zillmann, Wied & Verbaten, King-Jablonski, et al., 1996) de diferentes tipos de música (Tang, Salkovskis, Hodges, et al., 2008), de diferentes odores (Villemure, Slotnick, Bushnell, 2003) e da leitura (Zelman, Howland, Nichols, et al., 1991), sendo que em cada uma delas a emoção contida poderá ser positiva, negativa ou neutra (Wiech & Tracey, 2009). No presente estudo, espera-se que os textos apresentados sejam também capazes de gerar modificações na percepção da dor.

De acordo com a teoria do *priming* motivacional de Lang (1995), a experiência das emoções é determinada por dois sistemas oponentes, o sistema apetitivo que é ativado por estímulos apetitivos e que resulta em emoções positivas, e o sistema defensivo que é ativado por estímulos nocivos ou potencialmente nocivos, resultando em emoções de carácter mais

negativo. Se um destes sistemas motivacionais se ativar, as respostas do sistema ativo irão ser facilitadas. Estudos realizados com base neste modelo mostram que estados positivos reduzem a percepção da dor enquanto que estados negativos aumentam a percepção da dor (Meagher, Arnau, & Rhudy, 2001; Kenntner-Mabiala, & Pauli, 2005). No entanto, em relação aos estímulos negativos os estudos nem sempre evidenciam diminuição da percepção da dor. Tudo parece indicar que nos casos em que a intensidade emocional é muito elevada podem ocorrer fenómenos de analgesia e verificar-se mesmo uma diminuição da percepção da dor. Este tipo de mecanismo parece ser da maior importância em situações de risco de sobrevivência em que dor elevada poderia comprometer a capacidade do indivíduo para escapar à situação (Wiech & Tracey, 2009).

CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Precedendo a apresentação dos resultados, deveremos dar uma nota prévia, respeitante a um procedimento metodológico preliminar, que se destinava a apurar a qualidade da memória dos sujeitos que iriam estar envolvidos na fase experimental. Assim, antes da aplicação dos questionários e da leitura dos textos jornalísticos averiguou-se o estado da memória dos indivíduos da amostra através do teste de Memória de Dígitos (Wechsler, 2008), uma prova de avaliação neuropsicológica que mede a memória de curto-prazo, a concentração e a atenção focada. O teste revelou normalidade nas respostas dos sujeitos, permitindo excluir a hipótese de alguma falha cognitiva que pudesse enviesar os resultados das experiências seguintes.

3.1. ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados recolhidos foram analisados com o *software SPSS Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 27.0 para Windows, SPSS). Foi utilizada estatística descritiva para os dados sociodemográficos e características de base. Os dados são apresentados como médias \pm desvio padrão ou percentagens. Foram realizadas comparações entre grupos (amostras independentes), com base no texto lido. A significância estatística foi definida como $P \leq 0.05$.

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial. O nível de significância

para rejeitar a hipótese nula foi fixado em $\alpha \leq .05$. A normalidade de distribuição foi analisada com o teste de Shapiro-Wilk e a homogeneidade de variâncias com o teste de Levene.

Em todas as variáveis quantitativas foi analisada a normalidade de distribuição. Quando estava satisfeita, usamos testes paramétricos. Quando não estava, usamos testes não paramétricos. Para os testes paramétricos foram usados os testes t de student e para os não paramétricos, Mann-Witney ou Wilcoxon. Assim, para a análise e correlações das variáveis das Emoções e para a Dor foram usados testes não paramétricos. Mas para Batimentos Cardíacos e correlações, optou-se por paramétricos.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Este estudo contou com 60 participantes saudáveis de uma amostra não-probabilística, por conveniência, em que os sujeitos foram incluídos de acordo com os seguintes critérios de inclusão: idade superior a 18 e inferior a 65 anos; sem dor aguda e sem história de dor crónica ou outra condição de dor; ausência de perturbações psiquiátricas, cognitivas e/ou neurológicas. E com critérios de exclusão: analfabetismo; presença de limitações que pudessem comprometer a realização das tarefas, especialmente ao nível da memória; utilização de medicação atual para controlo da dor; qualquer condição médica crónica não controlada (ex: diabetes *mellitus* não controlada, doença cardíaca não controlada); gravidez ou amamentação.

Antes do estudo foi obtido consentimento informado escrito de todos os participantes.

Durante a recolha de dados um dos participantes desistiu a meio das tarefas solicitadas, tendo sido posteriormente substituído por outro indivíduo, seguindo os mesmos critérios para a amostra acima referidos.

De referir que a escala SCS (*Scale of Self-Consciousness*), consultável no Anexo 8.4, embora tendo sido aplicada e os seus dados analisados, não revelou resultados estatisticamente significativos em nenhum dos parâmetros nem correlações avaliadas, pelo que não constará na análise de resultados.

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica

	Total		Texto A		Texto B		Sig.
	N	%	N	%	N	%	
Género							.437
Feminino	33	55,0	14	48,3	19	61,3	
Masculino	27	45,0	15	51,7	12	38,7	
Escolaridade							.673
12º ano	7	11,7	5	17,2	2	6,5	
Licenciatura	29	48,3	13	44,8	16	51,6	
Pós-Graduação	4	6,7	3	10,3	1	3,2	
Mestrado	13	21,7	6	20,7	7	22,6	
Doutoramento	4	6,7	1	3,4	3	9,7	
Bacharelato	1	1,7	0	0,0	1	3,2	
Pós-Doutoramento	2	3,3	1	3,4	1	3,2	
Idade	34,0	12,3	33,00	12,26	35,52	12,41	.238

Fonte: Elaboração própria

Neste estudo, a amostra é composta por 60 participantes, sendo 33 (55%) do sexo feminino e 27 (45%) do sexo masculino. Participaram indivíduos saudáveis de ambos os géneros, dos quais 29 leram o texto A em primeiro lugar e 31 leram o texto B em primeiro lugar. Quanto à idade temos participantes dos 19 anos, 1 participante (1,7%) aos 60 anos, (1,7%), sendo a média de 34,30 anos (sd. 12,304) e a moda 23 anos. Relativamente às habilitações académicas, a maioria é licenciada (48,3%). Todos os participantes possuem no mínimo o 12º ano. Há 7 participantes (11,7%) com o 12º ano, 29 (48,3%) com Licenciatura, 13 (21,7%) com Mestrado, 4 (6,7%) com Doutoramento, 1 (1,7%) com bacharelato, 4 (6,7%) com Pós-Graduação e 2 (3,3%) com Pós-Doutoramento. Os grupos eram equivalentes em termos de idade, género e habilitações académicas, não havendo diferenças significativas entre os grupos nestas variáveis.

Quanto às profissões, há grande variedade de atividades, desde arqueólogos, bancários, psicólogos, gestores, arquitetos, engenheiros, professores, jornalistas, geólogos, juristas, tradutores, fisioterapeutas, mecânicos, educadores de infância ou contabilistas, sendo em maior número os estudantes (13), que representam 21% da amostra.

3.3. EMOÇÕES E CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

3.3.1. INTENSIDADE

Os valores das médias das emoções sentidas agrupadas em cada uma das subescalas do IEA-R (Inventário de Estados Afetivos – Reduzido) pelos participantes antes e depois da leitura dos textos encontram-se na Tabela 1.

Como esperado, antes da leitura do texto os dois grupos apresentam níveis emocionais semelhantes ($p > .05$). Não se encontraram diferenças significativas antes da leitura, em qualquer uma das subescalas do IEA-R, entre os grupos que leram o texto A (Noticioso) e o Texto B (Jornalismo Literário), indicando que os dois grupos eram idênticos, como pretendido. Depois da leitura verificou-se que houve maior intensidade nas emoções de "Autoeficácia" no texto Noticioso (Tabela 1). Encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa nestas emoções, sendo que o grupo que leu o texto nesse formato apresenta valores mais elevados, $MU = 239.000$, $p = .002$.

Tabela 2 – Comparação por subescalas de emoções entre Géneros Jornalísticos

	Notícia		Literário		Sig.
	M	DP	M	DP	
Antes da leitura					
Emoções negativas	1,27	,36	1,20	,38	,738
Emoções ativação positiva	1,95	,83	1,85	,84	,177
Emoções autoeficácia	3,78	,49	3,30	,59	,177
Emoções pró sociais	3,65	,57	3,50	,70	,301
Emoções de serenidade	3,78	,81	3,58	,83	,970
Depois da leitura					
Emoções negativas	1,51	,70	1,46	,66	,229
Emoções ativação positiva	1,91	,95	1,81	,84	,451
Emoções autoeficácia	3,69	,68	3,38	,82	,002**
Emoções pró sociais	3,46	,65	3,34	,83	,424
Emoções de serenidade	3,77	,94	3,35	,95	,316
Diferença					
Emoções negativas	,24	,67	,26	,58	,715
Emoções ativação positiva	-,03	,45	-,03	,37	,975
Emoções autoeficácia	-,09	,49	,08	,51	,199
Emoções pró sociais	-,19	,34	-,16	,43	,527
Emoções de serenidade	-,01	,63	-,23	,89	,619

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Fonte: Elaboração própria

Posteriormente, foi realizada a análise das diferenças na intensidade das emoções antes e depois da leitura, em cada um dos grupos separadamente, através de um teste não paramétrico (Wilcoxon) para amostras emparelhadas (Tabela 2).

A Tabela 3 indica-nos as emoções sentidas antes e depois da leitura dentro dos géneros jornalísticos e não entre géneros. Ou seja, que emoções sentiam os indivíduos antes de qualquer leitura e depois do texto Noticioso, assim como do texto de Jornalismo Literário.

Tabela 3 – Subescalas emoções Antes e Depois da Leitura por Género Jornalístico

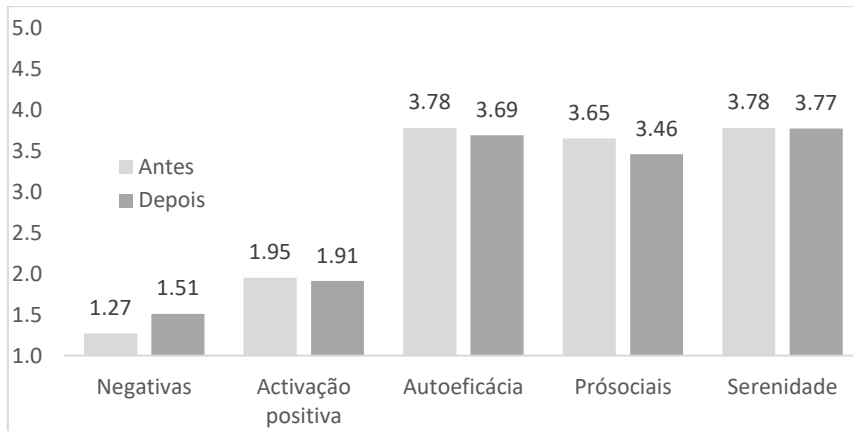
	Antes da leitura		Depois da leitura		Sig.
	M	DP	M	DP	
Notícia					
Emoções negativas	1,27	,36	1,51	,70	.001***
Emoções ativação positiva	1,95	,83	1,91	,95	.610
Emoções autoeficácia	3,78	,49	3,69	,68	.001***
Emoções pró sociais	3,65	,57	3,46	,65	.050*
Emoções de serenidade	3,78	,81	3,77	,94	,860
Literário					
Emoções negativas	1,20	,38	1,46	,66	.001***
Emoções ativação positiva	1,85	,84	1,81	,84	,257
Emoções autoeficácia	3,30	,59	3,38	,82	.001***
Emoções pró sociais	3,50	,70	3,34	,83	,050*
Emoções de serenidade	3,58	,83	3,35	,95	,220

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Fonte: *Elaboração própria*

No que diz respeito ao grupo sujeito ao texto Noticioso (A) verificaram-se diferenças significativas na intensidade das emoções antes e depois da leitura nas subescalas do IEA-R Emoções "Negativas" e "Pró-Sociais", indicando que neste grupo houve um aumento significativo da intensidade deste tipo de emoções após a leitura (figura 5). No que diz respeito especificamente ao texto de Jornalismo Literário (B), a mesma análise indicou igualmente diferenças significativas antes e depois da leitura nas subescalas de emoções "Negativas" e "Pró-Sociais" (figura 6).

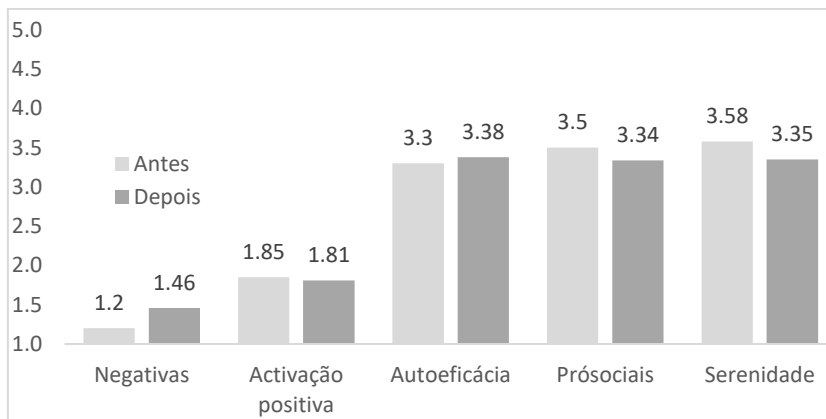
Figura 5 – Texto Noticioso



Fonte: Elaboração própria

No que se refere às emoções de "Autoeficácia", estas diminuíram significativamente no grupo sujeito ao texto Noticioso (A) e aumentaram significativamente no grupo sujeito ao texto de Jornalismo Literário (B).

Figura 6 – Texto Jornalismo Literário



Fonte: Elaboração própria

Para analisar a presença de diferenças significativas entre os textos que induziram alterações na intensidade das emoções foram calculadas novas variáveis, os deltas, que corresponderam à diferença entre o valor de cada uma das subescalas ("Emoções Negativas", "Pró-sociais", etc.) do IEA-R após a leitura do texto e ao valor de cada uma das subescalas antes da leitura.

O objetivo foi identificar as diferenças de efeito emocional comparativamente aos dois tipos de texto e saber qual dos estilos tem impacto em cada uma das emoções.

Deste modo foi possível verificar a presença ou não de diferenças na capacidade de cada texto modificar a intensidade da experiência emocional. O teste não paramétrico (U de Mann-Whitney) mostrou que não se encontraram diferenças significativas entre os textos em nenhuma das subescalas do IEA-R, o que sugere que ambos os textos modificam a intensidade da experiência emocional nas diferentes subescalas de forma semelhante.

3.3.2. IDADE

A análise das correlações entre os resultados das subescalas do IEA-R depois da leitura dos textos demonstrou a presença de correlações significativas entre a idade e as subescalas de emoções de "Autoeficácia" e a de emoções "Prós-sociais" em ambos os textos (Noticioso e de Jornalismo Literário). O coeficiente positivo indica que quanto mais velhos os sujeitos, maior o valor nestas duas subescalas.

A análise por emoções individuais depois da leitura do texto A (Noticioso) indica-nos que há correlação entre a idade e o aumento da pontuação nas emoções "Amável" ($r=0,386$, $p=0,039$), "Competente" ($r=0,511$, $p=0,005$), "Atencioso" ($r=0,478$, $p=0,009$), "Calmo" ($r=0,429$, $p=0,020$), e "Tranquilo" ($r=0,447$, $p=0,015$). Ou seja, quanto mais velhos os sujeitos, mais intensas as emoções "Amável", "Competente", "Atencioso", "Calmo" e "Tranquilo", após a leitura do texto Noticioso.

No texto de Jornalismo Literário (B), a idade correlaciona-se positivamente com as emoções "Determinado" ($r=0,422$, $p=0,018$), e "Ousado" ($r=0,383$, $p=0,034$), e negativamente com a emoção "Atrevido" ($r= -0,406$, $p=0,024$).

A análise das correlações das diferenças entre antes e depois da leitura (deltas) e a idade evidenciou uma correlação positiva entre a idade e a subescala de emoções de "Serenidade" ($r=0,420$, $p=0,023$). Isto significa que quanto mais velhos, maior a variação entre o antes e o depois da leitura do texto Noticioso (A) na serenidade dos sujeitos.

A análise da correlação entre a idade e os deltas das emoções individuais mostra ainda que no texto A (Noticioso) se encontram correlações positivas entre a idade e as variações nas

emoções "Calmo" ($r=0,524$, $p=0,004$) e "Tranquilo" ($r=0,588$, $p=0,001$). Ou seja, os indivíduos mais velhos alteram mais a sua pontuação nestas escalas entre o antes e o depois da leitura.

No texto B (Jornalismo Literário) encontra-se uma correlação negativa entre a idade e as variações na emoção "Atrevido". Ou seja, quanto mais velhos os indivíduos, menores as modificações na emoção "Atrevido" ($r= -0,406$, $p=0,024$).

Os resultados relatados sugerem que, no geral, são os indivíduos mais velhos que se modificam mais com a leitura dos textos.

No texto Noticioso (A), encontramos correlação entre a escolaridade e as subescalas de emoções "Pró-sociais" ($r= 0,472$, $p=0,010$): quanto maior a escolaridade, maior a intensidade de emoções "Pró-sociais" após a leitura. Também se verificam correlações positivas com as emoções individuais "Amável" ($r=0,387$, $p=0,038$) e "Atencioso" ($r= 0,407$, $p=0,029$) após a leitura do texto. Ou seja, quanto mais escolarizados, maior a intensidade das emoções "Amável" e "Atencioso" após a leitura do texto Noticioso (A).

Não se encontraram correlações significativas entre anos de escolaridade e deltas no texto A (Noticioso).

No texto de Jornalismo Literário (B), na análise entre os anos de escolaridade e as variações nas emoções entre antes e depois da leitura (deltas), verificou-se uma correlação negativa entre os anos de escolaridade e a amplitude da diferença na subescala de "Emoções de Ativação Positiva" ($r= -0,361$, $p=0,046$). Isto é, quanto maior a escolaridade, menor a modificação que os indivíduos sentiram nestas emoções. A análise das emoções individuais indicou ainda correlação entre os anos de escolaridade e a emoção "Ardente" ($r= -0,471$, $p=0,008$). Ou seja, quanto maior a escolaridade, menor a diferença nesta variável, indicando que a emoção "Ardente" é menos passível de mudança quando há mais escolaridade.

3.3.3. GÉNERO

Quanto à correlação entre o género e as alterações nas emoções induzidas pela leitura dos textos, verificámos a ausência de correlações, quer no texto A (Noticioso) quer no texto B (Jornalismo Literário). Isto indica que o método utilizado não revelou a presença de diferenças de género no impacto emocional da leitura dos textos.

3.4. CORRELAÇÃO EMOÇÕES E CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

Assim, depois de analisadas as correlações entre as emoções e as características demográficas, constata-se que:

- 1) Quanto mais velho e mais escolarizado o sujeito, maior a alteração nas emoções "Amável", "Competente", "Atencioso", "Calmo" e "Tranquilo" depois de ler o texto Noticioso (A);
- 2) Quanto mais velho e mais escolarizado o sujeito, maior a alteração nas emoções "Determinado" e "Ousado" depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B);
- 3) Quanto mais velho o sujeito, menor a modificação na emoção "Atrevido" depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B);
- 4) Quanto mais escolarizados os indivíduos, menos se modificam as emoções de "Ativação Positiva" depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B);
- 5) Quanto mais escolarizados os indivíduos, menor a modificação da emoção "Ardente" após a leitura do texto de Jornalismo Literário (B);
- 6) Não foram encontradas correlações entre o Género e as modificações emocionais após a leitura de nenhum dos textos.

3.4.1. CORRELAÇÕES EMOÇÕES (IEA-R) E CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS INDIVIDUAIS

Usando testes não paramétricos para amostras independentes, procuramos analisar diferenças nas características psicológicas de base nos grupos, através dos questionários utilizados (CORE-OM e MAIA). Verificou-se que não há diferenças significativas entre os grupos em termos das características psicológicas individuais avaliadas.

Com estes questionários pretendemos averiguar se certas emoções são mais passíveis de modificação depois da leitura dos textos, tendo em conta dimensões individuais. Além disso, importa também verificar se ajudam a explicar diferenças nas modificações emocionais induzidas pela leitura dos textos. Desta forma, procuramos saber se as características psicológicas individuais têm relação com a amplitude da reação emocional aos diferentes textos. Para obter a resposta verificamos a existência de correlações entre as características

individuais registadas através dos questionários de avaliação das características psicológicas (Core-Om e MAIA) e os Deltas emocionais obtidos com o IEA-R.

3.4.2. CORE-OM

Nos indivíduos que leram o texto Noticioso (A) encontramos correlação negativa significativa entre os Deltas da subescala das emoções de "Autoeficácia" e de "Bem-estar Emocional Subjetivo" dos indivíduos ($r=-0,548$, $p=0,002$) e a pontuação total da escala CORE-OM ($r=-0,383$, $p=0,040$). Pontuações mais elevadas na escala de "Bem-estar Subjetivo" indicam piores níveis de bem-estar. Assim, quanto pior o bem-estar dos indivíduos e maior a pontuação total nos itens da escala, menores são as modificações ocorridas nas emoções de "Autoeficácia" entre o antes e o depois da leitura.

Isto sugere que os indivíduos que consideram ter menor equilíbrio emocional são também menos suscetíveis ao impacto emocional do texto Noticioso (A).

Nos indivíduos que leram o texto de Jornalismo Literário (B), a análise das correlações entre a escala de CORE-OM e os deltas das subescalas das emoções do IEA-R indicou a presença de correlações negativas significativas entre os deltas. Constatou-se essa diferença nas subescalas de emoções "Pró-sociais" e de "Serenidade" com a pontuação total ($r=-0,408$, $p=0,023$; $r=-0,426$, $p=0,017$), bem como com todas as sub-escalas do CORE-OM: "Bem Estar Subjetivo" ($r=-0,511$, $p=0,003$; $r=-0,498$, $p=0,004$), "Queixas e sintomas" ($r=-0,379$, $p=0,036$; $r=-0,381$, $p=0,035$) e "Funcionamento Social e Pessoal" ($r=-0,382$, $p=0,034$; $r=-0,383$, $p=0,034$). A exceção foram os "Comportamentos de Risco", onde não foram encontradas correlações.

Assim, quanto maior a pontuação nas subescalas do CORE-OM, que refletem níveis mais elevados de sintomas e queixas psicológicas, menores as modificações ocorridas nas emoções "Pró-sociais" e de "Serenidade" depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

3.4.3. QUESTIONÁRIO MAIA

Nos indivíduos que leram o texto Noticioso (A), a análise de correlações entre os deltas das subescalas de emoções do IEA-R e as subescalas do questionário MAIA indicou a presença de correlações entre o delta da subescala de "Emoções Negativas", a escala "Notar" ($r=-0,494$, $p=0,007$) e a escala "Não se preocupar" ($r=0,403$, $p=0,030$). Estas correlações sugerem que quanto maior é a capacidade dos indivíduos para detectarem alterações nos seus estados

emocionais, maior a modificação que o texto Noticioso provoca nas emoções negativas. Do mesmo modo, aqueles que se sentem menos perturbados e preocupados com os estados do corpo revelam maiores variações nas emoções negativas.

Encontram-se ainda correlações entre os deltas da subescala de "Serenidade", as subescalas "Confiar" ($r=0,470$, $p=0,010$) e "Autorregulação" ($r=0,374$, $p=0,046$) do questionário MAIA. Tal sugere que quanto maior a capacidade do indivíduo para confiar e regular os seus estados corporais, maior a variação sentida após a leitura do texto Noticioso (A) na emoção "Serenidade".

Por fim, encontra-se ainda uma correlação entre os deltas das emoções "Pró-sociais" e a subescala de "Autorregulação" ($r=0,388$, $p=0,037$), bem como entre os deltas da "Autoeficácia" e a subescala "Confiar" ($r=0,478$, $p=0,009$). Tal indica que quanto maiores as modificações nas emoções "Pró-sociais", maior a capacidade de autorregulação do indivíduo e quanto maiores as modificações nas emoções de "Autoeficácia", maior a capacidade para confiar nos seus estados corporais.

No que diz respeito ao impacto do texto B (Jornalismo Literário), verificamos que se encontram apenas correlações entre os deltas da subescala de "Serenidade", as subescalas de "Regulação Atencional" ($r=0,356$, $p=0,049$), de "Consciência Emocional" ($r=0,436$, $p=0,014$) e de "Autorregulação" ($r=0,424$, $p=0,018$). Estas correlações indicam que a leitura do texto de Jornalismo Literário (B) induz mais modificações nas emoções de serenidade em indivíduos que revelam boas capacidades de se manterem atentos a estímulos, que têm maior consciência emocional e melhor capacidade de regular os seus estados emocionais, mesmo que negativos.

Assim, depois de analisadas as correlações entre as Emoções e as Características Psicológicas Individuais, constata-se que:

- 1) As pessoas mais vulneráveis (estados psicológicos CORE-OM) revelam menor impacto emocional com a leitura do texto de jornalismo literário (B);
- 2) As pessoas com maior consciência dos estados corporais, da sua ligação com as emoções, e com maior capacidade de regulação emocional e atencional (MAIA), tendem a modificar

mais a sua experiência emocional depois da leitura dos textos, quer seja o Noticioso (A) ou o de Jornalismo Literário (B).

3.5. DOR

Nas questões de dor, 32 participantes (53,3%) admitem ter sentido dor na última semana e 28 participantes (46,7%) afirmam não ter sentido qualquer dor na última semana (Anexo 4.1). Uma observação mais detalhada levou-nos a excluir para a análise destas variáveis os participantes que tinham relatado níveis de dor superiores a 4 na semana anterior. Cinco indivíduos referiram ter sentido dor superior a 4, pelo que foram eliminados para o efeito específico desta análise. Deste modo, suprimiram-se níveis recentes de dor moderada ou intensa que pudessem ter impacto na perceção dos estímulos induzidos na tarefa experimental, evitando, assim, a contaminação e enviesamento dos resultados.

Pelo facto de a experiência de dor ser subjetiva e complexa, a metodologia aplicada e já descrita em secção anterior, teve como objetivo calibrar os estímulos para a sensibilidade individual dos participantes. Verificamos que, tal como pretendido, antes da aplicação dos estímulos não se encontraram diferenças significativas entre os grupos que leram o texto A (Noticioso) e o texto B (Jornalismo Literário). Após a leitura dos artigos, a média da intensidade de dor sentida em qualquer um dos 6 estímulos aplicados também não foi diferente entre os grupos que leram o texto A e o texto B.

A análise mais específica dos deltas, que resulta do cálculo da média da pontuação de dor antes e depois da leitura, poderia evidenciar as diferenças entre o antes e o depois da leitura, mas, neste caso, o teste estatístico de comparação das médias dos deltas entre o grupo que leu o texto A (Noticioso) e o grupo que leu o texto B (Jornalismo Literário) não identificou a presença de diferenças significativas. Isto indica que a amplitude da mudança de perceção entre o antes e o depois da leitura não foi diferente para quem leu o texto A (Noticioso) e quem leu o texto B (Jornalismo Literário). Assim, os textos modificaram com intensidade semelhante a perceção dos estímulos de dor.

Tabela 4 – Comparação por grupos: estimulação elétrica

	Notícia		Literário		Sig.
	M	DP	M	DP	
Antes da leitura					
Estímulo intensidade 1	1,6	1,6	1,6	1,9	,701
Estímulo intensidade 2	2,4	1,7	2,7	2,0	,783
Estímulo intensidade 3	3,1	1,5	3,5	1,4	,296
Estímulo intensidade 4	4,7	1,2	4,9	1,6	,815
Estímulo intensidade 5	5,0	1,4	4,9	1,4	,986
Estímulo intensidade 6	4,8	1,3	4,6	1,4	,479
Depois da leitura					
Estímulo intensidade 1	1,8	1,9	1,9	1,8	,854
Estímulo intensidade 2	2,5	2,0	2,5	1,9	,925
Estímulo intensidade 3	3,2	1,8	3,1	1,8	,784
Estímulo intensidade 4	4,6	1,8	4,4	1,8	,687
Estímulo intensidade 5	4,8	1,6	4,6	1,3	,797
Estímulo intensidade 6	5,0	1,6	4,7	1,4	,573

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Fonte: *Elaboração Própria*

De seguida, analisaram-se as diferenças na perceção de dor dentro de cada grupo. A análise das médias da intensidade de dor reportada pelos participantes numa escala de 0-10, antes e depois da leitura de cada um dos textos separadamente, realizada através de um teste não paramétrico para amostras emparelhadas, permitiu-nos verificar a tendência para um aumento da dor após a leitura do texto A (Noticioso), com algumas exceções nos estímulos de intensidade intermédia.

Já no que diz respeito ao texto B (Jornalismo Literário), identifica-se uma tendência para uma diminuição das médias de dor, que atinge mesmo diferenças estatisticamente significativas no estímulo 4 ($Z=-2,214$, $p=0,027$), sugerindo a presença de uma resposta analgésica. Apesar de apenas uma das diferenças ser significativa, dada a natureza pioneira e experimental deste trabalho, é possível admitir que os textos poderão, pela sua natureza e conteúdo, ter impactos distintos na variável psicofisiológica em estudo.

Tabela 5 – Evolução: estimulação elétrica

	Antes da leitura		Depois da leitura		Sig.
	M	DP	M	DP	
Notícia					
Estímulo intensidade 1	1,6	1,6	1,8	1,9	,132
Estímulo intensidade 2	2,4	1,7	2,5	2,0	,537
Estímulo intensidade 3	3,1	1,5	3,2	1,8	,599
Estímulo intensidade 4	4,7	1,2	4,6	1,8	,859
Estímulo intensidade 5	5,0	1,4	4,8	1,6	,166
Estímulo intensidade 6	4,8	1,3	5,0	1,6	,166
Jornalismo Literário					
Estímulo intensidade 1	1,7	1,9	1,9	1,8	,341
Estímulo intensidade 2	2,7	2,0	2,5	1,9	,483
Estímulo intensidade 3	3,5	1,4	3,1	1,8	,107
Estímulo intensidade 4	4,9	1,6	4,4	1,8	,027
Estímulo intensidade 5	4,9	1,4	4,6	1,3	,276
Estímulo intensidade 6	4,6	1,4	4,7	1,4	,621

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Fonte: *Elaboração Própria*

3.5.1. DOR E EMOÇÕES

De seguida estudou-se a relação entre as modificações nas emoções e as alterações na percepção da dor. A leitura do texto A (Noticioso) evidencia correlações positivas entre o aumento das mudanças nas "Emoções Negativas" ($r = 0,468$, $p = 0,016$) e "Pró-sociais" ($r = 0,407$, $p = 0,039$) e um aumento das diferenças entre o antes e o depois da leitura nos estímulos 2 e 6, respetivamente. Ou seja, quanto mais o texto A (Noticioso) modifica as emoções negativas e menos modifica as "Pró-sociais", mais se altera a percepção de dor.

Em relação ao texto B (Jornalismo Literário), há correlações negativas entre as variações nas subescalas de emoções "Pró-sociais" e as diferenças entre o antes e depois dos estímulos de intensidade 2 ($r = -0,498$, $p = 0,006$) e entre a subescala de "Serenidade" e as variações na percepção da dor no estímulo 5 ($r = -0,477$, $p = 0,009$) e 6 ($r = -0,444$, $p = 0,016$). Ou seja, quanto mais o texto B (Jornalismo Literário) modifica as emoções "Pró-sociais" e as emoções de "Serenidade", menor a modificação na percepção da dor, querendo isso dizer que a diferença entre a dor antes e depois da leitura é menor.

3.5.2. DOR E CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS INDIVIDUAIS

No que toca às características psicológicas individuais, o resultado das correlações entre a escala PCS (Capacidade de Catastrofização) e os deltas demonstrou que, para o texto Noticioso (A), quanto maiores as pontuações na subescala de "Ruminação", isto é, quanto mais o indivíduo se centra nas características negativas das situações, maiores as modificações na perceção do estímulo 3 (delta intensidade 3) ($r=0,389$, $p=0,050$). E quanto maior a pontuação na subescala de "Desamparo", isto é, quanto mais vulnerável o indivíduo se sente, maior o delta do estímulo 6 ($r=0,547$, $p=0,004$) e maiores as diferenças entre o antes e o depois da leitura nos estímulos de dor.

Para o texto B (Jornalismo Literário), as correlações são negativas, sugerindo que quanto maior a pontuação na subescala de "Desamparo", menor a amplitude das diferenças na perceção da dor entre o antes e depois da leitura (delta) dos estímulos 1 ($r=-0,379$, $p=0,043$) e 4 ($r=-0,393$, $p=0,035$).

Estes resultados sugerem que características como o "Desamparo" se relacionam com um aumento das diferenças na perceção dos estímulos dolorosos no texto Noticioso (A) e com uma diminuição das diferenças no texto de Jornalismo Literário (B), que parece provocar, tendencialmente, analgesia.

3.5.3. CORRELAÇÃO DOR, BEM-ESTAR EMOCIONAL E LEITURA DOS TEXTOS

3.5.3.1. CORE-OM

Os dados recolhidos permitiram-nos ainda verificar correlações entre a perceção de dor, o bem estar emocional e a leitura dos textos. Assim, o Delta do 6 no texto A (Noticioso) correlaciona-se com os totais dos itens de risco ($r= 0,449$, $p=0,021$). Isto significa que quanto mais os sujeitos mudam a sensibilidade à dor antes e depois da leitura, maiores as pontuações na subescala de risco psicológico para si próprios e para os outros.

No caso do texto de Jornalismo Literário (B), os Deltas de estimulação 5 correlacionam-se negativamente com o total da subescala de "Risco" ($r=-0,496$, $p=0,006$). Ou seja, quanto maior a pontuação de sintomas de risco, menor a modificação da dor reportada. Isto significa que, perante um texto de Jornalismo Literário, os indivíduos com maior risco de provocarem dano

a si próprias ou aos outros ficam com menos sensibilidade à dor. Possivelmente, para pessoas mais vulneráveis, os textos poderão ter um maior impacto emocional.

3.5.3.2. MAIA

A análise das correlações entre a Escala MAIA e as variações na percepção de dor no texto A (Noticioso) indicou que quanto maior a pontuação na subescala de "Consciência Emocional" MAIA, maior a diferença nos deltas do estímulo 1 ($r=0,426$, $p=0,030$). Ou seja, quanto mais consciência emocional têm os indivíduos, maior a mudança na percepção da dor.

As correlações entre a pontuação MAIA e as variações entre os deltas, o antes e depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B), demonstraram correlações negativas entre a subescala de "Regulação Atencional" e o delta do estímulo 2 ($r=-0,406$, $p=0,029$) e entre a "Consciência Emocional" e o delta do estímulo 4 ($r=-0,499$, $p=0,006$). Estes resultados apontam para que uma maior regulação atencional e consciência do corpo se associe a uma maior capacidade de evitar modificações na percepção da dor depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

Por fim, não se verificaram correlações significativas entre os resultados da Escala de Consciência de Si Próprio e as variações na percepção da dor, o que indica que esta característica não parece contribuir para modificações na percepção de estímulos dolorosos.

Assim, depois de analisadas as correlações entre as Emoções, a percepção de Dor, os Batimentos Cardíacos e as Características Psicológicas Individuais, constata-se que:

- 1) A sujeição dos indivíduos a estímulos de dor (estímulos negativos) após a leitura de material emocional pode resultar tanto num aumento como num decréscimo da dor reportada;
- 2) Para os indivíduos com menor estabilidade emocional, há menos modificação das reações fisiológicas e emocionais com a leitura do texto de Jornalismo Literário (B);
- 3) O impacto dos textos depende da maior ou menor estabilidade emocional dos indivíduos;
- 4) A forma e estilo de escrita de um texto produz diferentes efeitos psicofisiológicos, nomeadamente na variável dor.

3.6. BATIMENTOS CARDÍACOS

O registo do batimento cardíaco dos participantes foi obtido antes (em repouso, sem qualquer tarefa) e durante a leitura dos textos. Em cada um desses casos, o registo dos batimentos foi obtido durante um minuto e meio, com um intervalo de 90 segundos.

A análise da comparação entre a linha de base e os batimentos durante a leitura dos textos através de um teste de t para amostras emparelhadas mostra que para o texto A (Noticioso) não se encontraram diferenças significativas entre os batimentos antes e durante a leitura ($t(28)=0,598$; $p=0,555$). Já no que diz respeito ao texto B (Jornalismo Literário) verificámos que há diferenças significativas entre os batimentos antes e durante a leitura ($t(30)=2,067$; $p=0,047$). Tal significa que os participantes evidenciaram significativamente menos batimentos cardíacos durante a leitura do que quando tinham sido avaliados em repouso.

Tal como para as restantes variáveis em estudo, criaram-se novas variáveis que correspondem à diferença entre os batimentos cardíacos antes e durante a leitura. Analisaram-se, assim, as correlações entre esta diferença (delta) nos batimentos com as restantes variáveis em estudo, como as diferenças na perceção da dor e emoções (deltas da dor e emoções) e as características individuais medidas através dos questionários anteriormente mencionados.

Verificaram-se correlações negativas significativas entre os deltas dos batimentos e os deltas da dor para o estímulo de intensidade 1 ($r=-0,356$, $p=0,050$) e o estímulo de intensidade 6 ($r=-0,476$, $p=0,007$). Mas apenas para quem leu o texto B (Jornalismo Literário). Isto sugere que quanto maior a diferença nos batimentos, menor a diferença sentida na perceção da dor.

Verificou-se a ausência de correlações entre a diferença dos batimentos cardíacos e as modificações na experiência emocional (deltas das emoções), o que poderá indicar que não terão sido as mudanças nas emoções avaliadas a estar na base das alterações nos batimentos cardíacos em qualquer um dos textos.

Também não se identificaram diferenças na pontuação de escala total ou subescalas do CORE-OM, MAIA, PCS, ECSP e os batimentos.

Quadro 2 – Batimentos Cardíacos

	Batimentos Antes Leitura	Batimentos Durante Leitura	Diferença	p
Texto Noticioso	111,66	108,00	- 3,66	0,555
Texto Jornalismo Literário	123,30	115,23	- 8,06	0,047

Fonte: Elaboração própria

3.6.1. DOR E BATIMENTOS CARDÍACOS

A análise das correlações entre a precisão interoceptiva e a dor mostrou que apenas para o texto B (Jornalismo Literário) se encontra uma correlação negativa entre a precisão no batimento cardíaco e os deltas dos estímulos 5 ($r=-0,398$, $p=0,033$) e 6 ($r=-0,418$, $p=0,024$). Isto significa que os indivíduos que são mais precisos na avaliação do seu batimento cardíaco modificam menos a sua percepção da dor a estímulos mais intensos na leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

Assim, depois de analisadas as correlações entre as Emoções, os Batimentos Cardíacos, a percepção de Dor e as Características Psicológicas Individuais, constata-se que:

- 1) O texto Noticioso (A) não evidenciou diferenças significativas nos batimentos cardíacos antes e durante a leitura;
- 2) O texto de Jornalismo Literário (B) evidenciou diferenças negativas significativas nos batimentos cardíacos antes e durante a leitura. Ou seja, os batimentos cardíacos diminuíram durante a leitura do texto de Jornalismo Literário;
- 3) O texto de Jornalismo Literário (B) evidenciou diferenças negativas significativas na correlação entre os Batimentos Cardíacos e a percepção de Dor antes e durante a leitura. Ou seja, quanto maior a diferença nos Batimentos Cardíacos, menor a percepção de Dor durante a leitura do texto de Jornalismo Literário (B);
- 4) Não foram identificadas alterações significativas na correlação entre os Batimentos Cardíacos e as Características Psicológicas Individuais em nenhum dos textos.

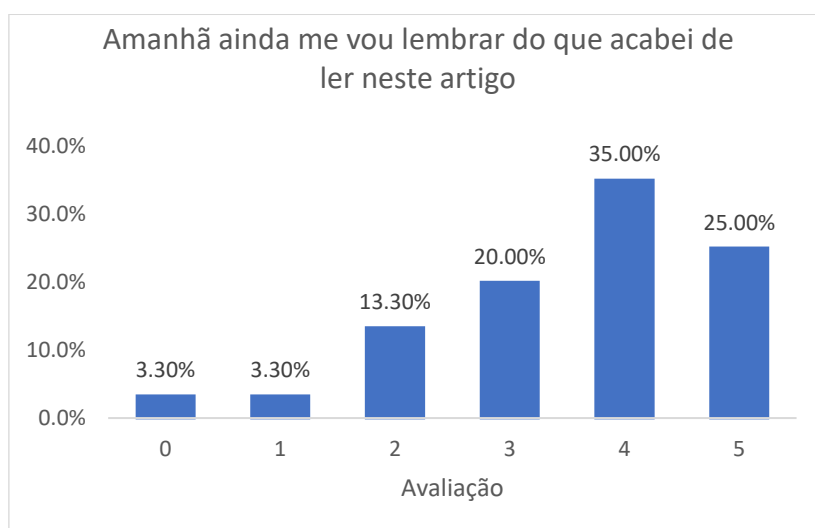
3.7. QUESTIONÁRIOS PÓS-LEITURA

Por fim, foi pedido aos voluntários na pesquisa que respondessem a um conjunto de três questionários: 1) o primeiro com o objetivo de avaliar a compreensão dos textos lidos; 2) o segundo com o objetivo de avaliar o impacto e a recepção dos textos nos sujeitos, nomeadamente averiguando o interesse e satisfação com a leitura; 3) e o terceiro com o objetivo de averiguar contacto e conhecimento sobre jornalismo literário, bem como diferenças de recepção entre os estilos de texto (noticioso e de jornalismo literário) e ainda diferenças declaradas entre os meios utilizados para ler informação (papel ou dispositivo eletrónico).

3.7.1. COMPREENSÃO DOS TEXTOS

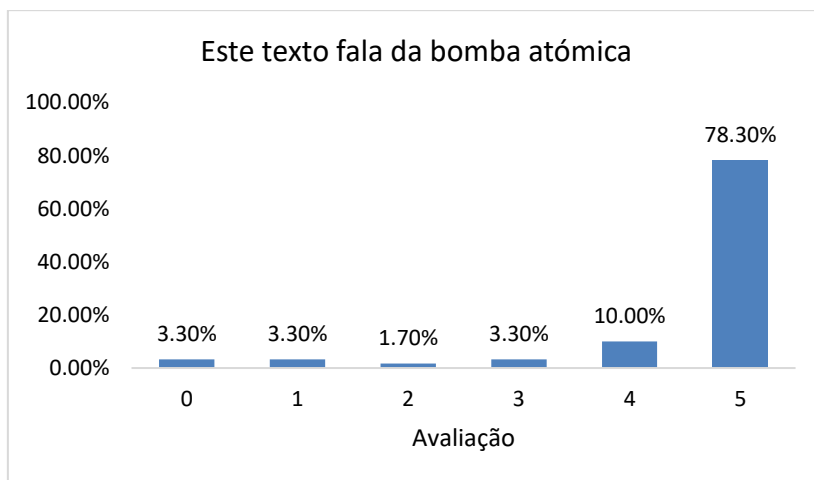
Quanto à compreensão dos textos lidos, os questionários aplicados permitem afirmar que a esmagadora maioria (80%) dos inquiridos considera que no dia seguinte ainda se lembrará do artigo jornalístico que acabou de ler e mais de 90% (91,6%) concordam que se trata de um texto sobre a bomba atómica. Do mesmo modo, a quase totalidade dos respondentes (96,7%) reconhece tratar-se de artigos que retratam acontecimentos passados em Hiroshima.

Quadro 3 – Questão 1



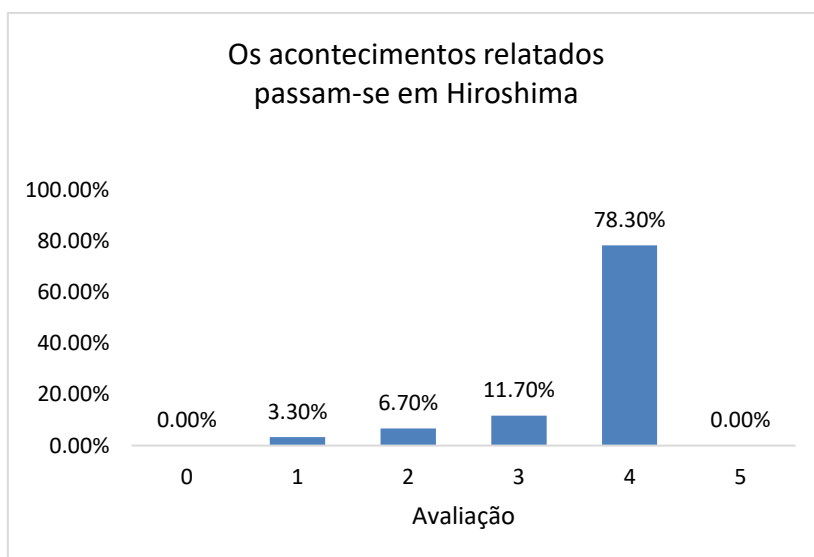
Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Quadro 4 – Questão 2



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

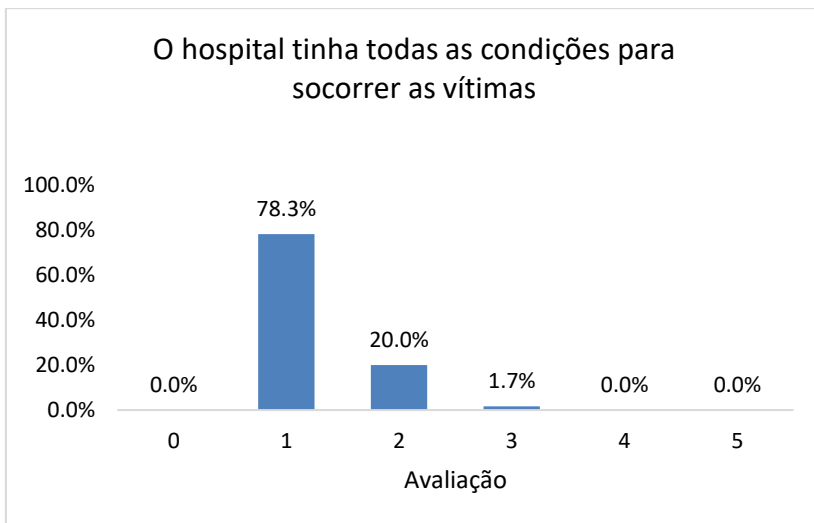
Quadro 5 – Questão 3



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

A quase totalidade (98,3%) dos inquiridos considerou que o hospital não tinha condições para socorrer os feridos causados pela bomba e 98% entendem que é errado afirmar que ninguém sobreviveu, o que está correto, na medida em que o texto explicita que a bomba matou quase metade da população e feriu cem mil pessoas. Do mesmo modo, 95,1% dos inquiridos respondeu corretamente que os sobreviventes tinham ferimentos.

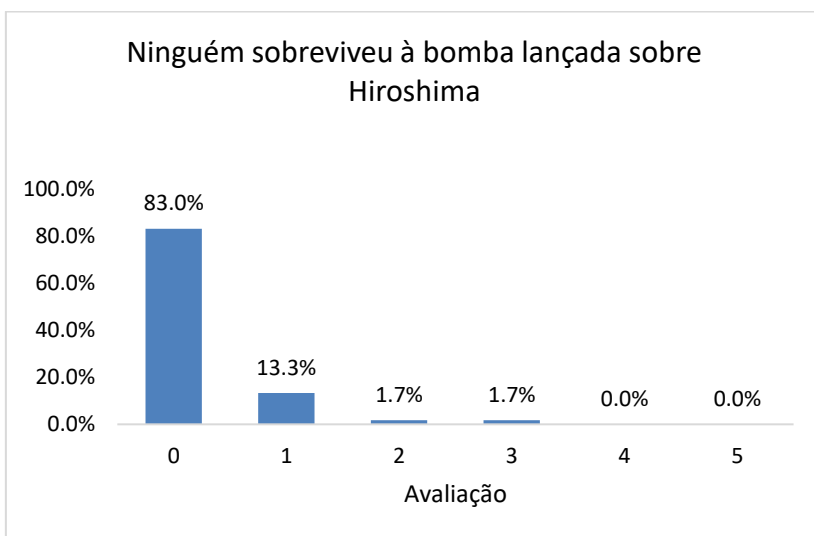
Quadro 6 – Questão 4



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

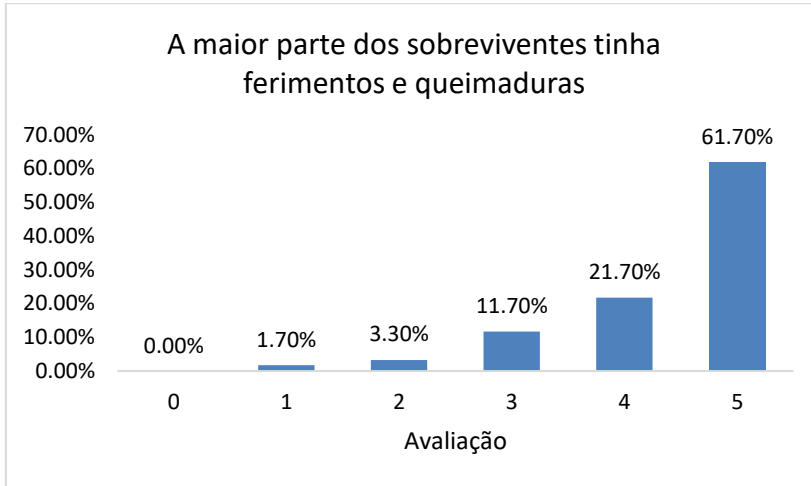
Quando solicitados a indicar por extenso que edifício havia caído ao rio (hospital) e quantas pessoas tinham ficado feridas na sequência da explosão (cem mil), os inquiridos demonstraram mais dificuldade, sendo apenas 41,7% os que indicaram o número de feridos correto. No entanto, 70% responderam de forma acertada relativamente ao edifício que caiu ao rio. Assim, podemos concluir que uma parte substancialmente relevante da amostra compreendeu o texto que lhe foi apresentado para ler, tanto o noticioso como o de jornalismo literário.

Quadro 7 – Questão 5



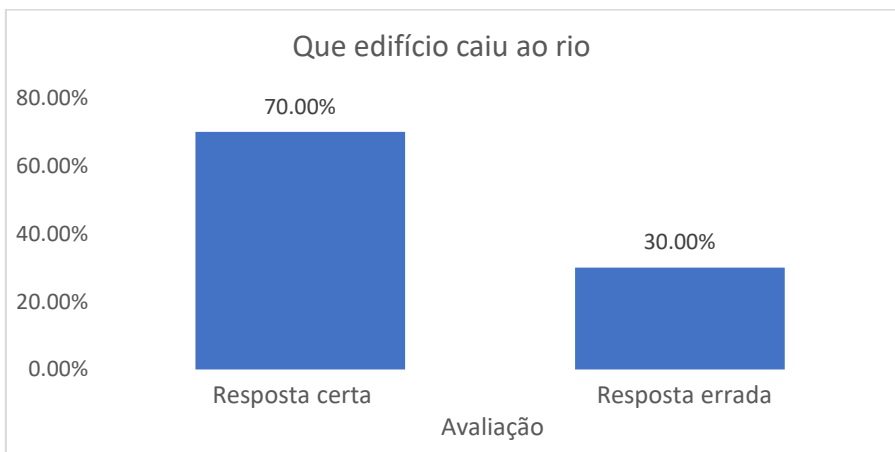
Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Quadro 8 – Questão 6

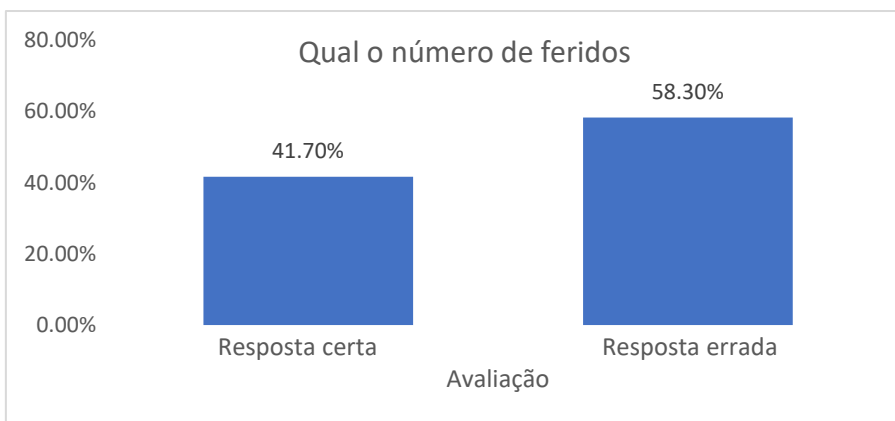


Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Quadro 9 – Questão 7



Quadro 10 – Questão 8



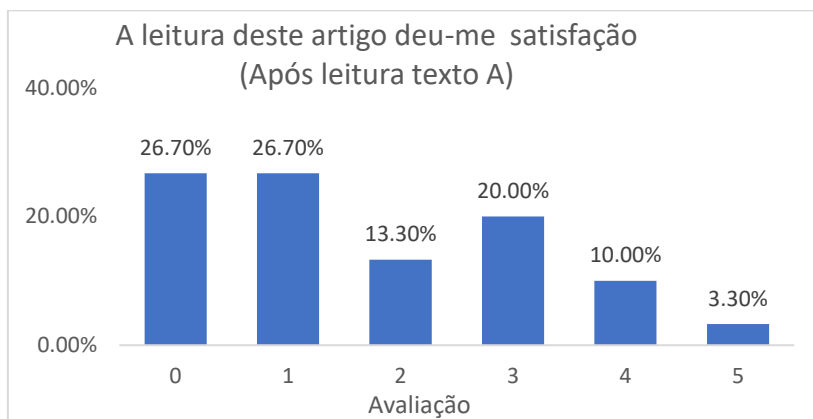
Legenda: Sim: Resposta certa; Não: Resposta Errada

3.7.2. LEITORES E RECEÇÃO DOS TEXTOS

Na segunda parte deste grupo de questionários, pedia-se aos inquiridos que expressassem algumas opiniões e perceções sobre o que tinham acabado de ler, através de questionários com escala de Likert, em que 0 significa discordo completamente e 5 concordo completamente. Para uma melhor análise dos resultados, sempre que as perguntas o justificavam, fizemos um somatório das respostas consideradas negativas (nível 0, 1 e 2) e positivas (nível 3, 4 e 5).

Aqui, podemos concluir que há mais inquiridos a afirmar que a leitura do artigo de Jornalismo Literário lhes deu satisfação, já que 46,7% concordam ter-se sentido satisfeito com a leitura do texto B, enquanto apenas 33,3% dos indivíduos que leram o texto A (Noticioso) dizem o mesmo.

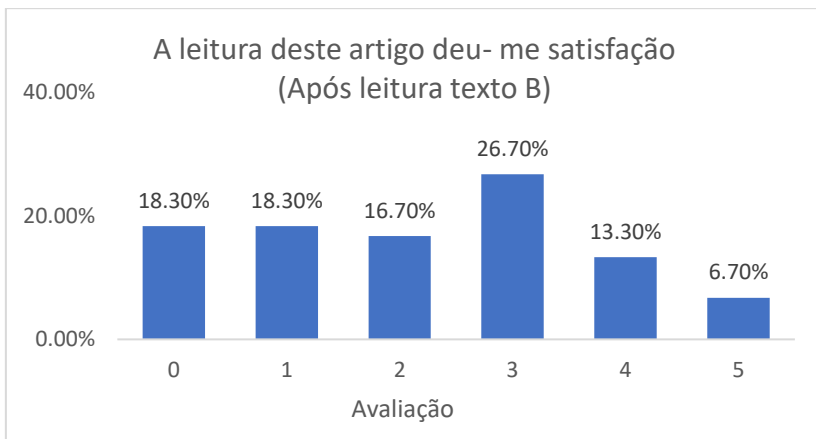
Quadro 11 – Questão 9



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

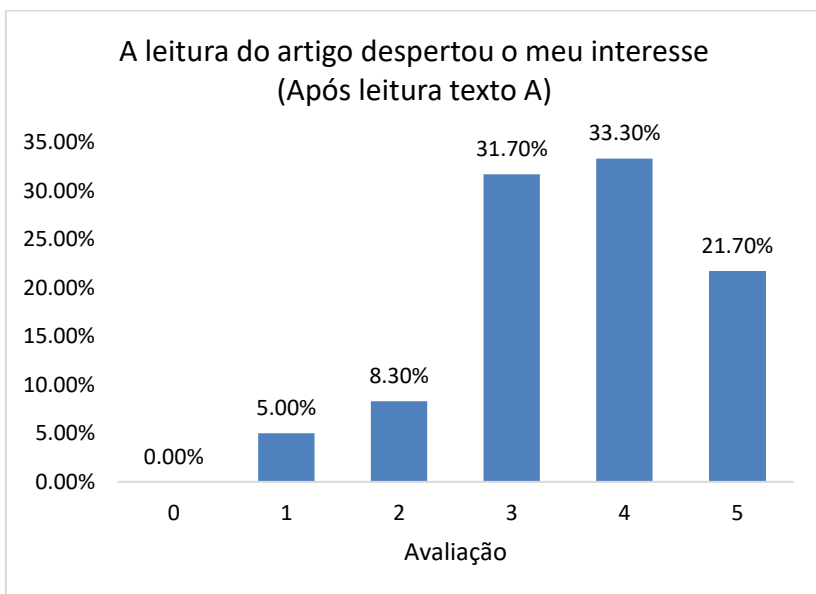
Do mesmo modo, o interesse pela leitura foi confirmado por mais de 80% dos sujeitos da amostra após a leitura de ambos os artigos: 86,7% dos inquiridos que tinham acabado de ler o texto Noticioso e 83,3% dos que tinham lido o texto de Jornalismo Literário.

Quadro 12 – Questão 9.1



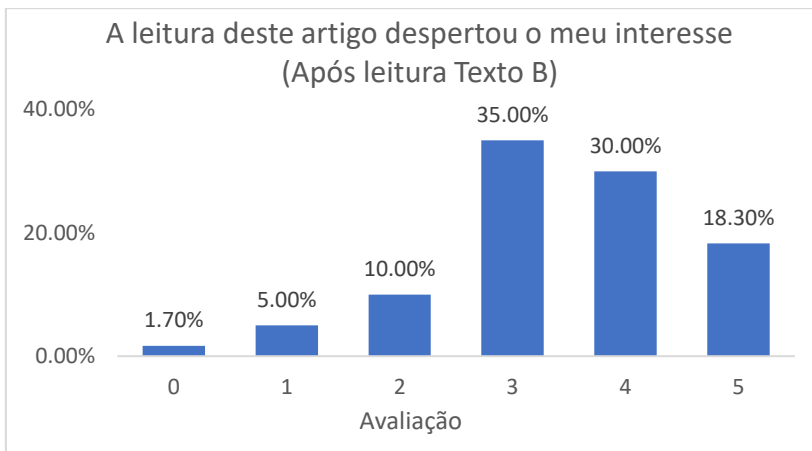
Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Quadro 13 – Questão 10



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

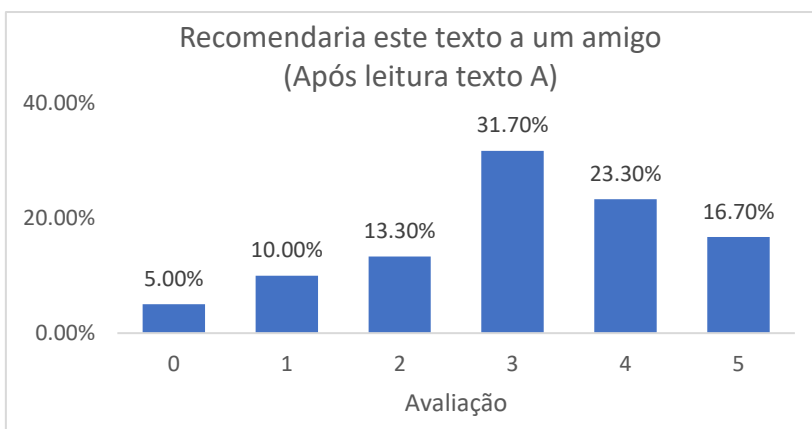
Quadro 14 – Questão 10.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

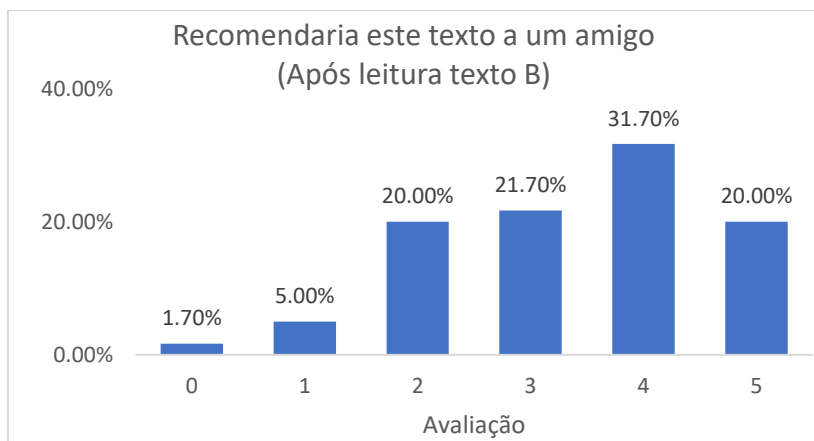
Em coerência, mais de 70% (71,7% para o texto Noticioso e 73,4% para o texto de Jornalismo Literário) recomendariam qualquer um dos artigos a um amigo.

Quadro 15 – Questão 11



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

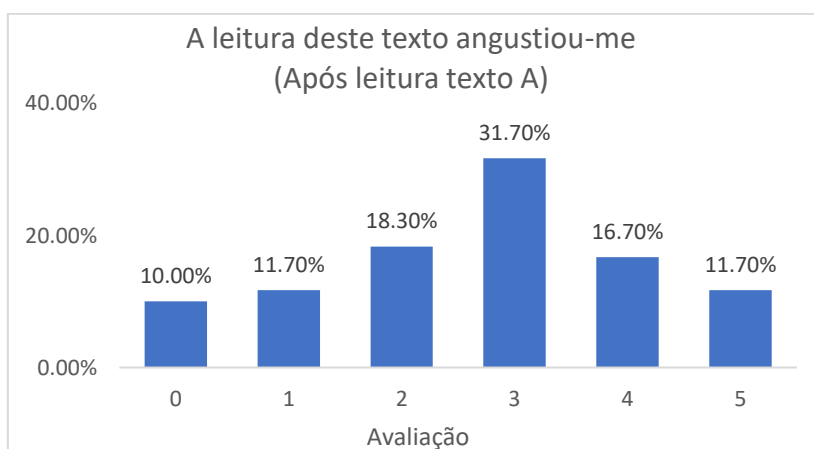
Quadro 16 – Questão 11.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

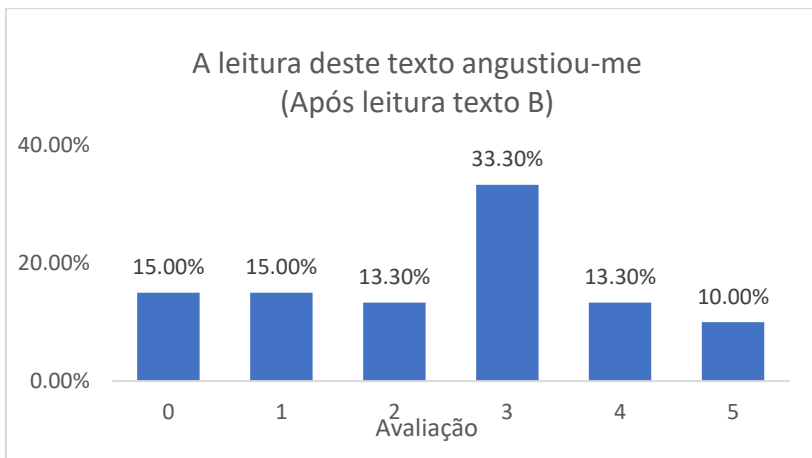
Quando questionada sobre a angústia causada pelo texto acabado de ler, a amostra não foi tão unânime como nas perguntas anteriores, embora mais de metade se tenha afirmado angustiada, com uma percentagem ligeiramente superior (60,1%) dos inquiridos a afirmarem sentir-se angustiados após a leitura do texto Noticioso e 56,6% a afirmarem o mesmo com o texto de Jornalismo Literário.

Quadro 17 – Questão 12



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

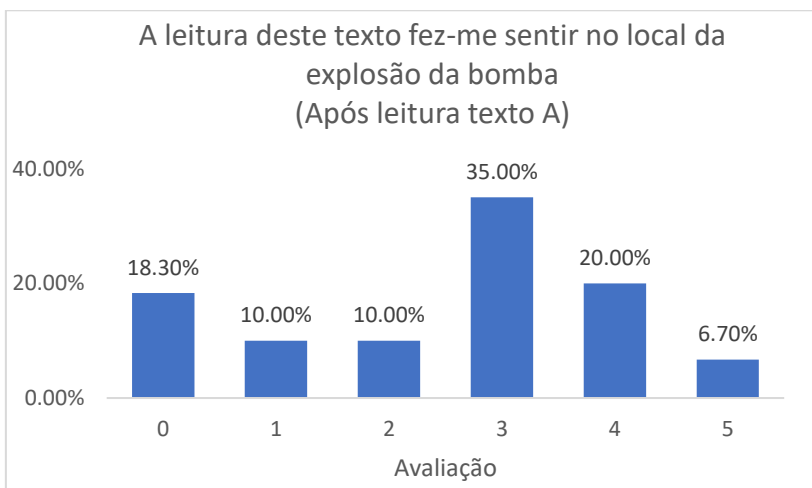
Quadro 18 – Questão 12.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

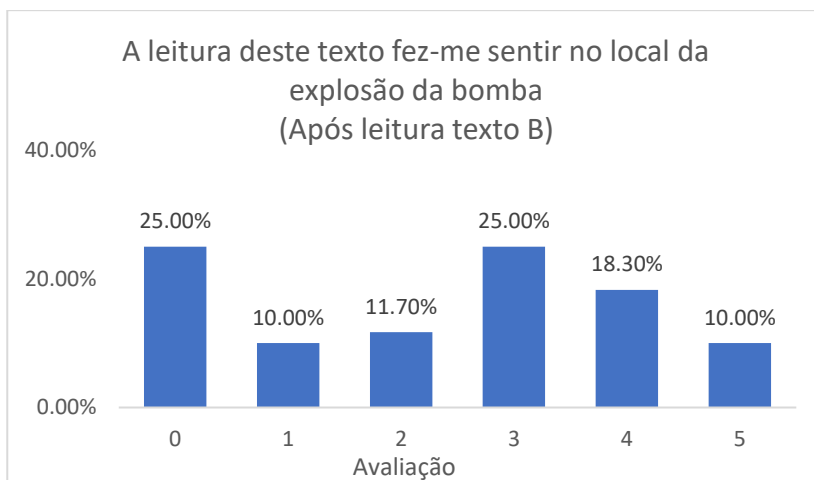
Também mais de metade da amostra (61,7% e 53,3%) diz concordar com a afirmação "a leitura deste texto fez-me sentir que estava no local da explosão", sendo que 61,7% dos indivíduos o afirma relativamente ao texto Noticioso e 53,3% relativamente ao texto de Jornalismo Literário.

Quadro 19 – Questão 13



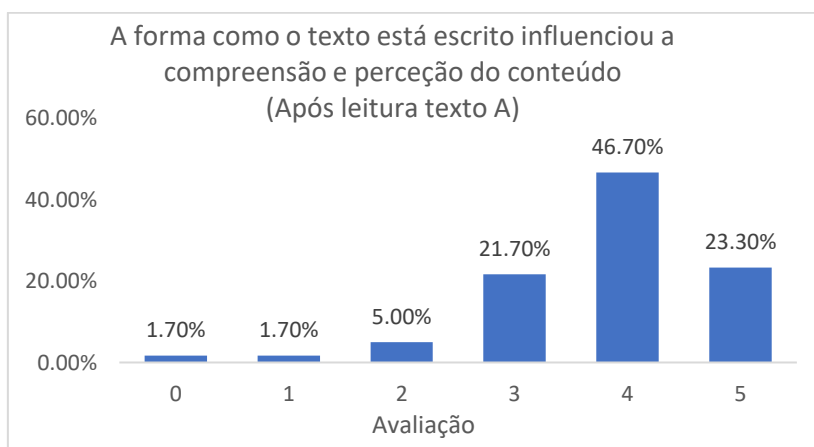
Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Quadro 20 – Questão 13.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

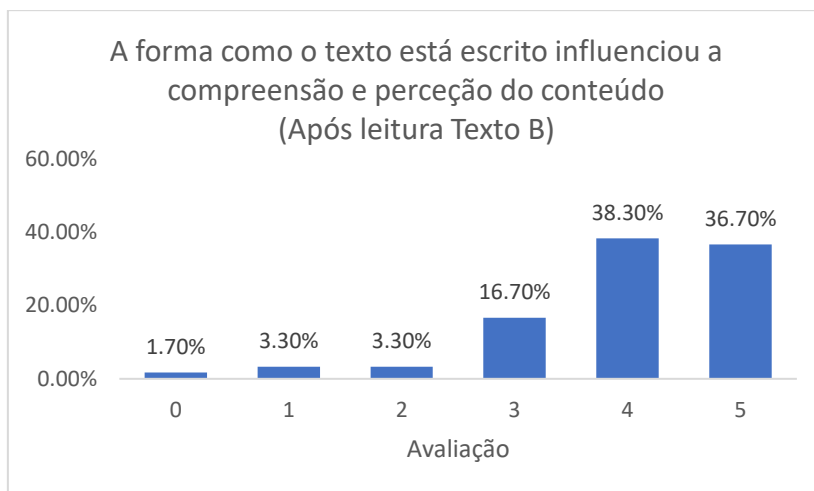
Quadro 21 – Questão 14



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Mais de 90% (91,7%) dos inquiridos concordam que a escrita influenciou a sua compreensão, tanto após a leitura do texto A (Noticioso) como do B (Jornalismo Literário). Ambos os grupos avaliaram significativamente melhor o texto em formato de jornalismo literário relativamente à sua capacidade informativa, teste de Fisher, $p = .001$.

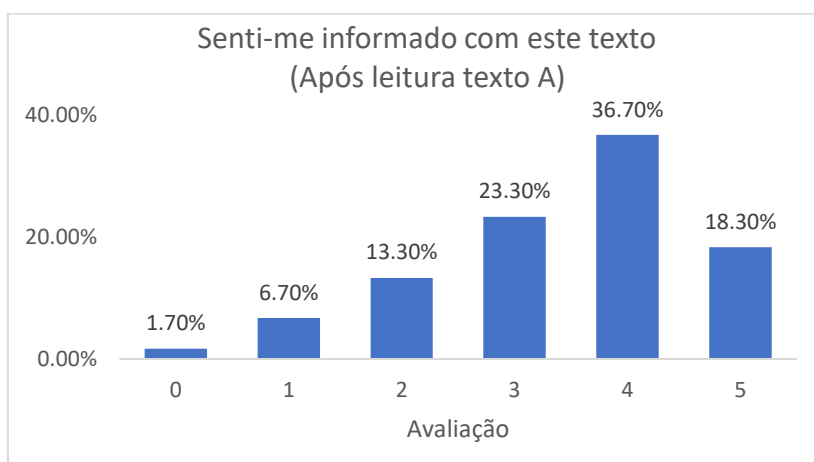
Quadro 22 – Questão 14.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

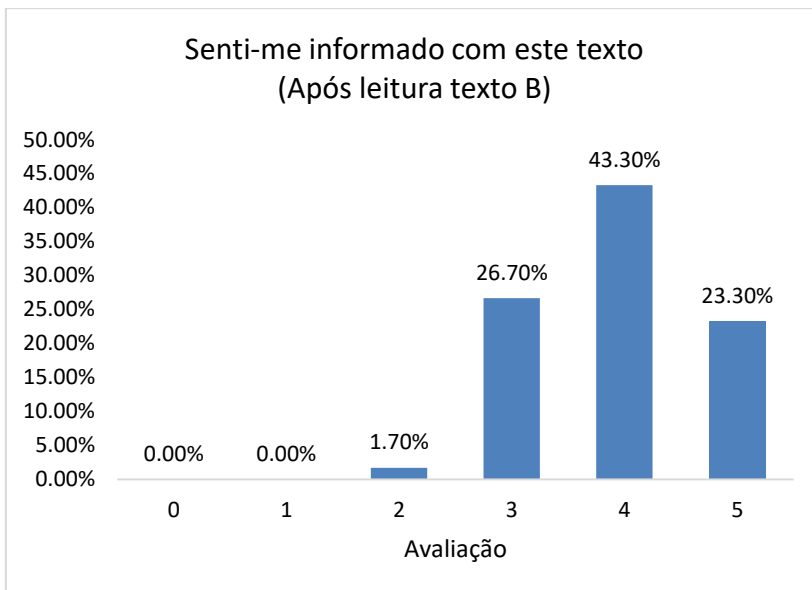
Quando lhes é perguntado se se sentiram informados com o que acabaram de ler, há diferenças significativas entre os dois tipos de texto, com 98,3% dos inquiridos a demonstrarem a sua concordância em relação à capacidade informativa do texto de Jornalismo Literário (B) contra 78,3% de respostas positivas relativamente ao texto Noticioso (A). Ainda assim, é de salientar que ambos os artigos tiveram a capacidade de fazer uma parte importante da amostra sentir-se informada.

Quadro 23 – Questão 15



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

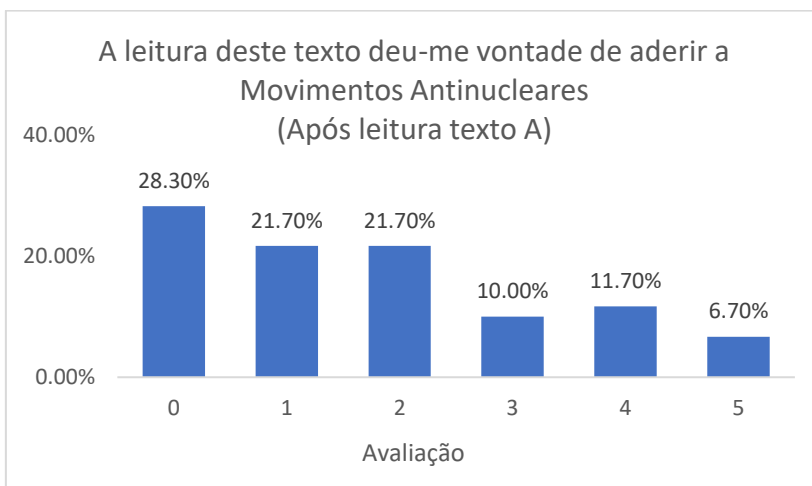
Quadro 24 – Questão 15.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorde Plenamente

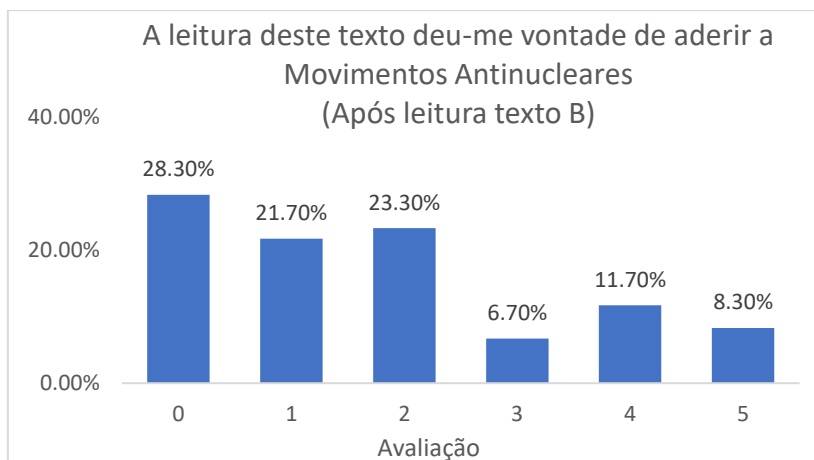
Embora mais de 20% (28,4% depois de lerem o texto Noticioso e 26,7% depois de lerem o texto de Jornalismo Literário) dos inquiridos pareçam inclinar-se para a adesão a movimentos antinucleares, a maioria (mais de 70%), não o faria na sequência destas leituras, numa tendência que se revela idêntica tanto em relação ao texto Noticioso como em relação ao texto de Jornalismo Literário.

Quadro 25 – Questão 16



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorde Plenamente

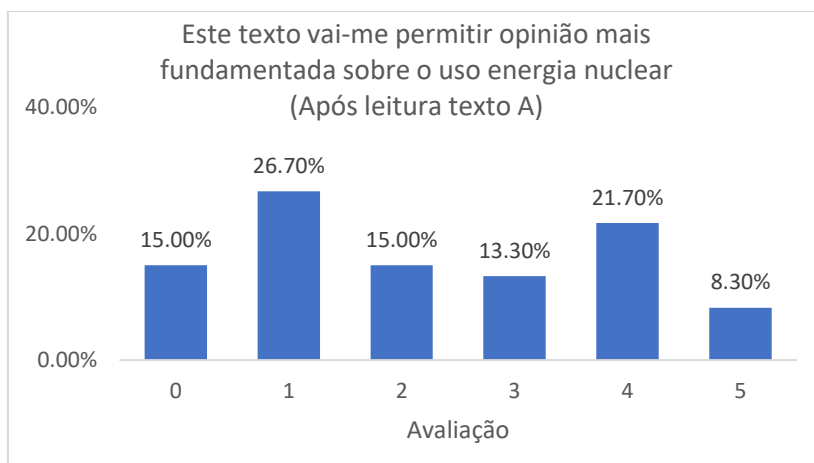
Quadro 26 – Questão 16.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

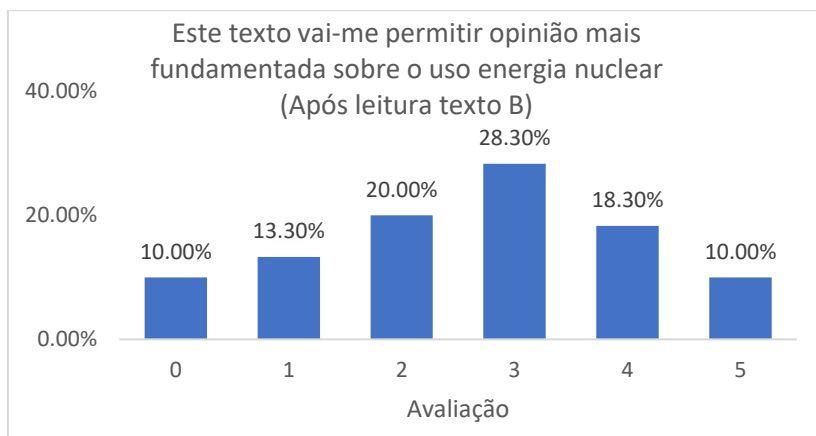
Já no que toca à energia nuclear, mais de metade (56,7%) dos inquiridos discorda que a leitura do texto Noticioso (A) permita uma opinião mais fundamentada sobre o uso da energia nuclear, o mesmo acontecendo com 43,3% dos inquiridos após a leitura do texto de Jornalismo Literário (B). Ainda assim, quem leu o texto B responde de forma mais positiva a esta questão, com 56,6% dos respondentes a considerar que ficam com uma opinião mais fundamentada sobre o tema depois de ler o artigo de Jornalismo Literário.

Quadro 27 – Questão 17



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

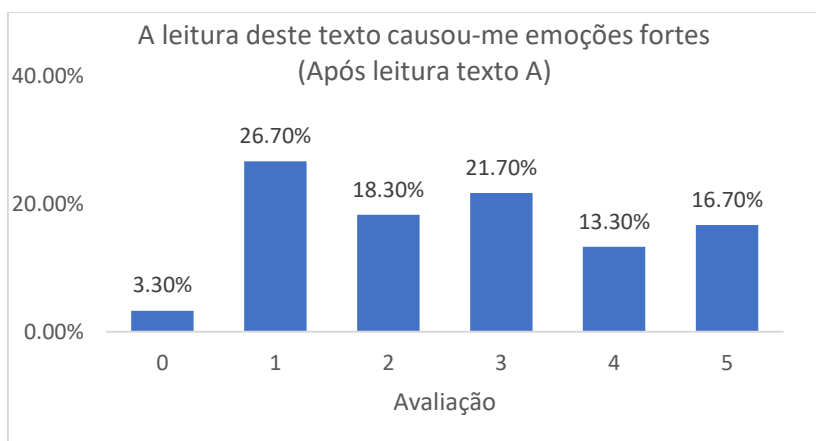
Quadro 28 – Questão 17.1



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

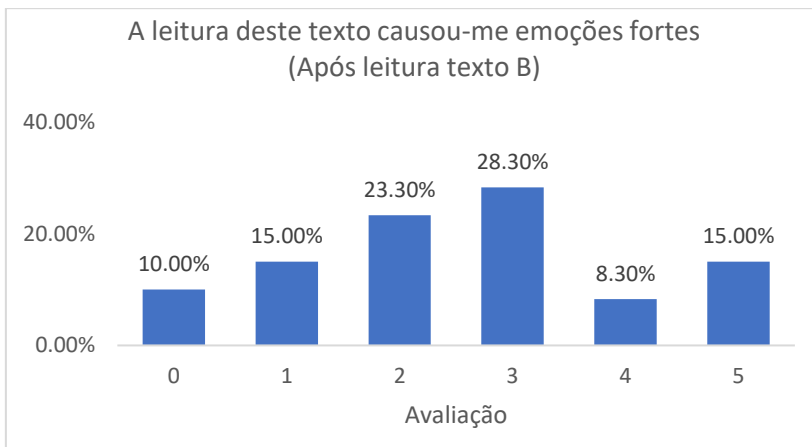
Quanto às emoções fortes causadas pelos artigos lidos, a amostra inclina-se para concordar com esse efeito tanto em relação ao texto Noticioso (51,7%) como em relação ao texto de Jornalismo Literário (51,6%), embora mais de 48% (48,3%) afirmem discordar dessa consequência emocional da leitura. De notar que a concordância é idêntica nos indivíduos que acabaram de ler o texto Noticioso (A) ou de Jornalismo Literário (B), indicando que ambos os estilos levam a admitir que os textos despertaram emoções fortes.

Quadro 29 – Questão 18



Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

Quadro 30 – Questão 18.1

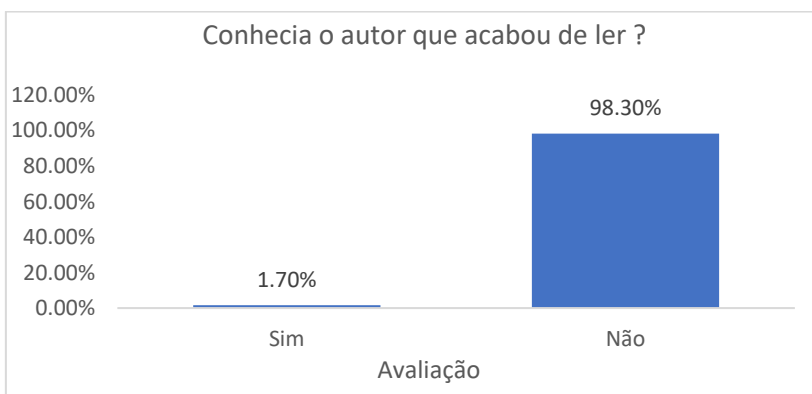


Legenda: 0 Discorda completamente – 5 Concorda Plenamente

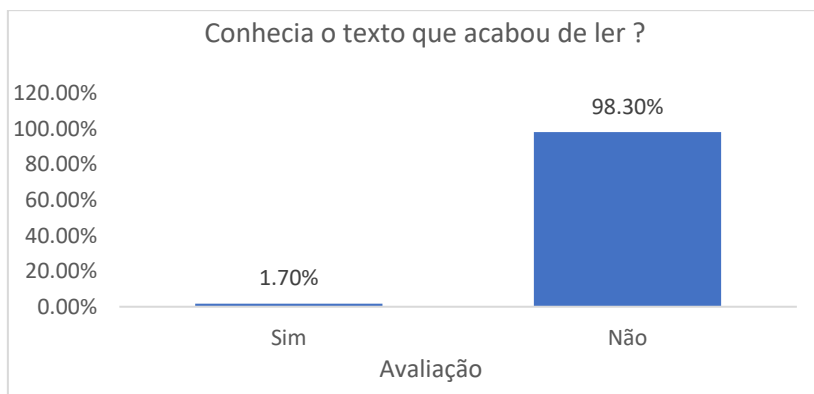
3.7.2.1. LEITURA, MEIOS, ESTILOS E RECEÇÃO

Com o último questionário proposto, podemos concluir que apenas um indivíduo afirma conhecer o texto B (Jornalismo Literário) e nenhum conhecia o texto A (Noticioso), o que se afigura coerente, na medida em que o texto A não existia nem havia sido publicado antes desta investigação, tendo sido adaptado para efeitos meramente académicos.

Quadro 31 – Questão 19



Quadro 32 – Questão 20

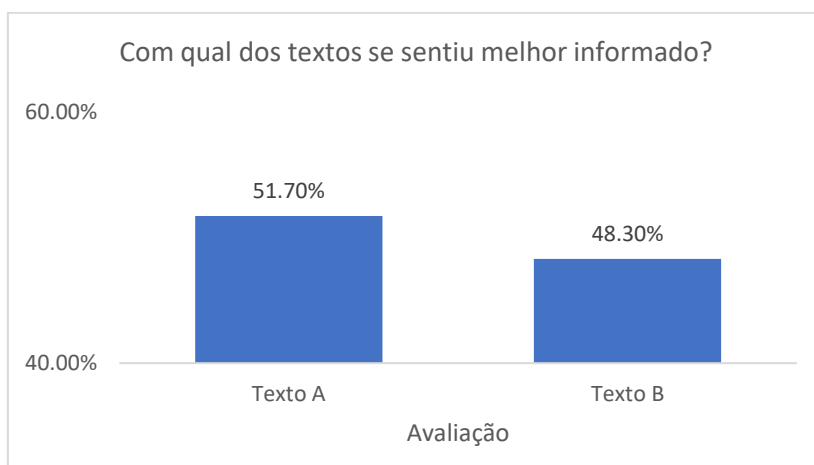


Seria igualmente expectável que o autor não fosse identificado, na medida em que não estava referido no texto apresentado, tendo mais de 98% dos inquiridos afirmado coerentemente que não conheciam o autor.

A proporção de sujeitos que desconhecia o autor do texto lido foi semelhante nos dois grupos, teste de Fisher, $p = .483$.

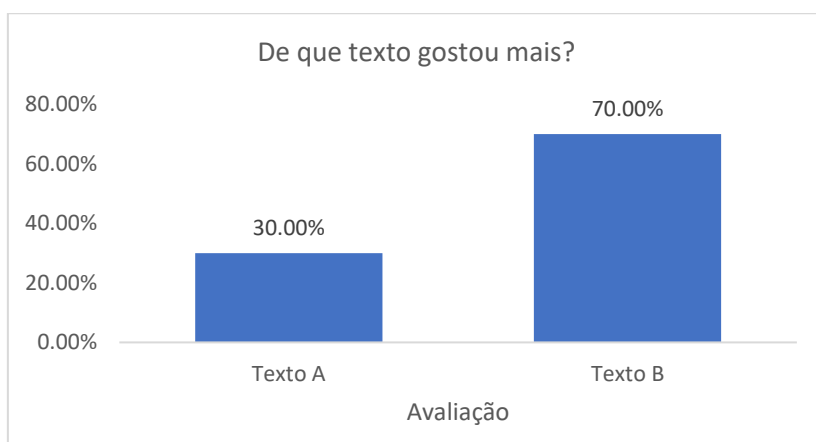
Já nas opiniões sobre os textos, a maioria dos inquiridos (51,7%) afirma sentir-se melhor informado com o texto A (Noticioso), embora 48,3% tivessem selecionado o texto B (Jornalismo Literário) para o mesmo efeito.

Quadro 33 – Questão 21

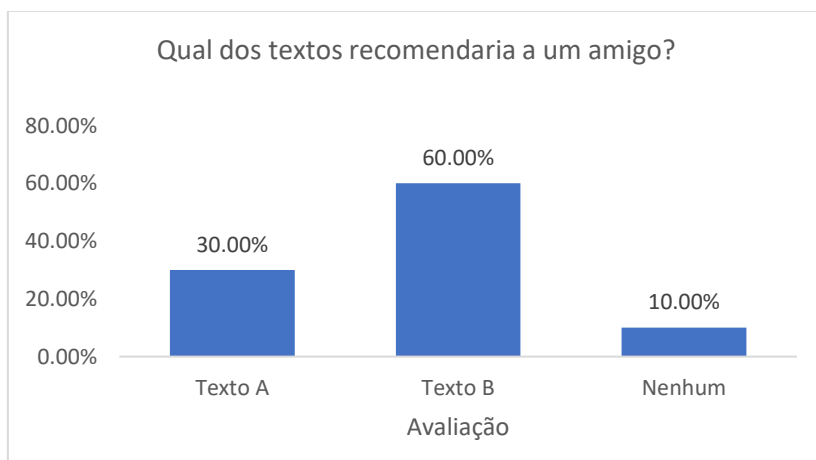


No que toca a preferências, os inquiridos inclinam-se de forma clara para o texto de Jornalismo Literário (B), sendo 70% os que afirmam ter gostado mais desse artigo e 60% os que o escolheriam para recomendar a um amigo. De notar que apenas 30% dos respondentes afirmam ter gostado mais do texto Noticioso (A) e que a mesma percentagem optaria por recomendá-lo a um amigo.

Quadro 34 – Questão 22



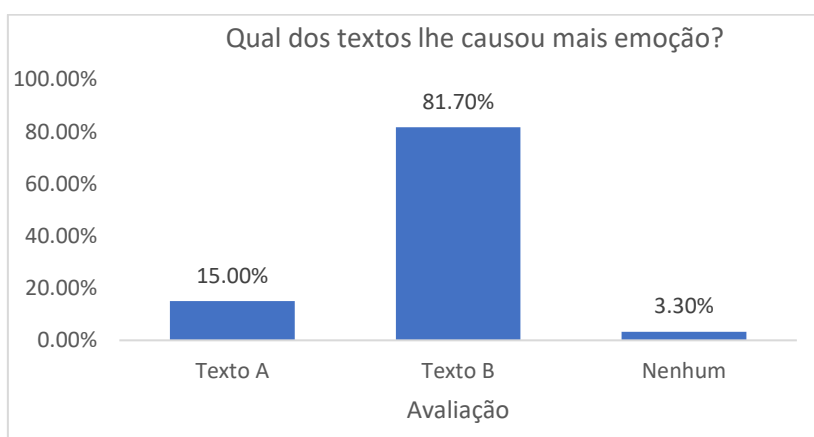
Quadro 35 – Questão 23



O texto de jornalismo literário (B) foi ainda aquele que um maior número de inquiridos afirma ter causado mais emoção, com 81,7% dos respondentes a selecionarem o texto de Jornalismo

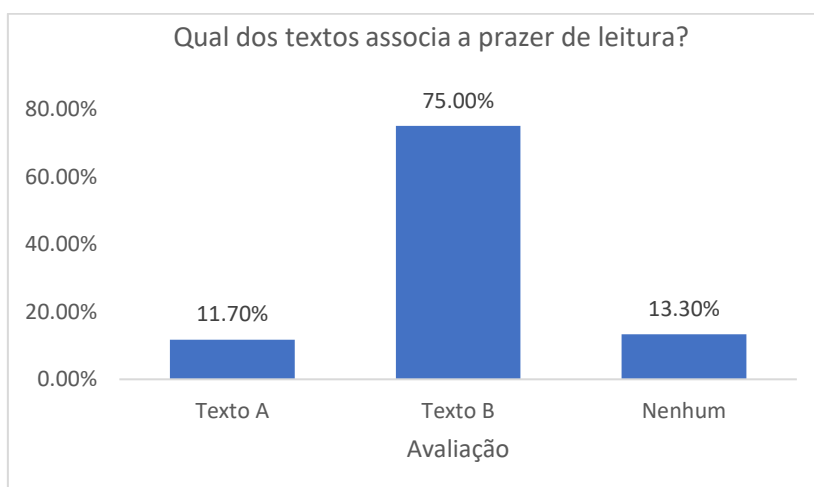
Literário e apenas 15% a optarem pelo texto Noticioso no que toca à emoção causada pela leitura.

Quadro 36 – Questão 24



Da mesma forma, 75% dos respondentes associam este mesmo artigo (B) a "prazer de leitura", enquanto apenas 11,7% prefeririam o texto Noticioso (A) e 13,3% afirmam não associar nenhum dos textos a prazer de leitura.

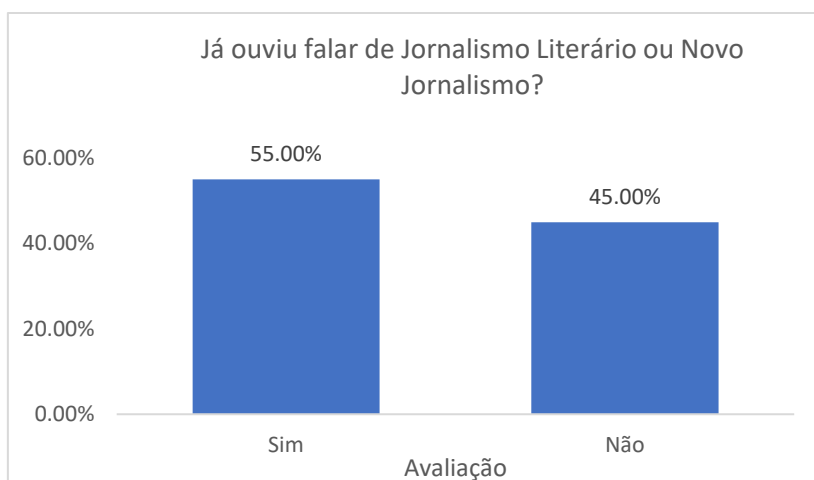
Quadro 37 – Questão 25



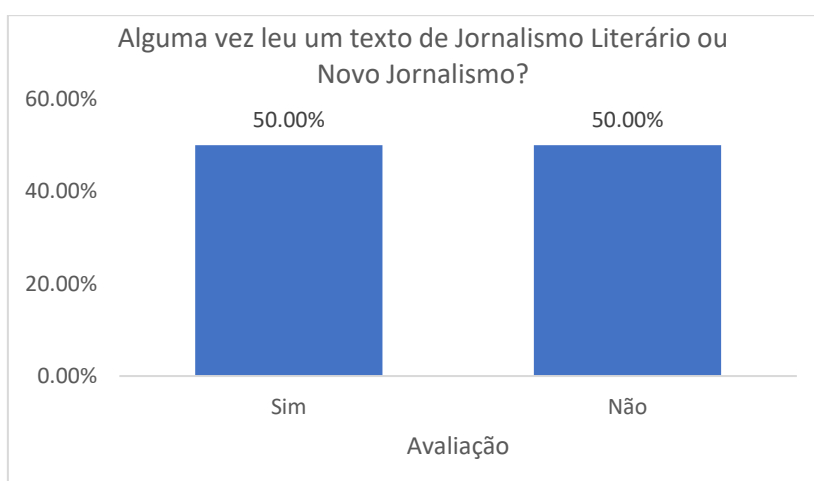
Relativamente ao conhecimento sobre jornalismo literário, 55% dos inquiridos afirmam já ter ouvido falar, contra 45% que desconheciam a expressão, sendo que metade (50%) afirma já

ter lido e outra metade nunca ter lido este género. Ainda assim, mais de 80% (83,3%) escolheram a definição correta de jornalismo literário entre as três opções sugeridas: "Jornalismo que reporta factos em estilo literário".

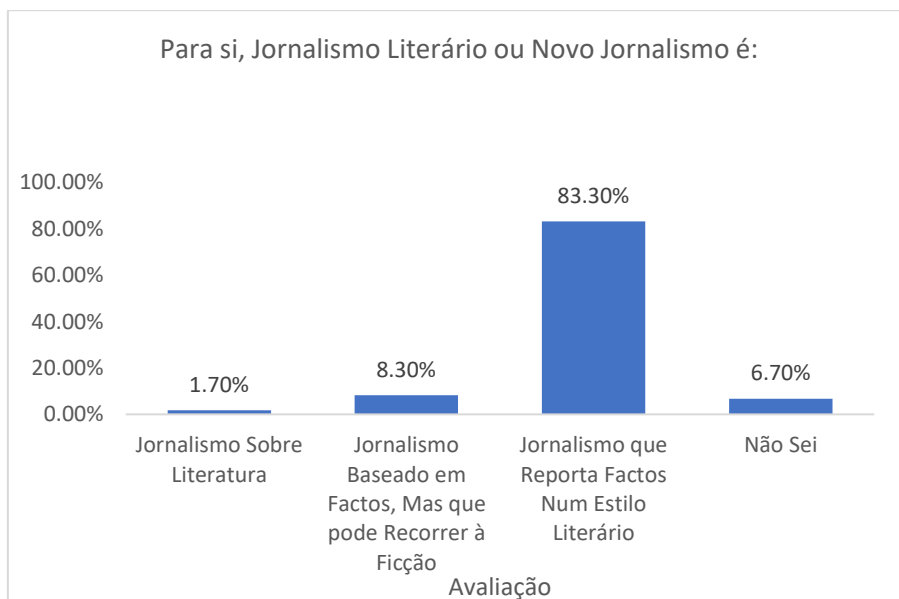
Quadro 38 – Questão 26



Quadro 39 – Questão 27

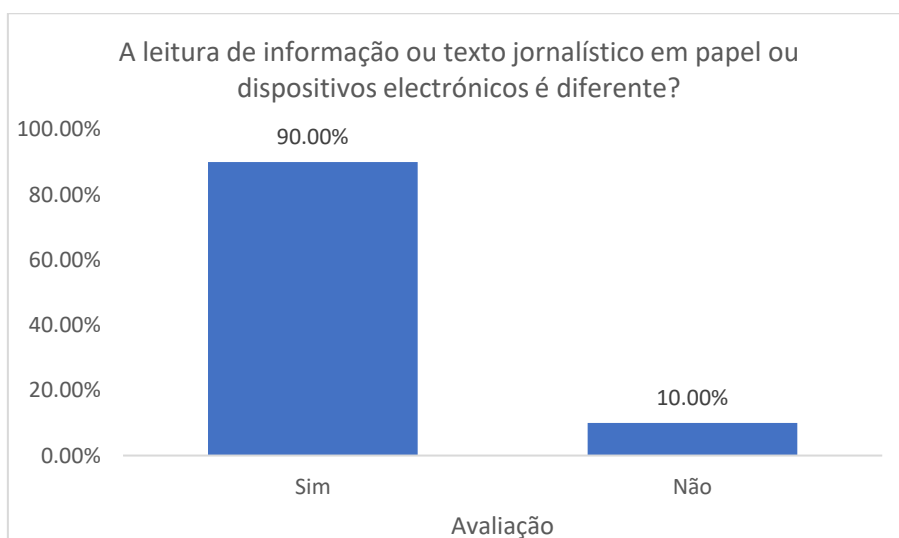


Quadro 40 – Questão 28



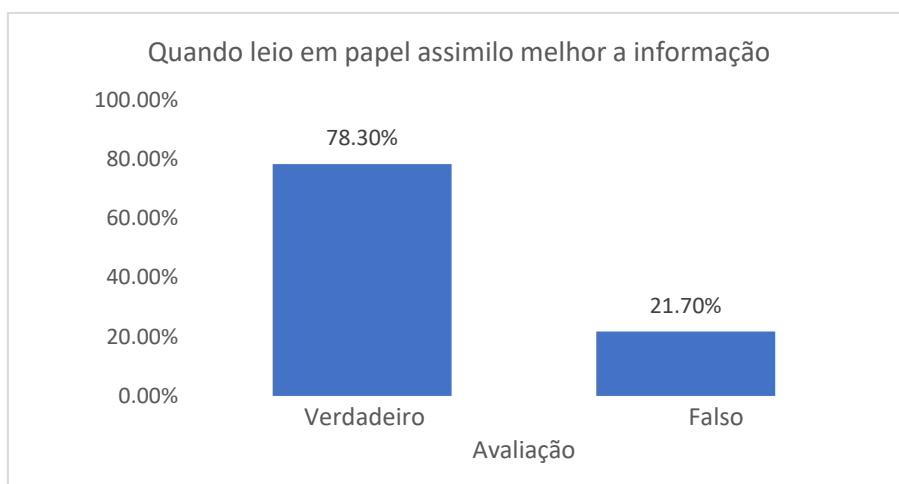
Por último, o grupo de questões que pretendiam avaliar aspetos relacionados com o meio permitiu concluir que 90% afirmam que a leitura em papel ou em dispositivo é diferente.

Quadro 41 – Questão 29

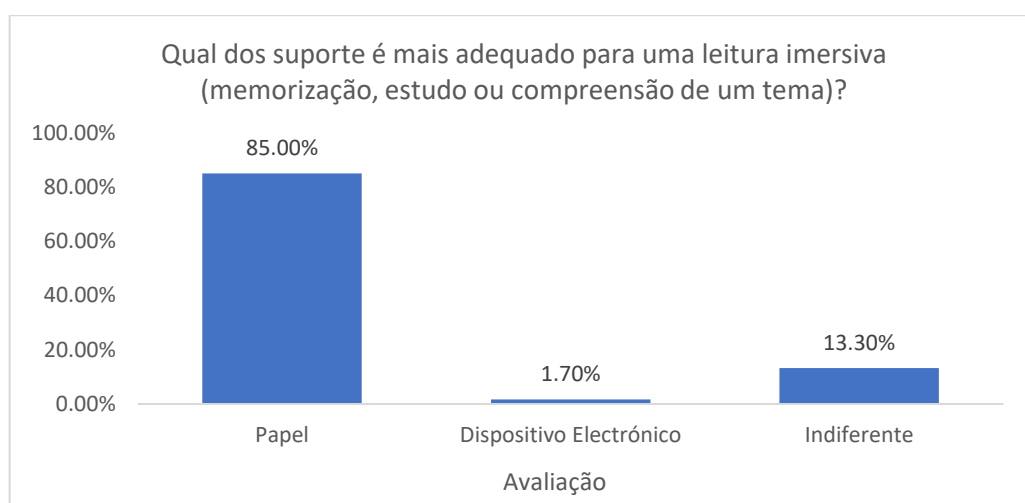


Para uma "leitura imersiva", 85% dos inquiridos afirmam preferir o papel, 13,3% afirmam ser-lhe indiferente e apenas 1,7% preferem um dispositivo. Talvez por isso, 78,3% entendam ser verdadeiro que assimila melhor a informação quando lê em papel. Por comparação com a leitura em dispositivo eletrónico, 55% dos respondentes consideram também melhor a leitura de informação em papel, ainda que 30% prefiram a expressão "diferente" e apenas 15% "igual".

Quadro 42 – Questão 30

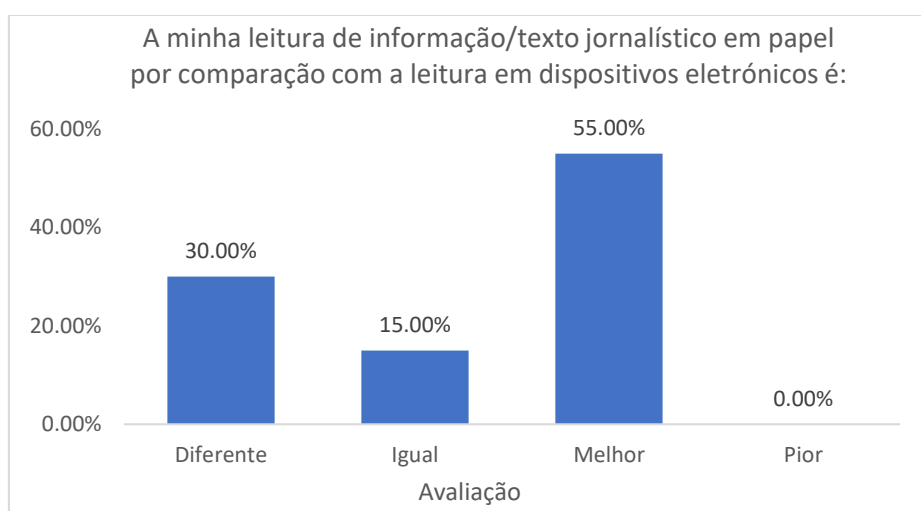


Quadro 43 – Questão 31



De notar que apesar da diferenciação escolar da amostra, com 48,3% de licenciados e 28,4% de pós-graduados, permitindo-nos deduzir o seu maior acesso a informação através de dispositivos eletrónicos e à internet, a esmagadora maioria dos inquiridos (85%) prefere o papel quando se trata de leitura imersiva.

Quadro 44 – Questão 32



CAPÍTULO 4. SISTEMATIZAÇÃO DA ANÁLISE DE RESULTADOS

Uma vez que propomos uma tese baseada em áreas do saber muito distintas, bem como em alguma metodologia normalmente utilizada em investigações de outros campos que não o da Comunicação, como as Neurociências, julgou-se oportuno sistematizar aqui as principais constatações possíveis a partir dos dados obtidos, antes mesmo de partir para a discussão dos resultados. Assim, nas páginas seguintes fazemos uma abordagem que conjuga os vários resultados obtidos, com vista a uma melhor compreensão do todo conseguido com as várias medidas aplicadas.

A análise dos dados foi guiada pela seguinte estrutura de interpretação: 1º) Análise e comparação de registos psicofisiológicos antes da leitura dos textos jornalísticos; 2º) Análise e comparação de registos psicofisiológicos depois da leitura dos textos jornalísticos; 3º) Análise e comparação de registos psicofisiológicos antes, durante, e depois da leitura dos textos jornalísticos entre grupos; 4º) Análise e comparação de registos psicofisiológicos antes,

durante e depois da leitura dos textos jornalísticos dentro de cada grupo; 5º) Análise e comparação de Deltas (para verificar a amplitude da mudança) dos registos psicofisiológicos antes, durante e depois da leitura dos textos jornalísticos; 6º) Análise das correlações entre Emoções, Dor, Batimentos Cardíacos e Características Psicológicas Individuais.

Esta sequência persegue o objetivo de procurar modificações das respostas psicofisiológicas que possam ter sido provocadas pela leitura dos textos.

Neste estudo, a nossa amostra foi composta por 60 participantes, sendo 33 (55%) do sexo feminino e 27 (45%) do sexo masculino. A amostra era composta por indivíduos saudáveis de ambos os géneros, dos quais 29 leram o texto A em primeiro lugar e 31 leram o texto B em primeiro lugar. Quanto à idade, os participantes têm entre 19 e 60 anos, sendo a média de 34,30 anos (sd. 12,304) e a moda 23 anos. Relativamente às habilitações académicas, a maioria é licenciada (48,3%). Todos os participantes possuem no mínimo o 12º ano. Tivemos 7 participantes (11,7%) com o 12º ano, 29 (48,3%) com Licenciatura, 13 (21,7%) com Mestrado, 4 (6,7%) com Doutoramento, 4 (6,7%) com Pós-Graduação, 2 (3,3%) com Pós-Doutoramento e 1 (1,7%) com bacharelato. Os grupos eram equivalentes em termos de idade, género e habilitações académicas.

Para analisar as Emoções (IEA-R) pedimos a dois grupos de indivíduos que lessem textos escritos em estilos diferentes e avaliámos as emoções antes e depois da leitura. Não havia diferenças significativas entre os grupos antes da leitura, querendo isso dizer que eram idênticos à partida. Depois de lerem, os sujeitos da amostra repetiram o questionário, de forma a verificarmos a existência de diferenças nas emoções antes e depois da leitura entre grupos e entre diferentes tipos de textos (noticioso e de jornalismo literário).

Depois, dentro de cada grupo fomos verificar se havia diferenças intra-sujeitos. Caso existissem, significaria que os indivíduos não foram indiferentes aos textos, registando mudanças emocionais após a leitura.

Foi ainda analisada a reação psicofisiológica emoção a emoção (utilizando dados não paramétricos e vendo a variância) e analisados os Deltas, usados para não perdermos as singularidades individuais e verificar se houve maior amplitude na diferença entre texto noticioso e texto de jornalismo literário.

Com esta análise pretendemos averiguar se algum dos textos (noticioso ou de jornalismo literário) teve mais capacidade de modificar as emoções individualmente.

Quadro 45: Modificações Psicofisiológicas registadas com texto Noticioso

MODIFICAÇÕES PSICOFISIOLOGICAS COM TEXTO NOTICIOSO

- As Emoções de Autoeficácia, as Emoções Prós-sociais e as Emoções Negativas alteram-se com texto Noticioso
- Quanto mais velhos os indivíduos, maior a modificação das Emoções de Autoeficácia e Prós-sociais com o texto Noticioso
- Quanto mais velhos os indivíduos, mais intensas as emoções Amável, Competente, Atencioso, Calmo e Tranquilo após a leitura do texto Noticioso
- Quanto mais velhos os indivíduos, mais se alteram as emoções Serenidade, Calmo e Tranquilo após a leitura do texto Noticioso
- Quanto mais escolarizados os indivíduos, maior a intensidade das emoções Pró-sociais após a leitura do texto Noticioso
- Quanto mais escolarizados os indivíduos, maior a intensidade das emoções Amável e Atencioso após a leitura do texto Noticioso
- Quanto menor o equilíbrio emocional dos indivíduos (CORE-OM), menores as diferenças emocionais (Autoeficácia e bem-estar emocional) após a leitura do texto Noticioso
- Quanto maior a capacidade para detetar estados emocionais (MAIA), maior a modificação das Emoções Negativas após a leitura do texto Noticioso
- Quanto maior a capacidade para regular estados corporais, (MAIA), maior o impacto na emoção Serenidade após a leitura do texto Noticioso
- Quanto maior a modificação nas emoções Pró-sociais, maior a auto regulação (MAIA) dos indivíduos após a leitura do texto Noticioso
- Quanto mais se modifica a emoção de Autoeficácia, maior a confiança nos estados corporais (MAIA) dos indivíduos após a leitura do texto Noticioso
- A percepção de Dor tende a aumentar após a leitura do texto Noticioso
- Quanto mais se modificam as Emoções Negativas e Pró-sociais após a leitura do texto Noticioso, mais se altera a percepção de Dor
- A Ruminação e o Desamparo (PCS/Catastrofização) estão associados ao aumento da percepção de Dor após a leitura do texto Noticioso
- Quanto mais os indivíduos alteram a percepção de Dor, maior o risco (CORE-OM) para eles e para os outros após a leitura do texto Noticioso
- Quanto maior a Consciência Emocional (MAIA), maior a mudança na percepção de Dor após a leitura do texto Noticioso

Fonte: Elaboração própria

Quadro 46: Modificações Psicofisiológicas registadas com texto de Jornalismo Literário

MODIFICAÇÕES PSICOFISIOLÓGICAS COM TEXTO DE JORNALISMO LITERÁRIO

- As Emoções de Autoeficácia, as Emoções Prós-sociais e as Emoções Negativas alteram-se com texto de Jornalismo Literário
- Quanto mais velhos os indivíduos, maior a modificação das Emoções de Autoeficácia e Prós-sociais com o texto de Jornalismo Literário
- Quanto mais velhos os indivíduos, mais intensas as emoções Determinado e Ousado após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto mais velhos os indivíduos, mais diminui a emoção Atrevido após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto mais escolarizados os indivíduos, menos se alteram as emoções de Ativação Positiva e a Emoção Ardente após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto maiores as queixas psicológicas dos indivíduos (CORE-OM), menores as modificações nas emoções Pró-sociais e de Serenidade após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto maior a capacidade de regular estados emocionais, de estar atento a estímulos e de ter consciência emocional (MAIA), maiores as modificações nas emoções de Serenidade após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- A percepção de Dor diminui após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto mais se modificam as Emoções de Serenidade e Pró-sociais após a leitura do texto de Jornalismo Literário, menor a diferença na percepção de Dor
- Os indivíduos mais precisos na avaliação do Batimento Cardíaco, modificam menos a percepção de Dor a estímulos intensos após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- O Desamparo (PCS/Catastrofização) está associado a diferenças na percepção de Dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto maiores os sintomas de risco (CORE-OM), menor a modificação da percepção de Dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto maior a regulação atencional e a consciência do corpo (MAIA), maior a mudança na percepção de Dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Os Batimentos Cardíacos diminuem durante a leitura do texto de Jornalismo Literário
- Quanto maior a diferença dos Batimentos Cardíacos, menor a diferença na percepção de Dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar nos quadros resumo (Quadros 45 e 46), os dados recolhidos permitiram-nos registar que ambos os textos modificam a intensidade da experiência emocional nas diferentes subescalas de forma semelhante. Esta constatação é relevante, na medida em que se poderia esperar que um texto escrito em estilo literário pudesse ter maior impacto emocional sobre os indivíduos. Mas o que se regista é que ambos os textos provocam emoções. No entanto, provocam emoções diferentes, sugerindo que o estilo de escrita tenha influência na receção do texto lido. Ou seja, ambos os artigos têm impactos no recetor, mas impactos diferentes.

No que diz respeito às características demográficas, o género não permitiu identificar a presença de diferenças significativas. Mas, pelo contrário, tanto a idade como a escolaridade revelaram correlações significativas, sugerindo que os indivíduos mais velhos se modificam com a leitura dos textos, já que tendem a alterar mais as emoções de "Autoeficácia" e "Pró-sociais" em ambos os textos, o mesmo acontecendo com a escolaridade, podendo inferir-se que maior escolaridade se correlaciona com algumas modificações emocionais, tanto positiva como negativamente.

As emoções de autoeficácia medem a capacidade e segurança do indivíduo nas suas ações. Assim, podemos inferir que os participantes com maiores níveis de autoeficácia extraíram de forma mais efetiva o que pode ser feito perante um acontecimento, reagindo melhor a ele, depois de lido o texto de Jornalismo Literário. Neste caso, a autoeficácia significa que a informação serviu para o sujeito se sentir mais seguro e capacitado relativamente aos acontecimentos. Quanto maior a capacidade de gerir as emoções, maior a regulação em termos de autoeficácia. Já a diminuição das emoções pró-sociais após a leitura pode indicar que os sujeitos se sentiram desiludidos com os acontecimentos, o que faz sentido se pensarmos que os artigos retratam os horrores provocados pela bomba atômica.

Por outro lado, registam-se diferenças após a leitura dos textos, na medida da intensidade das emoções "Amável", "Competente", "Atencioso", "Calmo" e "Tranquilo", que aumentou com a leitura do texto Noticioso (A), ao mesmo tempo que os mais escolarizados revelaram maior intensidade nas emoções "Amável" e "Atencioso". Regista-se ainda maior variação entre o antes e depois da leitura na "Serenidade" dos sujeitos. Assim, são os indivíduos de maior idade que se modificam mais com o texto Noticioso, sentindo-se mais amáveis, competentes, atenciosos, calmos e tranquilos após a leitura.

Depois de lerem o texto de Jornalismo Literário (B), os indivíduos mais velhos revelaram uma diminuição da emoção "Atrevido", significando que quanto mais velho o sujeito, menor a modificação desta emoção com o texto B. A emoção "Ardente" é também menos passível de mudança quando há mais escolaridade. Tal significa que os indivíduos mais escolarizados poderão sentir-se mais estáveis e não sofrem tantas alterações emocionais. A idade e a escolarização correlacionam-se positivamente com a alteração nas emoções "Determinado" e "Ousado" após a leitura do texto de Jornalismo Literário (B). Pelo contrário, quanto mais escolarizados os indivíduos, menos se modificam as emoções de "Ativação Positiva" depois da leitura do mesmo texto (B).

Quanto à correlação entre as Emoções e as Características Psicológicas Individuais, os dados registados permitem perceber que as pessoas com maior consciência dos estados corporais, da sua ligação com as emoções, e com maior capacidade de regulação emocional e atencional (MAIA), tendem a modificar mais a sua experiência emocional depois da leitura dos textos, quer seja o Noticioso (A) ou o de Jornalismo Literário (B). Aqueles que se sentem menos perturbados e preocupados com as modificações nos estados do corpo revelam maior capacidade de reportar variações nas emoções negativas. Ou seja, quanto maior é a capacidade dos indivíduos para detectarem alterações nos seus estados emocionais, maior a modificação que o texto provoca nas emoções negativas.

Como o coeficiente é positivo, quanto mais velhos os sujeitos, maior o diferencial nas emoções referidas, querendo isso dizer que os textos tiveram impacto na receção. Conclui-se que ambos os textos tiveram a capacidade de modificar a intensidade emocional após a leitura. O texto noticioso parece deixar os indivíduos mais reativos e o de Jornalismo Literário reflete maior vulnerabilidade, enfatizando as diferenças individuais. Por isso, para compreender esse impacto mais específico, foram posteriormente analisadas as características individuais que podem provocar diferenças na receção dos textos.

Para responder à pergunta "As características psicológicas individuais têm relação com a amplitude da resposta emocional aos diferentes textos?", fizemos a correlação entre as características individuais obtidas com os questionários de avaliação (CORE-OM, MAIA, PCS e ECSP) e os Deltas emocionais obtidos com o IEA-R. Usando testes não paramétricos para amostras independentes, vimos se os grupos eram diferentes nas características psicológicas

de base, verificando-se que não há diferenças significativas entre os grupos em termos de características psicológicas individuais antes da leitura.

Para uma análise mais fina das diferenças individuais com a leitura recorreu-se ao questionário MAIA, que permite avaliar as percepções do estado do corpo, ao questionário PCS, que avalia a tendência para a catastrofização dos indivíduos, ao questionário da Escala de Consciência de Si Próprio, que permite perceber quando os indivíduos se focam mais no seu estado interno ou no exterior para avaliar a sensibilidade à pressão social. Apurar estas características de base é importante porque há tendência para que os indivíduos sejam melhores a captar diferenças nos estímulos quando são mais centrados no seu corpo (Mehling et al., 2018). Algumas pessoas focam-se muito no exterior, no que dizem sobre elas, e são mais sugestionáveis e manipuláveis. Outras conhecem melhor o próprio corpo e são menos manipuláveis (Scheier Carver & Gibbons, 1979). Quanto mais elevados os valores de consciência interna (menor o risco de manipulação), menos a amplitude de mudança ocorrida com a leitura, significando que serão menos influenciados pelo texto. As pessoas que têm valores mais elevados de consciência pública, têm menos tendência para emoções negativas. Os sujeitos que têm mais consciência privada têm mais modificações na emoção de Serenidade.

Quanto maior a capacidade do indivíduo para confiar e regular os seus estados corporais, medidos através do questionário MAIA, maior a variação sentida após a leitura do texto Noticioso (A) na emoção "Serenidade".

Quanto maiores as modificações nas emoções "Pró-sociais", maior a capacidade de autorregulação do indivíduo e quanto maiores as modificações nas emoções de "Autoeficácia", maior a capacidade para confiar nos seus estados corporais. Os dados obtidos sugerem que a leitura do texto de Jornalismo Literário (B) induz mais modificações nas emoções de Serenidade em indivíduos que revelam boas capacidades de se manterem atentos a estímulos, que têm maior consciência emocional e melhor capacidade de regular os seus estados emocionais, mesmo que negativos.

Pelo contrário, quanto maior a pontuação nas subescalas do CORE-OM, que refletem maiores níveis de sintomas e queixas psicológicas, menores as modificações ocorridas nas emoções "Pró-sociais" e de "Serenidade" depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B). Os

indivíduos mais sensíveis relatam menos modificações emocionais com este tipo de texto, que pode ser sentido como sendo pesado demais do ponto de vista emocional. Tal sugere que as pessoas mais vulneráveis (estados psicológicos Core-om), com menor equilíbrio emocional, parecem ser também menos capazes de reconhecer e/ou reportar o impacto emocional da leitura do texto de Jornalismo Literário (B). Para quem leu este artigo, quanto maior a vulnerabilidade psicológica, menor a capacidade de serem influenciados pela leitura. Quanto mais vulneráveis estamos, menos empáticos somos (ex: quem tem mais dor, tem menos empatia). Nesses casos, uma das estratégias de enfrentamento é a fuga porque não se tem estrutura para lidar com emoções negativas.

Relativamente à Dor, os dados registados revelam que a amplitude da mudança de percepção entre o antes e depois da leitura não foi diferente para quem leu o texto A e quem leu o texto B, havendo, no entanto, uma tendência para o aumento da percepção de dor com o texto A, deixando os indivíduos mais sensíveis e reativos, embora não de forma estatisticamente significativa, e uma diminuição da percepção da dor com o texto B. Tem sido descrito nos estudos da área da dor, quer em animais quer em humanos, que a sujeição dos indivíduos a estímulos de dor com valoração negativa (estímulos negativos, tanto comportamentais, como visuais ou sonoros, entre outros) pode resultar tanto num aumento (hiperalgesia ou pronociceção) como num decréscimo da dor (analgesia ou anti-nociceção) (Wiech & Tracey, 2009).

Há igualmente uma tendência para maiores alterações com os estímulos dolorosos mais elevados. Porém, a impossibilidade de usar estímulos de intensidade superior por razões éticas não permite averiguar a verdadeira dimensão destas reações com este tipo de amostra. Por outro lado, é também importante ter em conta que a aplicação de estímulos elétricos, como os utilizados no presente estudo, tende a induzir nos sujeitos alguma habituação, tornando mais improvável a possibilidade de captar diferenças significativas e natural que, ao surgirem, se detetem essencialmente nos estímulos mais intensos.

Quando comparadas as reações dentro de cada grupo antes e depois da leitura, e não entre grupos, concluiu-se que quanto mais o texto Noticioso (A) modifica as "Emoções Negativas" e menos diminui as "Pró-sociais", mais se altera a percepção da dor. Já em relação ao artigo de Jornalismo Literário (B), quanto mais o texto modifica as emoções "Pró-sociais" e as emoções

de "Serenidade", menor a modificação na percepção da dor. Assim, é possível inferir que os textos poderão, pela sua natureza e conteúdo, ter impactos distintos na variável psicofisiológica em estudo.

Quando correlacionamos os Batimentos Cardíacos com a Dor concluímos que os indivíduos mais precisos na avaliação do seu batimento cardíaco modificam menos a sua percepção da dor a estímulos mais intensos durante a leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

Já a correlação entre as Características Psicológicas Individuais com a Dor permitiu verificar que efeitos emocionais como o "Desamparo" se relacionam com um aumento das diferenças na percepção dos estímulos dolorosos no texto Noticioso (A) e com uma diminuição das diferenças no texto de Jornalismo Literário (B), que parece provocar, tendencialmente, analgesia. Os indivíduos menos catastrofizadores não modificam a amplitude das emoções e quanto maior a catastrofização, mais "anestesiados" ficam, já que sentem menos dor, induzindo uma resposta de analgesia. Por ser muito sensível, o catastrofizador tende a bloquear o efeito da dor. Quem é mais sensível, tendo menor estabilidade emocional, modifica mais as reações fisiológicas e emocionais.

No que diz respeito à correlação entre percepção de Dor, Bem-estar emocional e Leitura dos Textos, quanto mais os sujeitos mudam a percepção da dor antes e depois da leitura, maiores as pontuações na subescala de risco psicológico para si próprios e para os outros. Ou seja, perante um texto de Jornalismo Literário (B), os indivíduos com maior risco de provocarem dano a si próprias ou aos outros ficam com menos sensibilidade à dor. Assim, estes resultados sugerem que o impacto fisiológico dos artigos também depende da maior ou menor estabilidade emocional dos indivíduos e que, possivelmente, para pessoas mais vulneráveis, os textos poderão ter um maior impacto emocional, que se traduzirá numa tendência para inibirem o processamento e/ou expressão de emoções e de sensações corporais, como a dor.

Por outro lado, as respostas ao questionário MAIA indicam-nos que as emoções negativas se correlacionam com a dificuldade em distrair-se do corpo, revelando menos tendência para modificações negativas: os sujeitos que não se preocupam com o corpo, têm menos modificações na resposta a emoções negativas e os que têm maior capacidade de confiar no corpo, de se sentirem à vontade com o corpo, registam maiores alterações nas emoções. Quanto maior a consciência corporal, maior a capacidade de reportar diferenças emocionais.

Quanto menor a capacidade de regular a atenção corporal (regulação atencional), maior o aumento da amplitude da dor. Ou seja, quanto mais consciência emocional (MAIA) têm os indivíduos, maior capacidade revelaram para reportar mudanças na percepção da dor, sugerindo que uma maior regulação atencional e consciência do corpo se pode associar a uma maior capacidade para avaliar modificações na percepção da dor depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

A correlação entre a percepção de Dor, o Bem estar Emocional e a leitura dos artigos indicamos que indivíduos com características de base mais vulneráveis percebem mais dor depois da leitura de um texto mais intenso como o de Jornalismo Literário (B). Os sujeitos vulneráveis, com maior tendência para comportamentos de risco (por exemplo, de suicídio) apresentam menor sensibilidade à dor, o que nos leva a inferir a possibilidade de os textos terem forte impacto em pessoas mais vulneráveis emocionalmente, traduzindo-se numa inibição do processamento de emoções ou estados negativos. Alguns indivíduos exprimem melhor e têm maior consciência de como o texto as afeta. Os que têm menor consciência, poderão ter maior risco porque quando as pessoas têm mais consciência das suas emoções, parecem ter maior capacidade de as regular. Tem sido também bastante reportado nos estudos da dor que as pessoas com mais dificuldade em expressarem as emoções (designadas nessa literatura como Alexitímicos) tendem a sofrer mais com problemas de dor (Lumley et al., 2011).

Analisadas as correlações entre as Emoções, a percepção de Dor, os Batimentos Cardíacos e as Características Psicológicas Individuais, conclui-se que diferentes textos têm diferentes impactos em pessoas com características psicológicas diferentes. Há um efeito mais fisiológico para as pessoas mais sensíveis. Para estes indivíduos com menor estabilidade emocional, regista-se menos modificação das reações fisiológicas e emocionais após a leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

O impacto dos textos parece depender sobretudo da maior ou menor estabilidade emocional dos indivíduos, que têm também diferentes reações à forma e estilo de escrita dos textos, já que registam diferentes efeitos psicofisiológicos, nomeadamente na variável Dor.

Na correlação entre Batimentos Cardíacos e percepção de Dor antes e durante a leitura, o texto de Jornalismo Literário (B) evidenciou diferenças negativas significativas. Ou seja, quanto maior a diferença nos Batimentos Cardíacos, menor a percepção de Dor durante a leitura do

texto B, podendo concluir-se que, quanto maior a diferença nos batimentos, menor a diferença reportada na percepção da dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário.

Quanto à variável Batimentos Cardíacos, verifica-se que os participantes evidenciaram significativamente menos batimentos cardíacos durante a leitura do que quando tinham sido avaliados em repouso.

O texto Noticioso (A) não evidenciou diferenças significativas nos batimentos cardíacos antes e durante a leitura. Mas o texto de Jornalismo Literário (B) evidenciou diferenças negativas significativas nos batimentos cardíacos antes e durante a leitura. Ou seja, os batimentos cardíacos diminuíram durante a leitura do texto de Jornalismo Literário. Durante a tarefa dos batimentos cardíacos foi avaliada a capacidade interoceptiva dos sujeitos.

A interocepção, que avalia a capacidade dos indivíduos para captarem estados internos (Craig, 2003), permite-nos relacionar a capacidade interoceptiva com as emoções. As percepções do estado do corpo, como a interocepção, são importantes para modelar as emoções e o batimento cardíaco é uma das tarefas que permite avaliar essa percepção (Schandry, 1981). Importa comparar o que os sujeitos dizem registar e os resultados reais. Geralmente, quem reage de forma mais consciente, tem menor sintomatologia física e quem se exprime mais, tem maior consciência, exteriorizando mais em termos verbais e menos em termos fisiológicos. Os melhores a prever o estado do corpo, sentem maior bem-estar e são também melhores na autorregulação, o que pode ajudar a explicar que textos mais intensos emocionalmente tenham maior impacto nos indivíduos mais vulneráveis, por incapacidade de se autorregularem.

Os indivíduos mais precisos na avaliação do batimento cardíaco modificaram menos a percepção de dor com estímulos intensos depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B). A diferença na reação física parece estar relacionada com as características de base dos sujeitos.

Por oposição às medidas fisiológicas, que registam reações físicas não dependentes de efeitos conscientes, os Questionários Finais resultam em respostas conscientes e autorrelatadas pelos indivíduos, podendo, por isso, ser afetadas por questões de expectativa social. No entanto, o seu defeito é também a sua maior valia: por um lado, assume-se o risco de poderem

ser dadas respostas consideradas socialmente corretas, mas, por outro, são as respostas diretas dos próprios indivíduos e não interpretações de outras medidas.

Assim, estes questionários finais foram aplicados com vários objetivos. O primeiro era averiguar até que ponto os sujeitos da amostra tinham compreendido o que leram e se a compreensão variava com o tipo de texto.

Deste modo pudemos constatar que a maior parte dos indivíduos entende que o texto que tinha acabado de ler (quer fosse o Noticioso ou o de Jornalismo Literário) lhe ficará na memória, tendo compreendido aspetos da informação reportada, como o tema principal (a explosão da bomba atómica), o local dos acontecimentos (Hiroshima), a falta de condições do hospital para socorrer as vítimas, a existência de sobreviventes e de feridos. Havia apenas duas perguntas em que se pedia aos sujeitos que respondessem por extenso. Uma quanto ao edifício que havia caído ao rio, a que 70% respondeu de forma correta, e outra quanto ao número de feridos, a que apenas 40% dos inquiridos respondeu acertadamente. Assim, tendo em conta que em tudo o resto os sujeitos responderam adequadamente, podemos concluir que parte substancialmente relevante da amostra compreendeu o texto que lhe foi apresentado para ler, tanto o noticioso como o de jornalismo literário.

A averiguação suportada por este primeiro questionário é importante para que possamos descartar a hipótese de os voluntários variarem na receção aos textos devido a algum problema de compreensão do que fora lido.

O segundo questionário pretendia averiguar as diferenças de receção em relação aos dois tipos de texto: Noticioso e de Jornalismo Literário. O texto escrito em estilo Noticioso (A) destacou-se pela maior angústia provocada nos leitores e por fazer os inquiridos sentirem-se no local da explosão.

Já o texto de Jornalismo Literário (B) destacou-se pelo grau de satisfação com a leitura, pelo interesse despertado pelo texto e por permitir aos sujeitos sentirem-se mais informados após a leitura.

Algumas questões despertaram respostas muito idênticas após a leitura de ambos os artigos, como sucedeu com as respostas que indicam que os textos despertam emoções fortes. Mas na maioria das vezes com vantagem para o texto de Jornalismo Literário. Foi o caso quando

os indivíduos consideraram que a escrita influenciou a compreensão, com a concordância de que recomendariam o texto acabado de ler a um amigo e ainda com o facto de não se inclinarem especialmente para a adesão a movimentos antinucleares depois da leitura nem que a leitura tenha permitido uma opinião mais fundamentada sobre o uso da energia nuclear.

Assim, e como permite constatar o Quadro 47, podemos concluir que a receção dos textos é diferente, embora ambos os estilos provoquem o autorrelato de emoções provocadas pela leitura.

Quadro 47: *Diferenças Receção texto Noticioso e de Jornalismo Literário*

Noticioso	Jornalismo literário
<ul style="list-style-type: none">. Mais angústia causada pelo texto. Sentir-se no local da explosão. Escrita influenciou a compreensão. Opinião sobre nuclear. Texto causou emoções fortes	<ul style="list-style-type: none">. Satisfação de leitura. Interesse da leitura. Recomendar a um amigo. Escrita influenciou compreensão. Sentir-se informado. Vontade adesão movimentos antinuclear. Texto causou emoções fortes. Texto de que gostou mais. Texto causou mais emoção. Recomendaria a amigo. Prazer de leitura

Fonte: Os Quadros são resultado de elaboração própria, baseada nas questões colocadas nos Questionários Finais, constantes dos Quadros 3 a 44, relativas às percepções dos dois tipos de texto. Advêm das diferenças de receção autorrelatadas por parte da amostra, com vantagem para o texto de Jornalismo Literário na maior parte dos itens

Com o terceiro e último questionário deste conjunto pretendia-se saber mais sobre o conhecimento dos inquiridos relativamente ao jornalismo literário, mas também sobre as diferenças nas sensações despertadas pela leitura dos dois tipos de texto. Enquanto no questionário anterior os sujeitos reportavam uma escala de impressões e opiniões, neste último pedia-se que optassem entre o texto A ou B perante as perguntas colocadas. Além

disso, pretendeu-se também averiguar sobre a apetência dos sujeitos para a leitura de informação em papel e dispositivos eletrónicos.

Uma maioria expressiva dos sujeitos afirmou desconhecer os dois textos, assim como o autor. Quanto à capacidade informativa, os inquiridos revelaram uma ligeira tendência para se sentirem mais informados após a leitura do texto Noticioso (A). Mas em termos de perceção positiva em relação ao que tinha sido lido, reportaram uma clara preferência pelo texto de Jornalismo Literário (B), que causou mais emoção (81,7%) e é associado a "prazer de leitura" (75%). Em coerência, seria igualmente o texto B o que mais recomendariam a um amigo (60%).

No que toca à relação com o Jornalismo Literário, a maioria dos respondentes (55%) afirma que já tinha ouvido falar, mas só metade reporta ter já lido alguma peça jornalística nesse formato. Ainda assim, uma larga maioria (83,3%) selecionou a definição certa do conceito: "Jornalismo que reporta factos em estilo literário".

Questionados sobre as preferências em termos de meios, uma clara maioria (90%) afirma que a leitura em papel ou em dispositivo é diferente e que, para uma "leitura imersiva", prefere o papel (85%). Da mesma forma, uma maioria expressiva (78,3%) dos inquiridos entende que "assimila melhor a informação em papel".

CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Recorrendo ao registo de medidas psicofisiológicas e a questionários, o trabalho explicitado até aqui propôs-se documentar a existência de efeitos dos *media* nos seus utilizadores. Desde logo, os utilizadores de textos impressos, como os estudados na investigação ora descrita. Em concreto, os efeitos de textos noticiosos e de jornalismo literário. Mais do que contestar anteriores abordagens, pretende-se acrescentar saber ao conhecimento sobre os processos comunicacionais, com especial enfoque na receção.

Assim, esta tese propôs-se responder à seguinte pergunta de partida:

Como se caracteriza, comparativamente, em termos cognitivos e psicofisiológicos, a receção a textos de jornalismo noticioso e de jornalismo literário?

Para isso, prosseguiu os seguintes Objetivos:

1. Contribuir para a compreensão da receção de textos dos géneros jornalísticos noticioso e de jornalismo literário;
2. Elencar respostas para a forma como o leitor se relaciona com a informação;
3. Explorar e aprofundar o impacto da leitura de diferentes tipos de textos jornalísticos nos mecanismos psicofisiológicos.

Para cumprir os objetivos acima referidos, comparamos dados obtidos com registos psicofisiológicos antes e depois da leitura dos textos jornalísticos propostos (um noticioso e outro de jornalismo literário), controlando as variáveis, como é apanágio das abordagens experimentais da receção, já que só assim se podem fazer inferências das correlações observadas entre a exposição ao conteúdo de *media* e o efeito que daí possa advir (Livingstone, 1996). Ao contrário das correntes fundadoras que privilegiavam o processo da emissão sobre o da receção (Sousa, 1998), esta pesquisa focou-se na receção.

Assim, os objetivos explicitados deverão permitir a verificação ou infirmação das seguintes hipóteses:

1. Há diferenças na receção de um texto noticioso e de jornalismo literário.
2. A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.
3. A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.
4. A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da perceção de dor e dos batimentos cardíacos.

Desta forma, buscamos eventuais modificações das respostas psicofisiológicas que possam ser atribuídas à leitura dos artigos jornalísticos. Com esta análise pretendemos averiguar se algum dos textos (noticioso ou de jornalismo literário) teve mais capacidade de modificar os indivíduos. Ou seja: se tiveram efeitos psicológicos e físicos sobre eles, que possam ser imputados à leitura desses artigos jornalísticos.

Para analisar as Emoções, a percepção de Dor e as diferenças no Batimento Cardíaco pedimos a dois grupos de indivíduos que lessem os textos e avaliámos as variáveis antes e depois da leitura. A existência de diferenças indicaria se a leitura havia provocado efeitos nos leitores, induzindo ou não mudanças emocionais e fisiológicas.

5.1. NA ABORDAGEM DAS NEUROCIÊNCIAS

O crescendo de investigação nas neurociências tem levado a uma proliferação de intercâmbios entre vários saberes e essa área científica, sendo já comum a reivindicação de que urge instituir as neurociências da comunicação para melhor compreender os processos subjacentes às escolhas dos recetores de informação (Falk, 2012), com Weber et al. (2015) a defenderem a existência das neurociências dos *media* como uma subdisciplina e Della Rocca (2017) a sugerir uma abordagem crítica das humanidades às neurociências. Kedia et al. (2017) argumentam pelas neurociências sociais, explicitando que se trata de encarar sistemas biológicos como instrumentos que contribuam para compreender o comportamento social. Ou seja, adquirir conhecimento sobre o comportamento humano – pensamentos, emoções e intenções – através da observação da biologia. Valorizar os processos mentais em sistemas biológicos abre a porta para a compreensão de efeitos inconscientes e percepções da informação que podem não ser admitidas explicitamente (Kedia et al., 2017). Assim, é entendimento da autora desta tese que a abordagem da compreensão dos fenómenos da comunicação pelo óculo das neurociências poderá provar-se de grande valia, na medida em que tem o potencial de acrescentar conhecimento sobre fenómenos da receção até aqui muitas vezes ignorados ou negligenciados.

Os estudos neurológicos permitem investigar processos inconscientes assim como a cognição que os participantes poderão não querer ou não conseguir admitir explicitamente. As neurociências sociais são assim de particular utilidade para explorar as motivações dos participantes sem ter de depender de medidas que podem ser alteradas por enviesamentos pessoais ou desejos sociais. (Kedia et al., 2017, p. 11)

Se entendermos, como Weber et al. (2015), que "toda a comunicação é mediada por um substrato físico" (p. 148), facilmente aceitamos a utilidade desta abordagem. O autor divide as questões das neurociências dos *media* em três categorias: localização, seleção e generalização. Para a localização interessam as estruturas neuronais envolvidas numa

construção ou processo cognitivo específico. Para a seletividade, as estruturas neuronais recrutadas por diferentes processos cognitivos. Para a generalização, a definição das estruturas neuronais exigidas às várias tarefas de comunicação, aspecto este já bastante abordado pela imagiologia, através de exames como a ressonância magnética.

A atividade cerebral tem sido usada como indicador das preferências dos indivíduos. No caso da nossa pesquisa, não se baseando em observação de imagiologia, tentámos obter respostas através da medição dos efeitos psicofisiológicos da recepção da informação, um caminho científico também já sugerido, por exemplo, por autores como Mangen et al. (2018).

Olhemos, então, para as hipóteses levantadas para esta pesquisa, agora à luz das neurociências.

Hipótese 1: Há diferenças na recepção de um texto noticioso e de jornalismo literário.

Neste ponto da análise entendemos importante recordar que desenvolvemos um estudo exploratório, quase seminal, nunca feito nestes moldes para aplicar ao jornalismo, e menos ainda ao jornalismo literário. Por um lado, tornou-se muito difícil antecipar resultados e métodos. Por outro, a literatura que sustenta a pesquisa tem, muitas vezes, de ser aceite por aproximação, recorrendo a resultados em áreas como a literatura de forma a preencher a lacuna de estudos no tema que nos propusemos abordar.

Para compreender como o cérebro interage com os *media*, na perspetiva do leitor, recorreremos a medidas psicofisiológicas, como as Emoções, a percepção de Dor e o Batimento Cardíaco. Com a análise dos dados explicitada nos Quadros 45 e 46, nas Tabelas 2, 3, 4 e 5, nas figuras 5 e 6 e no quadro 2, a partir dos Anexos 4.1 a 6.3, já analisados anteriormente, constatamos que a recepção aos diferentes tipos de textos jornalísticos tem implicações diferentes nas emoções, na cognição e na fisiologia dos sujeitos. Por outro lado, as respostas recolhidas sugerem também que a recepção está intrinsecamente dependente das características psicológicas individuais de cada sujeito da amostra.

As nossas constatações são coerentes com a perspetiva de alguns autores, como Neveu (2014), segundo os quais uma das grandes contribuições dos estudos de recepção foi provarem empiricamente a enorme variedade de receções, usos e gratificações das mensagens de *media*.

A leitura indireta às reações à informação, através de respostas corporais, levou investigadores como Wise et al. (2009) a constatar que os indivíduos pesquisam informação de forma diferente e que o processamento da informação é condicionado pelos efeitos cognitivos provocados por uma determinada mensagem. Assim, procurando modificações de respostas psicofisiológicas que possam ter sido provocadas pela leitura dos textos, também os nossos resultados indicam que os indivíduos mais velhos se modificam mais com a leitura dos textos, tendendo a alterar as escalas de emoções de Autoeficácia e Prós-sociais em ambos os textos, o mesmo acontecendo com a variável demográfica escolaridade. As diferenças nas emoções de Autoeficácia, que medem a capacidade e segurança do indivíduo, mostraram que a informação serviu para se sentirem mais seguros e capacitados relativamente aos acontecimentos.

Pelo contrário, os indivíduos que registaram diminuição das emoções Pró-sociais após a leitura poderão ter-se sentido desiludidos com os acontecimentos, o que parece razoável na medida em que os artigos tratam de um tema humanamente cruel: os efeitos da bomba atômica sobre pessoas concretas. Portanto, numa primeira análise verifica-se que os dois tipos de textos têm efeitos sobre o mesmo tipo de emoções. Porém, quando se avaliam características mais individuais como a idade e a escolaridade já se registam diferenças entre os efeitos dos textos: o Noticioso aumenta a resposta de emoções como "Amável" e "Atencioso", enquanto o de Jornalismo Literário diminui a resposta de emoções como "Ardente" ou "Atrevido".

Autores como Lin et al., (2008) haviam já constatado que um mesmo artigo noticioso pode provocar várias emoções diferentes. Por seu lado, Weber et al. (2015) diz-nos que tipos de conteúdo narrativo diversos induzem diferentes níveis de libertação de serotonina (hormona associada a bem estar).

Também Nijhof & Willems (2015) defendem que as pessoas têm diferentes envolvimentos com a leitura, nomeadamente constatando que umas se relacionam com as histórias pela ação e outras pelos sentimentos, quando leem ficção. No caso da nossa pesquisa, os dados parecem sugerir que o texto noticioso tem maior impacto nos indivíduos com maior vulnerabilidade, estando relacionado com efeitos diferenciados, em função de características individuais e enfatizando as diferenças entre cada leitor.

Tal como sucedeu com as emoções, também as medidas psicofisiológicas revelaram diferenças na receção dos textos. Recorrendo às Tabelas 4 e 5 e aos Quadros 45 e 46, a partir dos Anexos 4.2 a 6.3, verificamos que a perceção de Dor demonstrou tendência para aumentar após a leitura do texto Noticioso enquanto, pelo contrário, diminui de forma estatisticamente significativa após a leitura do texto de Jornalismo Literário. Por outro lado, a correlação com as emoções demonstrou igualmente modificar a perceção de Dor, com tendência para aumentá-la, após a leitura do texto Noticioso e diminuindo-a de forma estatisticamente significativa com o artigo de Jornalismo Literário. Idênticas variações foram igualmente constatadas com a medição dos Batimentos Cardíacos.

Assim, no seu conjunto, o registo das medidas psicofisiológicas permite constatar que há diferenças de receção nos dois tipos de texto.

Tudo indica que o artigo noticioso tende a estar associado a respostas mais diretas e expectáveis para a presença de emoções negativas (maior intensidade emocional e de dor) e o literário está mais associado a algum nível de inibição do processamento emocional aversivo (como no caso da dor, por exemplo).

No que toca às repostas conscientes, baseadas nos Questionários Finais aplicados aos sujeitos, e analisando os Quadros 32 a 44, a partir dos Questionários de Avaliação de Texto e Pós-Leitura, verificamos que a receção autorrelatada aos dois tipos de texto também se revelou diferente. Tanto em termos de preferências de estilo, como de preferência informativa, ou ainda de impacto emocional da leitura.

Nos Anexos 4.2 a 4.6 registam-se os efeitos mais específicos na receção dos textos tendo em conta as características individuais. Aí constata-se que são os indivíduos de maior idade que se modificam mais com a leitura dos textos. A nossa análise tinha por objetivo avaliar até que ponto os artigos revelavam capacidade de modificar os sujeitos em termos psicofisiológicos, tendo-se confirmado que ambos os textos têm efeitos nos sujeitos e que esses efeitos podem ser diversos consoante as próprias características dos indivíduos.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Neurociências, se confirma a Hipótese 1: Há diferenças na receção de um texto noticioso e de jornalismo literário.

Hipótese 2: A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Para uma abordagem mais completa, que permitisse conciliar as repostas não conscientes (psicofisiológicas) e as conscientes (cognitivas), aplicaram-se três questionários finais, com vista à obtenção de respostas diretas dos próprios indivíduos para apuramento dos efeitos cognitivos induzidos pelos textos lidos.

Primeiro averiguou-se o estado da memória dos indivíduos através do teste de Memória de Dígitos (Wechsler, 2008), uma prova de avaliação neuropsicológica que mede a memória de curto-prazo, a concentração e a atenção focada. O teste revelou normalidade nas respostas dos sujeitos, permitindo excluir a hipótese de alguma falha cognitiva que pudesse enviesar os resultados das experiências seguintes.

Depois pediu-se que respondessem a um primeiro questionário que examinava a compreensão dos artigos, seguido de outro de avaliação do impacto dos textos com o objetivo de avaliar a compreensão e a memória dos factos relatos. Ainda um terceiro questionário averiguou as perspetivas e opiniões individuais sobre cada um dos textos. Todo este grupo de questionários foi construído pelos investigadores do presente estudo.

Conforme relatado, e observável nos Quadros 3 a 10, partir do Questionário de Compreensão do Texto, a maior parte dos indivíduos entende que se recordará de ambos os artigos (A e B), tendo assimilado aspetos da informação reportada, como o tema principal (a bomba atómica), o local dos acontecimentos (Hiroshima), a falta de condições do hospital para socorrer os queimados, a existência de sobreviventes e de feridos. Em apenas duas questões se pedia aos sujeitos que respondessem por extenso: quanto ao edifício que havia caído ao rio, a que 70% respondeu de forma correta, e quanto ao número de feridos, a que 40% dos inquiridos respondeu acertadamente. Assim, pudemos descartar a hipótese de os voluntários variarem na receção aos textos devido à falta de compreensão do que leram.

Embora raramente aplicada à leitura de textos jornalísticos publicados na imprensa, a cognição tem atraído muita investigação, nomeadamente na área da linguagem e da compreensão. O cérebro, resultado de milhões de anos de evolução (Caldas, 2016), é a base fisiológica dos pensamentos, emoções, imaginações e comportamentos humanos (Zheng,

2019), responsável por organizar a informação que nos chega através dos sentidos (Caldas, 2012).

Para se aproximarem à compreensão do cérebro humano, muitos estudos direcionaram-se ao comportamento animal, permitindo, por exemplo, constatar que, nos primatas, as intenções podem ativar as mesmas zonas cerebrais do que os atos (Caldas, 2010). Ou que, como relataram Bromberg-Martin & Hikosaka (2009) na experiência que fizeram sobre a recompensa cognitiva de humanos e animais, a informação é valorizada em termos sociais e biológicos, já que é tratada como uma recompensa, ativando hormonas de prazer.

Como se pode observar no Quadro 47, a partir dos Questionários Finais, os dois últimos questionários sublinham que a receção do texto Noticioso se pautou por maiores sentimentos de angústia, provocando emoções fortes durante a leitura e propiciando a sensação de estar no local da explosão através do simples ato de ler. No entanto, o resultado das medidas mais inconscientes, parece destacar um forte impacto induzido pelo texto de jornalismo literário.

Os dados patentes no Quadro 47, a partir dos Questionários Finais, permitiram constatar ainda que o texto de Jornalismo Literário se destacou pelo grau de satisfação e prazer de leitura, pelo interesse despertado e por permitir aos sujeitos sentirem-se mais informados após a leitura. Autores como Johnston & Graham (2012) corroboram estas constatações ao defenderem que os textos de tipo narrativo são mais apetecíveis à leitura do que os artigos escritos em formato de pirâmide invertida. Acresce que a maioria dos indivíduos afirmou que a escrita influenciou a compreensão e que recomendariam o artigo a um amigo, podendo-se inferir que a forma como um texto é escrito possa ativar sensações positivas de recompensa.

Por outro lado, a leitura do artigo de jornalismo literário (B) não tornou os sujeitos muito mais empenhados em aderir a movimentos antinucleares, nem lhes deu opiniões mais relevantemente fundamentadas sobre o uso da energia nuclear.

Embora se saiba que os processos comunicacionais são dinâmicos e geralmente preparados para recrutar um número variado de subprocessos cognitivos (Weber et al., 2015), regista-se uma lacuna relativamente a pesquisas direcionadas a textos jornalísticos, até porque uma quantidade substancial dos estudos de *media* é dedicada a conteúdos televisivos. Na falta de abordagens cognitivas à receção de artigos jornalísticos de imprensa, recorreremos à sua maior abundância com exemplos da literatura (Zunshine, 2015). O paralelo justifica-se sobretudo no

caso do texto de Jornalismo Literário, já que, por empregar técnicas da narrativa, para efeitos de receção da informação, são vários os autores que advogam o seu acolhimento como literatura por parte dos leitores (e. g. Zunshine, 2015, Mar, 2004). Como afirma Mar (2004), "uma narrativa pode ser não-ficção, desde que siga os princípios da apresentação de uma história" (p. 1420).

O comportamento cognitivo a partir de textos literários foi abordado por Mar (2004), Mangen & Kuiken (2014), Phillips (2011 e 2015), Miall & Kuiken (2002), Nijhof & Willems (2015) e Knobloch et al. (2004), entre outros.

Phillips (2015) constatou que ler por prazer aumenta o fluxo sanguíneo no cérebro durante a leitura. Graças à estrutura narrativa dos textos de ficção (semelhante à estrutura usada em textos de Jornalismo Literário, como vimos anteriormente), os leitores sentem-se transportados para dentro da narrativa. Sentem-se parte da história que estão a ler, vivenciando a trama literária como algo real em termos de ativação cerebral. Tal como denotam as respostas dos sujeitos do nosso estudo, outras pesquisas indicam que as personagens permitem experienciar os mesmos acontecimentos de formas diferentes (Palmer, 2015). Nijhof & Willems (2015) verificaram que a ativação da rede de mentalização estava associada à sensação de transporte do leitor durante a leitura de ficção: "Quando lemos ficção narrativa somos transportados para locais ficcionais, sentimos e pensamos com os personagens" (p. 1).

Seja porque precise delas para viver ou para tornar o mundo que o rodeia mais ameno, certo é que se tem constatado que o ser humano cria histórias constantemente, sendo capaz de ver narrativas até em imagens de bolas e quadrados (Eagleman, 2015). Por isso, muitos entendem que a literatura pode treinar funcionalidades sociais e de adaptação, criando diferentes ângulos para a mesma realidade, além de bem-estar físico (O'Sullivan et al., 2015) e empatia cognitiva (Bloom, 2016).

A profundidade da relação estabelecida com um texto prende-se em grande medida com a capacidade desse texto para captar a nossa atenção cognitiva, como demonstrou Phillips (2015), após encontrar diferenças na atenção em leitura por prazer e leitura ocasional, com impactos distintos no envolvimento com o que se está a ler. Se a leitura for atenta, ativa diversas regiões do cérebro, sendo que o próprio estilo do texto prediz diferentes exigências

cognitivas, envolvendo distintos padrões neuronais. Phillips concluiu que há variados potenciais de receção e que os leitores individuais podem ter respostas diferentes para o mesmo livro.

O estilo e o grau de atenção que damos a uma obra de arte (seja um romance, um poema, uma peça musical, uma peça teatral, uma pintura ou um filme) podem mudar radicalmente o nosso envolvimento com ela, não apenas ao nível da experiência estética subjetiva, mas também ao nível da cognição, expressa através de padrões únicos de ativação neuronal. (Phillips, 2015, p. 56)

A cognição implicada na leitura de textos literários não oferece ainda certezas, mas parece certo que as pessoas variam muito na forma como se relacionam com a ficção (Nijhof & Willems, 2015). Afigura-se provável que diferentes tipos de envolvimento com a narrativa levem a experiências distintas com essa leitura. Observando por ressonância magnética as reações neuronais dos indivíduos enquanto ouviam excertos de romances, os autores constataram diferenças no envolvimento com a ficção, sendo umas pessoas mais atraídas pela vida dos personagens e outras pelas ações relatadas na história. Estudos anteriores examinados pelos mesmos autores referem que histórias rotuladas como ficção levaram a uma ativação superior no córtex pré-frontal, enquanto as histórias rotuladas como verídicas ativaram mais o córtex pré-motor. Os exemplos descritos permitem postular que diferentes tipos de texto podem induzir diferentes ativações cognitivas, tal como verificado com os dados recolhidos com os sujeitos da nossa pesquisa.

Questionados sobre as preferências em termos de meios, a maioria dos indivíduos estudados por nós afirmou que entendia ser diferente ler em papel ou em dispositivo. E especificaram: para uma "leitura imersiva", preferem o papel. Não só preferem (uma resposta que, em nosso entender, se reportará mais ao bem estar com a leitura), como também afirmam que assimilam melhor a informação (uma resposta mais dirigida à receção cognitiva do meio em que acabaram de ler). Aliás, já o nosso estudo-piloto descrito anteriormente, que envolveu cerca de 500 estudantes universitários, mais jovens do que esta amostra, indicava que 74,4% acreditavam que a leitura em papel lhes permitia assimilar melhor a informação e que para uma leitura imersiva 83,6% optavam igualmente pela leitura em papel. Apenas 12,5% considerava o efeito indiferente e só 3,4% optaria preferencialmente pelo dispositivo eletrónico.

Estudos da Universidade de Stavenger, na Noruega, sobre a forma como os indivíduos leem em diferentes suportes, sugerem que o tato e a relação física com o papel poderão ter a capacidade de induzir uma experiência cognitiva e emocional diferente, sobretudo com leitura que exige maior atenção (Mangen et al., 2013). Num outro estudo, sueco, verificou-se que os alunos aprendiam melhor lendo em papel. Por um lado, porque usar o rato ou o dedo para movimentar o texto requer atenção e distrai, por outro, porque as interrupções para movimentar o texto para cima e para baixo inibiram informações da memória de curto prazo (Wästlund et al., 2005). Pesquisas como as de Adams (1994), indicam que a fisicalidade é uma importante fonte de informação subconsciente sobre a posição dos leitores num texto, já que há uma relação estreita entre gesto e cognição. A aparência da página e a sensação do papel são dicas sensoriais que contribuem para o conjunto da experiência de leitura, eventualmente empobrecida com a utilização de dispositivos. Além disso, a leitura em papel dá pistas visuais e táteis que permitem uma organização conceptual automática da informação com possíveis efeitos na compreensão do que é lido.

Foram ainda encontradas em pesquisas anteriores correlações entre a aprendizagem e a leitura em papel ou dispositivo, com os alunos a demonstrarem excesso de confiança com este último tipo de leitura, já que os que liam em papel demonstraram melhor noção da sua própria compreensão dos conteúdos. A investigação sugere que o processo natural de aprendizagem possa ser influenciado pela imaterialidade dos textos em dispositivo. Através do papel o processo parece ser mais completo, resultando em menor aprendizagem com o que era lido em dispositivos eletrónicos (Ackerman & Goldmith, 2011). Por seu lado, Cunningham & Stanovich (2001) constataram que a leitura tem implicações cognitivas que vão para além da tarefa imediata de retirar significado de uma determinada mensagem.

Como já abordado anteriormente, o debate sobre as diferenças cognitivas entre leitura em papel ou em dispositivos está longe de fechado e deverá continuar a inspirar investigações por muito tempo. Porém, há também vasta pesquisa que sustenta as perceções autorrelatadas pelos indivíduos da nossa pesquisa.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Neurociências, se confirma a Hipótese 2: A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

3. A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Antes mesmo de aprofundarmos a discussão dos dados relativamente aos efeitos que os textos tiveram nos sujeitos em termos emocionais, releva definir em que perspetiva entendemos a noção de emoção.

Do ponto de vista fisiológico sabemos que um pequeno conjunto em forma de amêndoa no lobo temporal (face interna) denominado amígdala tem um papel crucial no processamento das emoções e da memória (Allen, 2009). As emoções surgem de forma automática e independente da vontade do indivíduo, sendo geradoras de sentimentos, mas também de efeitos fisiológicos, como, por exemplo, o aumento do batimento cardíaco (Moreira & Gamboa, 2016). Tal significa que as emoções são individuais e subjetivas, ou seja, variam com as circunstâncias e com os sujeitos, que as evocam quando algo importante está em jogo. Assim, podem refletir-se involuntariamente na respiração ou nas expressões corporais e provocar reações como medo ou alegria (Damásio, 2020 e Mizgajski & Mikołaj, 2019). Por isso, entende-se hoje, os sentimentos são, também, biologia, resultando de interações entre corpo e cérebro (Damásio, 2017).

Apesar do interesse evidente num melhor conhecimento sobre as emoções, é também comumente admitido que são muito difíceis de operacionalizar, quantificar e medir com precisão, especificidades que têm contribuído para a escassez de estudos sobre o tema nas áreas da comunicação (Mizgajski & Mikołaj, 2019). Por todo o exposto, facilmente se compreende que seja complexo – e até desmotivador do ponto de vista científico – tentar medir emoções. No entanto, não fazê-lo significa também negar aquilo que já é uma evidência: elas estão em tudo o que fazemos e podem dar indicadores preciosos relativamente ao efeito dos acontecimentos sobre as pessoas, pelo que, é nosso entendimento, seria um erro continuar a ignorá-las. Sobretudo no que toca à comunicação, já que a receção não declarada que permitem analisar poderá ser de grande valia para a compreensão dos fenómenos comunicacionais.

Assim, tal como nas neurociências, também nós optamos por não sobrevalorizar a dicotomia entre emoção e razão, procurando, pelo contrário, aferir onde se tocam. Para analisar a forma como reagimos ao que lemos e à informação que recebemos, relacionamos questões da

recepção com ativações emocionais, registrando as emoções induzidas pela leitura de diferentes textos jornalísticos: Noticioso e de Jornalismo Literário.

Para isso recorreremos a medidas de avaliação das emoções através do questionário Inventário de Estados Afetivos – Reduzido (IEA-R), que consiste numa medida multidimensional dos estados afetivos, composta por 19 itens e cinco escalas. Avaliam "Emoções Negativas", de "Ativação Positiva", de "Autoeficácia" (sensação de ter uma base emocional segura), "Pró-Sociais" (procura de proximidade) e de "Serenidade" (sensação de ter um porto de abrigo em momentos de stress), consideradas variáveis úteis quando se pretende avaliar simultaneamente estados emocionais positivos e negativos (Moreira & Gamboa, 2016), como é o caso do nosso estudo.

O domínio sobre as emoções incorpora tanto mecanismos comportamentais, atraindo a atenção ou impedindo a concentração, como fisiológicos, nomeadamente o aumento do batimento cardíaco, medida usada na pesquisa aqui apresentada. Seguindo o modelo de Moreira & Gamboa (2016), que engloba escalas sensíveis às circunstâncias emocionais, entende-se por emoções negativas aquelas que são sentidas como aversivas e que envolvem desejos de mudança do que está a acontecer, enquanto as positivas serão percebidas como agradáveis e associadas a desejos de desfrutar, partilhar com outros e manter a situação geradora das referidas sensações.

No questionário aplicado, na escala de emoções negativas contemplam-se as emoções Deprimido, Angustiado e Perturbado, enquanto nas positivas, se contemplam as emoções Audacioso, Ardente, Atrevido e Ousado. No caso da escala de emoções de Autoeficácia incluem-se as emoções Determinado, Seguro, Competente e Capaz. Já nas Pró-Sociais procuram-se as emoções Atencioso, Caloroso, Afetuoso, Amável e Simpático, enquanto nas de Serenidade se consideram as emoções Sereno, Tranquilo e Calmo. De acordo com os autores, a Ativação Positiva motiva o indivíduo a agir, desempenhando um papel na sociabilidade, no empreendedorismo e no combate à depressão. Já os sentimentos de Autoeficácia refletem comportamentos orientados para objetivos, para manter o foco e a eficiência. Por seu lado, as Emoções Pró-Sociais encorajam a empatia, enquanto as emoções de Serenidade permitem descontrair e valorizar aspetos positivos do que é vivenciado.

Os dados obtidos com este instrumento foram depois correlacionados com outros questionários como o Clinical Outcome Routine Evaluation – Outcome Measure (CORE-OM), que usa o autorrelato dos sujeitos para medir o bem-estar psicológico. Composto por 34 itens, avalia várias dimensões: Bem-estar subjetivo, Queixas e sintomas, Funcionamento social e pessoal e Comportamentos de risco (Sales et al., 2012). Recorde-se que este instrumento avalia quer experiências de elevado desconforto ou sofrimento psicológico, como a ansiedade e a depressão, quer situações relativamente frequentes na população.

Com o questionário MAIA procurou-se relatar o conhecimento dos indivíduos sobre os estados do seu corpo, nomeadamente a consciência interoceptiva, relacionada com a regulação das emoções.

Utilizaram-se ainda outros instrumentos conforme relatado anteriormente nos procedimentos e na análise de dados, mas os acima referidos foram os que se mostraram mais relevantes para o tema em apreço – a reação emocional a textos jornalísticos –, pelo que entendemos útil voltar a explicitá-los.

Com a análise dos dados constante nas Tabelas 2 e 3, partir dos Anexos 4.2 a 4.8, concluímos que as escalas de Emoções de Autoeficácia, Emoções Prós-sociais e Emoções Negativas se alteraram tanto com o texto Noticioso como com o texto de Jornalismo Literário, podendo inferir-se que ambos os artigos têm efeitos emocionais sobre os seus leitores.

Esta constatação é digna de nota na medida em que continua em aberto a discussão sobre os efeitos de diferentes tipos de texto sobre os indivíduos. Porém, quando entramos numa análise mais fina, correlacionando os diferentes efeitos com as características demográficas e psicológicas individuais dos sujeitos, começamos a perceber que os textos podem ter impactos emocionais diferentes.

Os dados constantes nos Anexos 4.2 a 4.6 revelam que a idade se correlaciona positivamente com a modificação das Emoções de Autoeficácia e Prós-sociais com o texto Noticioso, resultando em medidas mais intensas nas emoções Amável, Competente, Atencioso, Calmo e Tranquilo, assim como de Serenidade. No que diz respeito à escolaridade, correlaciona-se positivamente com a intensidade da escala de emoções Pró-sociais e com a intensidade das emoções Amável e Atencioso. Já no texto de Jornalismo Literário, a idade correlaciona-se positivamente com a modificação das escalas de Emoções de Autoeficácia e Prós-sociais,

assim como com a intensidade das emoções Determinado e Ousado. Por outro lado, este texto diminui a emoção Atrevido nos sujeitos mais velhos. A correlação entre a escolaridade e as emoções demonstrou que quanto mais escolarizados os indivíduos, menos se alteram as emoções de Ativação Positiva e a Emoção Ardente.

Para averiguar até que ponto as características psicológicas individuais têm consequências na amplitude da resposta emocional aos diferentes textos analisamos ainda as correlações com os questionários que avaliaram as percepções do estado do corpo (MAIA), o bem-estar psicológico (CORE-OM), a capacidade de catastrofização (PCS) e a sensibilidade à pressão social (Escala de Consciência de Si Próprio).

Na análise das Características Psicológicas Individuais (Anexos 4.9 a 4.11), os dados registados permitem perceber que o texto Noticioso ditou menos diferenças nas escalas de Autoeficácia e Bem-estar emocional quando o equilíbrio emocional dos indivíduos era mais baixo. Também as Emoções Negativas se alteraram mais nos sujeitos que revelaram maior capacidade para detetar estados emocionais. Quanto maior a modificação nas emoções Pró-sociais, maior a autorregulação dos indivíduos e quanto mais se modificaram as emoções de Autoeficácia, maior a confiança nos estados corporais após a leitura do texto Noticioso.

No que toca ao texto de Jornalismo Literário (Anexos 4.10 e 4.12), os sujeitos com maiores queixas psicológicas modificaram menos as emoções Pró-sociais e de Serenidade, assim como revelaram maiores modificações nas emoções de Serenidade os sujeitos com melhor capacidade para regular estados emocionais, de estar atento a estímulos e de ter consciência emocional.

Autores como Mehling et al. (2018) haviam já constatado que os indivíduos tendem a captar melhor diferenças nos estímulos quando são mais focadas no seu corpo, enquanto os indivíduos muito focados no que dizem sobre eles, tendem a ser mais manipuláveis. Do mesmo modo, os que conhecem melhor o próprio corpo serão menos manipuláveis (Scheier Carver & Gibbons, 1979).

Assim, no seu conjunto também os nossos dados indicam que a vulnerabilidade emocional pode influenciar a modificação provocada por um texto jornalístico. Quanto maior é a capacidade dos indivíduos para detetarem alterações nos seus estados emocionais, maior a modificação que o texto provoca nas emoções negativas, podendo-se inferir que uma maior

estabilidade emocional proporciona melhores capacidades para vivenciar emoções negativas provocadas pela leitura.

Pelo contrário, os indivíduos mais sensíveis relatam menos modificações, sugerindo que as pessoas com menor equilíbrio emocional podem ser menos capazes de reconhecer o impacto emocional da leitura do texto de Jornalismo Literário. Os dados obtidos apontam para que a leitura do texto de Jornalismo Literário induza mais modificações nas emoções de Serenidade em indivíduos com melhor capacidade de se manterem atentos a estímulos, com maior consciência emocional e melhor capacidade de regular os seus estados emocionais, mesmo que negativos. Tendo em conta que o texto original de Hersey, de que se usou um excerto para esta pesquisa, relata as consequências dramáticas da bomba atómica sobre pessoas concretas, podemos considerar expectável que a amostra tenha indicado alterações na sua sensação de serenidade. No entanto, só os indivíduos com maior estrutura emocional conseguiram incorporar esse sentimento. Assim, os dados sugerem que quanto maior a vulnerabilidade psicológica, menor a nossa habilidade empática, diminuindo a capacidade de sermos influenciados pela leitura. Por outro lado, os resultados podem também significar que o impacto é de tal forma elevado que acaba por deixar o indivíduo algo anestesiado.

O que descrevemos até aqui demonstra o efeito emocional de textos jornalísticos nos sujeitos, embora de forma variada e nem sempre linear, como tem sido já descrito noutras experiências, como as de Lin et al. (2008), que classificaram artigos noticiosos *online* em categorias de emoções dos leitores e detetaram várias ambiguidades, concluindo que um mesmo artigo pode resultar na prevalência de distintas reações emocionais.

Apesar de haver já autores que refletiram sobre a estreita ligação entre as emoções e as reações neuropsicológicas à informação (e. g. Fong & Mar, 2011 e Damásio, 2017), abordar o tema das emoções em pesquisas sobre jornalismo continua controverso. Por isso, importa olhar com mais detalhe para este ponto.

Combinar reações emocionais e jornalismo são dois conceitos que resultam, com frequência, em conotações negativas. Seja porque se associa essa conjugação à falta de objetividade. Seja por haver grande dificuldade no assumir deste efeito do jornalismo. Autores como Wahl-Jorgensen (2020) entendem que essa fuga em relação às emoções provocadas pela informação se deve ao facto de a relação ser, na verdade, omnipresente, obrigando a

questionar cânones como a objetividade. Talvez por isso Eaman (2009) admita que a objetividade é uma característica mais vezes presumida do que demonstrada. Por isso, o primeiro obstáculo a uma abordagem imparcial sobre o tema é o ideal de objetividade jornalística que inibe a promoção de estudos sobre emoção e jornalismo, menosprezando o lado emocional associado à própria produção de notícias (Wahl-Jorgensen, 2020 e Weber et al., 2015).

Atente-se a este propósito que o tema da objetividade remonta a recomendações tão antigas como as constantes no *Haney's Guide to Authorship*, de 1867, onde se defende que o repórter não deve fazer comentários nem tomar partido: "No que toca às notícias deve reportar de forma justa e honesta, dando a sua opinião pessoal noutra parte do jornal" (in Eaman, 2009, p. 35). No entanto, a dimensão emocional do jornalismo sempre existiu (Becket & Deuze, 2016) e pode mesmo ser vista como essencial em formatos como a reportagem e o jornalismo literário. Com a análise aqui desenvolvida não se pretende questionar a necessidade de objetividade no trabalho jornalístico. Pelo contrário, é entendimento da autora desta pesquisa que objetividade e emoções não têm de ser polos opostos e que a questão pode não ser encarada como uma contradição, na medida em que transmitir emoções não tem necessariamente de redundar em falta de objetividade do texto produzido para o leitor. Aliás, como vimos já, e desenvolveremos mais adiante, o efeito emocional é até esperado, especialmente em textos de jornalismo literário, sendo em grande medida fruto das características do recetor, não podendo ser inteiramente controlado por quem produz os artigos jornalísticos.

Testemunhar as emoções dos outros causa empatia, e esse sempre foi um valor do jornalismo: criar comunidade entre grupos de pessoas que nem se conhecem através da informação sobre o que os rodeia promovendo-se com isso o interesse público (Eaman, 2009). A emoção é relacional, faz parte dos acontecimentos e deve ser integrada nos textos jornalísticos, desde que tal não obscureça o celebrado valor da objetividade jornalística enquanto método de trabalho e diretiva deontológica.

Estudando a influência da informação noticiosa na esfera pública e a sua dimensão emocional, Richards (2009) constatou que as notícias são as maiores influenciadoras das emoções na esfera pública política, não podendo haver dúvidas sobre a relevância da sua influência sobre as emoções do público. Mas, considera o autor, essa dimensão emocional não é, em si mesma,

nem boa nem má. Para Richards, na sua capacidade de nos ajudar a compreender o mundo de forma a que consigamos tolerar a realidade, "as notícias, como pilar da cultura cívica e política, e como fonte crucial de conhecimento crítico sobre a sociedade, são uma questão emocional" (p. 310).

O conhecimento nas áreas das neurociências tem vindo a demonstrar que nenhuma atividade humana, nem a científica, anula a subjetividade. Mas ela pode ser regulada através de métodos e regras. No caso do jornalismo, são disso exemplo a diversidade de fontes e a obrigação de contraditório, previstos no Código Deontológico dos Jornalistas portugueses (artigo 1º). No essencial, partilhamos o entendimento de Lecheler (2020):

O jornalismo motivado pela emoção, como o jornalismo imersivo, provavelmente muda a forma como os indivíduos e os grupos aos quais pertencem dão sentido ao mundo. Muda a forma como a opinião pública é formada. Tem influência em estereótipos e identidades de grupo. Ou seja, o estudo dos efeitos das emoções não trata apenas das respostas emocionais individuais. Por isso, os estudos de jornalismo, enquanto disciplina relevante e em crescimento, podem fazer mais. (p. 289)

Outra questão que importa clarificar é a associação muitas vezes feita entre emoções e sensacionalismo. A este respeito sublinhamos que a abordagem das emoções nesta pesquisa se refere ao efeito emocional que a comunicação tem sobre os leitores e não à transmissão dos factos de forma mais sensacionalista, que tem geralmente por objetivo espoletar reações como o medo ou a raiva. Tal não deve invalidar estarmos atentos a questões como as colocadas por Beckett & Deuze (2016), ao alertarem que as emoções se têm vindo a tornar muito mais importantes na forma como as notícias são produzidas e consumidas. Para estes autores, a grande questão da indústria dos *media* é mesmo como fazer parte de um ecossistema emergente baseado nas emoções, consideradas uma pedra essencial na construção de jornalismo de qualidade. A tendência é clara e agudizada pela omnipresença das redes sociais, que, sustentando-se na capacidade de partilha, exigem conteúdos que inspirem a ligação entre as pessoas. Muitas vezes, esses conteúdos são os que transmitem maior carga emocional. É assim também porque a velocidade tem um papel mais vital do que nunca na comunicação, e porque o ser humano sente mais depressa do que pensa. "No cerne de tudo isso está a emoção, que impulsiona a relação cada vez mais íntima das pessoas com a tecnologia e estimula o envolvimento com as notícias" (p. 2), notam os autores, para quem a grande questão será saber como manter um jornalismo ético neste novo ambiente. Embora

esta avaliação se centre nos *media* digitais e a nossa análise verse sobre textos impressos, trazemo-la aqui para argumentar como tudo indica que a questão das emoções terá um papel crítico no futuro do jornalismo, sendo cada vez mais premente a necessidade de olhar para o assunto sem tabus.

O tema das emoções foi também abordado por Mizgajski & Mikołaj (2019) num artigo sobre a personalização da informação que a internet tem vindo a incentivar e sobre um sistema de recomendação de notícias com base no registo das reações emocionais dos utilizadores. O tema está, portanto, a ser estudado e poderá moldar o futuro da comunicação, com o uso de algoritmos que façam a correspondência entre as emoções dos indivíduos e os conteúdos que lhes são sugeridos. São muitas as questões que se podem levantar sobre os perigos desta mecanização da seleção de notícias. Não cabe aqui abordá-los, mas entendemos relevante referi-los para melhor compreender o alcance da questão dos efeitos dos textos nas emoções dos leitores. Até porque, como nota Lecheler (2020), os estudos de jornalismo têm deixado para trás abordagens mais orientadas para a psicologia e há hoje aspetos da comunicação, como as emoções, que podem beneficiar desse olhar.

Vimos que as pesquisas sobre os efeitos das emoções nos recetores são escassas ou – como referido anteriormente – vocacionadas para meios digitais e com objetivos diferentes do nosso. Por isso, e tendo em conta que o tema central desta tese é o jornalismo literário, entendemos útil recorrer ao conhecimento obtido sobre o efeito emocional do que é lido relativamente à literatura.

Para percebermos o possível impacto emocional de um texto é importante atentar em alguns conceitos da neuropsicologia que têm estado na base de vários estudos sobre as reações emocionais à informação. Um deles é o de estados mentais (Teoria da Mente), abordado por Kidd & Castano, 2013. Os autores concluíram que a leitura de ficção estimula a empatia, refinando a sensibilidade interpessoal. Grall et al. (2021) estudaram a reação de ouvintes a histórias transmitidas em formato narrativo e constataram um impacto mais profundo nas emoções dos indivíduos com este tipo de relato do que noutros formatos. Como sugerem os nossos dados, também Mangen et al. (2018) constataram que a leitura de ficção pode promover capacidades pró-sociais, em parte porque a representação social dos personagens promove envolvimento emocional. Os estudos de Grall et al. com ouvintes (2021) revelaram que as narrativas podem ter um impacto substancial nos pensamentos e emoções dos

indivíduos e que esses efeitos são considerados dependentes da capacidade das narrativas para envolverem os sujeitos de forma mais profunda ou qualitativamente diferente de mensagens noutros formatos.

Como lembram Mar (2011) e Mangen et al. (2018), a capacidade para inferir os estados mentais dos outros é uma ferramenta fundamental para a cognição social, estando já identificadas algumas das áreas cerebrais que contribuem para essa capacidade humana. Mais importante para este estudo: as investigações sugerem que os leitores empregam essas ferramentas de aptidão emocional para compreender as histórias que leem. Num dos seus estudos Mar (2004) concluiu que comunicar uma história parece estreitamente ligado às mesmas regiões cerebrais usadas para compreender uma história. Por outro lado, Kidd & Castano (2013) sublinham que a ficção não muda apenas a forma como pensamos sobre os outros, mas também o que pensamos sobre eles. Há ainda investigadores que vão mais longe, sugerindo mesmo que a literatura potencia não só empatia, mas também sentido de justiça e moral (Mangen et al., 2018). A este propósito, os autores citam uma declaração do antigo presidente dos EUA, Barack Obama, que resume bem como a relevância do papel das emoções na literatura não se resume a estudos académicos:

Quando penso em como entendo o meu papel de cidadão (...) e o mais importante conjunto de conhecimentos que trago para esse papel, acho que foi nos romances que aprendi as coisas mais importantes. Tem a ver com empatia. Tem a ver com estar confortável com a noção de que o mundo é complicado e cheio de cinzentos, mas que ainda há uma verdade a ser encontrada e que temos de nos esforçar e trabalhar para a encontrar. E a noção de que é possível estar ligado a outras pessoas, mesmo que sejam muito diferentes de nós. (p. 2)

Conforme abordado em capítulos anteriores, o jornalismo literário tem na sua génese este mesmo propósito de dar aos leitores várias perspetivas do mundo que os rodeia, sendo este um ponto em que claramente se identifica com os desígnios da literatura. As histórias – contadas pela literatura, mas também pelo jornalismo literário – são fulcrais para o ser humano, constituindo-se muitas vezes como a forma primordial de compreender o que lhe interessa (Nijhof & Willems, 2015 e Abbott, 2015). Também Mar (2011), observando imagens de ressonância magnética, verificou a existência de relações entre quem lê ficção frequentemente e a empatia que possibilita encarar o mundo na perspetiva do outro. Uma das explicações para este efeito pode ser o facto de uma trama narrativa contribuir para a nossa atenção da informação recebida, como acontece com a memorização de canções ou

com a formação de imagens sobre o que estamos a ler ou ouvir, que será tanto maior quanto mais as imagens forem emocionalmente fortes. Portanto, criar imagens mentais sobre os acontecimentos contribui para os memorizar e essa memória é mais facilmente retida se for recebida com emoção (Mar, 2011 e Sigman, 2018). Os textos jornalísticos podem ser os portadores dessa emoção, como revelam os nossos dados. Assim, tendo em conta o conhecimento obtido através do estudo com textos literários, podemos inferir que o efeito emocional dos artigos jornalísticos poderá também ser o garante da sua memorização e interesse para o leitor.

Mar (2011) entende que, por se focarem mais na psicologia humana e nos relacionamentos, abordando desejos e conflitos entre os personagens, os textos de ficção podem ser uma oportunidade para simular dinâmicas e interações sociais no mundo real. Neste ponto, as narrativas apelam à compreensão do outro, reforçando capacidades sociais. Ao transportar-se para o mundo da história, os leitores de ficção imaginam os ambientes e cenários, vivendo as narrativas como se estivessem presentes e fizessem parte delas. Compreender os outros ficcionais leva-nos a compreender os outros reais, podendo-se correlacionar a exposição a histórias com capacidades de interação social.

Falk (2012) questiona até que ponto o nosso cérebro trata como reais as ações dos personagens dos *media*, para concluir que as neurociências sociais podem demonstrar que "pensar sobre os atributos de pessoas próximas e pensar em nós próprios recruta as mesmas regiões neuronais, enquanto pensar apenas noutros mais distantes e diferentes de nós recrutam diferentes regiões neuronais" (p. 87).

É interessante notar que tanto uma parte relevante das respostas psicofisiológicas abordadas acima, como das respostas conscientes dos sujeitos inquiridos apontam para uma prevalência emocional do texto de Jornalismo Literário, apesar da relevância constatada igualmente com o texto Noticioso em alguns pontos que analisamos em seguida.

O quadro 47, a partir dos Questionários Finais, sublinha que a receção do texto Noticioso se pautou por maiores sentimentos de angústia, consciente e claramente identificada pelos participantes, provocando emoções fortes durante a leitura e propiciando a sensação de estar no local da explosão através do simples ato de ler. Este último relato pode parecer incongruente na medida em que uma das características mais intrínsecas do jornalismo literário é dar ao leitor a sensação de estar no local da reportagem (Hartsock, 2000), sendo

legítimo esperar-se que mais leitores admitissem essa impressão com o texto de jornalismo literário. Embora não tenhamos uma explicação definitiva, postulamos que o facto de os dois artigos terem origem no mesmo conteúdo (o texto *Hiroshima*, de John Hersey), possa induzir algumas sensações típicas da reportagem mesmo quando escrito numa estrutura mais tipicamente noticiosa. Por outro lado, podemos também considerar plausível, e consistente com a análise já descrita anteriormente, que o efeito do texto noticioso seja mais relatado e consciente, enquanto o efeito do texto de jornalismo literário, por ser mais envolvente e subtil, atue de uma forma menos evidente, até para os próprios indivíduos que o leram.

No quadro 47, a partir dos Questionários Finais, podemos constatar que o texto de Jornalismo Literário se destacou pelo grau de satisfação e prazer de leitura, pelo interesse despertado e por permitir aos sujeitos sentirem-se mais informados após lerem o artigo neste formato. Tal como esta tendência verificada com o nosso estudo, também Mangen et al. (2018), ao analisarem respostas de formandos de um curso de professores, constataram que o prazer de leitura é a principal motivação para ler literatura. Do mesmo modo, também Knobloch et al. (2004) analisaram as diferenças entre textos escritos em formato de pirâmide invertida (jornalísticos) e linear, tendo concluído que o prazer da leitura poderá ser menor em textos escritos no formato de pirâmide invertida, embora tanto os romances como as notícias evoquem emoções.

Contrariamente ao que muitas vezes se veicula, as emoções transmitidas pelas histórias contadas pelos jornalistas podem ser uma forma de entender a informação como um todo (Wahl-Jorgensen, 2020) e não um entrave à imparcialidade, sendo, por isso, imprudente, rejeitá-las dos estudos de comunicação. Até porque, como demonstrado neste capítulo, o efeito emocional da informação está presente, não só em termos psicofisiológicos como no autorrelato consciente dos indivíduos da amostra.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Neurociências, se confirma a Hipótese 3: A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Hipótese 4: A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

O conhecimento de processos biológicos para compreender comportamentos humanos tem vindo a ser valorizado (Harmon-Jones & Beer, 2012), presumindo-se que o envolvimento num determinado processo mental possa ser inferido pela atividade observada num sistema biológico (Kedia et al., 2017). Para perspetivarmos a sua influência é importante ter em conta que o cérebro humano é não apenas a base fisiológica dos pensamentos, mas também das emoções, num conjunto que é uma espécie de pré-requisito para que os seres humanos se entendam entre si. A sua relevância para a pesquisa aqui retratada prende-se com o facto de nos aproximar de uma abordagem do nível mais subconsciente, aquele que é responsável por mais de 90% das atividades da consciência humana (Zheng, 2019, p. 50). No entanto, oferece ainda um reduzido número de estudos na área da comunicação, apesar do seu impacto significativo nas emoções e comportamentos. O foco neste tipo de medida permite obviar as limitações existentes quando só podemos basear-nos nos efeitos psicológicos percebidos objetivamente e relatados pelos sujeitos em questionários ou entrevistas. Assim, para Zheng (2019), a aplicação da neurociência cognitiva à pesquisa nas áreas da comunicação pode abrir caminho para um melhor entendimento do que é o jornalismo.

É com esta perspetiva em pano de fundo que partimos para uma abordagem experimental que nos permitisse compreender melhor os efeitos psicofisiológicos da receção de textos jornalísticos nos indivíduos. Para isso recorreremos a duas medidas complexas e de utilização inovadora no que toca à área da comunicação: a aplicação de estímulos dolorosos para tentarmos compreender o efeito negativo (ou não) da informação lida e a medição dos batimentos cardíacos durante a leitura dos artigos jornalísticos com o intuito de avaliar se se registariam diferenças em repouso e ante o conteúdo escrito.

Admitindo que a dor é parcialmente uma vivência emocional, Lumley et al. (2011) recordam a definição veiculada pela Associação Internacional para o Estudo da Dor (IASP): "A dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável associada a perigo real ou potencial ou descrita em termos desses danos nos tecidos" (p. 942). É interessante notar que em 2020 a IASP atualizou a definição de dor acima registada de modo a transmitir que não devem ficar de fora os que não podem ou não conseguem verbalizar ou exprimir a sua dor, como é o caso dos dementes ou dos bebés. Assim, a definição mais atual, consultável em <https://www.iasp-pain.org/Education/Content.aspx?ItemNumber=1698#Pain>, descreve dor como "uma experiência

sensorial e emocional desagradável associada a danos reais ou potenciais nos tecidos corporais ou descrita em termos de tais lesões".

Medir a dor interessa-nos aqui pela sua vulnerabilidade ao efeito das emoções, tendo em conta que pode ser vista como uma sensação específica, mas também como uma variável de estados emocionais. Encarando a dor como um dos efeitos emocionais que refletem sensações corporais, investigadores como Craig (2003) entendem que deve ser observada como uma emoção específica que reflete impulsos comportamentais semelhantes aos da temperatura, comichão, fome ou sede.

No que diz respeito à estimulação elétrica, os participantes foram sujeitos a estímulos dolorosos aplicados através de um eletrodo bipolar (Digitimer, Hertfordshire, England) colocado na região ventral do antebraço esquerdo, junto ao punho, e de intensidade crescente de modo a familiarizarem-se com os procedimentos e a avaliação dos estímulos. A intensidade utilizada antes e depois da leitura foi ajustada individualmente através de uma regressão linear, com base nas intensidades relatadas na sessão de familiarização. Isto é importante pois diferentes indivíduos apresentam níveis de sensibilidade distintos. Por isso, se os estímulos fossem iguais para todos, alguns considerariam que eram dolorosos, enquanto outros poderiam dizer que não eram. Com base neste ajustamento individual, foi possível encontrar intensidades de estimulação que permitissem captar as diferenças na perceção de cada indivíduo e posteriormente dentro de cada grupo. Antes e depois da leitura dos textos, aplicaram-se 6 estímulos com o objetivo de induzir uma avaliação na Escala Numérica de Dor, com diferenças de intensidade muito pequenas e ajustadas individualmente, de forma a reduzir a habituação, aspeto relevante na estimulação elétrica. Avaliar a perceção de dor foi útil na medida em que interage com processos cognitivos e emocionais como a sobrecarga atencional, emoções negativas ou stress. Sabemos também que o contexto em torno da experiência dolorosa influencia a perceção da dor, sendo que tal engloba diversos elementos externos, como as emoções induzidas, as expectativas ou a interação pessoal.

Como verificamos nas Tabelas 4 e 5 e nos Anexos 5.1 a 5.3, resultantes da aplicação de estímulos dolorosos conforme relatada acima, regista-se que, no caso do texto Noticioso, as alterações na perceção de Dor não chegam a ser estatisticamente significativas, embora tendam a aumentar após a leitura. Além disso, a perceção de Dor é tanto mais alterada quanto

mais se modificam as Emoções Negativas e Pró-sociais. Por outro lado, indivíduos com tendência para Ruminação e para se sentirem Desamparados aumentaram a percepção de Dor, tendo-se verificado o mesmo efeito para indivíduos que revelam sintomatologia psicológica de risco, quando relatavam maior Consciência Emocional, maior regulação atencional e maior consciência do corpo. Ou seja, os sujeitos da amostra que revelaram maior consciência emocional e maior regulação registaram um aumento na percepção de dor.

No mesmo conjunto de dados encontramos efeitos diferentes após a leitura do texto de Jornalismo Literário, desde logo porque a percepção de Dor diminui de modo estatisticamente significativo. Por outro lado, escalas de emoções como as de Serenidade e Pró-sociais, assim como a tendência para o Desamparo e os sintomas de risco, diminuem a diferença na percepção de Dor com a leitura deste artigo.

A reação natural e generalizada relativamente à dor será deduzir que os estados emocionais desagradáveis fazem aumentar a experiência dolorosa, enquanto os agradáveis a diminuem. Lang (1995), descrevendo a teoria do *priming*, relata que a experiência das emoções é determinada por dois sistemas oponentes, o que resulta em emoções positivas e o que resulta em emoções de carácter mais negativo. A ativação de um destes sistemas motivacionais facilita a resposta do sistema cognitivo. Essa abordagem permitiu verificar que estados positivos reduzem a percepção da dor enquanto estados negativos aumentam a percepção da dor (Meagher, Arnau, & Rhudy, 2001; Kenntner-Mabiala, & Pauli, 2005).

No entanto, novos estudos têm vindo a constatar a complexidade do tema. Pesquisas como as de Meagher et al. (2001) notam que faltam ainda investigações que esclareçam cabalmente o modo como os estados emocionais modulam a dor, havendo várias análises a indicar que o contrário do comumente aceite (que emoções negativas aumentam a dor) poderá também ser verdadeiro. E, como sucedeu com os sujeitos da nossa pesquisa, verificar-se que estados emocionais negativos, de que são exemplo o medo ou a ansiedade, podem ter um efeito atenuante em relação à dor. Numa demonstração da complexidade da percepção de dor e da sua relação com outras emoções, os investigadores referem o facto de que sujeitar indivíduos a imagens como as do holocausto possa provocar diferentes efeitos. Por um lado aumentaram a percepção de dor, mas, por outro, houve também uma redução dolorosa devido ao sentimento de compaixão associado às imagens.

De acordo com estes autores, tanto o medo intenso como a pena podem ter um efeito inibidor em vez de exacerbador da dor. Se tivermos em conta que os textos lidos pela amostra da nossa pesquisa retratam as consequências devastadoras da bomba atômica, em Hiroshima, descrevendo detalhes como as peles derretidas pelo aumento exponencial de calor no texto de Jornalismo Literário, podemos também admitir que o sentimento de compaixão tenha influído na redução de percepção de dor após a leitura deste tipo de texto. Esta interpretação é consistente com as pesquisas de Wiech & Tracey (2009), segundo os quais a dor e o stress também provocam analgesia:

Embora a maioria dos estudos experimentais tenha apontado para um aumento da dor sob emoções negativas, também há evidências de um efeito atenuante da dor. Essa descoberta aparentemente paradoxal pode ser explicada por uma interação de emoções com o grau de ameaça ou intensidade a que estão associados. Nesta perspectiva, a ameaça elevada pode provocar emoções negativas intensas e redução da sensibilidade à dor – um fenómeno frequentemente classificado como analgesia induzida por stress. (p. 898)

Desta forma, os resultados da nossa pesquisa são consistentes com estudos anteriores, já que tem sido descrito, nomeadamente por Wiech & Tracey (2009), que tanto em animais como em humanos, a sujeição dos indivíduos a estímulos negativos (comportamentais, visuais ou sonoros) pode resultar tanto num aumento (hiperalgesia ou pronocicepção) como num decréscimo da dor (analgesia ou anti-nocicepção). Neste ponto será relevante notar, como Bingle & Tracey (2008), que o conceito de dor tem conhecido uma evolução de abordagem, sendo hoje visto como a vivência de uma experiência multidimensional altamente complexa e subjetiva, sujeita a modulações pro e anti nociceptivas, influenciadas por fatores emocionais e cognitivos.

Os dados recolhidos com a nossa pesquisa indicam que os indivíduos menos catastrofizadores não modificam a amplitude das emoções e quanto maior a catastrofização, mais "anestesiados" ficam, já que sentem menos dor, parecendo induzir uma resposta de analgesia, compatível com a interpretação de analgesia induzida por stress. Por ser muito sensível, o catastrofizador tende a bloquear o efeito da dor. Quem tem menor estabilidade emocional, modifica mais as reações fisiológicas e emocionais.

No que diz respeito à correlação entre percepção de Dor, Bem-estar emocional e leitura dos textos, quanto mais os sujeitos mudam a percepção da dor antes e depois da leitura, maiores

as pontuações na subescala de risco psicológico para si próprios e para os outros. Ou seja, perante um texto de Jornalismo Literário, os indivíduos com maior risco de provocarem dano a si próprias ou aos outros ficam com menos sensibilidade à dor, no que aparenta ser a mesma lógica de analgesia descrita anteriormente.

Na ausência de investigação específica relevante que contemple textos jornalísticos, socorremo-nos de outras pesquisas, como as que avaliaram a reação a imagens emotivas (Wied, & Verbaten, 2001; Meagher, Arnau, & Rhudy, 2001), a filmes (Zillmann, Wied, King-Jablonski, et al., 1996), a diferentes tipos de música (Tang, Salkovskis, Hodges, et al., 2008), a odores (Villemure, Slotnick, Bushnell, 2003) e a leitura (Zelman, Howland, Nichols, et al. 1991). As várias experiências destes investigadores revelaram que a reação à dor pode ser positiva, negativa ou neutra (Wiech, & Tracey, 2009).

Numa abordagem mais direcionada, ao compararem as respostas neuronais a textos em prosa e em poesia, O'Sullivan et al. (2015) verificaram que os indivíduos com dor crónica relatam preferência por literatura mais densa por os encorajar a uma reflexão mais profunda, parecendo indicar que esse tipo de leitura, de imersão e de qualidade, reduz a dor devido ao envolvimento cognitivo e emocional exigido pelos textos. No nosso estudo, que se baseou numa amostra de indivíduos saudáveis e sem dor no dia-a-dia, tentamos verificar se os textos apresentados foram capazes de gerar modificações na perceção da dor. Embora nos possamos questionar até que ponto uma sensação física como a dor possa ter a capacidade de indicar o efeito de uma determinada mensagem, autores como Falk (2012) e Eisenberger et al. (2003) lembram que a investigação com neuroimagem tem vindo a demonstrar que a dor física e a exclusão social (rejeição) partilham um mesmo sistema neuronal subjacente. Esse mesmo sistema também representa a empatia pela dor dos outros, sendo legítimo perguntar até que ponto representamos a dor social (entendida como a dor que resulta da perda, ameaça ou dano numa relação social importante, Eisenberger et al. 2003) dos personagens sobre os quais lemos da mesma forma que representamos a nossa própria dor social. Lumley et al. (2011) constataram que a dor social ativa regiões cerebrais com efeitos semelhantes aos provocados pela aplicação de estímulos dolorosos.

Uma vez que as neurociências demonstraram que as mesmas estruturas neuronais estão envolvidas quando se experiencia dor ou quando se observam os outros a experienciar dor,

Weber et al. (2015) admitem a possibilidade de isso ajudar a explicar a forte ligação das audiências a personagens mediadas.

Do mesmo modo, Kedia et al. (2017) têm refletido sobre a forma como o sistema de recompensa do cérebro reage a emoções positivas provocadas nos outros, verificando que tanto a recompensa social como não social mostravam uma ativação aumentada nalgumas zonas cerebrais. A perceção da ameaça social, mesmo quando não é real, pode resultar em rejeição e stress. Assim, os autores entendem possível inferir que as recompensas sociais e não sociais possam depender dos mesmos mecanismos cerebrais similares. Por outro lado, a perceção de dor revelou-se diferente quando se sentia num membro do próprio grupo ou no membro de um grupo estigmatizado.

Berkman et al. (2014) também avaliaram os sistemas cerebrais envolvidos em recompensas sociais e não sociais, bem como entre dor social e física para compreender até que ponto as emoções dos outros podem refletir e assemelhar-se a uma vivência direta, já que simulam uma experiência real no nosso cérebro. Os autores concluíram que há ativações distintas, mas que a autoprojeção é ativada quando os sujeitos tentam empatizar com as emoções dos outros. Por seu lado, ao explorar o conceito de empatia cosmopolitana Kyriakidou (2014) observou que o contacto com imagens de sofrimentos distantes cria uma espécie de globalização das emoções que aproxima os indivíduos através dos *media*.

A correlação entre os registos de dor e as respostas aos questionários MAIA (Anexo 5.9 a 5.10) revela que quanto menor a capacidade de regular a atenção ao corpo, maior o aumento da amplitude da dor. Ou seja, quanto maior a consciência emocional dos indivíduos, maior a capacidade para reportarem mudanças na perceção da dor, sugerindo que uma maior regulação atencional e consciência do corpo se pode associar a uma maior capacidade para modificar as perceções da dor depois da leitura do texto de Jornalismo Literário. Isto sugere que os indivíduos poderão estar em maior sintonia com o seu corpo e emoções, sendo capazes de detetar o impacto da experiência emocional sem que isso constitua uma ameaça a evitar.

Já a correlação entre a perceção de Dor, o bem estar emocional e a leitura dos artigos (Anexos 5.7 a 5.8) permite-nos inferir que depois da leitura de um texto mais intenso em termos emocionais como o de Jornalismo Literário, os sujeitos vulneráveis e com maior tendência para comportamentos de risco apresentam menor sensibilidade à dor, sugerindo a

possibilidade de os textos terem maior impacto em pessoas mais vulneráveis emocionalmente. Tal traduz-se na inibição do processamento de estados negativos como os provocados pela dor, o que poderá ter acontecido após a leitura do texto de jornalismo literário. No mesmo sentido, as investigações de Murphy et al. (2017) permitiram-lhes concluir que uma melhor capacidade para identificar os estados do corpo estava correlacionada com estabilidade emocional e com a capacidade de regular as emoções.

Os nossos resultados sugerem que o impacto fisiológico dos textos jornalísticos varia com a estabilidade emocional dos indivíduos e que, possivelmente, para pessoas mais vulneráveis, os artigos terão um maior impacto emocional, traduzido numa tendência para inibir a expressão de emoções e de sensações corporais, como a dor.

Tal como as perceções de dor, também o registo dos batimentos cardíacos indicou resultados aparentemente paradoxais, embora consistentes com alguma literatura. Para avaliação e monitorização dos batimentos cardíacos foi utilizado o BITalino, equipamento que permite a aquisição e visualização de bio sinais em tempo real, possibilitando a aquisição de dados de Eletrocardiografia (ECG) (Guerreiro, Martins e Silva et al., 2013 e Silva, 2015). A precisão interocetiva foi avaliada através de uma tarefa de deteção do batimento cardíaco (Schandry, 1981). O cálculo da capacidade interocetiva dos sujeitos tinha por objetivo a verificação da sua aptidão para captarem estados internos (Craig, 2003), comparando o que dizem registar com os resultados reais.

Geralmente, quem reage de forma mais consciente, tem menor sintomatologia física e quem se exprime mais, tem maior consciência, exteriorizando mais em termos verbais e menos em termos fisiológicos. Os sujeitos melhores a prever o estado do seu corpo, sentem maior bem-estar e são mais capacitados para se autorregular, o que pode contribuir para ajuizar o impacto psicofisiológico dos textos lidos pela amostra.

Os dados registado com a pesquisa resumidos no Quadro 2 indicam que os Batimentos Cardíacos não se alteraram tanto com o texto Noticioso e que diminuíram durante a leitura do texto de Jornalismo Literário. Estudos anteriores, como os de Wise et al. (2009) avaliaram os sistemas ativados pela relevância motivacional durante a busca de informação e intensidade da mensagem, havendo registos de desaceleração cardíaca. Os autores sugerem que as histórias negativas encontradas através de pesquisa ativa são mais relevantes para o

utilizador do que histórias encontradas involuntariamente. As primeiras exigem recursos de codificação superiores e poderão resultar em maior aceleração da frequência cardíaca do que notícias adquiridas de forma involuntária, que reduzem o registo cardíaco. Numa pesquisa que sujeitou os indivíduos a imagens desagradáveis, Meagher et al. (2001) também constataram que essa interação podia produzir mais desaceleração da frequência cardíaca do que imagens agradáveis.

Porque as emoções, as cognições e a dor induzem alterações nos controlos autonómicos cardíacos (Fauchon, Pichot, Faillenot et al., 2018), entendemos útil correlacionar essas variáveis da nossa pesquisa. Assim, os dados indicam que os indivíduos mais precisos na avaliação do Batimento Cardíaco, modificaram menos a percepção de Dor a estímulos intensos após a leitura do texto de Jornalismo Literário (Anexos 6.1 a 6.3). Por outro lado, quanto maior a diferença dos Batimentos Cardíacos, menor a diferença na percepção de Dor após a leitura do mesmo texto. Já a correlação entre os Batimentos Cardíacos e a Dor indica que os indivíduos mais precisos na avaliação do seu batimento cardíaco modificam menos a sua percepção da dor a estímulos mais intensos durante a leitura do artigo de Jornalismo Literário. As emoções negativas são conhecidas por induzirem mudanças profundas na atividade autonómica, marcadas por uma diminuição na atividade parassimpática e por um aumento das atividades simpáticas, como descrito também em resposta aos estímulos dolorosos (Lane, McRae & Reiman et al., 2009). Sabe-se também que níveis elevados de processos corticais, como processos emocionais e cognitivos, são acompanhados por mudanças na atividade cardíaca autonómica.

Na correlação entre Batimentos Cardíacos e percepção de Dor antes e durante a leitura, o texto de Jornalismo Literário evidenciou diferenças negativas significativas. Ou seja, quanto maior a diferença nos Batimentos Cardíacos, menor a percepção de Dor durante a leitura do texto B, podendo concluir-se que quanto maior a diferença nos batimentos, menor a diferença reportada na percepção da dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário.

Analisadas as correlações entre as Emoções, a percepção de Dor, os Batimentos Cardíacos e as Características Psicológicas Individuais (Anexos 4.1 a 6.3), regista-se que diferentes textos têm diferentes impactos em pessoas com características psicológicas diferentes. Para indivíduos com menor estabilidade emocional, as modificações das reações fisiológicas e emocionais são

menores após a leitura do texto de Jornalismo Literário. Além disso, o impacto dos textos parece depender sobretudo da maior ou menor estabilidade emocional dos indivíduos, que têm também diversas reações à forma e estilo de escrita dos textos, já que produzem distintos efeitos psicofisiológicos, nomeadamente na variável Dor.

Os indivíduos mais precisos na avaliação do batimento cardíaco modificaram menos a percepção de dor com estímulos intensos depois da leitura do texto de Jornalismo Literário, uma diferença de reação física que parece dever-se às características de base dos sujeitos. Os dados relatados permitem inferir que os textos poderão, pela sua natureza e conteúdo, ter impactos distintos nas variáveis psicofisiológica em estudo: Dor e Batimentos Cardíacos.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Neurociências, se confirma a Hipótese 4: A leitura de diferentes tipos de textos jornalísticos induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

5.2. NA ABORDAGEM DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Como Sousa (1998), entendemos que novos olhares, como os propostos com uma metodologia que recorre a várias áreas do saber, podem também ser novos olhares sobre a Comunicação. Valorizam o conhecimento interdisciplinar e poderão contribuir para reformar as teorias da receção, na medida em que sugerem diferentes formas de avaliar o modo como os indivíduos recebem a informação. Para Sousa, o progresso da ciência virá de abordagens interdisciplinares.

Durante muito tempo as pesquisas nesta área da comunicação estiveram essencialmente focadas em resultados sociológicos e inequívocos dos efeitos da comunicação, de que é exemplo a tese da "bala mágica", metáfora para a mensagem que atingia o alvo de forma contundente e certa (Neuman & Guggenheim, 2011 e Valkenburg & Peter, 2013). Essa perspectiva implicava admitir que os recetores da mensagem eram, no geral, passivos, e podiam ser forte e imediatamente influenciados pela informação que recebiam (Madianou, 2009). Após um período em que se passou para o extremo oposto – a comunicação tinha efeitos mínimos –, chegou-se a caminhos mais equilibrados. No entanto, as abordagens mais individuais dos efeitos estiveram sempre sujeitas a muitas reticências. Compreensíveis, na medida em que implicam, muitas vezes, reduzir as amostras em estudo, e redundam em efeitos atomizados (Neuman & Guggenheim, 2011). Porém, a realidade atual é a de um

consumo de informação também ele atomizado, individual e à medida (Deuze, 2021). Nesse sentido, talvez seja tempo de recuperar as teorias da recepção e dar-lhes maior crédito, ainda que admitindo as suas limitações.

Hipótese 1: Há diferenças na recepção de um texto noticioso e de jornalismo literário.

Várias décadas depois da publicação das primeiras Teorias da Recepção e dos Efeitos dos *media*, a polémica continua: os *media* têm muitos, poucos ou nenhuns efeitos sobre os recetores? Após largos períodos de controvérsia, entre "balas mágicas" e "efeitos mínimos", admite-se agora que os *media* provocam, de facto, efeitos (Neuman & Guggenheim, 2011) sobre os recetores das mensagens.

Tal como foi sendo descrito sobre outras investigações até aqui (e. g. Valkenburg & Peter, 2013, Neuman & Guggenheim, 2011), os efeitos encontrados com esta pesquisa, sendo muitas vezes estatisticamente significativos, não podem ser vistos como definitivos. Porém, se encarados no seu conjunto – Efeitos Cognitivos, Emoções, Dor e Batimentos Cardíacos – seria também impreciso negar a sua existência. Até porque, como argumentam Valkenburg & Peter (2013), "já quase nenhum modelo contemporâneo dos efeitos dos *media* ainda presume que provocam uma influência direta numa audiência passiva" (p. 203). Não há efeitos universais, e quando existem só podem ser pequenos porque se diluem em utilizadores heterogéneos. Por isso, a questão continua a ser saber "que tipos de comunicação sobre que tipo de assuntos chamaram a atenção de que tipo de pessoas e em que circunstâncias tiveram determinados efeitos" (Valkenburg & Peter, 2013, p. 208). Ou, nas palavras de Deuze (2021): "Como conclui a maior parte da investigação no nosso campo: os *media* têm alguns efeitos nalgumas pessoas em determinadas circunstâncias durante algum tempo" (p. 11).

Os dados recolhidos permitiram-nos registar que, enquanto o texto noticioso desperta emoções mais reativas, o texto de jornalismo literário parece ter um efeito de maior sensibilidade relacionado com as próprias Características Psicológicas Individuais dos sujeitos da amostra. O mesmo se verificando com o registo das perceções de Dor, que parece indicar um efeito de analgesia nos sujeitos que leram o texto de jornalismo literário. E ainda com os Batimentos Cardíacos, que se mantêm durante a leitura do texto noticioso e descem com o texto de jornalismo literário.

No mesmo sentido, quando questionados sobre os textos que tinham lido, os efeitos autorrelatados pelos inquiridos são diferentes, tanto consoante o texto lido como consoante as características individuais dos leitores. Assim, os dados recolhidos permitiram-nos registar que ambos os textos modificam os indivíduos após a leitura. Aceitando, como Esser (2008), que os efeitos dos *media* são tanto maiores quanto mais contribuírem para o processo de dar sentido e significado à mensagem, fica claro que o entendimento de cada sujeito sobre a informação recebida poderá variar com as vivências e conhecimentos de cada recetor.

Sabendo-se que os processos comunicacionais estão ainda por compreender na sua plenitude (Madianou, 2009) e que a lógica dos estudos de massas nem sempre trouxe respostas, reivindicam-se aqui, tal como Neuman & Guggenheim, 2011 e Valkenburg & Peter, 2013, o avanço no conhecimento através de medidas mais individuais e precisas, ainda que não definitivamente expressivas. Admite-se a crítica de que alguns resultados possam ser vistos como marginais e pontuais. Mas essa é também uma característica intrínseca às pesquisas experimentais (com amostras mais reduzidas) e apontadas para variações individuais. No entanto, como Neuman & Guggenheim (2011), entendemos que os resultados numericamente pequenos, desde que cientificamente importantes, não exigem "pedidos de desculpa" (p. 173). Como explicam os autores, tradicionalmente, a busca de efeitos pode não dar nada ou muita coisa, sendo que a maior parte das vezes dá pequenos efeitos, tal como sucedeu com a nossa investigação.

As Teorias da Receção avaliam a interpretação que cada leitor faz da mensagem recebida individualmente, consoante o significado que retira de um determinado texto.

A forma como os indivíduos utilizam os *media* é abordada pelas teorias dos Efeitos mediáticos e pela teoria dos Usos e Gratificações, linhas investigativas que advogam a existência de efeitos da informação sobre os comportamentos e as atitudes. De acordo com a perspetiva teórica dos Usos e Gratificações os indivíduos têm necessidades específicas e a utilização dos meios tentará ir ao encontro da satisfação dessas necessidades (Coyne et al., 2013). Esta teoria nega as premissas de recetores passivos e uniformemente influenciados pelos *media* (Griffin, 2012), aspeto central para a pesquisa aqui tratada, que se focou na receção psicofisiológica da informação de cada sujeito. A Corrente Funcionalista ocupa-se dos efeitos da comunicação (Lasswell, 1948) e trata também da abordagem dos Usos e Gratificações (Katz et al., 1973), que serve de moldura teórica à nossa pesquisa. O processo de receção, codificação (produção

da mensagem) e descodificação (como a audiência compreende a mensagem) (Hall, 1973) tem um carácter crítico para a nossa investigação.

Na base destas análises, que buscam modelos explicativos para a comunicação, está o pressuposto de que o significado de um texto não existe de *per si*, estando antes dependente da interpretação de cada indivíduo. Por sua vez, a interpretação do leitor está dependente de inúmeras variáveis, tanto pessoais, como sejam as suas habilitações e literacia, como sociais, como sejam a sua experiência cultural e social. Isso mesmo parecem indicar os dados registados. Sabia-se já que, de acordo com as teorias dos Usos e Gratificações, os indivíduos têm necessidades específicas e que a utilização dos meios tentará ir ao encontro da satisfação dessas necessidades (Coyne et al., 2013), negando a perspectiva de recetores passivos e uniformemente influenciados pelos *media* (Griffin, 2012). Seguimos, portanto, a linha dos investigadores dos efeitos dos *media* que avaliam a eficácia das mensagens observando as reações psicológicas que elas provocam e entendem que a eficácia do conteúdo depende fortemente de cada utilizador (Valkenburg et al. 2016).

Para isso, devemos reconhecer, como Valkenburg et al., que não são os *media*, mas sim os utilizadores o ponto central da mudança: "Essa perceção tem implicações importantes para a pesquisa dos efeitos. Significa que os indivíduos, ao moldarem o seu próprio uso seletivo dos *media* (deliberadamente ou não), também moldam parcialmente os seus próprios efeitos" (p. 9).

Outra das dicotomias dissecadas nos estudos de comunicação prende-se com a distinção entre audiências ativas e passivas (Madianou, 2009). Ora, o que temos vindo a observar de forma crescente é que os indivíduos jogam nesses dois planos, sem se posicionarem necessariamente num ou noutro de forma exclusiva. Talvez essa ambivalência tenha também contribuído para que muitos estudos venham desvalorizando as diferenças individuais. Para isso relevou igualmente o facto de a maior parte dos efeitos serem, na verdade, indiretos, como acontece com os efeitos cognitivos, emocionais e psicológicos (Rubin, 2009) tratados nesta tese. Aliás, os dados recolhidos permitem perceber que os recetores da informação podem ser ao mesmo tempo tanto ativos e capazes como passivos e vulneráveis, dependendo das suas características individuais. É disso exemplo a recolha de dados sobre os efeitos da leitura dos artigos nas Emoções, que tanto induzem emoções positivas, como negativas, bem

como da percepção de Dor, que se altera com o impacto emocional dos textos, ou dos Batimentos Cardíacos, que tanto se mantêm estáveis como descem, consoante o artigo lido e as características individuais dos participantes.

Tem vindo a ganhar terreno a leitura de que os efeitos da comunicação são fenómenos complexos que envolvem aspetos sociais, culturais, mas também individuais. Por isso, no que diz respeito a esta investigação, admite-se, como Rubin (2009), que há suscetibilidades diversas aos efeitos dos *media*. Daí que, para os compreender na plenitude seja essencial atender às suas consequências individuais, que têm influência direta sobre as interpretações dadas à informação recebida.

De acordo com os Usos e Gratificações, um meio ou mensagem é uma fonte de influência entre outras influências possíveis. Os públicos de *media* são comunicadores variavelmente ativos, e não destinatários passivos da mensagem. A perspetiva sublinha o papel de aspetos sociais e psicológicos na mitigação dos efeitos mecanicistas e vê a comunicação mediada como social e psicologicamente condicionada (...) Portanto, para explicar os efeitos dos *media*, devemos primeiro compreender as características, motivação, seletividade e envolvimento dos indivíduos. (Rubin, 2009, p. 165)

Como nos diz Schrøder (2019), embora algumas pessoas respondam à sobrecarga informativa evitando as notícias, a relevância continua a ser o verdadeiro motor de escolha. Os recetores de informação leem sobre o que impacta a sua vida. Leem muita coisa, mas só absorvem o que é relevante para os próprios, o que os pode "afetar" (p. 12). Por isso, é preciso admitir que os indivíduos possam ter a capacidade de gerir o papel das notícias nas suas vidas.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Teorias da Comunicação, se confirma a Hipótese 1: Há diferenças na receção de um texto noticioso e de jornalismo literário.

Hipótese 2: A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Enquanto as medidas fisiológicas registam reações físicas não dependentes de efeitos conscientes, os Questionários Finais, nos Quadros 3 a 44 revelaram as respostas conscientes, cognitivas, dos indivíduos. Deste modo, pudemos constatar que a maior parte dos sujeitos compreendeu os textos lidos, uma confirmação importante na medida em que permite excluir a hipótese de que as diferenças na receção cognitiva aos artigos se devam a algum problema de compreensão do que fora lido.

Os questionários avaliaram as diferenças de receção conscientes e autorrelatadas em relação aos dois tipos de texto: Noticioso e de Jornalismo Literário. Tal como sucedeu com o registo das medidas psicofisiológicas, constatou-se que a receção cognitiva dos textos é diferente. Enquanto o texto escrito em estilo Noticioso (A) provocou maior angústia e ativou emoções fortes após a leitura, o texto de Jornalismo Literário (B) provocou maior satisfação com a peça jornalística, maior interesse e sensação de ficar bem informado. Embora com diferenças menos expressivas do que os aspetos anteriores, o texto de Jornalismo Literário (B) foi também o que teve mais efeitos na perceção de que o estilo de escrita podia influenciar a compreensão do texto e na afirmação de que despertava prazer de leitura. Do mesmo modo, o texto B seria mais recomendado a um amigo.

Os sujeitos foram ainda questionados sobre as diferenças nas sensações provocadas pela leitura dos dois tipos de artigo. Enquanto nos questionários anteriores os inquiridos reportavam respostas numa escala de impressões e opiniões de 0 a 5, neste último formulário pedia-se que optassem entre o texto A ou B perante as perguntas colocadas. Neste grupo de questões pretendeu-se também averiguar sobre a apetência dos sujeitos para a leitura de informação em papel e dispositivos eletrónicos.

Quanto à capacidade informativa, os inquiridos revelaram uma ligeira tendência para se sentirem mais informados após a leitura do texto Noticioso (A). Mas em termos de perceção positiva em relação ao que tinha sido lido, reportaram uma clara preferência pelo texto de Jornalismo Literário (B), que causou mais emoção e é associado a "prazer de leitura". Em coerência, na resposta ao mesmo questionário, seria igualmente o texto B o que mais recomendariam a um amigo.

Questionados sobre as preferências em termos de reação aos meios, a maioria dos inquiridos afirma que a leitura em papel ou em dispositivo é diferente e que, para uma "leitura imersiva", prefere o papel. Da mesma forma, uma maioria expressiva dos sujeitos da amostra entende que "assimila melhor a informação em papel".

A relação entre o recetor e a mensagem está no centro das pesquisas dos efeitos da comunicação (Grall et al., 2021), nomeadamente os efeitos cognitivos (Perse, 2008), como se pretende relatar com os dados referidos acima, que vão ao encontro da tendência atual de valorizar a possível relevância das diferenças individuais na receção dos conteúdos

informativos. Embora esta abordagem possa ser dificultada pelas inúmeras possibilidades de resposta – afinal, cada indivíduo tem as suas características cognitivas próprias –, conhecer melhor as necessidades cognitivas e afetivas individuais pode beneficiar esta área de estudos, como defendem Oliver & Krakowiak (2009).

Contrariamente ao preconizado pelas teorias clássicas de receção, que consideravam os efeitos de *media* poderosos sobre os indivíduos simplesmente baseados na transmissão de informação, as abordagens mais recentes tendem a questionar modelos simplistas. Os efeitos dos *media* são hoje considerados indiretos (onde se incluem os cognitivos), dependendo de contextos estruturais, sociais e individuais, assim como de características da receção (Deuze, 2021).

Embora se saiba já que os textos de tipo informativo, quer sejam jornalísticos ou académicos, são mais exigentes em termos cognitivos, requerendo a análise de vocabulário mais complexo (Delgado et al., 2018), a componente cognitiva do processo de receção está ainda muito por explorar (Grall et al., 2021 e Shrum, 2009). Talvez contraditoriamente, na medida em que, como diz Deuze (2021), já nada existe fora dos *media*, estando toda a nossa vida entrelaçada com eles, a pesquisa dos efeitos tem-se preocupado essencialmente "com as relações entre os meios e as suas características ou com atitudes e comportamentos, mas pouco com os processos cognitivos que possam mediar essas relações" (Shrum, 2009, p. 50). Esta lacuna verifica-se apesar do potencial dos modelos cognitivos para revelar novos efeitos dos *media*, na medida em que poderão ajudar a compreender o que acontece entre o estímulo informativo e a resposta do recetor.

Ainda que não possamos menosprezar as referidas lacunas, devemos olhar para o que já se sabe: que os indivíduos pesquisam informação de forma diferente e que o processamento da informação se baseia em três pontos principais – codificar, guardar e readquirir. A combinação destes processos, que acontecem de forma contínua e simultânea, condiciona os efeitos cognitivos provocados por uma determinada mensagem (Wise et al., 2009). Há ainda muito por desbravar nesta área, mas já Katz et al. (1973) chamavam a atenção para as diferenças entre meios, considerando que era difícil separar as perceções dos *media* e as suas qualidades intrínsecas, questionando: "Haverá algo sobre o livro como meio que gera intimidade? Haverá algo sobre os jornais que possa explicar a sua importância na integração sócio-política? Ou esse 'algo' é apenas uma imagem que temos do meio e do seu conteúdo?" (p. 516).

Porém, um aspeto tem vindo a chamar a atenção dos investigadores nos últimos anos: a influência do meio – dispositivo ou papel – nos efeitos cognitivos. Os dados anteriormente descritos na nossa pesquisa, demonstram que as preferências autorrelatadas pelos indivíduos vão para o papel. O mesmo tem sido registado em experiências feitas por outros investigadores, como Mangen & Kuiken (2014), que alertam para diferenças tanto em termos de ativação cerebral, como de compreensão e de rapidez. Isto é, como postulado na hipótese 2 desta pesquisa, os efeitos cognitivos no recetor podem ser diferentes. Neste caso, diferem quando se lê em papel ou em dispositivo.

Os autores examinaram a leitura de texto numa brochura e em *Ipad*, concluindo que a noção de localização foi afetada, causando alguma estranheza em relação aos conteúdos que exigiam a manipulação do dispositivo. De acordo com Mangen & Kuiken (2014), a forma como lemos é moldada pelas tecnologias que usamos. No papel, os textos obrigam a uma relação sensorial e motora por parte do leitor que é diferente da estabelecida nos textos em computador, *tablet* ou monitor. Estes autores entendem ainda que uma leitura menos física (sem contacto com o papel) pode impedir a imersão no mundo da narrativa. Do mesmo modo, os sujeitos da nossa amostra afirmam que o processo da leitura digital é cognitivamente diferente da leitura em papel.

Apesar de alguns entenderem que conclusões como esta serão controversas por haver resultados incongruentes – umas vezes indicando diferenças com vantagem para o papel, outras para os dispositivos e outras ainda não revelando diferenças nenhuma – pesquisas recentes de meta-análise vêm constatando alguma evidência de que há diferenças de receção nos diversos tipos de meios. Delgado et al. (2018) combinaram dados e conclusões de 54 estudos, levados a cabo entre 2000 e 2017, tendo constatado que o "fator meio tem sido essencialmente ignorado, apesar da evidência empírica de que influencia os efeitos da leitura" (p. 25). Os autores analisaram respostas de mais de 170 mil inquiridos para averiguar se o meio tinha efeitos na compreensão da leitura. Concluíram que ler em papel é mais eficaz do que ler em formato digital, sobretudo quando o tempo é escasso. Além disso, com a leitura em papel a compreensão do conteúdo é maior. Os dados recolhidos sustentam ainda o argumento de que a leitura em suporte digital tem um efeito prejudicial nas capacidades de compreensão dos estudantes.

A conclusão é que dar aos alunos textos impressos, apesar do apelo pela computorização, pode ser uma direção eficiente para a melhoria da compreensão. O resultado destas duas meta-análises dizem claramente que há uma inferioridade dos ecrãs, com mais baixos níveis de compreensão para textos digitais, o que corrobora a maior parte da investigação anterior. (Delgado et al., 2018, p. 34)

E não parece ser apenas uma questão geracional, como muitas vezes se argumenta, já que o estudo indicou que a correlação negativa entre a frequência de leitura digital e a compreensão do texto aumentou nos últimos 18 anos, em pleno *boom* computacional, além de não se terem constatado diferenças do efeito do meio em termos etários. Ou seja, não será o tempo e a maior experiência com uso de dispositivos a inverter esta tendência. Até porque o estudo revela também que a capacidade de atenção pode ser comprometida quando o formato exige correr o texto para cima ou para baixo (*scroll*), já que essa tarefa dificulta a orientação espacial no texto, ao contrário do que sucede com conteúdos impressos, adicionando uma sobrecarga cognitiva à função da leitura. Se pensarmos que, por exemplo, em alguns estados norte-americanos já se adotaram manuais digitais e que em Portugal os deputados aprovaram, em 2017, uma proposta para fomentar a desmaterialização dos manuais escolares (Silva, 2019), a questão reveste-se de enorme relevância em termos educativos e sociais.

Defendendo a necessidade urgente de analisar de modo mais profundo a forma como os diferentes suportes podem afetar a leitura, Mangen & Van der Weel (2016), acreditam que é preciso olhar para diferentes aspetos do problema, desde questões de ergonomia até à atenção, perceção e processamento cognitivo (leitura como um processo linguístico e cognitivo), bem como emocional (leitura como experiência com potencial impacto emocional). As atitudes individuais e sociais em relação à leitura têm vindo a alterar-se. Não se trata de constatar que as pessoas estão a passar menos tempo a ler, mas sim a ler de forma muito diferente. Nesse sentido, a investigação na área da neuropsicologia tem verificado que a manipulação do objeto a partir do qual se recebe o conteúdo fornece informação espacial crucial para a representação mental do que se está a ler. Isto é, não é apenas a leitura que altera o nosso modo de pensar, também o dispositivo a partir do qual se lê pode ser relevante (Mangen & Van der Weel, 2016).

Numa experiência mais fina, os investigadores Mangen & Kuiken (2014) observaram igualmente as diferenças nos efeitos dos dispositivos usados na leitura perante textos de ficção e não ficção.

Os leitores que usavam o *Ipad* e pensavam estar a ler não ficção foram menos propensos a relatar coerência narrativa e sensação de se sentirem no local da história, enquanto os leitores que leram uma brochura e pensavam que estavam a ler não ficção foram mais propensos a relatar coerência narrativa. Os leitores da brochura foram mais propensos a relatar uma associação entre sentirem-se no local da história e empatia. (Mangen & Kuiken, 2014, p. 155)

Assim os autores constataram que a leitura em dispositivo se caracteriza por uma maior superficialidade, especialmente com textos narrativos. Portanto, concluíram, o dispositivo usado para a leitura molda a forma como lemos.

Também Marino et al. (2016), analisando a receção a textos de longo formato apresentados com elementos visuais (fotografias ou vídeos), registaram que os leitores não gostavam da interferência das imagens se os impedissem de continuar a leitura e que a maior parte dos sujeitos do estudo evita fazer *scroll* durante muito tempo. Os leitores observados nessa pesquisa encontraram até diferenças entre meios digitais, preferindo a leitura em computador portátil por comparação com a leitura em telemóvel.

Pesquisas como as de Cull (2011) parecem ainda sugerir que mesmo os recetores de informação mais especializados, como estudantes ou investigadores, se comportam como leitores diferentes quando perante um texto apresentado em papel ou em formato digital. Para efeitos de aprendizagem, estudantes, questionados tanto nos EUA como no México, afirmam preferir ler em papel e admitem que a leitura digital está limitada a uma hora de concentração.

A forma como se lê está dependente de contextos históricos, tecnológicos, sociais e comportamentais, mas é também uma atividade cognitiva neuronal. Por isso, apesar de não ser ainda completamente conhecido o processo através do qual o cérebro se adapta a novos meios, o facto de as funções do cérebro humano serem influenciadas por estimulação interna e externa (Cull, 2011) tem levado os estudiosos a presumir que a leitura digital deverá ter implicações no processamento neuronal. Será tudo isto um sinal de que assistimos à passagem do cérebro leitor para o cérebro digital?

A essa pergunta não se pode ainda responder. Mas sabe-se que os tempos médios passados em sítios de internet e leitura de livros e jornais digitais são curtos, variando de quatro a oito minutos, e que os utilizadores de suportes digitais tendem a ler apenas 20 por cento do texto,

parecendo até que navegam na Internet para evitar a leitura no sentido tradicional. O próprio tempo ocupado nessa atividade chega a ser 20 a 30% mais lento em ecrãs do que em papel. Para isso pode contribuir o facto de a leitura *online* implicar um processo cognitivo mais complexo devido ao recurso ao hipertexto, que exige diversas tomadas de decisões (Cull, 2011). Como resume o mesmo autor: "É sabido que o processo de leitura em ecrãs tende a ser cognitivamente diferente do processo de leitura em papel, em termos de ativação cerebral, ambiente contextual, foco cognitivo, compreensão e velocidade de leitura" (p. 7).

Embora em termos de consumo tudo pareça convergir para uma posição privilegiada dos meios digitais – com apenas 33,4% dos portugueses a escolher a informação impressa para se informar, em 2020 (Cardoso, Martinho & Paisana, 2020) e com as plataformas digitais de redes sociais como principal forma de aceder a notícias –, alguma literatura científica corrobora as respostas aos nossos questionários, que elegem o papel. Desde logo porque 90% dos inquiridos admite que a leitura em dispositivo e em papel é diferente, mas mais ainda porque 85% preferem o papel para uma leitura imersiva, sendo mesmo claro para uns expressivos 78% que a leitura nesse meio permite assimilar melhor a informação. Do ponto de vista da sensação de leitura, esse meio continuou a estar em evidência, embora de forma menos taxativa, com 55% a admitirem que a leitura por esta via é melhor. Ou seja, as respostas autorrelatadas às questões da nossa pesquisa coincidem com o que tem sido constatado por vários estudos na área das neurociências e da psicologia cognitiva, tal como descrito acima.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Teorias da Comunicação, se confirma a Hipótese 2: A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Hipótese 3: A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: Noticioso ou de Jornalismo Literário.

Antes mesmo de discutir os resultados que nos permitem analisar a hipótese de os textos jornalísticos selecionados terem efeitos – e efeitos diferentes – sobre as emoções dos sujeitos, importa alertar para a ambivalência do setor jornalístico relativamente ao tema das emoções. Por um lado, é há muito reconhecido que apresentar informação como uma história, garante maior envolvimento dos leitores (Becket & Deuze, 2016, Ruben, 2009, Oliver & Krakowiak, 2009 e Knobloch et al., 2004). Por outro, continua difícil abordar o tema com os jornalistas por

considerarem que a sua missão de objetividade é contrária à ideia de induzir emoções. Como resume Lecheler (2020, p. 287), "as emoções são um aspeto central do jornalismo – mas têm sido há muito ignoradas ou postas de lado na investigação".

Embora o tema seja cada vez mais discutido pela academia, é-o muitas vezes na perspetiva de que é um tipo de jornalismo sensacionalista aquele que provoca mais emoções, nomeadamente em meios digitais. Porém, entendemos que a objetividade não tem de ser antónimo de emoção. Como nos dizem Becket & Deuze (2016), "a reportagem de qualidade sempre teve emoção no seu âmago" (p. 20). Do mesmo modo, conforme indicam os nossos dados, um dos textos mais aclamado pela sua qualidade e profundidade em toda a história do jornalismo contemporâneo, *Hiroshima*, teve a capacidade de modificar as emoções dos indivíduos da nossa amostra que o leram.

Olhemos, então, para o que podemos inferir dos dados compilados a partir das respostas psicofisiológicas da nossa amostra, constantes nos Anexos 4.2 a 4.8. Constatamos que ambos os textos tiveram impactos nos sujeitos, embora impactos diferentes. As correlações com as variáveis idade e escolaridade revelaram que os indivíduos mais velhos se modificam mais com a leitura dos textos. Do mesmo modo, quando mais escolarizados, maiores estas modificações. Por seu lado, a modulação das emoções de Autoeficácia indica que os inquiridos extraíram melhor o que pode ser feito perante um acontecimento, e com resultados mais significativos no caso do texto de Jornalismo Literário.

Não é a primeira vez que se estabelecem relações entre conteúdos mediáticos e emoções pró-sociais, como nota Perse (2008). Estudos anteriores demonstraram, por exemplo, que mensagens pró-sociais dirigidas a crianças têm efeitos moderados e que as campanhas para adoção de comportamentos mais saudáveis alcançam efeitos mais fortes do que as campanhas dirigidas a condenar comportamentos menos saudáveis. No entanto, a aplicação destas medidas de pesquisa a textos de imprensa tem poucos paralelos que nos permitam comparações diretas com os nossos dados. Talvez porque, como alerta Madianou (2009), o processo afetivo que envolve as pessoas com as notícias esteja ainda muito por compreender.

Ainda assim, sabe-se que as diferenças individuais condicionam os efeitos e que fatores de personalidade se relacionam com a forma como os indivíduos veem televisão, podendo mesmo ser preditores do modo como reagem a conteúdos violentos. Estudos anteriores indicam que aspetos de personalidade como traços neuróticos, extroversão, sinceridade e

afabilidade se correlacionam com a tendência para gostar de conteúdos violentos na televisão (Rubin, 2009). Também Anderson et al. (2006) notam como as crianças que veem muitos conteúdos com violência apresentam maior probabilidade de comportamentos agressivos. Mesmo quando assistiam a imagens de ficção, os seus cérebros não faziam a distinção entre fantasia e violência de facto, percecionando a ameaça como real.

Do mesmo modo, os nossos dados apontam para diferenças particulares em determinadas emoções, aumentando-as ou diminuindo-as após a leitura dos textos, tanto o Noticioso como o de Jornalismo Literário. Do ponto de vista das Características Psicológicas Individuais, os efeitos registados permitem perceber que as pessoas com maior consciência dos estados corporais, da sua ligação com as emoções, e com maior capacidade de regulação emocional e atencional, tendem a modificar mais a sua experiência emocional com a leitura dos artigos jornalísticos. Aqueles que se sentem menos perturbados e preocupados com os estados do corpo revelam maiores variações nas emoções negativas. Enquanto o texto noticioso parece induzir nos indivíduos mais reatividade, o de Jornalismo Literário reflete vulnerabilidades, enfatizando questões do foro individual.

Como defendido por Perse (2008) e Valkenburg & Peter (2013), os dados apresentados indicam que os efeitos da comunicação não são uniformes nem universais, revelando, pelo contrário, variações individuais significativas, compatíveis com a perspetiva de que a gratificação com a receção de informação não é apenas social, mas também individual (Katz et al., 1973). As diferenças emocionais detetadas após a leitura dos diferentes textos indicam igualmente que os públicos não são passivos, recebendo a informação para satisfação de necessidades individuais, como advogado por Griffin (2012). Mas também por Rubin:

A Teoria dos Usos e gratificações vê a influência da comunicação como sendo alterada social e psicologicamente, afetada por diferenças e escolhas individuais. Variações nas expectativas, atitudes, atividades e envolvimento levam a diferentes comportamentos e resultados. Personalidade, contexto social, motivação e disponibilidade – com base na cultura e na estrutura económica, política e social – tudo afeta a potencial influência dos *media* e das suas mensagens. (Rubin, 2009, p. 176)

Assim como as teorias dos Usos e Gratificações se focam em perspetivas psicológicas da comunicação para compreender as motivações individuais em relação à receção da informação (Rubin, 2009), admitindo haver tantas gratificações quanto o número de recetores

(Katz et al., 1973), também os resultados da nossa pesquisa indicam que as características psicológicas individuais resultam em estados emocionais diferentes após a leitura dos textos.

Analisando as características individuais (Anexos 4.9 a 4.12), constatamos que quanto mais elevados os valores de consciência dos estados corporais e do bem estar subjetivo, menor a amplitude de mudança ocorrida com a leitura. Além disso, quanto maior a capacidade do indivíduo para confiar e regular os seus estados corporais, maior a variação sentida após a leitura do texto Noticioso na emoção "Serenidade". Já a maior autoconsciência está associada a variações nas emoções de Serenidade, Pró-sociais e de Autoeficácia. Quanto maior a capacidade para confiar nos seus estados corporais e a capacidade de autorregulação do indivíduo, maiores as modificações nas subescalas de emoções "Pró-sociais" e maiores as modificações nas subescalas de emoções de "Autoeficácia". Os efeitos registados sugerem ainda que a leitura do texto de Jornalismo Literário induz mais modificações nas emoções de "Serenidade" em indivíduos que revelam boas capacidades de se manterem atentos a estímulos, que têm maior consciência emocional e melhor regulação dos seus estados emocionais, mesmo que negativos. Pelo contrário, quanto maior a pontuação nas subescalas que refletem níveis de sintomas e queixas psicológicas elevados, menores as modificações ocorridas nas subescalas de emoções "Pró-sociais" e de "Serenidade" depois da leitura do texto de Jornalismo Literário (B).

Os indivíduos mais sensíveis relatam menos modificações emocionais, sugerindo que quanto maior a vulnerabilidade psicológica, menor a capacidade de serem influenciados pela leitura do texto de Jornalismo Literário. Buscando a emoção dominante durante a leitura, autores como Lin et al. (2008) haviam já postulado que um mesmo artigo noticioso pode provocar várias emoções diferentes nos recetores da mensagem.

Ao definirem as necessidades dos sujeitos em categorias, Katz, Gurevitch & Haas (in Tan, 1985, pp 235-236), contemplaram necessidades cognitivas, mas também afetivas, que dizem respeito às experiências emocionais e de prazer. Ora, os dados descritos acima permitem assumir que os sujeitos têm experiências emocionais distintas consoante o texto que leram, dependendo das suas características psicológicas próprias. É disso exemplo a modificação de várias escalas de emoções, como as de Autoeficácia, mas também as percepções autorrelatadas que atribuem maior efeito emocional ao texto de Jornalismo Literário. Admite-se, assim, como Valkenburg et al. (2016) que a relação dos indivíduos com os *media* é o resultado de um

conjunto complexo de variáveis, que é necessário valorizar o efeito emocional da informação e que os *media* tanto podem originar como reforçar atributos pessoais (Bandura, 2009). Daí que, como defende Rubin (2009), uma verdadeira compreensão dos efeitos dos *media* deva evitar variáveis simplificadoras.

A busca por diferenças individuais na receção nem sempre recebe boa aceitação pela academia. No entanto, face aos resultados relatados, entendemos que se justifica seguir a linha de investigadores como Oliver & Krakowiak (2009), que advogam este rumo de pesquisa por ser o que melhor se enquadra no próprio comportamento humano: único e, por vezes, inexplicável. O corpo de investigações nesta área tem demonstrado que os indivíduos tendem a escolher e interpretar as mensagens de forma a confirmar as suas perspetivas, pelo que a inclusão de diferenças individuais nos estudos de receção deve ser considerada benéfica (Oliver & Krakowiak, 2009).

Na falta de investigações mais direcionadas para a receção emocional a textos de imprensa, o conhecimento na área da literatura tem vindo a facultar importantes pistas de análise, nomeadamente ao indicar que a leitura de ficção literária melhora a empatia, refinando a sensibilidade interpessoal (Kidd & Castano, 2013). Embora não tenhamos pedido aos sujeitos da amostra para lerem textos de ficção, consideramos que, pela sua estrutura narrativa e recursos estilísticos, é legítimo admitir que os artigos de jornalismo literário deverão refletir efeitos nos indivíduos paralelos aos observados para a leitura de ficção.

Assim, como Knobloch et al. (2004), entendemos que "as reações emocionais a reportagens escritas numa estrutura clássica podem ser equivalentes às respostas emocionais a representações ficcionais que sigam o mesmo formato narrativo" (p. 264). Além disso, sabemos que a ficção se tem revelado uma oportunidade de simular o mundo real em termos de experiências inter-pessoais e de emoções (Mangen & Kuiken, 2014).

As reações emocionais à informação que recebemos veem sendo abordadas pelas teorias da mente (Kidd & Castano, 2013), medindo estados mentais (Mizgajski & Mikołaj, 2019). São disso exemplo estudos com ouvintes que demonstraram que, graças ao envolvimento que proporcionam, as histórias transmitidas em formato narrativo têm impacto mais profundo nas emoções dos indivíduos. Este fenómeno sucede porque a representação social dos personagens promove o envolvimento emocional e leva os ouvintes a construir mundos a

partir da narrativa. Ao analisar imagens de ressonância magnética para compreender as interações com outros e a construção de mapas de intenções alheias (teorias da mente), Mar (2011) concluiu que há uma relação entre quem lê ficção frequentemente e a capacidade de ter empatia. As narrativas focadas em histórias humanas induzem respostas neuronais diferentes e essas respostas variam com o envolvimento do recetor perante uma determinada mensagem (Grall et al., 2021).

Assim, podemos concluir que, aplicando as referidas Teorias da Comunicação aos dados experimentais obtidos com recurso a técnicas de recolha de dados psicofisiológicos e resultados de inquéritos, confirma-se a Hipótese 3: A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: Noticioso ou de Jornalismo Literário.

Hipótese 4: A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

Os efeitos da comunicação podem ser conscientes e o foco de investigações passadas tem sido dado essencialmente a essa forma de analisar a receção, nomeadamente pedindo aos indivíduos que fizessem autorrelatos das suas experiências com os *media*. No entanto, não é imperativo que os sujeitos controlem o seu encontro com a mensagem para que ela tenha efeitos. Um dos pressupostos básicos da psicofisiologia é que, como o pensamento é uma produção do corpo, podem observar-se os efeitos desse pensamento nos sistemas biológicos (Lang et al., 2009).

Os psicofisiologistas presumem que pensar, sentir, meditar, concentrar e ter consciência são efeitos colaterais da função de um órgão chamado cérebro, que está fisiologicamente ligado a todos os outros órgãos e sistemas do corpo. Pensar exige energia biológica. Precisa de sangue, oxigénio, produtos químicos, enzimas, neurotransmissores, eletricidade. (Lang et al., 2009, p. 186)

É devido a essa busca de consequências da informação no corpo humano que esta investigação se baseou predominantemente em medidas psicofisiológicas, preditoras de efeitos que se caracterizam por se darem mais pelo viver – sentir – do que pelo pensar (Lang et al., 2009). Do mesmo modo, os autores alertam que os sistemas não são lineares e variam em função dos próprios pensamentos, dando um exemplo prático: andar numa sala tem efeitos sobre a frequência cardíaca e obriga a pensar, sendo que estes efeitos acontecem

simultaneamente. Ou seja, cada medida fisiológica pode ter várias causas: "A qualquer momento, a frequência cardíaca ou condutância da pele, ou EEG [Eletroencefalografia], ou EMG [Eletromiografia] é multiplicada por exigências físicas, biológicas, ambientais e sistêmicas, bem como pelos pensamentos e sentimentos que ocorrem no cérebro" (p. 186). Tal obriga a que, neste tipo de estudo, como no nosso, o investigador tenha domínio sobre as variáveis para compreender os efeitos das mensagens, de forma a controlar os múltiplos sistemas afetados simultaneamente e que são mecanismos interativos.

Embora recorram a medidas com algumas especificidades, os métodos das neurociências aplicados à Comunicação permitem, ainda assim, fazer investigações de forma não invasiva, podendo ser considerados contributos essenciais para a compreensão dos processos biológicos e químicos subjacentes ao comportamento. Levarão a uma melhor compreensão dos processos psicológicos e de conduta, entendendo-se, por isso, que os métodos nas ciências sociais também poderão ser valorizados pelas neurociências e pela psicologia (Harmon-Jones & Beer, 2012).

Com a estratégia de pesquisa referida anteriormente, baseada na observação dos efeitos durante o uso dos conteúdos de *media* impressos, assumimos, como Mizgajski & Mikołaj (2019), que as emoções e a cognição não são sistemas separados e que, observadas em conjunto, terão a capacidade de enriquecer os dados recolhidos, melhorando o nosso conhecimento sobre os fenómenos da receção em comunicação.

Os resultados obtidos para a nossa investigação permitiram-nos identificar diferenças na perceção de Dor e nos Batimentos Cardíacos (medidas psicofisiológicas) que podem ser relacionados com a receção dos textos jornalísticos. A sujeição dos indivíduos a estímulos dolorosos resultou em modificações da dor reportada em ambos os textos quando correlacionados com outras variáveis, sendo superiores as alterações com os estímulos mais elevados.

No caso do texto Noticioso, quanto mais se modificam as escalas de "Emoções Negativas" e menos diminuem as "Pró-sociais", mais se altera a perceção da dor. No caso do texto de Jornalismo Literário, quanto mais o texto modifica as escalas de emoções "Pró-sociais" e as emoções de "Serenidade", menor a modulação na perceção da dor. Assim, é possível inferir que os textos poderão ter efeitos distintos na variável psicofisiológica em estudo. Estes dados

sugerem que a leitura do texto de jornalismo literário, apesar de induzir, tal como o texto noticioso, modificações emocionais, poderá estar associado a um impacto físico diferente.

Quando correlacionamos os Batimentos Cardíacos com a Dor (Anexos 5.1 a 6.3) concluímos que os indivíduos mais precisos na avaliação do seu batimento cardíaco modificam menos a sua percepção da dor a estímulos mais intensos durante a leitura do texto de Jornalismo Literário, o que parece ir ao encontro do referido anteriormente. Já a correlação entre as Características Psicológicas Individuais com a Dor permitiu verificar que efeitos como o "Desamparo" (Anexo 5.5 e 5.6) se relacionam com um aumento das diferenças na percepção dos estímulos dolorosos no texto Noticioso e com uma diminuição das diferenças no texto de Jornalismo Literário, que parece provocar, tendencialmente, analgesia. Quanto maior a catastrofização dos indivíduos (Anexo 5.5), mais "anestesiados" ficam, já que sentem menos dor, induzindo o que poderá ser uma resposta de analgesia ao stress. Por ser muito sensível, o indivíduo catastrofizador tende a bloquear o efeito de dor.

No que diz respeito à correlação entre percepção de Dor, Bem-estar emocional e leitura dos artigos, os dados indicam que perante um texto de Jornalismo Literário, os indivíduos com maior risco de provocarem dano a si próprias ou aos outros ficam com menos sensibilidade à dor. Por outro lado, quanto maior a consciência emocional dos indivíduos, maior a mudança na percepção deste estímulo, sugerindo que a apetência para a regulação atencional e consciência do corpo se podem associar a uma maior capacidade para evitar modificações na percepção da dor depois da leitura de um texto que apresenta maior riqueza emocional, como é o caso do artigo de Jornalismo Literário.

Na correlação entre Batimentos Cardíacos e percepção de Dor antes e durante a leitura, o texto de Jornalismo Literário evidenciou que quanto maior a diferença nos Batimentos Cardíacos, menor a percepção de Dor durante a leitura, podendo concluir-se que quanto maior a diferença nos batimentos, menor a diferença sentida na percepção da dor com a leitura do texto de Jornalismo Literário.

A diferença na reação física é, portanto, afetada pelas características de base dos indivíduos, um resultado coerente com a perspetiva de autores como Sousa (1998), para quem o recetor individual estabelece com os meios uma relação que passa por processos intuitivos e inconscientes. Ou como Oliver & Krakowiak (2009) que, admitindo necessidades individuais dos recetores, como as afetivas, sugerem que níveis superiores de empatia estão associados

a respostas emocionais mais intensas a conteúdos de *media* que relatem o sofrimento de outros, nomeadamente em resposta a filmes mais violentos: quanto mais empáticos os indivíduos, maior tristeza reportavam depois de verem as imagens.

Quanto à variável Batimentos Cardíacos (Quadro 2 e Anexos 6.1 a 6.2), verifica-se que os participantes evidenciaram significativamente menos batimentos cardíacos durante a leitura do que quando tinham sido avaliados em repouso. O texto Noticioso não revelou diferenças significativas antes e durante a leitura. Mas o texto de Jornalismo Literário evidenciou diferenças negativas significativas nos batimentos cardíacos durante a leitura. Ou seja, os batimentos cardíacos diminuíram com a leitura do texto de Jornalismo Literário.

A tentativa de associar os batimentos cardíacos à receção de conteúdos de *media*, embora geralmente direccionada para conteúdos televisivos e não tanto à imprensa, não é inédita e contribuiria mesmo para a rejeição das medidas fisiológicas nos estudos da Comunicação por resultarem em dados pouco significativos (Lang et al., 2009). Porém, os meios hoje disponíveis e o conhecimento que já se tem sobre as subtilidades da psiconeurologia, levaram alguns investigadores, como Valkenburg & Peter (2013), a defender que resultados residuais não devem ser descartados, mas sim valorizados.

No caso dos dados recolhidos para a nossa pesquisa, confrontamo-nos com uma aparente contradição já analisada por outros estudiosos no passado. Quando se pensa em batimentos cardíacos associados a consumo de informação, a primeira tentação é deduzir que um conteúdo emocionalmente mais intenso levará a uma maior estimulação e aceleração da frequência cardíaca. No entanto, o que se tem verificado, tanto em televisão, como rádio ou videojogos, é que "a desaceleração da frequência cardíaca é um bom indicador do esforço cognitivo geral, mesmo quando o conteúdo das mensagens é estimulante" (Lang et al., 2009, p. 191). Ou seja, menos ritmo cardíaco significa, na verdade, mais atenção ao conteúdo recebido.

Quando os estímulos provocam ativação parassimpática e simpática – algo comum com mensagens de *media* emocionais e envolventes – ambos os sinais são enviados ao coração: acelere e desacelere. Geralmente, um ou outro vai dominar, dependendo do contexto. Como a estimulação associada deve ser bastante alta para superar as desacelerações parassimpáticas, a maioria das pesquisas de *media* resulta em batimentos cardíacos mais lentos durante níveis mais elevados de esforço cognitivo. (Lang, et al., 2009, p. 191)

A frustração causada por este tipo de resultados – a oscilação entre efeitos na frequência cardíaca, que tanto desacelerava acentuadamente, como mantinha a frequência base ou desacelerava e voltava a acelerar – viria a ter como corolário uma tendência para valorizar os estudos de sistemas fisiológicos individuais, como os que aqui se apresentam, em vez de grandes análises gerais e de grupo. Um caminho frutífero para o estudo dos efeitos dos *media*, segundo Rubin (2009), que envolve maior atenção aos processos cognitivos, afetivos e emocionais. Uma tal perspectiva passa por admitir que os *media* não são caixas fechadas, mas antes estimuladores de efeitos complexos com múltiplas variáveis em constante mutação (Lang et al., 2009).

O recurso a medidas psicofisiológicas como as propostas nesta tese tem a vantagem de aferir reações individuais, mas acarreta também a desvantagem de poder resultar em efeitos modestos. Por exemplo, no caso da nossa pesquisa, a impossibilidade de usar estímulos de intensidade superior por razões éticas inibe resultados mais significativos. Isto é, não podemos garantir que não teriam maior significância com estímulos mais intensos. Porém, essa é uma característica intrínseca à metodologia e não necessariamente um impedimento, conforme entendido tanto pelas neurociências como pelas próprias teorias da Comunicação (Wise et al., 2009, Mizgajski & Mikołaj, 2019 e Neuman & Guggenheim, 2011). Até porque, defende Deuze, (2021), a investigação multidisciplinar da comunicação é agora mais necessária do que nunca, mesmo admitindo que é "mais fácil dizê-lo do que fazê-lo" (p. 7).

A pesquisa aqui apresentada analisou medidas psicofisiológicas com o objetivo de compreender de forma mais aprofundada como é que o cérebro interage com os *media*, na perspectiva do leitor. Olhando para as correlações encontradas entre as Emoções, a percepção de Dor, os Batimentos Cardíacos e as Características Psicológicas Individuais, conclui-se que diferentes textos têm diferentes impactos em pessoas com características psicológicas diferentes, verificando-se maior impacto fisiológico nas pessoas mais sensíveis. Infere-se, portanto, que os *media* possuem, de facto, a capacidade de produzir efeitos sobre as reações psicofisiológicas dos indivíduos.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista das Teorias da Comunicação, se confirma a Hipótese 4: A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

5.3. NA ABORDAGEM DO JORNALISMO LITERÁRIO

A nossa pesquisa começou com o pressuposto de que diferentes formas de estruturar a informação jornalística impressa poderiam resultar em diferentes respostas emocionais e psicofisiológicas dos leitores. E de que, pela sua estrutura narrativa, o jornalismo literário teria maior capacidade para induzir efeitos nos sujeitos. Como já descrito até aqui, os nossos dados demonstraram que ambos os textos podem ter consequências emocionais e psicofisiológicas sobre os sujeitos da amostra. Sendo o jornalismo literário o tema principal da nossa tese, analisaremos agora em mais detalhe os seus efeitos na amostra e se esses efeitos nos permitem confirmar ou infirmar as hipóteses do nosso estudo.

Hipótese 1: Há diferenças na recepção de um texto noticioso e de jornalismo literário.

Como podemos observar nos Quadros 45, 46 e 47, após a leitura do texto de jornalismo literário os sujeitos reportaram diferenças tanto inconscientes, reveladas nas medidas psicofisiológicas, como conscientes, reveladas nos Questionários Finais. As primeiras indicam que a escolaridade e a idade se correlacionam com várias alterações emocionais, assim como as características psicológicas individuais, que revelam maior resiliência dos sujeitos para absorver o impacto emocional do texto de jornalismo literário quando têm menos fragilidade emocional. Por outro lado, tanto a percepção de dor como os batimentos cardíacos parecem diminuir após a leitura do texto de jornalismo literário. Como vimos anteriormente, esta aparente contradição poderá sugerir um maior impacto psicofisiológico do texto de jornalismo literário. Quanto às medidas autorrelatadas (conscientes) pelos indivíduos da amostra, os efeitos do artigo de jornalismo literário parecem ainda mais significativos. Satisfação e prazer de leitura, vontade de recomendar o artigo a amigos, compreensão, informação, emoções fortes são mais associados ao texto de jornalismo literário do que ao texto escrito em formato de notícia.

Cruzando estas revelações com as principais características do jornalismo literário, resumidas no Quadro 1, avaliaremos melhor o efeito desta técnica jornalística nos leitores.

Enquanto o jornalismo noticioso obterá o seu efeito máximo – informar de forma rápida – socorrendo-se da resposta às questões essenciais (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê?), numa lógica de pirâmide invertida, o jornalismo literário terá de responder às

mesmas questões, ou seja informar do essencial, mas não necessariamente seguindo a mesma ordem, nem começando pelo mais recente e relevante do ponto de vista noticioso.

Tínhamos visto que a escolha dos textos propostos aos leitores para esta investigação, a partir de *Hiroshima*, de John Hersey, correspondia à preocupação de proporcionar aos sujeitos da amostra os mesmos factos (a mesma informação jornalística, verificável) apresentada em estilos de escrita diferentes (género noticioso e de reportagem). O início dos artigos denuncia imediatamente essas diferenças, como se comprova ao lermos as primeiras linhas. No caso do texto noticioso (consultável no Anexo 7.6), respondendo às perguntas essenciais (O Quê Quem? Onde? Quando?) em estrutura de pirâmide invertida. "A cidade de Hiroshima, com 245 mil habitantes, foi alvo de um ataque nuclear às oito horas e quinze minutos da manhã do dia 6 de agosto de 1945 que provocou a morte a quase metade da sua população e deixou feridos outros cem mil. Pelo menos 10 mil procuraram auxílio no melhor hospital de Hiroshima, a instituição da Cruz Vermelha, impedido de dar resposta por falta de camas".

Do mesmo modo, o início do texto de jornalismo literário (consultável no Anexo 7.7), permite identificação imediata com o género reportagem, dando ao leitor a possibilidade de começar a sentir-se no local dos acontecimentos e seguindo imediatamente para a história de uma pessoa em concreto que possibilita envolvimento e empatia com o recetor da mensagem. Tal como na notícia, também aqui nos é dito o quando e o onde, mas o como, a descrição e o detalhe ganham agora maior expressão e primazia. "Foi então que um tremendo clarão rasgou o céu. O reverendo Tanimoto lembra-se perfeitamente que às oito horas e quinze minutos da manhã do dia 6 de agosto o clarão percorreu o firmamento de nascente para poente, da cidade em direção às colinas. Parecia uma lâmina de luz. Aterrorizados, os dois homens reagiram cada qual à sua maneira — e ambos tiveram tempo para o fazer, por se encontrarem a mais de três quilómetros do centro da explosão. O Sr. Matsuo galgou os degraus da entrada até ao interior da casa e encafuou-se de um salto no meio das trouxas de roupa. O reverendo Tanimoto deu quatro ou cinco passos e atirou-se para o meio de duas grandes pedras do jardim. Comprimiu-se com toda a força contra uma delas. Como ficou com a cara contra a pedra não viu o que aconteceu. Sentiu uma súbita pressão seguida da queda de bocados de madeira e de estilhaços de telha. Não ouviu barulho algum. Quase ninguém em Hiroshima se lembra de ter ouvido qualquer barulho provocado pela bomba. Porém, um pescador a bordo da sua sampana, no mar Interior perto de Tsuzu, o homem em cuja casa viviam a sogra e a

cunhada do reverendo Tanimoto, viu o clarão e ouviu uma tremenda explosão; separavam-no de Hiroshima mais de trinta quilómetros, mas o barulho foi maior do que quando os B-29 atingiram Luakuni, situado a apenas oito quilómetros".

Fica, assim, claro logo nas primeiras linhas dos artigos que estamos perante estruturas informativas diferentes. Mas quando observamos trabalhos de reportagem e de jornalismo literário compreendemos que a composição distintiva não se fica apenas pelo início dos artigos. Também o final é revelador do estilo narrativo oferecido ao leitor. A notícia sobre o lançamento da bomba atômica em Hiroshima (consultável no Anexo 7.6) termina com uma informação que poderia ser dispensada, caso faltasse espaço para a publicar, na medida em que não obsta à partilha já feita do essencial logo no início do artigo. Nessa altura o leitor já detém o mais relevante dos acontecimentos. Por isso, no final, entrega-se uma informação extra, mas descartável em caso de necessidade: "O edifício do hospital caiu ao rio Kio. Além da explosão, estes feridos corriam o risco de morrer afogados quando a maré subisse. Alguns sobreviventes socorreram-se de tábuas para chegar a terra firme". Imagine-se que a notícia dava a saber ao leitor que havia um incêndio perto da sua habitação. As primeiras linhas seriam suficientes para o informar do mais importante e fazê-lo correr para casa a salvar os seus bens e família, enquanto as últimas frases não lhe fariam falta.

Já quando olhamos para o final do artigo de jornalismo literário, percebemos que o foco do autor é um estilo narrativo com a capacidade de nos fazer interiorizar a história relatada para além do momento da leitura. Há o dilema moral do médico, obrigado a deixar feridos para trás, há o sofrimento ético ao tomar consciência de que não poderá salvar as vítimas como é sua obrigação, há a minúcia da descrição que nos faz sentir a avassaladora quantidade de feridos, há os números de mortos e queimados que ganham peso emocional depois da envolvimento do ambiente que nos é descrito pelo jornalista e há a insistência de procedimentos médicos, com recurso a verbos que transmitem a ideia de repetição e que expõem o salvador como um autómato impotente que nada mais pode para além de limpar, desinfetar, ligar, limpar, desinfetar, ligar. "O Dr. Sasaki trabalhava sem método, assistindo em primeiro lugar os que estavam mais à mão, e em pouco tempo pareceu-lhe que o corredor estava a ficar cada vez mais cheio. À mistura com as escoriações e lacerações que a maioria dos que se encontravam no hospital apresentava, começou a descobrir queimaduras horríveis. Foi então que se apercebeu dos magotes de feridos que chegavam ao hospital. Eram

tantos que começou a deixar para trás os feridos ligeiros; decidiu que tudo o que podia tentar fazer era impedir que as pessoas sangrassem mortalmente. Passado pouco tempo havia doentes deitados e acorados no chão das enfermarias, dos laboratórios e de todas as outras salas, e nos corredores, nas escadas, na entrada, debaixo do portão e nas escadarias de pedra da entrada, no acesso, no pátio, e por quarteirões sucessivos ao longo das ruas. Os feridos ajudavam os estropiados; famílias desfiguradas ajudavam-se mutuamente. Muitos vomitavam. Algumas em número assustador — algumas das que tinham sido levadas das salas de aula para trabalharem no exterior a abrir corta-fogos — entraram no hospital em passo lento e silencioso. Numa cidade com 245 mil habitantes, quase 100 mil haviam sido mortos, ou condenados a morrer, de uma assentada; 100 mil outros ficaram feridos. Pelo menos 10 mil destes últimos dirigiram-se para o melhor hospital da cidade, cuja capacidade era de todo insuficiente para tamanho tropel, uma vez que as seiscentas camas disponíveis já tinham sido todas ocupadas. No meio da multidão que sufocava dentro do hospital, pessoas choravam e gritavam, para o Dr. Sasaki ouvir — "Sensei! Doutor!", e os feridos mais ligeiros puxavam-lhe pelas mangas, implorando-lhe que fosse em auxílio dos mais gravemente feridos. Assediado por todos os lados, os pés calçados apenas com meias, estupefacto com a afluência, atónito perante tanta carne viva, o Dr. Sasaki deixou de atuar como cirurgião competente e homem prestável e compreensivo, para se transformar num autómato, que mecanicamente limpava, desinfetava, ligava, limpava, desinfetava, ligava".

O exemplo usado para o nosso estudo, e patente neste excerto, é revelador de como, além de informar, o jornalismo literário deve contar uma história. Tal poderá significar começar por um detalhe, uma pessoa, um ambiente (como acontece com o texto *Hiroshima*). Essa quase inversão da estrutura em relação à lógica da pirâmide invertida evoca as estratégias literárias, sendo uma das mais importantes e reconhecidas a capacidade de criar empatia com o leitor. Produzir textos que proporcionem leitura imersiva é uma das estratégias de sucesso para gerar empatia no leitor (Fong & Mar, 2011). E essa ambição de proporcionar um ambiente empático ao recetor da informação é mais facilmente atingida através do género reportagem, onde se engloba o jornalismo literário (Soares, 2021). Ou seja, a profundidade sobre os acontecimentos e a escrita capaz de provocar prazer de leitura esperadas de um texto de jornalismo literário significam que uma tal peça jornalística terá de trazer histórias ao seu leitor. Comunicar informação de forma rigorosa sobre a realidade, mas trabalhando-a para

que se leia como um romance (Sims, 2012 e Soares, 2021) é o enquadramento que permite compreender o jornalismo literário. Como nos dizem Bird & Dardenne (2009), embora a pirâmide invertida permaneça dominante, os repórteres fazem uso da escrita narrativa porque uma história é diferente de um simples relato, já que busca coerência e significado. Tem um propósito.

Um desses propósitos é explicar o mundo aos seus leitores, como parecem ter entendido os sujeitos da nossa amostra, na medida em que se consideraram informados enquanto sentiam prazer na leitura do texto de jornalismo literário. Eaman (2009) recorda que o valor da maior parte das peças jornalísticas não depende apenas da sua capacidade para transmitir a verdade ao leitor, mas também da satisfação que pode proporcionar-lhe. Por isso, não se pede ao jornalista que traga apenas os factos, mas que traga uma história. Até porque as histórias que afetam subjetivamente os recetores são melhor compreendidas (Machill et al., 2008). Autênticos "bardos" da escrita (Bird & Dardenne, 2009, p. 214), os autores de jornalismo literário devem oferecer "narrativas de resistência" através do poder das histórias. E com isso envolver o leitor.

Profundidade também pode significar retratar personagens com algum detalhe, mostrando o impacto prático de uma escolha política nos cidadãos, percorrendo as paisagens da cidade ou destacando o pano de fundo material de um evento. O limite deste estilo de cobertura jornalística pode estar relacionado com questões de prazer [de leitura]. O uso de narrativas, a arte de contar histórias, não são pecados ou traições para a prática jornalística. (Bird & Dardenne, 2009, p. 536)

Ao contrário do que poderia ser expectável, talvez porque o tema esteja relativamente distante da vida dos portugueses, a leitura do texto de jornalismo literário não parece ter induzido mais vontade de aderir a movimentos antinuclear do que o texto noticioso. Ainda assim, mais de 45% da amostra considerou que após a leitura ficou com uma opinião mais fundamentada sobre o uso do nuclear.

Esse efeito do texto reporta-nos para a análise de vários autores, que entendem o jornalismo literário como forte contribuinte para a consciencialização dos problemas sociais dos seus leitores (Soares, 2017), que podem redundar num desejo de ação (Sims, 1995 e Lemann, 2015), de mudar o mundo. Investigadores como Lemann (2015) e Keeble (2018) criticam até a ênfase excessiva no estilo narrativo para distinguir o jornalismo literário do noticioso quando um dos aspetos mais diferenciadores é precisamente a função social e a relevância política,

económico e ideológica de histórias rigorosas e bem contadas como as investigativas e de profundidade a que nos referimos quando falamos de jornalismo literário (Hunter, 2013). Abrahamson (2011) admite mesmo que o bom jornalismo não procura só a verdade, mas sim combater o mal, e, com isso, mudar o mundo. Sendo o uso de bombas que matam de forma imediata e prolongada por décadas, como a lançada em Hiroshima, um óbvio "mal", e tendo o texto de Hersey motivado uma consciencialização pública sobre as consequências da bomba nuclear que mudaram a opinião de muitos, norte-americanos mas não só, fica claro o alcance que um texto de jornalismo literário pode conseguir junto da opinião pública.

Retratando as consequências das armas de destruição maciça para o cidadão comum, dando um rosto humano ao resultado de tamanha capacidade destrutiva, o artigo de Hersey criou questionamento e ansiedade sobre o recurso a esta arma (Forde & Ross, 2011). O texto apresentado à nossa amostra consegue dar novas perspetivas, porventura subjetivas, mas mais completas do que as apenas relatadas pelas fontes oficiais, e, graças a tudo isso, aproximar-se do leitor. Criando empatia e emoções, como é objetivo do jornalismo literário e como foi relatado pela nossa amostra.

No entanto, o efeito específico de um maior empenho antinuclear não foi reportado de forma muito expressiva pelos inquiridos. Como já referido, é difícil concluir que tal signifique desinteresse por maior atividade cívica relativamente ao tema, sendo possível que, do ponto de vista de políticas públicas, não se posicione como um assunto especialmente relevante para uma amostra portuguesa. Esta interpretação é coerente com um dos principais critérios de noticiabilidade (Figura 4) – a proximidade geográfica – que não se aplica aos sujeitos da nossa pesquisa, já que o tema descrito na reportagem lida pelos indivíduos do estudo se passa num território longínquo e numa realidade temporal distante.

Os efeitos acima referidos devem ser, mais uma vez, cruzados com as características do jornalismo literário sumarizadas no Quadro 1. Tal permite-nos averiguar como este tipo de artigo deve oferecer uma interpretação, que pode passar por diferentes versões da realidade, facilitando a partilha de valores globais ao mesmo tempo que se encaram diversas perspetivas sobre um determinado acontecimento (Sims, 2012, Pagone, 2012, Abrahamson, 2011, Kovach & Rosenstiel, 2007, Andeweg, 2012, Inácio & Trindade, 2017, Roberts & Giles, 2014). Ou seja, quando lemos ou estudamos jornalismo literário devemos saber que estamos perante peças de investigação que obrigaram à pesquisa de muitos dados para depois se levar ao leitor

apenas aquilo de que ele precisa (Berkman et al., 2014), oferecendo-lhe o universo "sintetizado num grão de areia" e um valioso artefacto social (Lemann, 2015, p. 57), que lhe permitirá agir de forma mais consciente em sociedade. Uma peça jornalística que aproxime o repórter de um quase cientista social, numa estratégia que exige recurso ao subjetivo, mas nunca ao falso. Como nos diz Neveu (2014, p. 540): "Contar histórias, retratar o que nos rodeia, criar metáforas esclarecedoras e brincar com adjetivos, combinando empatia e distanciamento para dar sentido às crenças e comportamentos daqueles que são diferentes do leitor também são artes do jornalismo."

Ao observarmos o Quadro 1 constatamos que o autor de jornalismo literário procurará seduzir o leitor com a sua técnica de escrita e tentará emocioná-lo, mas, porque recorrer a informação narrativa não é ficcionar (Machill et al, 2008), sempre a partir da verdade encontrada no terreno da reportagem.

Para Roberts & Giles (2014), o jornalismo literário é um ato cultural que oferece um produto para além do que as coisas são, que resulta numa escolha mediada, uma interpretação baseada em determinada experiência da realidade. Em suma, o jornalismo literário como uma forma inteiramente pessoal e subjetiva de escrita factual. Graças a essas características, a receção do artigo de jornalismo literário induziu efeitos diferentes e específicos (Quadros 45 e 46) na amostra do nosso estudo.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista do Jornalismo Literário, se confirma a Hipótese 1: Há diferenças na receção de um texto noticioso e de jornalismo literário.

Hipótese 2: A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Do ponto de vista cognitivo, os dados obtidos através dos Questionários Finais, sumarizados no Quadro 47, indicam-nos que o texto de jornalismo literário foi mais associado a interesse e prazer de leitura pela amostra, que, em conformidade, tenderia a escolher este artigo para recomendar a um amigo. Além disso, o tipo de escrita, de estrutura e técnicas mais literárias, influenciou, segundo os respondentes, a compreensão.

Machill et al. (2008) testaram a retenção e compreensão da informação obtida através de noticiários televisivos, a partir de uma amostra de mais de 200 participantes, tendo concluído que tanto a retenção como a compreensão da informação melhoravam com o recurso a

técnicas narrativas. De acordo com esta pesquisa, o uso do conceito narrativo tem uma influência claramente positiva na retenção e compreensão, entendido como a interação entre a informação recebida e o conhecimento armazenado na memória, do conteúdo noticioso.

Mais uma vez, a tendência parece ser para uma desproporção entre os estudos que analisam os efeitos televisivos em relação aos que se focam na imprensa. Por isso, como em capítulos anteriores, também aqui será útil evocar os efeitos da literatura para melhor compreender os resultados obtidos com o nosso estudo. Nesse sentido, os dados compilados são compatíveis com as pesquisas de Phillips (2015), que adotou uma abordagem cognitiva da literatura. Recorrendo a ressonância magnética, observou mudanças na atividade cerebral, verificando um aumento global no fluxo sanguíneo no cérebro durante a leitura imersiva. As suas conclusões sugerem que este tipo de leitura exige a coordenação de múltiplas funções cognitivas complexas e que estimulam atividade cerebral em vários domínios.

Tendo em conta que a narrativa nos oferece uma primeira oportunidade para dar sentido ao que nos rodeia (Abbott, 2015 e Damásio, 2020) e que um dos objetivos do jornalismo literário, como visto anteriormente, é ajudar os leitores a compreender o mundo, não será despropositado inferir que a ficção possa assumir essa função. Uma vez que o jornalismo literário trata de contar histórias, podemos admitir que, como na ficção, os sujeitos que leram o texto de jornalismo literário tenham entrado na narrativa de forma imersiva, seguindo o funcionamento da mente dos personagens, neste caso, os japoneses sobreviventes da bomba atômica, a que Hersey recorreu para relatar os acontecimentos. Neste aspeto, seguimos o raciocínio de autores como Mar (2004) e Mangen & Kuiken (2014), que usaram a literatura para estudar comportamentos neurológicos à leitura. Esta abordagem prende-se com o facto de estar já estabelecido que uma consciência literária melhorada se correlaciona com melhor capacidade para compreendermos o que nos rodeia (O'Sullivan et al., 2015), proporcionando empatia cognitiva (Bloom, 2016).

Quando parte da amostra que leu o texto de jornalismo literário afirma que ficou com uma opinião mais fundamentada sobre questões relacionadas com o uso do nuclear (Quadros 25 a 28) está também a dizer-nos que a leitura não lhe foi indiferente, cumprindo a função social do jornalismo (Roiland, 2015). Mas mais ainda alertando-nos para um dos pontos chave do jornalismo literário e da reportagem: imparcialidade não significa neutralidade (Flis & Milharčič, 2012). Ou seja, os efeitos descritos pela nossa amostra do ponto de vista cognitivo

demonstram que o texto lido cumpriu a missão esperada do jornalismo literário, descrevendo as sociedades através das pessoas e das suas vivências, por vezes buscando situações extremas que reflitam a condição humana e os seus paradoxos. Ou, como escreve Wilentz (2014), a "beleza da realidade bem observada" (p. 32). A contemplação proporcionada pelo jornalismo literário parece garantir-nos a oportunidade de, como nos diz Caldas (2012) relativamente à experiência cognitiva, explorar o mundo através dos sentidos de modo a organizarmos a informação cognitivamente.

Não tendo por missão primordial alimentar o ciclo noticioso, tantas vezes apresentado em modo acelerado, o jornalismo literário conta com a possibilidade de oferecer ao leitor memória e tempo que acrescentam camadas aos efeitos da informação sobre os indivíduos. Como num estranho ato de magia: "Nós arrancamos um mundo, seguramo-lo nas nossas mãos e depois, tantas vezes através de mares e continentes, culturas e classes, oferecemo-lo aos outros" (Wilentz, 2014, p. 34). É assim porque a obrigação moral dos autores de jornalismo literário continua a ser a mesma de sempre: "encontrar a verdade, contar histórias, mudar o mundo" (Wilentz, 2014, p. 40).

Pelo exposto, entendemos que as respostas conscientes dos sujeitos da nossa amostra corroboram a constatação de que o texto em formato de jornalismo literário teve efeitos cognitivos específicos sobre os indivíduos que o leram, nomeadamente induzindo mais prazer de leitura e transmitindo de forma mais significativa a noção de ficar informado. Tratando-se de duas das principais características do jornalismo literário – relatar factos através de um texto com características da narrativa literária que deem satisfação ao leitor, julgamos poder afirmar que estes dados sugerem que não são apenas os estudiosos da área a identificar estes traços, mas também os próprios recetores da mensagem a admiti-los.

Assim, podemos concluir que, do ponto de vista do Jornalismo Literário, se confirma a Hipótese 2: A leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Hipótese 3: A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

A análise dos dados recolhidos relativamente aos efeitos da leitura do texto de jornalismo literário, tanto os conscientes, como os inconscientes, pode ser observável nos Quadros 45 e 46, a partir dos Anexos 4.2 a 6.3.

As medidas psicofisiológicas dizem-nos que algumas emoções, como as das escalas de Autoeficácia, as Prós-sociais e as Emoções Negativas sofreram alterações após a leitura do texto de Jornalismo Literário. Além disso, os dados permitiram-nos também verificar correlações entre características demográficas, como a idade e a escolaridade, e as referidas modificações emocionais. Quanto mais velhos os indivíduos, maior a modificação das escalas de emoções de Autoeficácia e Pró-sociais, assim como mais intensas as emoções Determinado e Ousado após a leitura do texto. Foram também registadas correlações negativas entre a idade dos indivíduos e a emoção Atrevido e entre a escolaridade e a escala de Emoções de Ativação Positiva, assim como da Emoção Ardente. Por seu lado, as características psicológicas individuais revelaram ainda algumas correlações com as modificações emocionais com a leitura do texto de jornalismo literário (Anexos 4.9 a 4.12). Assim, quanto maiores as queixas psicológicas dos indivíduos, menores as modificações na escala de emoções Pró-sociais e na emoção de Serenidade e quanto maior a capacidade de regular estados emocionais, de estar atento a estímulos e de ter consciência emocional, maiores as modificações nas emoções de Serenidade.

Do mesmo modo, também as respostas conscientes revelaram efeitos emocionais autorrelatados com a leitura do texto de jornalismo literário que se intercetam com as psicofisiológicas. A este propósito, atente-se nos Quadros 29 e 30, onde os dados registados a partir dos Questionários Finais indicam que o texto de jornalismo literário não só causou mais emoção do que o artigo Noticioso, como foi também indutor de emoções fortes.

Vários estudos têm analisado a relação entre a literatura e os efeitos emocionais nos indivíduos. Na linha dos nossos dados, encontram-se investigações que avaliam dimensões da leitura, como a ergonómica, a cognitiva, a emocional ou a socio cultural, por exemplo (Mangen & Van der Weel, 2016). Outros ocuparam-se de etapas do processo que vão da leitura aos efeitos, sendo cada vez mais aceite o papel da leitura de ficção na promoção de capacidades pró-sociais e nas emoções (Mangen et al., 2018).

A dimensão emocional do jornalismo, especialmente o jornalismo literário, é essencial para perspetivarmos a sua influência. Ao contrário do jornalismo noticioso, ainda influenciado pelo

medo de se associar a emoção sentida pelo leitor à falta de objetividade do próprio jornalista (Wahl-Jorgensen, 2020), o jornalismo literário, tal como o gênero reportagem, sempre assumiu e valorizou as emoções, tanto que são mesmo consideradas essenciais para chegar à verdade.

Independentemente do que se pense sobre o papel das emoções no jornalismo, elas são relevantes para esta tese por serem evocadas quando algo importante está em jogo para o indivíduo. Mais, elas surgem de forma automática e involuntária, gerando sentimentos específicos, assim como efeitos fisiológicos, como o aumento do batimento cardíaco (Moreira & Gamboa, 2016). Embora sejam individuais e subjetivas, as emoções encerram uma verdade relativa ao efeito que os acontecimentos têm sobre as pessoas. É essa verdade que procuramos registrar com a investigação aqui tratada, através da leitura de textos jornalísticos que possam induzir emoções, tal como acontece quando se presenciam acontecimentos. Como trabalhado por Bird & Dardenne (2009), os nossos dados demonstram que a separação de notícias como história e notícias como informação pode ser artificial e em pouco contribuir para compreender o efeito das notícias nos leitores, sendo defendido nas pesquisas dos autores que ganha relevância perceber-se como os textos jornalísticos entrelaçam funções emocionais e informativas.

Ao focar-se num reduzido número de personagens, facilitando a memorização, construindo *suspense* com a estrutura narrativa escolhida, Hersey inspirou-se em técnicas da ficção. Essa escolha revelou-se tão eficaz que, 75 anos depois, o texto deixado pelo jornalista continua a ser considerado a obra definitiva sobre o lançamento da primeira bomba atômica (Lemann, 2019). Todas essas técnicas de escrita proporcionam ao leitor de reportagens a possibilidade de visualizar no seu cérebro o que está a ler. Como nos dizem Giles & Hitch (2017), usar a informação factual de forma criativa e envolvente dá aos recetores detalhes que lhes permitem criar imagens no cérebro sobre o que estão a ler, facilitando o efeito emocional do texto. Graças a essas estratégias, o jornalismo literário tem a capacidade de levar o leitor a sentir-se como se estivesse lá, aspeto que é considerado um dos seus atributos (Hartsock, 2000). Ou seja, um estado emocional relevante contribui para gravarmos uma experiência, podendo-se inferir que o mesmo possa ter acontecido com a nossa amostra após a leitura. Neste ponto, é interessante notar que a maioria dos inquiridos (entre 50 a 60%) relatou ter-se sentido no local da explosão graças à leitura, mas esse efeito verificou-se em ambos os

artigos e não apenas no de jornalismo literário, havendo até ligeira vantagem para o texto noticioso, como vimos na análise de dados (Quadros 19 e 20).

Assumindo que os acontecimentos relatados podem provocar reações afetivas, Knobloch et al. (2004) estudaram os efeitos da estrutura discursiva em aspetos como o *suspense*, a curiosidade e o prazer ao ler notícias ou romances, tendo concluído que os textos elaborados numa lógica linear induziram maior satisfação de leitura do que a estrutura de pirâmide invertida, corroborando que a narrativa em formato jornalístico instiga mais curiosidade do que uma narrativa do tipo linear. Além disso, esses efeitos eram independentes da factualidade do conteúdo, aplicando-se tanto a estruturas de ficção como a estruturas noticiosas. De acordo com esta pesquisa, o formato da pirâmide invertida não maximiza o prazer de leitura, inferindo que as reações emocionais por parte da audiência não são um resultado da factualidade do que é lido, mas sim, pelo menos parcialmente, do formato em que a informação é tratada.

Como nos dizem Becket & Deuze (2016), uma notícia ou reportagem de investigação que não chame a atenção do leitor, que não lhe pareça interessante, divertida assustadora ou edificante, será menos compreendida pelo recetor. Assim, defendem os investigadores, a confiança na informação jornalística será cada vez mais determinada pela sua autenticidade emocional. Por isso, argumentam, o jornalismo precisará de continuar a ter o fator humano no seu âmago. Ora, como vimos até aqui, essa é uma característica intrínseca do jornalismo literário.

Outros autores (Mar, 2004) observaram que a informação transmitida em formato de história narrativa tem a capacidade de nos fazer mudar a nossa perspetiva do mundo (como terá acontecido com quem leu o texto *Hiroshima*), em parte porque os leitores se conseguem pôr no lugar dos rostos humanos das histórias contadas dessa forma. Por outro lado, o formato narrativo é, como verificaram Kidd & Castano (2013), indutor de empatia. Tal acontece porque essas estruturas desencadeiam focos em significados implícitos, na subjetivação, e nos pontos de vista que oferecem.

Vimos antes que esse é um dos pontos fortes do jornalismo literário, sendo ao mesmo tempo uma característica que permite valorizar os aspetos emocionais deste tipo de peça jornalística, até porque, como nota Boucher (2004), um dos objetivos da reportagem é apelar à afetividade

do leitor. Seguindo a linha de pensamento de Schaberg (2018), novas perspectivas, focadas noutras vidas e experiências do mundo, podem ser fulcrais para a objetividade, na medida em que nos entregam uma realidade menos polarizada, logo, mais humana. Para o autor, quantas mais as perspectivas, maior será a objetividade conquistada pelo leitor.

Se o racional está ligado com o emocional (Damásio, 2017) e se estudos anteriores nos dizem que a característica emocional da literatura permite, entre outras coisas, reter mais vocabulário daquilo que é lido (Fong & Mar, 2011), também é verdade que estruturar a informação em estilo narrativo segue a sabedoria convencional do jornalismo de que relatar os factos noticiosos é contar uma história (Griffin, 1999). Entendemos, portanto, que admitir o efeito emocional de textos de jornalismo literário é não só compatível com as obrigações éticas dos jornalistas, como condição básica para uma informação que se queira assertiva e desafiadora do *status quo*, como é apanágio do jornalismo literário.

Assim, podemos concluir que, do ponto do Jornalismo Literário, se confirma a Hipótese 3: A leitura tem efeitos emocionais que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário.

Hipótese 4: A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

No que toca à receção fisiológica (inconsciente) do jornalismo literário, os dados constantes nos Anexos 4.2 a 6.3 permitem-nos verificar que a percepção de Dor diminui após a leitura do texto e que quanto mais se modificam as Emoções de Serenidade e a escala de emoções Pró-sociais após a leitura, menor a diferença na percepção de Dor. Além disso, os indivíduos mais precisos na avaliação do Batimento Cardíaco, modificaram menos a percepção de Dor a estímulos intensos. Relativamente às características psicológicas individuais constatamos que a emoção Desamparo diminuiu as diferenças na percepção de Dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário e que quanto maiores os sintomas de risco, menor a modificação da percepção de Dor. A leitura do texto provocou ainda alterações na percepção de Dor quando a regulação atencional e a consciência do corpo eram maiores. As medidas do Batimento Cardíaco vão no mesmo sentido, diminuindo durante a leitura do texto de Jornalismo Literário. Do mesmo modo, quanto maior a diferença dos Batimentos Cardíacos, menor a diferença na percepção de Dor após a leitura do texto.

O caráter inovador da nossa pesquisa não nos permite contar com muita teoria que possa sustentar de forma mais assertiva a confirmação ou infirmação da nossa hipótese relativamente às medidas psicofisiológicas e aos efeitos do jornalismo literário na nossa amostra. No entanto, é importante notar que estas medidas foram mais relevantes nos sujeitos da amostra que leram o texto de jornalismo literário, diminuindo a percepção de Dor e os batimentos cardíacos. A este propósito é interessante notar como o próprio autor, John Hersey, da peça lida pela amostra confessou a esperança de que o leitor da sua reportagem fosse capaz de encarnar o papel das personagens ao ponto de sentir a mesma dor porque isso ajudaria a tomar consciência do que tinha acontecido (Cruz, 2016).

Como vimos anteriormente, uma observação mais superficial levaria a esperar menos dor e menos batimentos com um texto mais associado a prazer de leitura, tal como relatado nos Questionários Finais. No entanto, é de salientar que este paradoxo começa também a ser entendido como revelador de maior impacto devido ao possível efeito de analgesia quando nos deparamos com emoções negativas intensas (Meagher et al., 2001).

Parece-nos legítimo, por exemplo, fazer o paralelo entre os efeitos das imagens do holocausto e do texto sobre a bomba atômica lido pela nossa amostra, já que ambas as situações poderão despertar compaixão e, com isso, reduzir a percepção de dor graças ao efeito de analgesia (Wiech & Tracey, 2009).

Os nossos dados permitiram-nos correlacionar a percepção de dor com as características individuais e constatar que os sujeitos mais catastrofizadores tendem a bloquear o efeito de dor, podendo ser esse o caso de quem leu o texto de jornalismo literário e sentiu que o tema era demasiado avassalador. Do mesmo modo, os indivíduos com maior risco de provocarem dano a si próprias ou aos outros ficam com menos sensibilidade à dor, numa aparente resposta de auto-defesa ante o sofrimento.

O'Sullivan et al. (2015) encontraram efeito idêntico em indivíduos com dor crónica durante a leitura de poesia, que, aparentemente, ajuda a reduzir a sensação de dor devido ao envolvimento cognitivo e emocional exigido pelos textos. Mais uma vez, não se tratando de poesia, o texto de jornalismo literário proposto à nossa amostra tem a qualidade literária que, julgamos, nos permite fazer este paralelo.

A correlação entre os registos de dor e as respostas relativas às características psicológicas individuais (Anexos 5.5 a 5.10) revela que quanto mais a consciência emocional dos indivíduos, maior a capacidade para reportarem mudanças na percepção da dor, sugerindo que uma maior regulação atencional e consciência do corpo se pode associar a uma maior capacidade para modificar as percepções da dor depois da leitura do texto de jornalismo literário.

Já a correlação entre a percepção de Dor, o bem estar emocional e a leitura dos artigos (Anexos 5.7 a 5.8) permite-nos inferir que depois da leitura de um artigo mais intenso como o de jornalismo literário, os sujeitos vulneráveis e com maior tendência para comportamentos de risco apresentam menor sensibilidade à dor, traduzindo-se na inibição do processamento de estados negativos como os provocados por sensações dolorosas.

Na correlação entre Batimentos Cardíacos e percepção de Dor antes e durante a leitura, quanto maior a diferença nos batimentos, menor a diferença reportada na percepção da dor após a leitura do texto de Jornalismo Literário.

Analisadas as correlações entre as Emoções, a percepção de Dor, os Batimentos Cardíacos e as Características Psicológicas Individuais (Anexos 4.2 a 6.3), regista-se que indivíduos com menor estabilidade emocional reportam menos modificação das reações fisiológicas e emocionais após a leitura do texto de Jornalismo Literário.

Os dados referidos indicam que os textos poderão ter diferentes impactos nas variáveis fisiológicas em estudo: Dor e Batimentos Cardíacos. Embora não possamos considerar que os nossos resultados sejam definitivos em relação a este ponto, entendemos coerente inferir que, no seu conjunto, as respostas aos estímulos dolorosos e o registo dos batimentos cardíacos, parecem indicar que um texto jornalístico emocionalmente intenso, como é o caso do excerto do texto *Hiroshima*, inibe algumas respostas fisiológicas, sendo isso mais revelador de forte impacto do que de indiferença à peça jornalística.

Assim, podemos concluir que, do ponto do Jornalismo Literário, se confirma a Hipótese 4: A leitura de diferentes tipos de texto jornalístico induz modificações distintas no funcionamento psicofisiológico da percepção de dor e dos batimentos cardíacos.

Temos, portanto, que os dados recolhidos nos permitiram confirmar as quatro hipóteses postuladas, tanto do ponto de vista das Neurociências, como das Teorias da Comunicação e do Jornalismo Literário.

CONCLUSÃO

Esta tese surge no contexto de grandes convulsões no jornalismo em todo o mundo, num cenário em que a informação gratuita se tornou o pano de fundo, com consequências para o jornalismo de profundidade ainda imprevisíveis. Uma tal tendência leva a que o jornalismo de qualidade – necessariamente mais caro – possa vir a servir mais do que nunca as elites, num extremar que se arrisca a contrariar de forma inevitável ideais jornalísticos como o de dar voz aos que não têm voz.

O referido contexto foi uma das principais motivações para o desígnio da investigação aqui tratada: procurar compreender até que ponto o jornalismo de profundidade tinha um impacto diferenciador nos leitores. Para atingir esse objetivo, e tendo em conta a crescente complexidade da realidade jornalística, tanto para os leitores como para os próprios órgãos de comunicação social, entendemos que não seria suficiente utilizar exclusivamente as ferramentas clássicas dos estudos de Comunicação. Por isso, quisemos procurar respostas em modelos que abrissem o caminho a contributos de várias áreas do saber.

Assim, o enquadramento teórico partiu desde logo de uma abordagem multidisciplinar. O foco nos impactos cognitivos da comunicação, fundamentado nas correntes teóricas da receção, levou-nos a utilizar medidas psicofisiológicas que permitissem avaliar os efeitos não declarados da comunicação. As questões da receção são há muito estudadas pelas Ciências da Comunicação, mas, na maioria das vezes, com contributos das Ciências Sociais. No caso da tese aqui tratada, pareceu-nos que seria útil tentar compreender a receção comunicacional acrescentando às teorias da receção métodos e conhecimentos das Neurociências, de modo a podermos medir e analisar a realidade da receção da informação a partir de dados psicofisiológicos. Ou seja, usámos medidas de reações físicas e psicológicas para avaliar até que ponto, e em que moldes, a informação jornalística é recebida e percebida pelos leitores. Para tal, às teorias da receção das Ciências da Comunicação agregaram-se os procedimentos das Neurociências usados em pesquisas neurocognitivas, com o objetivo de compreender os efeitos e impactos da comunicação nos indivíduos. Embora essa conjugação

de saberes seja ainda pouco aplicada à informação jornalística, encontrou-se experiência consolidada no âmbito da literatura e da psicologia cognitiva. Uma vez que o jornalismo literário é o ponto central desta pesquisa, e tendo em conta que este estilo emprega várias técnicas da escrita narrativa, entendemos que o paralelo entre a receção de textos jornalísticos e textos literários era legítimo para a prossecução dos objetivos pretendidos.

Nesse campo muita da pesquisa vem recorrendo à observação de alterações na ativação cerebral (que zonas do cérebro se ativam mais com uma determinada leitura, por exemplo), numa recolha de dados que se tem revelado relevante para compreender a reação cognitiva dos sujeitos à leitura. Porém, essa estratégia, além de comportar custos impraticáveis relativamente aos meios que tínhamos disponíveis, não seria a mais adequada para os nossos objetivos, já que não queríamos apenas saber que ativações acontecem perante um texto jornalístico, mas sim que emoções e que efeitos fisiológicos pode despertar nos leitores. Nesse sentido, a perceção de dor e a medição dos batimentos cardíacos, conjugados com as emoções, foram medidas consideradas úteis para verificar os referidos efeitos.

Às reações não conscientes, apuradas através da perceção de dor e dos batimentos cardíacos, juntámos vários questionários relacionados com o bem-estar psicológico, mas também com as emoções, e ainda questionários sobre a reação à leitura dos textos, conforme autodeclarada pelos sujeitos da amostra. Desta forma, cruzámos padrões conscientes e não conscientes, com vista ao apuramento de uma verdade sobre os efeitos da comunicação que pudesse ir além das respostas eventualmente condicionadas por fatores sociais ou pessoais dos sujeitos. Os resultados foram, portanto, discutidos à luz das perspetivas das principais áreas do conhecimento em que se baseou a nossa investigação: as neurociências, as teorias da receção e o jornalismo literário.

Antes do trabalho no terreno, que implicou a recolha de medidas psicofisiológicas com 60 indivíduos durante cerca de uma hora e meia para todas as tarefas e questionários, fez-se pesquisa teórica sobre dois polos essenciais da tese: o jornalismo literário e o jornalismo noticioso, olhando para uma explicação mais aprofundada do que são os géneros jornalísticos, especialmente os que nos interessavam para esta investigação: Notícia e Reportagem. Procurámos aprofundar estas temáticas porque, embora sejam claras para alguém como a autora da tese, que é jornalista, e apesar do esforço de publicações e reflexões sobre a matéria (refira-se, a título de exemplo, a recente publicação portuguesa *Manual de Reportagem*),

também se detetou a existência de vários artigos académicos que denotam alguma confusão de conceitos nesta área, podendo ganhar-se com maior clarificação. Por um lado, o tema dos géneros jornalísticos continua, muitas vezes, trabalhado de forma confusa e algo errática. Por outro, o tema do jornalismo literário, embora em franco crescimento em termos de reconhecimento académico internacional, é ainda incipiente em Portugal.

Assim, conjugando a prática profissional de jornalista com o aprofundar do conhecimento já publicado por outros autores, como Bonini (2009), Melo & Assis (2016), Boucher (2004), Fontcuberta (1999), Godinho (2021), Harcup & O'Neill (2009), Rebelo, (2000), Traquina (2002), entre outros, procurou-se aclarar conceitos, que, julgamos, poderão ser de alguma valia à comunidade científica.

O desenvolvimento deste ponto foi importante para a tese aqui tratada, na medida em que nos propusemos comparar textos noticiosos com textos de jornalismo literário, de forma a constatar diferenças relevantes nos dois tipos de artigos. No caso concreto da nossa investigação, com recurso à reportagem *Hiroshima*, de John Hersey.

Recordando as funções do jornalismo, conforme enumeradas por Schudson em entrevista a Santos & Pereira (2008), sabemos que a primeira tarefa a que se propõe é o fornecimento de informação, de modo a permitir que os cidadãos possam formar opiniões mais fundamentadas sobre o que os rodeia, sendo ao mesmo tempo uma forma de potenciar a participação cívica. Do mesmo modo, é também função do jornalismo investigar práticas irregulares por parte das instituições de poder (governos, entre outras). Para além de lhes entregar os factos e o sentido crítico, o jornalismo deve ainda analisar a realidade dando azo a que os cidadãos possam daí retirar todas as implicações, o que só será possível se o jornalismo cumprir o seu papel de decodificador da mensagem, isto é, da realidade. As funções descritas até aqui levam a uma outra, menos óbvia, mas também identificada por Schudson, em entrevista a Santos & Pereira (2008), que é a mobilização. Com isso, permite-se que o jornalismo seja um fórum público, um espaço coletivo de discussão. Mas é interessante notar que o autor do clássico *Discovering The News* (1978), entre outros, faz questão de referir um último nível das funções do jornalismo que interessa especialmente a esta tese: a empatia social.

Perante esta descrição não podemos afirmar que haja diferenças entre jornalismo noticioso e de jornalismo literário, na medida em que ambos têm a capacidade formal de cumprir estas

tarefas. Mas o pensamento de Schudson é-nos útil aqui para nos ajudar a situar na missão do jornalismo literário, que oferece melhores condições para levar algumas dessas funções sociais do jornalismo mais longe – e mais fundo. Ou seja, o jornalismo literário não presta necessariamente um serviço melhor aos leitores no que toca a informar, mas presta um serviço mais completo, porque profundo e com recursos estilísticos tão abrangentes quanto diversos.

Como sumarizamos no Quadro 1, a nossa revisão de literatura permitiu-nos constatar que o jornalismo literário tem particularidades sociais e estilísticas. Uma delas é a que dá ao repórter a capacidade de se comportar como um cientista social, apostando em explicar o mundo aos seus leitores, enquanto se foca nas pessoas comuns e se compromete com o rigor dos factos. Sendo ao mesmo tempo imersivo e investigativo, o jornalismo literário deve também ser criativo, fornecendo interpretações dos acontecimentos e não apenas os factos. Todas estas características estão ao serviço de vários objetivos, de que destacamos a capacidade de emocionar o leitor, criando vínculos com ele ao contar-lhe histórias que permitam encontrar sentido em diferentes versões da realidade.

Voltamos agora a este ponto da nossa tese porque foi dele que partimos para construir um conjunto de procedimentos, onde se incluem a aplicação de estímulos dolorosos, a avaliação de emoções, a avaliação cognitiva, a avaliação do sistema nervoso autónomo, a avaliação do batimento cardíaco e a avaliação de dor, numa abordagem cognitiva, em que o papel do meio e das emoções na comunicação são também analisados de forma a cumprir os objetivos propostos.

Para compreendermos como o cérebro interage com os *media*, na perspetiva do leitor, recorreremos a medidas psicofisiológicas, como as Emoções, a percepção de Dor e o Batimento Cardíaco. O que propusemos foi um estudo exploratório, quase seminal, nunca feito nestes moldes para aplicar ao jornalismo, e menos ainda ao jornalismo literário. Por um lado, tornou-se difícil antecipar resultados e métodos mais adequados para os obter. Por outro, a literatura que sustenta a pesquisa teve, muitas vezes, de ser usada por afinidade, recorrendo-se a resultados em áreas como a literatura de forma a preencher a lacuna de estudos – e sobretudo de métodos idênticos – sobre o tema de pesquisa trabalhado. Sabe-se, por exemplo, que os indivíduos leitores de livros tendem a ser mais criativos porque são obrigados a imaginar a história em vez de terem tudo disponível visualmente, como acontece com os *media*

televisivos, pelo que se entendeu que o jornalismo literário poderia cumprir papéis idênticos a este e que, por isso, mereciam ser melhor conhecidos os efeitos dos textos impressos que usam a estrutura da narrativa, como é o caso do jornalismo literário.

A comunicação é uma atividade humana sujeita a interferências tanto externas (as regras em sociedade, a cultura ou a tecnologia, entre outras), como intrínsecas aos indivíduos (a literacia, o estrato social e económico dos recetores, entre outros). Como tal, o tema dos efeitos da comunicação jornalística nunca estará plenamente compreendido nem acabado, já que os *media* não existem separados do mundo, sendo antes, e cada vez mais, parte integrante dele, numa sociedade crescentemente mediatizada. Mas, tal como o consumo de informação é cada vez mais atomizado e procurado à medida, também a sua compreensão, entende a autora desta tese, carece de uma abordagem que se enquadre melhor na nova realidade mediática. Embora não nos pareça avisado desprezar o conceito de comunicação de massas para compreender o atual cenário dos *media*, também não podemos já ficar-nos apenas por ele. Por isso, aposta-se aqui, tal como Neuman & Guggenheim (2011) e Valkenburg & Peter (2013), no aprofundamento de conhecimentos sobre o tema através de medidas mais individuais e cirúrgicas.

Uma tal ancoragem metodológica pode suscitar críticas relativamente a alguns resultados eventualmente encarados como mais marginais ou pontuais. No entanto, efeitos mais pequenos são uma característica intrínseca às pesquisas experimentais, assim como às focadas em variações individuais, necessariamente com amostras mais reduzidas, até por razões logísticas. Se pensarmos que cada uma das recolhas de dados para esta tese implicou a presença de duas investigadoras em permanência, uma sala em exclusividade para o efeito e mais de uma hora por sujeito da amostra, facilmente compreendemos a dificuldade em realizar pesquisas deste tipo com grupos muito grandes. Além de que a quantidade de dados obtida se torna também muito expressiva, tanto em tamanho como em diversidade, obrigando a diferentes tratamentos de dados. Como Neuman & Guggenheim (2011), entendemos que a relevância científica dos resultados deve sobrepor-se à questão numérica, até porque o estudo dos efeitos em comunicação se caracteriza, tradicionalmente, por pequenos efeitos, como sucedeu com a nossa investigação, sem que isso tenha de significar desvalorizar os resultados atingidos.

Como vimos já, a estrutura conceitual-teórico-empírica escolhida para este estudo integrou saberes das Neurociências e das Ciências da Comunicação, numa estratégia multidisciplinar, com vista a encontrar respostas mais profundas e diferenciadoras para a nossa pergunta de partida: Como se caracteriza, comparativamente, em termos cognitivos e psicofisiológicos, a receção a textos de jornalismo noticioso e de jornalismo literário?

Para tal, o nosso estudo procurou respostas a questões da comunicação através de metodologia das neurociências, utilizando medidas psicofisiológicas: a) avaliação de emoções; b) avaliação da percepção de dor; c) avaliação de batimentos cardíacos; d) avaliação de características psicológicas individuais, mas também de abordagens teóricas da comunicação, ancorando-se nas: a) teorias da receção; b) teorias dos efeitos da comunicação; c) teorias dos usos e gratificações.

Através da leitura do artigo Noticioso e do artigo de Jornalismo Literário procurámos demonstrar, recorrendo a instrumentos das Neurociências e das Ciências Sociais, os efeitos da comunicação nos sujeitos. Uma vez estabelecido o enquadramento teórico e preparada a pesquisa no terreno, foi pedido aos 60 indivíduos da amostra que lessem, numa ordem aleatória que garantia a leitura de ambos os textos, um excerto da reportagem *Hiroshima*, de John Hersey, em formato Noticioso (denominado como texto A) e de Jornalismo Literário (denominado como texto B), tendo sido submetidos a várias medidas psicofisiológicas antes, durante e após a leitura.

Esta abordagem teórica e metodológica deu-nos a possibilidade de obter resultados para a pergunta de partida e corresponder aos objetivos da nossa pesquisa. Entendemos que os dados obtidos nos facultaram a resposta à pergunta de partida, na medida em que nos levaram a constatar não só que há diferenças de receção aos textos, como também descortinar algumas dessas diferenças. Assim, o nosso estudo permitiu-nos concluir que a receção aos diferentes tipos de artigos jornalísticos tem efeitos diferentes nas emoções, na cognição e na fisiologia dos sujeitos, assim como depende intrinsecamente das características psicológicas individuais de cada leitor.

A leitura indireta às reações à informação, através de respostas corporais, procurando modificações de expressões psicofisiológicas que possam ter sido provocadas pela leitura dos textos, indicam-nos que os indivíduos mais velhos se modificam mais com a leitura dos artigos

jornalísticos, tendendo a alterar as escalas de emoções de Autoeficácia e Prós-sociais após a leitura, o mesmo acontecendo com a variável demográfica escolaridade. As diferenças nas emoções de Autoeficácia, que medem a capacidade e segurança do indivíduo, mostraram que a informação serviu para se sentirem mais seguros e capacitados relativamente aos acontecimentos sobre os quais leram.

Já os indivíduos que registaram diminuição das emoções Pró-sociais após a leitura poderão ter-se sentido desiludidos com os acontecimentos, o que parece razoável na medida em que os sujeitos da amostra tinham acabado de ler artigos que tratavam de um tema violento: os efeitos da bomba nuclear. Portanto, numa primeira análise verifica-se que os dois tipos de texto têm efeitos sobre o mesmo tipo de emoções. Porém, quando se avaliaram características mais individuais, como a idade e a escolaridade, apuraram-se diferenças entre os efeitos dos textos: o Noticioso aumenta a resposta de emoções como "Amável" e "Atencioso", enquanto o de Jornalismo Literário diminui a resposta de emoções como "Ardente" ou "Atrevido". Os nossos dados indicaram que o texto noticioso deixa os indivíduos mais reativos e o de Jornalismo Literário reflete maior vulnerabilidade, enfatizando as diferenças individuais.

Tal como sucedeu com as emoções, também as medidas psicofisiológicas revelaram a existência de diferenças na receção dos textos. A percepção de Dor indicou tendência para aumentar após a leitura do texto Noticioso enquanto, pelo contrário, diminuiu de forma estatisticamente significativa após a leitura do texto de Jornalismo Literário. Por outro lado, a correlação com as emoções demonstrou igualmente modificar a percepção de Dor, com tendência para aumentá-la, após a leitura do texto Noticioso e diminuindo-a de forma estatisticamente significativa com o artigo de Jornalismo Literário. Idênticas variações foram igualmente constatadas com a medição dos Batimentos Cardíacos.

Assim, o registo das medidas psicofisiológicas permitiu-nos concluir que há diferenças de receção nos diferentes tipos de texto.

No que toca às repostas conscientes, verificamos que a receção autorrelatada aos artigos noticioso e de jornalismo literário também revelou diferenças. Tanto em termos de preferências de estilo, como de preferência informativa, ou ainda de efeito emocional da leitura. Quando se tem em conta as características individuais conclui-se que a idade modula

mais as emoções após a leitura dos textos. Uma vez que a nossa análise tinha por objetivo avaliar até que ponto os artigos manifestavam a capacidade de modificar os sujeitos em termos psicofisiológicos, podemos confirmar que ambos os textos revelaram poder ter efeitos nos leitores e que esses efeitos podem diferir em função das características individuais dos sujeitos.

Os resultados obtidos através dos métodos escolhidos, com recurso a medidas psicofisiológicas e a questionários, permitiram-nos concluir que, quanto ao primeiro objetivo – 1. Contribuir para a compreensão da receção de textos dos géneros jornalísticos noticioso e de jornalismo literário –, a nossa pesquisa trouxe novos instrumentos, como o uso de medidas psicofisiológicas ou a percepção de Dor para compreender fenómenos da comunicação, e obter respostas a medidas que nos deram elementos de análise inovadores, sugerindo que a receção de diferentes tipos de textos jornalísticos tem efeitos diversos nos indivíduos. No que toca ao objetivo – 2. Elencar respostas para a forma como o leitor se relaciona com a informação –, os dados recolhidos permitem-nos afirmar que as características individuais, não só a idade e a escolaridade, mas também a estrutura emocional dos sujeitos, influem de forma significativa no modo como o leitor se relaciona com a informação recebida, desde logo causando-lhe emoções diferentes consoante se trate de um texto noticioso ou de jornalismo literário. Relativamente ao objetivo 3. – Explorar e aprofundar o impacto da leitura de diferentes tipos de textos jornalísticos nos mecanismos psicofisiológicos –, verificámos que os textos lidos esplotaram efeitos diferentes nos seus recetores, tendo sido explorado o porquê dessas diferenças e em que tipo de efeitos da informação nos leitores se traduziram.

Assim, enumeramos de seguida as constatações que nos levam a considerar que podemos afirmar terem-se cumprido os três objetivos enunciados com o nosso estudo:

1) Ao apurar que a informação tratada jornalisticamente não só tem efeitos (aspeto ainda hoje controverso no que toca às teorias da comunicação), como os tipos de efeitos que tem (no caso da nossa pesquisa, emocionais, mas também fisiológicos), julgamos ter dado um contributo relevante para a compreensão da receção de informação e de como ela se processa no recetor;

2) Tendo-se verificado que os recetores de informação revelam efeitos diversos perante o mesmo conteúdo, não só em termos inconscientes (psicofisiológicos), como conscientes

(autorrelatados em resposta aos vários questionários), entendemos que temos agora mais conhecimento sobre a forma como o leitor se relaciona com a informação;

3) Constatar que o simples ato da leitura de um texto jornalístico pode modular as emoções e provocar alterações na percepção de dor e nos batimentos cardíacos dos leitores permite-nos concluir que o terceiro objetivo a que nos propusemos foi igualmente atingido.

Considerou-se que os objetivos referidos acima seriam melhor cumpridos com o recurso à análise e comparação dos dados obtidos pelos registos psicofisiológicos antes, durante e depois da leitura dos textos jornalísticos propostos (um noticioso e outro de jornalismo literário) através de medidas inconscientes e de respostas autorrelatadas em questionários. Desta forma, as quatro hipóteses postuladas puderam ser confirmadas através dos elementos registados, já que nos permitiram concluir que:

1) Ambos os textos modificam a intensidade da experiência emocional, portanto, ambos os textos provocam emoções;

2) Uma vez que os textos provocam emoções diferentes e que o conteúdo informativo é idêntico, podemos inferir que o estilo de escrita influencia a receção do texto lido;

3) Tanto a idade como a escolaridade revelaram correlações significativas, sugerindo que os indivíduos mais velhos e mais escolarizados têm maiores modificações com a leitura dos artigos, podendo inferir-se que maior escolaridade se correlaciona com algumas modificações emocionais, tanto no sentido do aumento como da diminuição;

4) As modificações nas emoções de autoeficácia indicam que os sujeitos se sentiram mais seguros e capacitados relativamente aos acontecimentos após a leitura;

5) Houve uma diminuição das emoções pró-sociais após a leitura que pode indicar que os sujeitos se sentiram desiludidos com os acontecimentos;

6) Os indivíduos mais velhos modificaram-se mais com a leitura do texto Noticioso, sentindo-se mais amáveis, competentes, atenciosos, calmos e tranquilos;

7) Os indivíduos mais escolarizados sentiram-se mais estáveis e não sofreram tantas alterações emocionais após a leitura do texto de Jornalismo Literário;

- 8) Os sujeitos com maior consciência dos estados corporais, das suas emoções, e com maior capacidade de regulação emocional e atencional tendem a modificar mais a sua experiência emocional depois da leitura dos textos, quer seja o Noticioso ou o de Jornalismo Literário;
- 9) Quanto maior é a capacidade dos indivíduos para detetarem alterações nos seus estados emocionais, maior a modificação que o artigo de jornalismo literário causa nas emoções negativas;
- 10) O texto de Jornalismo Literário reflete maior vulnerabilidade, enfatizando as diferenças individuais;
- 11) A leitura do texto de Jornalismo Literário induziu mais modificações nas emoções de Serenidade em indivíduos que revelam boas capacidades de se manterem atentos a estímulos internos, que têm maior consciência emocional e melhor aptidão para regularem os seus estados emocionais;
- 12) As pessoas mais vulneráveis, com menor equilíbrio emocional, são menos capazes de reconhecer e/ou reportar o impacto emocional da leitura do texto de Jornalismo Literário;
- 13) Os sujeitos que leram o artigo de Jornalismo Literário e tinham maior vulnerabilidade emocional pareceram ser menos empáticos com o que leram, o que sugere tendência para fuga às emoções negativas;
- 14) O texto de Jornalismo Literário induziu uma diminuição da percepção da dor;
- 15) Pela sua natureza, conteúdo e estilo de escrita o artigo de Jornalismo Literário revelou efeitos distintos na variável Dor, enquanto o Noticioso não deu resultados estatisticamente significativos;
- 16) Os indivíduos mais precisos na avaliação do seu Batimento Cardíaco modificaram menos a sua percepção da Dor a estímulos mais intensos durante a leitura do texto de Jornalismo Literário;
- 17) O texto de Jornalismo Literário parece provocar, tendencialmente, analgesia, bloqueando o efeito da Dor;

18) Nos sujeitos com menor estabilidade emocional, quanto menor a expressão emocional, menores as reações fisiológicas, sobretudo depois da leitura da reportagem de Jornalismo Literário;

19) Perante o texto de Jornalismo Literário, os indivíduos com maior risco de provocarem dano a si próprias ou aos outros ficam com menos sensibilidade à Dor;

20) O impacto fisiológico dos artigos também depende da maior ou menor estabilidade emocional dos indivíduos;

21) Quanto mais consciência emocional têm os sujeitos, maior a capacidade revelada para reportarem mudanças na percepção da Dor, depois da leitura do texto de Jornalismo Literário;

22) É possível que os artigos tenham maior impacto em pessoas mais vulneráveis emocionalmente, traduzindo-se numa inibição do processamento de emoções ou estados negativos;

23) Os participantes evidenciaram significativamente menos Batimentos Cardíacos durante a leitura do texto de Jornalismo Literário;

24) Os indivíduos mais precisos na avaliação do Batimento Cardíaco modificaram menos a percepção de Dor depois da leitura do texto de Jornalismo Literário.

O exposto acima, em resultado dos dados recolhidos através das várias tarefas propostas à amostra, permite-nos concluir que diferentes textos têm diferentes impactos em pessoas com características psicológicas diferentes e que o efeito fisiológico é superior nos indivíduos mais sensíveis, sobretudo após a leitura do texto de Jornalismo Literário. Além disso, tendo em conta que os nossos dados relativos às características psicológicas individuais indicam que os sujeitos mais vulneráveis emocionalmente sentiram efeitos diferentes com a leitura, demonstrou-se que o impacto dos textos jornalísticos também pode depender da estabilidade emocional dos indivíduos e da sua capacidade para perceberem as suas reações internas e autorregular os seus estados corporais, já que reagem de forma diferente a cada estilo de escrita, no que parece ser também uma consequência das características de base dos sujeitos da amostra.

Assim, tendo em conta as várias abordagens aos dados recolhidos – das neurociências, das teorias da comunicação e do jornalismo literário – podemos concluir que se confirmam as hipóteses 1, 3 e 4, na medida em que se encontraram, de facto, diferenças na receção de textos noticiosos e de jornalismo literário (Hipótese 1), se registaram efeitos emocionais da leitura que variaram com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo literário (Hipótese 3) e se constatou que a leitura de diferentes tipos de textos jornalísticos induziu modificações distintas nos mecanismos psicofisiológicos, como a perceção de dor e os batimentos cardíacos (Hipótese 4).

Da aplicação dos Questionários Finais resultou o autorrelato dos indivíduos da amostra relativamente à compreensão e à avaliação dos textos. Com isso pudemos concluir que parte substancialmente relevante dos sujeitos tinha compreendido o que leu, tanto em formato noticioso como de jornalismo literário, o que não é surpreendente na medida em que, embora escritos em estilo diferente, ambos os artigos correspondiam a formatos jornalísticos, logo focados na sua capacidade informativa. Por outro lado, importa ter em conta que se tratou de uma amostra bastante diferenciada, a que se exigia no mínimo o 12º ano para participar, sendo composta por 48,3% de licenciados.

Os outros dois questionários revelaram diferenças cognitivas na receção dos textos, na medida em que os indivíduos consideraram que a escrita influenciou a compreensão e que recomendariam o texto de jornalismo literário a um amigo. Embora ambos os estilos provoquem o autorrelato de emoções induzidas pela leitura, a receção aos artigos foi, na opinião dos inquiridos, diferente. Revelaram uma ligeira tendência para se sentirem mais informados após a leitura do texto Noticioso, mas em termos de perceção positiva em relação ao que tinha sido lido, reportaram uma clara preferência pelo texto de Jornalismo Literário, que causou mais emoção e é associado a "prazer de leitura". Seria igualmente esse o artigo que mais recomendariam a um amigo. No que toca à preferência admitida em termos de meios, a maioria afirma que a leitura em papel ou em dispositivo é diferente e que, para uma "leitura imersiva", prefere o papel. Da mesma forma, uma maioria expressiva dos inquiridos entende que "assimila melhor a informação em papel".

Assim, os Questionários Finais permitem-nos concluir igualmente pela confirmação de que a leitura tem efeitos cognitivos que variam com o tipo de texto: noticioso ou de jornalismo

literário (hipótese 2). No que toca ao meio (papel ou dispositivo eletrónico) usado para a leitura, a literatura existente corrobora as nossas conclusões. Além disso, entendemos que o tema beneficiaria de futuras investigações, sobretudo entre os mais jovens, na medida em que a massificação da tecnologia os tem afastado do papel como meio de leitura, mas nem por isso parecem dispostos a abdicar dele para leitura imersiva, aquela que mais se adequa à aprendizagem.

Em suma, embora em diferentes graus e umas vezes mais corroborados pela literatura existente do que outras, os dados recolhidos sustentam a confirmação das quatro hipóteses postuladas para esta pesquisa. No entanto, tal não significa que algumas das hipóteses não pudessem vir a beneficiar de outras análises e aprofundamento de aspetos da nossa investigação, nomeadamente no que diz respeito a novas tentativas de estudo com recurso à avaliação de medidas como a perceção de dor e os batimentos cardíacos, mas também no que toca aos efeitos emocionais da informação. Futuras investigações poderiam focar-se em artigos jornalísticos mais recentes e produzidos por jornalistas portugueses.

Na expectativa de que o nosso estudo possa ser útil às redações, apoiando práticas jornalísticas conformes ao que melhor serve o leitor e não apenas à lógica do mais rápido, mais curto e mais barato, julgamos que os resultados obtidos poderão ter a capacidade de inspirar maior apoio a jornalismo de investigação e de profundidade, de que é exemplo o jornalismo literário. Os dados aqui tratados demonstram que peças jornalísticas de qualidade e profundidade reconhecidas, como a reportagem de Hersey, têm maior capacidade de impactar os leitores, provocando-lhes diversas emoções – e até reações fisiológicas. Apesar da sensibilidade do tema das emoções associado ao jornalismo, entendemos que se trata mais de um muro imaginário do que real, na medida em que o primeiro objetivo dos jornalistas foi sempre – desde a *Acta Diurna* de Júlio César, primeiro jornal de que se tem conhecimento, até ao mundo informativo digital de hoje – o de captar a atenção do leitor de modo a fazer passar a mensagem. E, como qualquer manual de jornalismo enfatizará, dificilmente se capta a atenção sem apelar aos sentidos do leitor.

Apesar de considerarmos mais expressivos os resultados relativos aos efeitos da reportagem de jornalismo literário, impõe-se admitir que também o artigo noticioso demonstrou a capacidade de causar efeitos no recetor. Porém, há que ter em conta que o texto noticioso

usado para a pesquisa foi igualmente baseado na informação de grande qualidade publicada na reportagem original *Hiroshima*. Em nosso entender, isso significa que as diferenças de receção não poderão imputar-se tanto ao conteúdo informativo, mas sim à forma como esse conteúdo foi veiculado. No caso do texto noticioso recorrendo àquilo que na gíria jornalística se apelida de linguagem "seca", menos empática, enquanto no caso do jornalismo literário recorrendo ao uso de faculdades estilísticas e de qualidades narrativas que demonstraram a sua maior capacidade para influenciar estados afetivos e, por consequência, provocar mais sensações ao leitor. Em última análise é este o grande objetivo da reportagem e do jornalismo literário.

Durante o processo de pesquisa foram encontradas várias limitações, das quais destacamos:

- 1) O tamanho da amostra, que embora dentro dos cânones para experimentação na área das neurociências, e tendo proporcionado dados que, em nosso entender, facultaram pistas relevantes para futuras investigações, é suscetível de crítica, na medida em que impediu resultados mais expressivos;
- 2) Tendo-se verificado que se registaram respostas mais relevantes quando se sujeitaram os indivíduos da amostra a estímulos dolorosos intensos, admitimos que poderíamos ter conclusões mais definitivas com uma utilização superior desses estímulos, no entanto, a impossibilidade de os usar por razões éticas não permite averiguar a verdadeira dimensão destas reações com este tipo de amostra;
- 3) É também importante ter em conta que a aplicação de estímulos elétricos, como os utilizados no presente estudo, tende a induzir nos sujeitos alguma habituação, tornando mais improvável a possibilidade de captar diferenças significativas, sendo natural que, ao surgirem, se detetem essencialmente nos estímulos mais intensos;
- 4) Embora tenhamos a expectativa de que o cruzamento das respostas autorrelatadas com as psicofisiológicas inconscientes permita minimizar o efeito típico da influência da expectativa social nas respostas aos questionários, levando a dizer-se o que é esperado e não o que, de facto, se pensa ou sente, não podemos excluir a hipótese desse enviesamento no nosso estudo;

5) A utilização de medidas raramente escolhidas para estudar fenómenos da receção em jornalismo (como a perceção de dor e o batimento cardíaco) dificultou a comparação com outros estudos e resultados, coibindo um maior enriquecimento da discussão;

6) O inédito cruzamento de áreas não relacionadas para os efeitos pretendidos obrigou à aplicação de um conjunto de medidas e questionários porventura excessivos e cansativos, exigindo a disponibilidade de uma hora e meia a cada participante;

7) A falta de exemplos a seguir tornou impossível prever que medidas seriam mais eficazes, obrigando a uma recolha e análise de dados superior ao que seria verdadeiramente necessário.

Ainda assim, entendemos que esta pesquisa traz um conjunto de contributos relevantes, não só quanto aos novos conhecimentos que propiciou em relação à receção da informação por parte dos leitores, mas também quanto à possibilidade de utilização de metodologia tradicionalmente estranha às Ciências da Comunicação:

1) A abordagem multidisciplinar propiciou forte enriquecimento à pesquisa e poderá contribuir para preencher uma lacuna ainda significativa na investigação, sobretudo nas ciências sociais;

2) O efeito emocional da informação continua a ser visto como um tema tabu e a comprovação de que ele existe, proporcionada pela nossa investigação, poderá contribuir para uma abertura a novas investigações nesta área;

3) O tema dos géneros jornalísticos continua a merecer alguma controvérsia, mas julgamos que a análise aqui relatada pode contribuir para uma melhor compreensão do tema, especificamente no que toca à notícia e à reportagem;

4) As nossas observações sobre géneros jornalísticos poderão resultar em contributos para uma melhor compreensão dos critérios de noticiabilidade;

5) A apreciação da mais recente produção académica conjugada com o estudo psicofisiológico sobre a receção ao jornalismo literário deverá contribuir para um melhor conhecimento deste estilo jornalístico;

6) O foco em conhecimento mais fundamentado relativamente aos efeitos de textos de profundidade, como o jornalismo literário, nos leitores poderá ser inspirador de decisões editoriais favoráveis ao jornalismo de qualidade;

7) A comprovação de efeitos psicofisiológicos nos recetores após a leitura de artigos jornalísticos, sobretudo tendo em conta que se mantém alguma tendência para minimizar as teorias dos efeitos em comunicação, poderá revelar-se esclarecedora;

8) O conhecimento trazido com uma pesquisa sobre efeitos da receção a partir de artigos de imprensa preenche uma lacuna importante, na medida em que são mais comuns as abordagens quanto aos conteúdos televisivos.

Assim, podemos considerar que foram inovações desta investigação:

1) A utilização de metodologia das Neurociências para explicar fenómenos da Comunicação;

2) O recurso a medidas psicofisiológicas para explicar e compreender a receção de informação jornalística pelos leitores;

3) A valorização de medidas inconscientes que enriquecem os resultados e, por consequência, permitem constatações mais robustas;

4) A utilização de medidas como a Dor para compreender o impacto fisiológico da comunicação nos recetores;

5) A aproximação, para efeitos de pesquisa, de áreas como as neurociências, a comunicação e a psicologia, que podem ter muito a ganhar umas com as outras, mas cujo cruzamento é ainda escasso;

6) Comprovar a influência das emoções causadas pela informação jornalística e conhecer melhor os seus efeitos nos leitores, abrindo a porta a futuros estudos sobre o tema.

Tendo em conta o que expusemos até aqui, entendemos pertinente recordar que esta investigação se baseou numa proposta inovadora, não só pela interdisciplinaridade, apoiada na consolidação de um espaço de investigação com caminho feito nacional e internacionalmente pela equipa de estudos das Neurociências da Cognição e Linguagem coordenada pelo Professor Castro Caldas, mas também pelo facto de direccionar esse saber

para áreas a que está geralmente alheio: o jornalismo e o jornalismo literário. Apesar das dificuldades sentidas e dos resultados nem sempre muito significativos estatisticamente, a nossa pesquisa prosseguiu linhas de investigação já existentes que se têm vindo a consolidar, legitimando esta abordagem mais inovadora que, em nosso entender, deu frutos relevantes para o futuro da investigação na área do jornalismo e da comunicação.

Julgamos, assim, poder afirmar que os textos jornalísticos propostos tiveram efeitos – emocionais, fisiológicos e cognitivos – nos sujeitos da amostra, que esses efeitos foram tanto mais significativos quanto os indivíduos tinham uma forte estrutura emocional, que a reportagem de jornalismo literário teve maior capacidade de impactar os leitores e que tanto as medidas inconscientes como as conscientes se revelaram demonstradoras desses efeitos.

Numa altura em que, como nos diz Neveu (2014), é patente uma desvalorização paradoxal do que o jornalismo tem de melhor, quisemos deixar um contributo para a revitalização do jornalismo de qualidade. Mais do que chegar a uma verdade definitiva, que encerrasse discussões relativamente ao poder do jornalismo sobre os leitores, quisemos abrir – ou, pelo menos, entreabrir – a porta a novas verdades ou, talvez mais ainda, a novos caminhos para lá chegar. Nessa perspetiva, não nos parece excessivo admitir que a missão a que nos propusemos foi cumprida. Muito para além de corresponder ou contradizer a literatura existente, entendemos que os nossos resultados são, na sua maioria, inovadores e constituem uma oportunidade para contributos relativamente a novos olhares sobre a receção da informação jornalística.

Embora nos tenhamos deparado com a escassez de produção científica em algumas das áreas que nos comprometemos a tratar, consideramos que a falta de boa pesquisa não deve invalidar a exploração de novos conceitos investigativos, pelo que foi neste espírito que arriscámos caminhos inéditos para compreender a forma como o jornalismo chega aos seus leitores. Porque tanto os jornalistas como os leitores beneficiam de um melhor conhecimento mútuo.

Recordando a missão cívica do jornalismo, vale a pena trazer aqui Vallejo (2020) e a sua referência à sabedoria de Heráclito quando nos diz que uma pequena alteração nos equilíbrios de forças tem a capacidade de mudar tudo. Se, de facto, "a esperança de mudar o mundo tem

sempre razão" (Vallejo, p. 138), o jornalismo nunca morrerá. Muito menos o jornalismo de profundidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbott, H. P. (2015). How do we read what isn't there to be read?. In L. Zunshine, *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies* (104-119) New York: Oxford University Press
- Abrahamson, D. (2005). Teaching Literary Journalism: A Diverted Pyramid? *Journalism & Mass Communication Educator*, 60/4, 429-434.
<https://doi.org/10.1177/107769580506000410>
- Abrahamson, D. (2011). The Counter-Coriolis Effect: Contemporary Literary Journalism in a Shrinking World. In J. Bak & B.Reynolds (Eds.), *Literary Journalism Across the Globe: Journalistic Traditions and Transnational Influences*, 79-84. Amherst, Ma.: University of Massachusetts Press.
- Abrahamson, D. (2015). An Interview with Michael Norman. *Literary Journalism Studies*, 7, (2), 153-163.
- Ackerman, R., & Goldsmith, M. (2011). Metacognitive regulation of text learning: on screen versus on paper. *Journal of experimental psychology: Applied*, 17(1), 18.
<https://doi.org/10.1037/a0022086>
- Adam, G. S. (2009). Studying journalism: a civic and literary education. In Allan S. (red.), *The Routledge companion to news and journalism*, 671-680. London – New York: Routledge.
- Adams, M. J. (1994). *Beginning to read: Thinking and learning about print*. Cambridge: The MIT Press.
- Al Dahhan, N. Z., Kirby, J. R., & Munoz, D. P. (2016). Understanding reading and reading difficulties through naming speed tasks: Bridging the gaps among neuroscience, cognition, and education. *AERA Open*, 2(4).
<https://doi.org/10.1177/2332858416675346>
- Allen, J. S. (2009). *The lives of the brain*. Harvard University Press.

- Anderson, D. R., Bryant, J., Murray, J. P., Rich, M., Rivkin, M. J., & Zillmann, D. (2006). Brain imaging-An introduction to a new approach to studying media processes and effects. *Media Psychology*, 8 (1), 1-6. <https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP08011>
- Andeweg, A. (2012). Searching for Truth: Arnon Grunberg's Literary Journalism. *World Literature Today*, 86(2), 60-63.
- Andi, S., Newman, N., Fletcher, Nielsen, R. K., Shulz A., (2020). Reuters institute digital news report 2020. *Report of the Reuters Institute for the Study of Journalism*.
- Andrade, J. (01 de agosto de 2020). Projeto Manhattan: A Babel de cientistas que concebeu a destruidora de mundos. *Diário de Notícias*, 2-3
- Bak, J. S. e Reynolds, B. (2011). *Literary Journalism Across the Globe*. University of Massachusetts Press.
- Bandura, A. (2009). Social cognitive theory of mass communication. In J. Bryant e M. B. Oliver (eds), *Media effects: Advances in theory and research* (pp 94-125). Routledge.
- Barata, C. (07 de agosto de 2020). Poderia ser legal usar hoje uma bomba atômica? *Público*, 26.
- Batista, L. L., & Marlet, R. Q. (2018). Comunicação, Neurociência e a Recepção Não-Declarada. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, 25 (1), 1-20. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27225>
- Beam M., Hutchens M., & Hmielowski, J. (2016). Clicking vs. sharing: The relationship Between Online News Behaviors and Political Knowledge. *Computers in Human Behavior*, 59, 215-220. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.02.013>
- Beckett, C., & Deuze, M. (2016). On the role of emotion in the future of journalism. *Social media+ society*, 2(3), DOI: 2056305116662395.
- Berkman, E. T., Cunningham, W. A., & Lieberman, M. D. (2014). Research methods in social and affective neuroscience. In H. Reis & C. Judd (Eds.), *Handbook of Research Methods in Social and Personality Psychology* (pp 123-58). Cambridge: Cambridge University Press.

- Berganza, R. (2000). O contributo da escola de Chicago para o jornalismo contemporâneo - as reflexões de Robert E. Park sobre a notícia. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 27, 359-369.
- Bingele, U., & Tracey, I. (2008). Imaging CNS Modulation of Pain in Humans. *Physiology*, 23, 371-380. DOI: :10.1152/physiol.00024.2008.
- Bird, S. E., & Dardenne, R. W. (2009). Rethinking news and myth as storytelling. In K. W. Jorgensen e T. Hanitzsch (eds.). *The handbook of journalism studies*, 205-217. London-New York: Routledge
- Bloom, P. (02/12/2016). The Perils of Empathy. *The Wall Street Journal*.
- Bonini, A. (2009). The distinction between news and reportage in the Brazilian journalistic context: a matter of degree. In *Genre in a changing world - advances in genre theory, analysis, and teaching* (196-222) C. Bazerman, A. Bonini, D. Figueiredo. West Lafayette: Clearinghouse.
- Boynton, R. S. (2005). *The New New Journalism - Conversations with America's Best Nonfiction Writers on their Craft*. New York: Vintage Books.
- Boucher, J. D. (2004). *Técnicas de Jornalismo. A Reportagem Escrita*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Bromberg-Martin, E. S. & Hikosaka, O. (2009). Midbrain Dopamine Neurons Signal Preference for Advance Information about Upcoming Rewards. *Neuron*, 63 (1), 119-126. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2009.06.009>
- Cacioppo, J. T., Tassinary, L. G., & Berntson, G. G. (Eds.). (2016). *Handbook of Psychophysiology*. Cambridge University Press.
- Cagé, J. (2016). *Salvar os Media*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Caldas, A. C., Petersson, K. M., Reis, A., Stone-Elander, S., & Ingvar, M. (1998). The illiterate brain. Learning to read and write during childhood influences the functional organization of the adult brain. *Brain: a journal of neurology*, 121(6), 1053-1063. <https://doi.org/10.1093/brain/121.6.1053>

- Caldas, A. C. (2010). O desafio das neurociências. *Cadernos de Saúde*, 3(1), 7-17.
- Caldas, A. C. (2012). *Viagem ao Cérebro e a Algumas das suas Competências*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Caldas, A. C. (2016). *A Vida do Cérebro*. Lisboa: Verso de Capa.
- Canaipa, R. I. (2016) a. Social Distress and Pain Modulation: Findings From Healthy and Chronic Pain Patients. Tese Doutoramento em Biomedical Sciences, especialidade de Neurociências. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Canaipa, R. I., Treister, R., Lang, M., Moreira, J. M., Caldas, A. C. (2016) b. Feeling Hurt: Pain Sensitivity is Correlated with and Modulated by Social Distress. *The Clinical Journal of Pain*, 32 (1), 14-19. <https://doi.org/10.1097/AJP.0000000000000220>
- Cardoso, G., Martinho, A. P. & Paisana, M. (2020). *Reuters Digital News Report 2020 – Portugal*. Obercom. Disponível em <https://obercom.pt/reuters-institute-digital-news-report-2020-portugal/>
- Cardoso, G., Paisana, M., Quintanilha, T. L., & Pais, P. C. (março 2018). *Literacias na Sociedade dos Ecrãs*. Obercom. Disponível em <https://obercom.pt/literacias-na-sociedade-dos-ecra%CC%83s/>
- Choi, J. (2016). Why do People Use News Differently on SNSs? An investigation of the role of Motivations, Media Repertoires and Technology Cluster on Citizens news-related activities. *Computers in Human Behavior*, 54, 249-256. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.08.006>
- Connery, T. B. (1992). *A Sourcebook of American Literary Journalism. Representative Writers in an Emerging Genre*. New York: Greenwood Press.
- Correia, J. C. (2016). Repensar o papel da literatura e do jornalismo no século XXI: a reportagem jornalística no centro das humanidades digitais. *Mediapolis—Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, 3, 119-132. DOI: https://doi.org/10.14195/2183-6019_3_8
- Correia, J. C. (2009). *Teoria e Crítica do Discurso Noticioso*. Covilhã: LabCom

- Correia, J. C. (2000). O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público. *Revista de comunicação e linguagens*, 27, 193-212.
- Coutinho, M. J. D. C. (2014). *Jornalismo Literário em Portugal e no Mundo: Abordagem Jornalística e Técnicas de Escrita* (Tese Mestrado). Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- Coyne, M. S., Padilla-Walker, L. M., & Howard, E. (2013). Emerging in a digital world: a decade review of media use, effects and gratifications in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, 1 (2), 125-137. <https://doi.org/10.1177/2167696813479782>
- Craig, A. D. (2003). A new view of pain as a homeostatic emotion. *Trends in neurosciences*, 26(6), 303-307.
- Crane, M. T. (2015). Cognitive Historicism: Intuition in Early Modern Thought. In *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*, ed. Lisa Zunshine, 15–33. New York: Oxford University Press
- Creswell, J. W., & Miller, D. L. (2000). Determining validity in qualitative inquiry. *Theory into practice*, 39(3), 124-130.
- Cruz, W. (31 de agosto de 2016). Hiroshima: a reportagem do horror é a reportagem do século. *Expresso*.
- Cull, B. W. (2011). Reading revolutions: Online digital text and implications for reading in academe. *First Monday*, 16(6). <https://doi.org/10.5210/fm.v16i6.3340>
- Cunningham, A. E. & Stanovich, K. E. (2001). What Reading Does for the Mind. *Journal of Direct Instruction*, 1(2), 137-149.
- Curran J., Fenton N. e Freedman, D. (2012). *Misunderstanding The Internet*. London and New York: Routledge.
- Damásio, A. (2020). *Sentir&Saber - A Caminho da Consciência*. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.

Damásio, A. (2017). *A Estranha Ordem das Coisas - A vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.

Davis, M. L. (2019). *The Lost Gutenberg*. London: Atlantic Books.

Delgado, P., Vargas, C., Ackerman, R., & Salmerón, L. (2018). Don't throw away your printed books: A meta-analysis on the effects of reading media on reading comprehension. *Educational Research Review*, 25, 23-38.

<https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.09.003>

Della Rocca, M. (2017). Histories of the Brain: Toward a Critical Interaction of the Humanities and Neurosciences (pp 61-77). In J. Leefmann, & E. Hildt (Eds.), *The Human Sciences after the Decade of the Brain*. Amsterdam: Elsevier. Deuze, M. (2017). Considering a Possible Future for Digital Journalism. *Mediterranean Journal of Communication*, 8 (1), 9-18.

Deuze, M. (2021). On the 'grand narrative' of media and mass communication theory and research: a review. *Profesional de la Información*, 30(1).

DOI: <https://doi.org/10.3145/epi.2021.ene.05>

Deuze, M., & Witschge, T. (2018). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165-181. <https://doi.org/10.1177/1464884916688550>

Domoslawski, A. (2018). *Ryszard Kapuściński: Uma Vida*. Porto: Assírio & Alvim.

Eagleman, D. (2015). *The Brain - The Story of You*. London: Canongate.

Eaman, R. (2009). *Historical Dictionary of Journalism*. Maryland: Scarecrow Press.

Edge, M. (2014). *Greatly exaggerated: The myth of the death of newspapers*. Vancouver: New Star Books.

"Editorial" (7 agosto 1945). *The Manchester Guardian*.

Eisenberger, N. I., Lieberman, M. D., & Williams, K. D. (2003). Does rejection hurt? An fMRI study of social exclusion. *Science*, 302(5643), 290-292. DOI: 10.1126/science.1089134

- Esser, F. (2008). Media effects, history of. In W. Donsbach (Ed.), *The International Encyclopedia of Communication*, Vol. VII (pp 2891–2896). New York: Routledge
- Ettema J. S. (2009). News as Culture. In Allan S. (Ed.), *The Routledge Companion to News and Journalism*. London – New York: Routledge, 289-300.
- Falk, E. B. (2012). Can neuroscience advance our understanding of core questions in Communication Studies? An overview of Communication Neuroscience. In Jones, S. (Ed.), *Communication @ Center*, 77-94. New York: Hampton Press.
- Fauchon, C., Pichot, V., Faillenot, I., Pommier, B., Garcia-Larrea, L., Peyron, R., & Chouchou, F. (2018). Contextual modulation of autonomic pain reactivity. *Autonomic Neuroscience*, 212, 28-31. DOI:<https://doi.org/10.1016/j.autneu.2018.04.002>.
- Fenigstein, A., Scheier, M.F., & Buss A.H. (1975) Public and Private Self-Consciousness: Assessment and Theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43 (4), 522-527. <https://doi.org/10.1037/h0076760>
- Fenton, N. (2012). The Internet and Social Networking. In James P. Curran, Natalie Fenton, and Des Freedman, eds. *Misunderstanding the Internet*, 123-148. Abingdon and New York: Routledge.
- Fenton, N. (2009). News in the digital age. In S. Allen (ed.). *The Routledge Companion to News and Journalism*, 557-565. London – New York: Routledge.
- Flis, L., & Milharčič, E. H. (2012). Impartiality Has Nothing to Do with Neutrality: A Conversation with Ervin Hladnik Milharčič. *World Literature Today*, 86(2), 37-41. <https://doi.org/10.7588/worllitetoda.86.2.0037>
- "First Atomic Bomb dropped on Japan" (7 de agosto de 1945). *The New York Times*.
- Fong, K. & Mar, R. A. (2011). Exposure to narrative fiction versus expository nonfiction: Diverging social and cognitive outcomes. In F. Hakemulder (Ed.), *De stralende lezer; wetenschappelijk onderzoek naar de invloed van het lezen. [The radiant reader; scientific research concerning the influence of reading]*, 55–68. Delft, NL: Eburon Academic.
- Fontcuberta, M. (1999). *A Notícia*. Lisboa: Editorial Notícias.

- Forde, K. R. e Ross, W. M. (2011). Radio and Civic Courage in the Communications Circuit of John Hersey's "Hiroshima". *Literary Journalism Studies*, 3, (2), 31-53.
- Freedman, D. (2016). Web 2.0 and the death of the blockbuster economy. In: James P. Curran, Natalie Fenton and Freedman, Des (eds). *Misunderstanding the Internet*, 69-94. Abingdon and New York: Routledge.
- Fulton, J. (2013). Is Print Journalism Creative? *Journalist* 11, (2) 1-20.
- Galtung, J. e Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of International Peace Research*, 2 (1), 64-90. <https://doi.org/10.1177/002234336500200104>
- Giles, F. e Hitch, G. (Fall 2017). Multimedia features as "narra-descriptive" texts: Exploring the relationship between literary journalism and multimedia. *Literary Journalism Studies*, 9 (2), 74-91.
- Gleick, J. (2012). *Informação – Uma História, Uma Teoria, Um Dilúvio*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Godinho, J. (2021). Genealogia da Reportagem. In P. Coelho, A. I. Reis, L. Bonixe (Eds), *Manual de Reportagem* 33-56. Covilhã: Editora LabCom.
- Godinho, J. (2017). A minha vida não dava um filme. *Narrativa e Media*, 183-202.
- Gomes, A. (2021). Prefácio. In P. Coelho, A. I. Reis, L. Bonixe (Eds), *Manual de Reportagem*, 13- 26. Covilhã: Editora LabCom.
- Grall, C., Tamborini, R., Weber, R., & Schmälzle, R. (2021). Stories Collectively Engage Listeners' Brains: Enhanced Intersubject Correlations during Reception of Personal Narratives. *Journal of Communication*, 71(2), 332-355. <https://doi.org/10.1093/joc/jqab004>
- Granado, A. (2021). O texto. Elemento âncora da Reportagem In P. Coelho, A. I. Reis, L. Bonixe (Eds), *Manual de Reportagem*,127-145. Covilhã: Editora LabCom.

- Griffin, R. J., Dunwoody, S., & Yang, J. Z. (2013). Linking Risk Messages to Information Seeking and Processing. *Annals of the International Communication Association*, 36, 323-362. doi: 10.1080/23808985.2013.11679138
- Griffin, E. (2012). *A First Look at Communication Theory*. New York: McGraw-Hill.
- Griffin, R. J. (1999). Using systematic thinking to choose and evaluate evidence. In S. M. Friedman, S. Dunwoody, & C. L. Rogers (Eds.), *Communicating uncertainty: Media coverage of new and controversial science*, 225-248.
- Guerreiro, J., Martins, R., Silva, H., Lourenço, A., & Fred, A. (2013). BITalino: A multimodal platform for physiological computing. In *Proc. of the 10th Int'l Conf. on Informatics in Control, Automation and Robotics (ICINCO)*, 500–506.
- Guyenet, P. (2006). The sympathetic control of blood pressure. *Natures Reviews. Neuroscience*, 7, 335-346. DOI: 10.1038/nrn1902.
- Gutkind, L. (2007). *The Best Creative Non Fiction*. Vol. 1. New York: Norton.
- Hall, S. (1973). Encoding and Decoding in the Television Discourse. *Centre for Contemporary Cultural Studies, Birmingham*.
- Harcup, T., & O'neill, D. (2017). What is news? News values revisited (again). *Journalism studies*, 18(12), 1470-1488. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>
- Harcup, T., & O'Neill, D. (2009). News values and selectivity. In K. W. Jorgensen e T. Hanitzsch (eds.). *The handbook of journalism studies*, 161-174. London-New York: Routledge.
- Harmon-Jones, E., & Beer, J. S. (Eds.). (2012). *Methods in social neuroscience*. New York: Guilford Press.
- Hartsock, J. C. (2000). *A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- Hassell, M., & Sukalich M. (Dezembro 2016). A deeper look into the Complex Relationship between Social Media Use and Academic Outcomes and Attitudes. *Information Research*, 21 (4). <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1138645.pdf>

- Heikkilä, H., & Ahva, L. (2015). The Relevance of Journalism: Studying News Audiences in a Digital Era. *Journalism Practice*, 9, 50-64.
<https://doi.org/10.1080/17512786.2014.928465>
- Hersey, J. (1980). The Legend on the License. *Bloom's Modern Critical Views*, 70(1), 67.
- Hersey, J. (1997). *Hiroshima*. Lisboa: Edições Antígona.
- Heuer, H. (2016). Technologies shape sensorimotor skills and abilities. *Trends in Neuroscience and Education*, 5 (3), 121-129. <https://doi.org/10.1016/j.tine.2016.06.001>
- Hoffman, J. (2009). Q&A: Tom Wolfe on language and the mind. *Nature*, 458(7240), 837-837.
- Holmes, D. (2005). *Communication Theory - Media, Technology and Society*. London: Sage.
- Hunter, M. L. (2013). *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. UNESCO Publishing.
- IASP terminology (2017). Available from:
<https://www.iasp-pain.org/Education/Content.aspx?ItemNumber=1698&navItemNumber=576>
- Inácio, R. & Trindade, A. (2017). Jornalismo Literário, direitos humanos e integração: um caso Português. *Cuadernos.Info*, 40, 235-249. <http://dx.doi.org/10.7764/cdi.40.814>
- Jacobson, S., Marino J. & Gutsche Jr R. (2016). The digital animation of literary journalism, *Journalism*, 17 (4), 527-546. <https://doi.org/10.1177/1464884914568079>
- Johnston, J. & Graham, C. (2012). The New, Old Journalism. Narrative Writing in Contemporary Newspapers. *Journalism Studies*, 13 (1), 517–533. DOI: 10.1080/1461670X.2011.629803
- Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (1973). Uses and gratifications research. *The Public Opinion Quarterly*, 37(4), 509-523.
- Kedia, G., Harris, L., Lelieveld, G. J., & Van Dillen, L. (2017). From the brain to the field: the applications of social neuroscience to economics, health and law. *Brain sciences*, 7(8), 94. <https://doi.org/10.3390/brainsci7080094>

- Keeble, R. L. (2018). Literary Journalism as a Discipline: Tom Wolfe and Beyond. *Brazilian Journalism Research*, 14(3), 862. doi.org/10.25200/BJR.v14n3.2018.1126
- Kenntner-Mabiala, R., & Pauli, P. (2005). Affective modulation of brain potentials to painful and nonpainful stimuli. *Psychophysiology*, 42, 559-567. DOI: 10.1111/j.1469-8986.2005.00310.x.
- Kemp, S. (2021). DataReportal Digital 2021.
https://datareportal.com/?utm_source=Reports&utm_medium=PDF&utm_campaign=Digital_2021&utm_content=DataReportal_Promo_Slide
- Kidd, D. C., & Castano, E. (2013). Reading literary fiction improves theory of mind. *Science*, 342(6156), 377-380. DOI: 10.1126/science.1239918
- Knobloch, S., Patzig, G., Mende, A. M., & Hastall, M. (2004). Affective news: Effects of discourse structure in narratives on suspense, curiosity, and enjoyment while reading news and novels. *Communication Research*, 31(3), 259-287.
<https://doi.org/10.1177/0093650203261517>
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2007). *The Elements of Journalism*. New York: Three Rivers Press.
- Lane, R., McRae, K. Reiman, E., Chen, K., Ahern, G., & Thayer, J. (2009). Neural correlates of heart rate variability during emotion. *NeuroImage*, 44, 213-222. DOI: 10.1016/j.neuroimage.2008.07.056.
- Lang, P. (1995). The emotion probe: Studies of motivation and attention. *American Psychologist*, 50, 372-385. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.50.5.372>.
- Lang, A., Potter, R. F., & Bolls, P. (2009). Taking the effects out of mass media research. In J. Bryant e M. B. Oliver (eds), *Media effects: Advances in theory and research* (185-206). Routledge.
- Lasswell, H. D. (1948). The structure and function of communication in society. *The communication of ideas*, 37(1), 136-139.

- Lecheler, S. (2020). The Emotional Turn in Journalism Needs to Be about Audience Perceptions: Commentary-Virtual Special Issue on the Emotional Turn. *Digital Journalism*, 8(2), 287-291. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1708766>
- Lee, S. K., Lindsey, N. J., & Kim, K. S. (2017). The effects of news consumption via social media and news information overload on perceptions of journalistic norms and practices. *Computers in Human Behavior*, 75, 254-263. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.05.007>
- Lemann, N. (2015). The Journalism in Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*, 7(2), 50-59.
- Lemann, N. (22/04/2019). John Hersey and the Art of Fact. *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/magazine/2019/04/29/john-hersey-and-the-art-of-fact>
- Lepore, J. (2019). Does journalism have a future?. *The New Yorker*. January, 21 <https://www.newyorker.com/magazine/2019/01/28/does-journalism-have-a-future>
- Leung, S. O. (2011). A comparison of psychometric properties and normality in 4-, 5-, 6 and 11-point Likert scales. *Journal of Social Service Research*, 37(4), 412-421. <https://doi.org/10.1080/01488376.2011.580697>
- Lin, K. H. Y., Yang, C., & Chen, H. H. (2008, December). Emotion classification of online news articles from the reader's perspective. In *2008 IEEE/WIC/ACM International Conference on Web Intelligence and Intelligent Agent Technology* (Vol. 1, 220-226). IEEE.
- Livingstone, S. (1996). On the continuing problems of media effects research. In J. Curran and M. Gurevitch (Eds.), *Mass Media and Society*, 2nd Edition (305-324). London: Edward Arnold.
- Luhman, N. (1993). *A Improbabilidade da Comunicação*. Lisboa: veja.
- Lumley, M. A., Cohen, J. L., Borszcz, G. S., Cano, A., Radcliffe, A. M., Porter, L. S. & Keefe, F. J. (2011). Pain and emotion: a biopsychosocial review of recent research. *Journal of clinical psychology*, 67(9), 942-968. <https://doi.org/10.1002/jclp.20816>

- Machorrinho, J., Veiga, G., Fernandes, J., Mehling, W., & Marmeleira, J. (2018). Multidimensional Assessment of Interoceptive Awareness: Psychometric Properties of the Portuguese Version. *Perceptual and motor skills*, 126(1), 87–105. <https://doi.org/10.1177/0031512518813231>
- Machado, E. (2004). Dos estudos sobre o jornalismo às teorias do jornalismo – Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento. *E-Compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação*, 1, 1-15. doi.org/10.30962/ec.2
- Machill, M., Köhler, S. and Waldhauser, M. (2008). The Use of Narrative Structures in Television News. *European Journal of Communication* 22 (2), 185–205. <https://doi.org/10.1177/0267323107076769>
- Madianou, M. (2009). Audience reception and news in everyday life. In K. W. Jorgensen e T. Hanitzsch (eds.). *The handbook of journalism studies*, 325-337. London-New York: Routledge.
- Magalhães, S. (2016). *Bioética e Literatura: entre a imaginação e a Responsabilidade*. Roma: If Press.
- Mangen, A., Begnum, A. C., Kuzmičová, A., Nilsson, K., Steenberg, M., & Støle, H. (2018). Empathy and literary style: A theoretical and methodological exploration. *Orbis Litterarum*, 73(6), 471-486. <https://doi.org/10.1111/oli.12193>
- Mangen, A., & Van der Weel, A. (2016). The evolution of reading in the age of digitisation: an integrative framework for reading research. *Literacy*, 50(3), 116-124. <https://doi.org/10.1111/lit.12086>
- Mangen, A., & Kuiken, D. (2014). Lost in an iPad: Narrative engagement on paper and tablet. *Scientific Study of Literature*, 4 (2), 150-177.
DOI: <https://doi.org/10.1075/ssol.4.2.02man>
- Mangen, A., Walgermo, B. R., & Brønnick, K. (2013). Reading linear texts on paper versus computer screen: Effects on reading comprehension. *International journal of educational research*, 58, 61-68. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2012.12.002>

- Mar, R. A. (2011). The neural bases of social cognition and story comprehension. *Annual review of psychology*, 62, 103-134.
- Mar, R. (2004). The Neuropsychology of narrative: story comprehension, story production and their interrelation, *Neuropsychologia*, 42, 1414-1434.
<https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2003.12.016>
- Martín-Barbero, J. (1993). La comunicación en las transformaciones del campo cultural. *Alteridades*, 5, 59-68.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media*. London: Routledge.
- McNair, B. (2009). Journalism and democracy. In K. W. Jorgensen e T. Hanitzsch (Eds.). *The handbook of journalism studies*, 237-249. London-New York: Routledge
- McQuail, D. (2003). *Teoria da comunicação de massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Meagher, M., Arnau, R., Rhudy, J. (2001). Pain and Emotion: Effects of Affective Picture Modulation. *Psychosomatic Medicine*, 63, 79-90.
- Meditsch, E. (2005). Journalism as a form of Knowledge - A Qualitative Approach. *Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*, 1 (2) 121-136.
DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v1n2.2005.835>
- Mehling, W. E., Acree, M., Stewart, A., Silas, J., & Jones, A. (2018). The multidimensional assessment of interoceptive awareness, version 2 (MAIA-2). *PloS one*, 13(12), e0208034.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0208034>
- Melo, J. M. D., & Assis, F. D. (2016). Géneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 39(1), 39-56.
- Mendes, K., Carter, C., & Davies, M. M. (2009). Young Citizens and the News. *The Routledge Companion to news and Journalism*, 450-457.
- Miall, D. S. & Kuiken, D. (2002). A Feeling for Fiction: Becoming what we behold, *Poetics*, 30 (4), 221-241. [https://doi.org/10.1016/S0304-422X\(02\)00011-6](https://doi.org/10.1016/S0304-422X(02)00011-6)

- Miller, T. (2009). Journalism and the question of citizenship. In Allan, s. (ed.) *The Routledge Companion to News and Journalism*, 397-405. Routledge.
- Mizgajski, J. & Mikołaj, M. (2019). Affective recommender systems in online news industry: how emotions influence reading choices. *User Modeling and User-Adapted Interaction* 29.2, 345-379.
- Moraes, G. E. & Santos, M. & Porto Renó, D. (2015). Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo. Chasqui. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, (130),223-242. ISSN: 1390-1079.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=160/16057395015>
- Moreira, J., & Gamboa, P. (2016). Inventário de Estados Afetivos-Reduzido: Uma Medida Multidimensional Breve de Indicadores Emocionais de Ajustamento. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 41, 132-144.
- Moreira, J. A. (01 de agosto de 2020). Vi Pessoas a Derreterem, com as Peles ainda Quentes, a Acumularem-se nos pés. *Diário de Notícias*.
- Myllyyahti, M. (2017). We Need To Talk About Metrics. In V. Rupa (ed.), *Themes and Critical Debates in Contemporary Journalism*, 87-103. Cambridge: Scholars Publishing.
- Murphy, J., Brewer, R., Catmur, C., & Bird, G. (2017). Interoception and psychopathology: A developmental neuroscience perspective. *Developmental cognitive neuroscience*, 23, 45-56. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2016.12.006>
- Nery, I. (2018). Alice Trindade: a pioneira do jornalismo literário lusófono. *Revista Observatório*, 4(6), 117-140, 2018
<https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6>
- Nery, I. (2004). *Política e Jornais – Encontros Mediáticos*. Lisboa: Celta
- Neto, F. (1986). Escala de consciência de si próprio: adaptação portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica*. 13-21.
- Neves, J. S. (2015). Cultura de leitura e classe leitora em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (78), 67-86. DOI:10.7458/SPP2015784043

- Neveu, E. (2014). Revisiting narrative journalism as one of the futures of journalism. *Journalism Studies*, 15(5), 533-542.
<https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.885683>
- Nijhof, A. D., & Willems, R. M. (2015). Simulating fiction: individual differences in literature comprehension revealed with fMRI. *PLoS One*, 10(2).
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0116492>
- Neuman, W. R., & Guggenheim, L. (2011). The evolution of media effects theory: A six-stage model of cumulative research. *Communication Theory*, 21(2), 169-196.
<https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2011.01381.x>
- O'Sullivan, N., Davis, P., Billington, J., Gonzalez-Diaz, V., & Corcoran, R. (2015). Shall I compare thee: The neural basis of literary awareness, and its benefits to cognition. *Cortex*, 73, 144-157. <https://doi.org/10.1016/j.cortex.2015.08.014>
- Oliveira Henriques, A. M. R. (2013). As neurociências ao serviço da linguagem. *Linguarum Arena*, 4, 39-64. <https://doi.org/10.21747/16478770.4.3966>
- Oliveira, A. C. M. A. (2006). A leitura do jornal como experiência sensível. *Revista da ANPOLL*, 1(21).
- Oliver, M. B. e Krakowiak, K. M. (2009). Individual Differences in Media Effects. In Bryant, J., & Oliver, M. B. (Eds.), *Media effects: Advances in theory and research*. Routledge.
- Orwell, G. (2020). *Ensaíos*. Lisboa: Edições 70.
- Ostertag, S. F. (2010). Processing Culture: Cognition, Ontology, and the News Media. *Sociological Forum*, 25, (4), 824-850.
<https://doi.org/10.1111/j.1573-7861.2010.01214.x>
- Pagone, N. (2012). Telling Stories in Contemporary Spain: A Survey of Women Writing Literary Journalism. *World Literature Today*, 86(2), 56-59.
<https://doi.org/10.7588/worllitetoda.86.2.0056>
- Palmer, A. (2015). Listen to the Stories!. In Zunshine, L. (ed.) *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*, 136. Oxford: Oxford University Press.

- Perse, E. M. (2008). Media Effects Models: Elaborated Models). In Donsbach, W. (2896-2899), *The International Encyclopedia of Communication*. Zurich: University of Zurich.
- Pew Research Center, (2019). Newspapers Fact Sheet. Retirado de <https://www.journalism.org/fact-sheet/newspapers/>
- Phillips, M. N. (2015). Literary Neurosciences and History of Mind - An Interdisciplinary MRI Study of Attention and Jane Austen. In L. Zunshine (ed), *The Oxford Handbook of Cognitive Literary Studies*, 55-84. New York: Oxford University Press.
- Phillips, M. N. (2011). Distraction as Liveliness of Mind: A Cognitive Approach to Characterization in Jane Austen. In P. Leverage, H. Mancing, R. Schweickert, J. M. William (Eds.) *Theory of Mind and Literature*, 105-122. USA: Purdue University.
- Plano Clark, V. L., Huddleston-Casas, C., Churchill, S., O'Neil Green, D., & Garrett, A. (2008). Mixed Methods Approaches in Family Science Research. *Educational Psychology Papers and Publications*, 1543-1566. doi:10.1177/0192513X08318251
- Potter, W. J. (2018). *Media literacy*. Sage Publications.
- Rato, J. R. (2014). Mente, cérebro e educação: *um campo transdisciplinar em expansão*. *Povos e Culturas*, (18), 39-46. <https://orcid.org/0000-0002-7298-4892>
- Rebelo, J. (2000). *O Discurso do Jornal*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Richards, B. (2009). News and the Emotional Public Sphere. In S. Allan (Ed.), *The Routledge companion to news and journalism*, 301-311. London: Routledge.
- Roberts, W., & Giles, F. (2014). Mapping Nonfiction Narrative: A New Theoretical Approach to Analyzing Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*, 6(2), 100-117.
- Roiland, Josh (2015). The Journalism in Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*. 7(2), 61-89
- Rosa, V. C. A. D. S. F. (2019). A cidade de Lisboa no jornalismo literário de Fialho de Almeida. Tese de Doutoramento, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa.

- Rhudy, J., & Meagher, M. (2003). Individual Differences in the Emotional Reaction to Shock Determine Whether Hypoalgesia Is Observed. *Pain Medicine*, 4, 244-256. DOI: <https://doi.org/10.1046/j.1526-4637.2003.03028.x>.
- Rhudy, J., Bartley, E., Williams, A., McCabe, K., Chandler, M., Russell, J., & Kerr, K. (2010). Are There Sex Differences in Affective Modulation of Spinal Nociception and Pain?. *The Journal of Pain*, 11, 1429-1441. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpain.2010.04.003>.
- Rubin, A. M. (2009). Uses-and-gratifications perspective on media effects. In J. Bryant e M. B. Oliver (eds), *Media effects: Advances in theory and research* (165-184). Routledge.
- Santos, R., & Pereira, G. (2008). Entrevista a Michael Schudson. *Comunicação & Cultura*, (5), 173-179.
- Saperas, E. (1993). *Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas*. Porto: Edições Asa.
- Schaberg, C. (2018). *The Work of Literature in an Age of Post-truth*. Bloomsbury Publishing USA.
- Schandry, R. (1981). Heart beat perception and emotional experience *Psychophysiology*, 18(4), 483-488. <https://doi.org/10.1111/j.1469-8986.1981.tb02486.x>
- Scheier, M. F., Carver, C. S., & Gibbons, F. X. (1979). Self-directed attention, awareness of bodily states, and suggestibility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(9), 1576.
- Schrøder, K. C. (2019). What do news readers really want to read about? How relevance works for news audiences, 1–36. Reuters Institute for the Study of Journalism.
- Seixas, L. (2009). A further classification: redefining the journalistic genre. *Galáxia Magazine*, 18, São Paulo, PUC-SP.
- Sigman, M. (2018). *A Vida Secreta da Mente - O nosso cérebro quando decidimos, sentimos e pensamos*. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Silva, C. C. (26 de fevereiro de 2019). Prefere ler em papel ou no ecrã? A ciência responde: há uma “superioridade do papel”. *Público*, 34-35.

- Silva, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em jornalismo e mídia*, 2(1), 95-107.
- Silva, H. (2015). *Physiological Computing: New Methods and Biometric Applications*. (Dissertação de Doutoramento publicada, Universidade de Lisboa – Instituto Superior Técnico (IST). DOI: 10.13140/RG.2.1.4171.5685. Consultada em: https://www.researchgate.net/publication/281651613_Physiological_Computing_New_Methods_and_Biometric_Applications.
- Silva, P. H. (2007). Os géneros jornalísticos e as várias faces da notícia. Dissertação (Tese Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Simas, N. (2019). O que são notícias falsificadas? Perguntas e Respostas. Lusa. <https://combatefakenews.lusa.pt/perguntas-e-respostas/>
- Shrum, L. J. (2009). Media Consumption and Perceptions of Social Reality: Effects and Underlying Processes. In J. Bryant e M. B. Oliver (eds), *Media Effects: Advances in theory and research* (66-89). Routledge.
- Sims, N. (2012). International literary journalism in three dimensions. *World Literature Today*, 86(2), 32-36. <https://doi.org/10.7588/worllitetoda.86.2.0032>
- Sims, N. (2009). The Problem and the Promise of Literary Journalism Studies. *Literary Journalism Studies* 1/ 1, 7-16.
- Sims, N., & Kramer, M. (Eds.). (1995). *Literary journalism: A new collection of the best American nonfiction*. New York: Ballantine Books.
- Smith, O., DeVito, J., & Astley, C. (1990). Neurons controlling cardiovascular responses to emotion are located in lateral hypothalamus-perifornical region. *American Journal of Physiology – Regulatory, Integrative and Comparative Physiology*, 259, R943-R954. DOI: <https://doi.org/10.1152/ajpregu.1990.259.5.R943>.

- Soares, I. (2021). A Reportagem e o Jornalismo Literário ou a Reportagem como Jornalismo Literário. In P. Coelho, A. I. Reis, L. Bonixe (eds.) *Manual de Reportagem*, 57-75 Covilhã: Editora LabCom.
- Soares, I. (2017). At the Intersection of Risk - When Literary Journalism and Sociology Study Urban Problems by means of Akin Methodologies. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 84, 63-80.
- Sousa, M. W. (1998). A receção sendo reinterpretada. *Novos olhares*, 39-46.
- Sullivan, M. J., Bishop S. R., & Pivik, J.. (1995). The Pain Catastrophizing Scale: Development and validation. *Psychological Assessment*, 7(4), 524–532.
<http://doi.org/10.1037//1040-3590.7.4.524>
- Susskind, J. (2018). *Future politics: Living together in a world transformed by tech*. Oxford University Press.
- Tan, A. (1985). *Mass communication theories and research*. New York: Wiley.
- Tang, N., Salkovskis, P., Hodges, A., Wright, K., Hanna, M., & Hester, J. (2008). Effects of mood on pain responses and pain tolerance: An experimental study in chronic back pain patients. *Pain*, 138, 392-401. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pain.2008.01.018>.
- Tess, P. (2013). The role of social media in higher education classes (real and virtual) – A literature review. *Computers in Human Behavior*, 29, A60–A68.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.12.032>
- Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo - Porque as Notícias são como são*. Florianópolis: Editora Insular.
- Traquina, N. (2000). *O Poder do Jornalismo*. Coimbra: Minerva.
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores.
- Traquina, N., & Agee, W. K. (2000). Jornalismo 2000: O estudo das notícias no fim do século XX. *Revista de comunicação e linguagens*, 27, 15-31.

- Trindade, A. D. (2016). Angola-territory and identity. *Chronicles by Luis Fernando/Angola-território e identidade. Crônicas de Luis Fernando. Revista Famecos-Mídia, Cultura e Tecnologia*, 23 (n.supl.). DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.s.24636>.
- Trindade, A. D. (2012). What will the Future Bring. *Literary Journalism Studies*, 4 (2), 101-105.
- Trindade, A. D. (2006). *News That Last - Quatro Momentos de Jornalismo Literário Americano no século XX*. Tese de Doutoramento no ramo de Estudos Americanos. Lisboa: Universidade Aberta.
- Valkenburg, P. M., Peter, J., & Walther, J. B. (2016). Media effects: Theory and Research. *Annual Review of Psychology*, 67. doi: 10.1146/annurev-psych-122414-033608
- Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2013). Communication Research—Views from Europe| Five Challenges for the Future of Media-Effects Research. *International Journal of Communication*, 7, 197-215.
- Vallejo, I. (2020). *O Infinito Num Junco – A invenção do livro na Antiguidade e o nascer da sede de leitura*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Vázquez-Herrero, J., Direito-Rebollal, S., & López-García, X. (2019). Ephemeral journalism: News distribution through Instagram stories. *Social Media and Society*, 5(4). <https://doi.org/10.1177/2056305119888657>
- Villemure, C., Slotnick, B., & Bushnell, M. (2003). Effects of odors on pain perception: deciphering the roles of emotion and attention. *Pain*, 106, 101-108. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0304-3959\(03\)00297-5](https://doi.org/10.1016/S0304-3959(03)00297-5).
- Wahl-Jorgensen, K. (2020). An emotional turn in journalism studies?. *Digital Journalism*, 8(2), 175-194. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1697626>
- Wahl-Jorgensen, K., & Hanitzsch, T. (Eds.). (2009). *The handbook of journalism studies*. New York: Routledge.

- Wästlund, E., Reinikka, H., Norlander, T., & Archer, T. (2005). Effects of VDT and paper presentation on consumption and production of information: Psychological and physiological factors. *Computers in human behavior*, 21(2), 377-394. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2004.02.007>
- Weber, R., Eden, A., Huskey, R., Mangus, J. M., & Falk, E. (2015). Bridging media psychology and cognitive neuroscience. *Journal of Media Psychology*, 2 (7), 146-156 <https://doi.org/10.1027/1864-1105/a000163>
- Wechsler, D. (2008). *WMS-III, Manual Técnico* (1st Ed.). Lisboa: CEGOC-TEA, Lda.
- Wiech, K., & Tracey, I. (2009). The influence of negative emotions on pain: Behavioral effects and neural mechanisms. *NeuroImage*, 47, 987-994. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2009.05.059>.
- Wied, M., & Verbaten, M. (2001). Affective pictures processing, attention, and pain tolerance. *Pain*, 90, 163-172. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0304-3959\(00\)00400](https://doi.org/10.1016/S0304-3959(00)00400)
- Wilentz, A. (2014). The role of the literary journalist in the digital era. *Literary Journalism Studies*, 6(2), 30-42.
- Wise, K., Kim, H. J., & Kim, J. (2009). The effect of searching versus surfing on cognitive and emotional responses to online news. *Journal of Media Psychology*, 21(2), 49-59. <https://doi.org/10.1027/1864-1105.21.2.49>
- Zelman, D., Howland, E., Nichols, S., & Cleeland, C. (1991). The effects of induced mood on laboratory pain. *Pain*, 46, 105-111. DOI: [https://doi.org/10.1016/0304-3959\(91\)90040-5](https://doi.org/10.1016/0304-3959(91)90040-5)
- Zheng, X. (2019). Research on Digital News Distribution based on Cognitive Neuroscience. *Translational Neuroscience*, 10(1), 50-56. <https://doi.org/10.1515/tnsci-2019-0009>
- Zillmann, D., Wied, M., King-Jablonski, C., & Jenzowsky, S. (1996). Drama-Induced Affect and Pain Sensitivity. *Psychosomatic Medicine*, 58, 333-341.
- Zimmer, Carl (2005). *Soul Made Flesh - The Discovery of the Brain and How it Changed the World*. New York: Free Press.

Zunshine, L. (Ed.). (2015). *The Oxford handbook of cognitive literary studies*. Oxford: Oxford Handbooks.

ANEXOS

ANEXO 1

GLOSSÁRIO TERMOS NEUROCIÊNCIAS

Alexitimia: Condição caracterizada pela dificuldade em identificar e descrever as emoções sentidas. Dificuldades na expressão emocional estão associadas a maior sintomatologia física.

Amígdala: Região do cérebro importante para o processamento de emoções, em particular de medo. Ativada em situações de risco, leva outras áreas do cérebro a mobilizarem-se para dar atenção a essas situações.

Anti-nociceção: Decréscimo da percepção de Dor. Analgesia.

Dopamina: Neurotransmissor envolvido em múltiplas funções, entre elas, o movimento, a motivação e a sensação de prazer.

Eye tracking: Técnica que regista como os olhos se mexem durante a leitura, observando as sacadas (micro saltos) que fazem durante a leitura ao acelerar ou abrandar.

Hiperalgia: Aumento do processamento neuronal e percepção da dor.

Input Nociceptivo: Estímulo doloroso que ativa os receptores (nociceptores) de estímulos nocivos (dor).

Interocepção: Processo através do qual o sistema nervoso sente, interpreta e integra sinais originados no corpo, incluindo fome, temperatura e batimento cardíaco. Percepção de estados corporais internos.

Neurónios: Células do sistema nervoso responsáveis por conduzir os impulsos nervosos.

Neurónios dopaminérgicos: Neurónio que utiliza a dopamina. Transmissores de prazer que permitem a ativação de circuitos de recompensa do cérebro.

Plasticidade Cognitiva: Capacidade do sistema nervoso central para se adaptar e moldar às experiências de vida de cada um, sendo moldado e modificado pela aprendizagem, a experiência e a exposição a estímulos ambientais.

Pronociceção: Aumento da percepção de Dor. Hiperalgia.

Serotonina: Neurotransmissor produzido nos neurónios serotoninérgicos do sistema nervoso central e nalgumas células. Inibe sensações como ira, agressividade, calor corporal, mau humor, sono ou o apetite. Responsável por sensações positivas.

Teoria da mente: Perspetiva do indivíduo sobre a forma como a mente e os estados psicológicos funcionam. Importante para as interações com outros e construção de mapas de intenções alheias.

ANEXO 2

PARECER COMISSÃO DE ÉTICA UNIVERSIDADE CATÓLICA



Parecer sobre o projeto nº 019/2019

Comissão de Ética para a Saúde da Universidade Católica Portuguesa

Mandato 2018/2021

Projeto de Investigação

Na reunião do dia 02 de outubro de 2019 a CES-UCP esteve reunida e apreciou do ponto de vista ético os elementos submetidos pela investigadora, em resposta à solicitação desta CES em parecer precedente. Sobre a apreciação redige o parecer que agora se apresenta.

Título: Jornalismo Literário: Aspetos Cognitivos da Receção

Investigador Principal: Isabel Lopes Almeida Nery Oliveira

Orientador: Alexandre Castro Caldas; Alice Trindade

Resumo

Esta investigação pretende aprofundar o conhecimento interdisciplinar das duas áreas - o jornalismo literário e as neurociências. O principal objetivo do presente estudo é investigar se a leitura imersiva de um artigo de jornalismo literário modula o processamento emocional, do sistema de dor e do sistema nervoso autónomo, refletindo-se ainda em alterações na capacidade de memorização do texto. Trata-se de um estudo de intervenção que procura investigar se a leitura imersiva de um artigo de jornalismo literário modula o processamento emocional, do sistema de dor e do sistema nervoso autónomo, refletindo-se ainda em alterações na capacidade de memorização do texto.

Estiveram presentes na reunião nº 9 da CES-UCP

Presidente: Doutora Mara de Sousa Freitas
Vice-Presidente: Doutora M^ª Emilia Pinto dos Santos
Doutora M^ª Teresa Marques
Doutor Pe. Jerónimo Santos Trigo
Dr. Eugénio da Cruz Fonseca
Doutor Pedro Garcia Marques

Conclusão

Ouvido o Relator, e o plenário da reunião do dia 02 de outubro de 2019, realizada no 5º piso da UCP, e visto que a investigadora procedeu às alterações e clarificações anunciadas em parecer prévio, esta CES delibera, por unanimidade, o **Parecer Favorável**.

Esta CES solicita à Investigadora Principal que, aquando da conclusão do estudo, lhe seja enviada uma síntese dos resultados obtidos e respetivas conclusões, via eletrónica, para o correio eletrónico da CES UCP.

A Presidente,


Mara de Sousa Freitas

02/10/2019

ANEXO 3

PARECER ADELINO GOMES

Notícia a partir da reportagem de John Hersey – breve leitura comparativa

O texto 1 apresenta-se-nos como uma peça de cunho informativo, como evidencia a preocupação em responder de um modo direto, simples e enxuto às seis perguntas da construção canónica do género notícia: Quê? Quem? Onde? Quando? (e, na medida do possível) Como? Porquê?

Assim sendo, o texto retém o essencial dos dados recolhidos, que ordena sequencialmente pela ordem decrescente da importância.

Continuando a obedecer à antiga, mas ainda generalizada fórmula da pirâmide invertida, o primeiro parágrafo (a que se dá o nome de lead — aportuguesado para lide, no Brasil) procura condensar as principais informações oferecidas na peça.

Além de mais longa, a peça 2 pertence ao género reportagem, não hesitando a autora em classificá-la hoje, 70 anos depois da sua publicação, como jornalismo narrativo ou literário. Três das diferenças que ressaltam de uma breve leitura comparativa dos dois textos encontramos na diferente valoração dada nos textos aos critérios de importância; no diferente uso dos dados quantitativos (no texto 1) e dos dados qualitativos (no texto 2); e no destaque desigual que é atribuído a declarações de testemunhas no terreno. Aqui, poderemos dizer, o testemunho é rei. Aqui a dor é personalizada. Aqui, o drama de um, representa o drama global.

Sem tirar o mérito ao empreendimento (julgo que inédito) de Isabel Nery, permita-se-me uma observação, que gostaria que fosse tomada como construtiva. Hoje, a construção da notícia (texto 1):

- a) dificilmente adotaria o modelo canónico da pirâmide invertida;
- b) e mesmo que o adotasse, seria precedida de uma outra (diferente) versão noticiosa — aquela que apareceria no online da publicação;
- c) aqui, tudo seria substancialmente diferente: na extensão do texto; na sua sequenciação; na sua atualização constante; e numa miríade de outros fatores editoriais, tecnológicos e empresariais, a começar pela hierarquização dos valores-notícia (alguns hoje induzidos pela pressão das redes sociais e pela crise do chamado modelo de negócio) e a terminar na utilização de outros recursos multimidiáticos próprios do ecossistema digital dominante.

Uma nota, a este propósito.

Logo na segunda década deste século, quando o impacto das novas tecnologias atingia em cheio os *old media*, Nikki Usher realizou um exemplar trabalho de observação etnográfica na redacção do talvez mais prestigiado jornal diário do mundo — *The New York Times*.

Entre as principais conclusões a que chegou, ressalta o reordenamento de todo o processo de produção noticiosa, imposto pela emergência de, entre outros, como antes indiquei, estes três novos

valores-notícia: *immediacy, interactivity, and participation*, que viu como criadores de uma tensão inédita entre a velha e a nova “ordem” informativa.

Refletindo não apenas sobre uma, mas sobre todas as notícias que ao longo do dia foram sendo trabalhadas, perguntava-se ele, resumindo o drama editorial quotidiano com a redação do NYT passara a confrontar-se:

How, at the end of the day, do you tell the world what the most important stories are if you are a global news organization and there is no true end of the day in a 24/7 information environment? (Usher, Nikki, *Making News at the New York Times*, The University of Michigan Press, p. 241. Também disponível em PDF gratuito em

<https://www.fulcrum.org/concern/monographs/wp988k626>

Adelino Gomes (Carteira Profissional de Jornalista 123)

22 de maio de 2019 (recebido por mail)

ANEXO 4

DADOS SPSS: EMOÇÕES E CORRELAÇÕES

Anexo 4.1

Sentiu_Dor_Última_Semana					
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sim	32	53,3	53,3	53,3
	Não	28	46,7	46,7	100,0
	Total	60	100,0	100,0	
Grau de Dor que Sentiu na Última Semana					
		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Sem Dor	28	46,7	46,7	46,7
	1	3	5,0	5,0	51,7
	2	8	13,3	13,3	65,0
	3	6	10,0	10,0	75,0
	4	10	16,7	16,7	91,7
	5	3	5,0	5,0	96,7
	6	1	1,7	1,7	98,3
	7	1	1,7	1,7	100,0
	Total		60	100,0	100,0

Anexo 4.3

Correlações Emoções e Características Demográficas (Idade e Escolaridade)³ - Texto B

		Idade do Participante	Anos_Escolares_2	Atrevido_2	Deprimido_2	Perturbado_2	Determinado_2	Sereno_2	Capaz_2	Amável_2	Afrito_2	Competente_2	Ousado_2	Audacioso_2	Seguro_2	Atencioso_2	Angustiado_2	Afectuoso_2	Calmos_2	Tranquilo_2	Caloroso_2	Ardente_2	
Spearman's rho	Idade do Participante	Correlation Coefficient	1,000	0,298	0,138	-0,134	0,147																
		Sig. (2-tailed)		0,106	0,460	0,472	0,430	0,018	0,899	0,171	0,060	0,818	0,135	0,034	0,054	0,378	0,170	0,904	0,100	0,382	0,280	0,237	0,767
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
Anos_Escolaridade		Correlation Coefficient	0,296	1,000	-0,051	-0,091	-0,085	0,000	-0,017	-0,079	0,136	0,165	-0,037	0,180	0,112	0,259	-0,017	0,009	-0,018	0,081	0,023	0,182	-0,023
		Sig. (2-tailed)	0,106		0,787	0,625	0,651	1,000	0,930	0,673	0,467	0,374	0,843	0,332	0,550	0,160	0,926	0,961	0,923	0,666	0,903	0,328	0,903
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
Atrevido_2		Correlation Coefficient	0,138	-0,051	1,000	0,093	-0,032	,643	0,121	,495	-0,074	,457	,599	,545	0,270	,418	-0,040	,634	0,089	0,066	,419	,555	
		Sig. (2-tailed)	0,460	0,787		0,618	0,865	0,000	0,516	0,005	0,014	0,691	0,010	0,000	0,002	0,141	0,019	0,832	0,000	0,634	0,725	0,019	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Deprimido_2		Correlation Coefficient	-0,134	-0,091	0,093	1,000	,604	-0,244	-0,299	-0,250	-0,177	,767	-0,275	-0,135	-0,088	-0,433	,688	-0,070	-0,302	-0,378	-0,216	0,103	
		Sig. (2-tailed)	0,472	0,625	0,618		0,000	0,186	0,102	0,175	0,341	0,000	0,134	0,470	0,639	0,015	0,382	0,000	0,707	0,099	0,036	0,242	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Perturbado_2		Correlation Coefficient	0,147	-0,085	-0,032	,604	1,000	-0,182	-0,552	-0,433	-0,319	,682	-0,428	-0,207	-0,080	-0,627	-0,237	,721	-0,177	-0,552	-0,632	-0,391	
		Sig. (2-tailed)	0,430	0,651	0,865	0,000		0,326	0,001	0,015	0,081	0,000	0,016	0,265	0,669	0,000	0,200	0,000	0,340	0,001	0,000	0,029	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Determinado_2		Correlation Coefficient	,422	0,000	,643	-0,244	-0,182	1,000	0,331	,706	,595	-0,243	,679	,521	,573	,437	,629	-0,223	,687	0,169	0,209	,593	
		Sig. (2-tailed)	0,018	1,000	0,000	0,186	0,326		0,069	0,000	0,000	0,187	0,000	0,003	0,001	0,014	0,000	0,229	0,000	0,362	0,259	0,000	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Sereno_2		Correlation Coefficient	0,024	-0,017	0,121	-0,299	-0,552	0,331	1,000	,618	,551	-0,431	,506	,178	0,061	,554	,397	-0,445	0,317	,746	,782	,383	
		Sig. (2-tailed)	0,899	0,930	0,516	0,102	0,001	0,069		0,000	0,001	0,015	0,004	0,337	0,745	0,001	0,027	0,012	0,083	0,000	0,000	0,033	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Capaz_2		Correlation Coefficient	0,252	-0,079	,495	-0,250	-0,433	,706	,618	1,000	,614	-0,350	,865	,463	,455	,608	,704	-0,319	,563	,477	,520	,455	
		Sig. (2-tailed)	0,171	0,673	0,005	0,175	0,015	0,000	0,000		0,000	0,054	0,000	0,009	0,010	0,000	0,000	0,080	0,001	0,007	0,003	0,010	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Amável_2		Correlation Coefficient	0,342	0,136	,435	-0,177	-0,319	,595	,551	,614	1,000	-0,073	,617	,441	,437	,635	,653	-0,286	,716	,511	,501	,584	
		Sig. (2-tailed)	0,060	0,467	0,014	0,341	0,081	0,000	0,001	0,000	0,694	0,000	0,013	0,014	0,000	0,000	0,119	0,000	0,003	0,004	0,000	0,001	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Afrito_2		Correlation Coefficient	0,043	0,165	-0,074	,767	,682	-0,243	-0,431	-0,350	-0,073	1,000	-0,369	-0,018	0,034	-0,451	-0,176	,596	-0,187	-0,293	-0,427	-0,184	
		Sig. (2-tailed)	0,818	0,374	0,691	0,000	0,000	0,187	0,015	0,054	0,694		0,041	0,923	0,854	0,011	0,343	0,000	0,315	0,110	0,017	0,323	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Competente_2		Correlation Coefficient	0,275	-0,037	,457	-0,275	-0,428	,679	,506	,865	,617	-0,369	1,000	,355	,470	,668	,781	-0,322	,718	,423	,510	,441	
		Sig. (2-tailed)	0,135	0,843	0,010	0,134	0,016	0,000	0,004	0,000	0,000	0,041		0,050	0,008	0,000	0,000	0,078	0,000	0,018	0,003	0,013	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Ousado_2		Correlation Coefficient	,383	0,180	,599	-0,135	-0,207	,521	,178	,463	,441	-0,018	,355	1,000	,779	,350	,465	-0,212	,464	0,089	0,075	,418	
		Sig. (2-tailed)	0,034	0,332	0,000	0,470	0,265	0,003	0,337	0,009	0,013	0,923	0,050		0,000	0,054	0,008	0,252	0,009	0,634	0,688	0,019	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Audacioso_2		Correlation Coefficient	0,349	0,112	,545	-0,088	-0,080	,573	0,061	,455	,437	0,034	,470	,779	1,000	0,223	,576	-0,114	,551	0,001	-0,050	,412	
		Sig. (2-tailed)	0,054	0,550	0,002	0,639	0,669	0,001	0,745	0,010	0,014	0,854	0,008	0,000		0,227	0,001	0,541	0,001	0,994	0,788	0,021	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Seguro_2		Correlation Coefficient	0,164	0,259	0,270	-0,433	-0,627	,437	,554	,608	,635	-0,451	,668	,350	0,223	1,000	,595	-0,458	,532	,490	,607	,503	
		Sig. (2-tailed)	0,376	0,160	0,141	0,015	0,000	0,014	0,001	0,000	0,000	0,011	0,000	0,054	0,227		0,000	0,010	0,002	0,005	0,000	0,004	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Atencioso_2		Correlation Coefficient	0,253	-0,017	,418	-0,163	-0,237	,629	,397	,704	,653	-0,176	,781	,465	,576	,595	1,000	-0,167	,702	0,169	0,246	,402	
		Sig. (2-tailed)	0,170	0,926	0,019	0,382	0,200	0,000	0,027	0,000	0,000	0,345	0,000	0,008	0,001	0,000		0,369	0,000	0,367	0,183	0,025	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Angustiado_2		Correlation Coefficient	0,023	0,009	-0,040	,885	,721	-0,223	-0,445	-0,319	-0,286	,595	-0,322	-0,212	-0,114	-0,458	-0,167	1,000	-0,164	-0,497	-0,505	-0,282	
		Sig. (2-tailed)	0,904	0,961	0,832	0,000	0,000	0,229	0,012	0,080	0,119	0,000	0,078	0,252	0,541	0,010	0,369		0,378	0,004	0,004	0,124	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Afectuoso_2		Correlation Coefficient	0,301	-0,018	,634	-0,070	-0,177	,697	,317	,663	,716	-0,187	,716	,464	,551	,532	,702	-0,164	1,000	0,211	0,282	,697	
		Sig. (2-tailed)	0,100	0,923	0,000	0,707	0,340	0,000	0,083	0,001	0,000	0,315	0,000	0,009	0,001	0,002	0,000	0,378		0,255	0,124	0,000	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Calmos_2		Correlation Coefficient	-0,163	0,081	0,089	-0,302	-0,552	0,169	,746	,477	,511	-0,293	,423	0,089	0,001	,490	0,168	-0,497	0,211	1,000	,921	,444	
		Sig. (2-tailed)	0,382	0,666	0,634	0,099	0,001	0,362	0,000	0,007	0,003	0,110	0,018	0,634	0,994	0,005	0,367	0,004	0,255		0,000	0,012	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	
Tranquilo_2		Correlation Coefficient	-0,200	0,023	0,096	-0,278	-0,632	0,209	,782	,520	,501	-0,227	,510	0,075	-0,050	,607	0,246</						

Anexo 4.4

			Correlações Deltas Emoções e Características Demográficas (Idade e Escolaridade) - Texto A*																														
			Idade do Participante	Anos_Escolaridade	Delta_Atrevido_1 IEA_R	Delta_Deprimido_2 IEA_R	Delta_Perturbado_3 IEA_R	Delta_Determinado_4 IEA_R	Delta_Sereno_5 IEA_R	Delta_Capaz_6 IEA_R	Delta_Amável_7 IEA_R	Delta_Afeto_8 IEA_R	Delta_Competente_9 IEA_R	Delta_Cuidado_10 IEA_R	Delta_Audacioso_11 IEA_R	Delta_Seguro_12 IEA_R	Delta_Atencioso_13 IEA_R	Delta_Angustiado_14 IEA_R	Delta_Afetuoso_15 IEA_R	Delta_Calmo_16 IEA_R	Delta_Tranquilo_17 IEA_R	Delta_Caloroso_18 IEA_R	Delta_Ardente_19 IEA_R	Delta_Arrogante_20 IEA_R	Delta_Arrogante_21 IEA_R	Delta_Arrogante_22 IEA_R	Delta_Arrogante_23 IEA_R	Delta_Arrogante_24 IEA_R	Delta_Arrogante_25 IEA_R	Delta_Arrogante_26 IEA_R			
Spearman's rho	Idade do Participante	Correlation Coefficient	1,000	0,296	-0,406	-0,131	-0,030	0,230	0,220	0,029	-0,216	0,126	0,239	0,089	0,099	-0,127	0,336	0,079	-0,071	0,211	0,004	0,023	-0,096										
		Sig. (2-tailed)		0,106	0,024	0,481	0,872	0,213	0,234	0,878	0,243	0,499	0,195	0,634	0,598	0,496	0,065	0,672	0,705	0,255	0,982	0,901	0,607										
Anos_Escolaridade		Correlation Coefficient	0,296	1,000	-0,240	-0,090	-0,057	-0,093	0,059	-0,028	0,067	0,128	-0,108	0,114	-0,165	0,170	0,020	0,132	-0,215	-0,057	0,025	0,027											
		Sig. (2-tailed)	0,106		0,193	0,629	0,760	0,618	0,753	0,883	0,721	0,494	0,565	0,540	0,374	0,361	0,916	0,480	0,245	0,760	0,893	0,887	0,008										
Delta_Atrevido_1 IEA_R		Correlation Coefficient	-0,406	-0,240	1,000	-0,178	-0,298	0,267	0,124	0,174	-0,180	-0,460	0,152	0,000	-0,014	-0,368	-0,033	-0,277	0,100	0,115	0,095	0,148	-0,385										
		Sig. (2-tailed)	0,024	0,193		0,338	0,104	0,146	0,508	0,350	0,334	0,009	0,414	1,000	0,940	0,042	0,858	0,131	0,592	0,537	0,611	0,427	0,032										
Delta_Deprimido_2 IEA_R		Correlation Coefficient	-0,131	-0,090	-0,178	1,000	0,611	-0,486	-0,202	-0,031	-0,097	0,663	-0,398	0,000	0,062	-0,191	-0,354	0,738	-0,074	-0,336	-0,308	-0,255	0,101										
		Sig. (2-tailed)	0,481	0,629	0,338		0,000	0,006	0,739	0,870	0,605	0,000	0,026	1,000	0,739	0,304	0,051	0,000	0,692	0,065	0,092	0,166	0,590										
Delta_Perturbado_3 IEA_R		Correlation Coefficient	-0,030	-0,057	-0,298	0,611	1,000	-0,283	-0,449	-0,294	-0,203	0,649	-0,499	-0,105	-0,066	-0,305	-0,150	0,682	-0,207	-0,173	-0,271	-0,124	0,362										
		Sig. (2-tailed)	0,872	0,760	0,104	0,000		0,123	0,101	0,108	0,273	0,000	0,004	0,573	0,727	0,095	0,422	0,000	0,264	0,352	0,140	0,505	0,741										
Delta_Determinado_4 IEA_R		Correlation Coefficient	0,230	-0,093	0,267	-0,486	-0,283	1,000	0,593	0,030	-0,042	-0,417	0,161	0,102	-0,001	0,232	0,388	-0,313	0,062	0,471	0,400	0,372	0,248										
		Sig. (2-tailed)	0,213	0,618	0,146	0,006	0,123		0,000	0,873	0,824	0,000	0,386	0,586	0,995	0,209	0,036	0,087	0,740	0,007	0,026	0,039	0,178										
Delta_Sereno_5 IEA_R		Correlation Coefficient	0,220	0,059	0,124	-0,202	-0,449	0,593	1,000	0,192	0,136	-0,384	0,105	0,099	-0,081	0,345	0,152	-0,279	0,192	0,440	0,393	0,226	0,241										
		Sig. (2-tailed)	0,234	0,753	0,508	0,276	0,011	0,000		0,300	0,464	0,029	0,576	0,596	0,664	0,057	0,413	0,128	0,327	0,013	0,029	0,221	0,191										
Delta_Capaz_6 IEA_R		Correlation Coefficient	0,029	-0,028	0,174	-0,031	-0,294	0,030	0,192	1,000	0,014	-0,051	0,298	0,160	0,049	0,294	0,040	-0,179	0,284	-0,032	-0,079	0,062	0,038										
		Sig. (2-tailed)	0,878	0,883	0,350	0,870	0,108	0,873	0,300		0,942	0,785	0,104	0,389	0,792	0,109	0,830	0,336	0,121	0,866	0,674	0,663	0,838										
Delta_Amável_7 IEA_R		Correlation Coefficient	-0,216	0,067	-0,180	-0,097	-0,203	-0,042	0,136	0,014	1,000	-0,027	-0,133	-0,294	-0,336	0,214	0,081	-0,045	0,514	-0,090	0,242	0,126	-0,077										
		Sig. (2-tailed)	0,243	0,721	0,334	0,605	0,273	0,824	0,464	0,942		0,885	0,475	0,109	0,064	0,249	0,667	0,809	0,003	0,532	0,189	0,500	0,682										
Delta_Afeto_8 IEA_R		Correlation Coefficient	0,128	0,128	0,009	0,000	0,000	0,020	0,029	0,029	0,029	1,000	-0,027	1,000	-0,269	-0,144	-0,241	-0,070	-0,176	-0,385	-0,383	-0,198	-0,071										
		Sig. (2-tailed)	0,499	0,494	0,909	0,999	0,999	0,999	0,999	0,999	0,999	0,999	0,999	0,999	0,999	0,143	0,440	0,191	0,708	0,343	0,000	0,029	0,029										
Delta_Competente_9 IEA_R		Correlation Coefficient	0,239	-0,108	0,152	-0,398	-0,496	0,161	0,105	0,298	-0,133	-0,289	1,000	0,255	0,157	0,244	0,193	-0,342	0,001	0,882	0,132	-0,215	-0,093										
		Sig. (2-tailed)	0,195	0,565	0,414	0,025	0,004	0,386	0,576	0,104	0,475	0,143	0,166	0,389	0,165	0,298	0,060	0,996	0,662	0,478	0,245	0,619	0,093										
Delta_Cuidado_10 IEA_R		Correlation Coefficient	0,089	0,114	0,000	0,000	-0,105	0,102	0,099	0,160	-0,294	-0,144	0,255	1,000	0,185	0,046	0,006	0,000	-0,231	0,108	-0,003	-0,113	-0,185										
		Sig. (2-tailed)	0,634	0,540	1,000	1,000	0,573	0,586	0,596	0,389	0,109	0,440	0,166	0,320	0,804	0,975	1,000	0,212	0,569	0,986	0,544	0,318	0,185										
Delta_Audacioso_11 IEA_R		Correlation Coefficient	0,099	-0,165	-0,014	0,062	-0,085	-0,001	-0,081	0,049	-0,336	-0,241	0,157	0,185	1,000	-0,267	-0,062	-0,078	-0,035	-0,022	0,047	-0,042	-0,043										
		Sig. (2-tailed)	0,598	0,374	0,940	0,739	0,727	0,995	0,664	0,792	0,064	0,191	0,398	0,320		0,147	0,739	0,875	0,850	0,906	0,803	0,824	0,820										
Delta_Seguro_12 IEA_R		Correlation Coefficient	-0,127	0,170	0,368	-0,191	-0,305	0,232	0,345	0,294	0,214	-0,070	0,244	-0,046	-0,267	1,000	-0,262	-0,187	0,164	0,073	0,303	0,233	0,127										
		Sig. (2-tailed)	0,496	0,361	0,042	0,304	0,095	0,209	0,057	0,109	0,249	0,708	0,185	0,804	0,147		0,154	0,314	0,378	0,698	0,097	0,208	0,496										
Delta_Atencioso_13 IEA_R		Correlation Coefficient	0,336	0,020	-0,033	-0,354	-0,150	0,386	0,152	0,040	0,081	-0,176	0,193	0,006	-0,062	-0,262	1,000	-0,232	0,056	0,010	-0,045	0,164	0,088										
		Sig. (2-tailed)	0,065	0,916	0,858	0,051	0,422	0,031	0,413	0,830	0,667	0,343	0,298	0,975	0,739	0,154		0,210	0,766	0,956	0,809	0,377	0,639										
Delta_Angustiado_14 IEA_R		Correlation Coefficient	0,079	0,132	-0,277	0,738	0,680	-0,313	-0,279	-0,179	-0,045	0,597	-0,342	0,000	-0,078	0,187	-0,232	1,000	-0,142	-0,370	-0,318	-0,228	-0,218										
		Sig. (2-tailed)	0,672	0,480	0,131	0,000	0,000	0,087	0,128	0,336	0,809	0,000	0,060	1,000	0,675	0,314	0,210		0,447	0,040	0,081	0,217	0,238										
Delta_Afetuoso_15 IEA_R		Correlation Coefficient	-0,071	-0,215	0,100	-0,074	-0,207	0,062	0,182	0,284	0,514	-0,285	0,001	-0,231	-0,035	0,164	0,056	-0,142	1,000	0,240	0,412	0,219	0,090										
		Sig. (2-tailed)	0,705	0,245	0,592	0,692	0,264	0,740	0,327	0,121	0,003	0,120	0,996	0,212	0,850	0,378	0,766	0,447		0,193	0,021	0,236	0,629										
Delta_Calmo_16 IEA_R		Correlation Coefficient	0,211	-0,057	0,115	-0,336	-0,173	0,471	0,440	-0,032	-0,090	-0,353	0,082	0,106	-0,022	0,073	0,010	-0,370	0,240	1,000	0,762	0,295	0,215										
		Sig. (2-tailed)	0,255	0,760	0,537	0,065	0,352	0,007	0,013	0,866	0,632	0,052	0,662	0,569	0,906	0,698	0,956	0,040	0,193		0,000	0,107	0,246										
Delta_Tranquilo_17 IEA_R		Correlation Coefficient	0,004	0,025	0,095	-0,308	-0,271	0,400	0,393	-0,079	0,242	-0,392	0,132	-0,003	0,047	0,303	-0,045	-0,318	0,412	0,762	1,000	0,337	0,136										
		Sig. (2-tailed)	0,982	0,893	0,611	0,092	0,140	0,026	0,029	0,674	0,189	0,029	0,478	0,986	0,803	0,097	0,809	0,081	0,021	0,000		0,064	0,467										
Delta_Caloroso_18 IEA_R		Correlation Coefficient	0,023	0,0																													

Anexo 4.5

Correlações Subescalas Emoções e Características Demográficas (Idade) - Texto A ^a									
		Idade do Participante	Anos_Escolaridade	Delta_EmNegat_IE_A_R_media	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Delta_Seren_IEA_R_media	
Spearman's rho	Idade do Participante	Correlation Coefficient	1,000	,508**	-0,209	-0,084	0,247	0,067	,420*
		Sig. (2-tailed)		0,005	0,277	0,666	0,197	0,728	0,023
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Anos_Escolaridade	Correlation Coefficient	,508**	1,000	0,133	-0,168	-0,170	0,126	0,048
		Sig. (2-tailed)	0,005		0,490	0,385	0,379	0,516	0,804
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_EmNegat_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,209	0,133	1,000	-0,225	-,540**	-0,212	-,484**
		Sig. (2-tailed)	0,277	0,490		0,240	0,003	0,269	0,008
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,084	-0,168	-0,225	1,000	-0,210	0,074	-0,112
		Sig. (2-tailed)	0,666	0,385	0,240		0,275	0,703	0,561
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Correlation Coefficient	0,247	-0,170	-,540**	-0,210	1,000	0,280	,445*
		Sig. (2-tailed)	0,197	0,379	0,003	0,275		0,141	0,015
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Correlation Coefficient	0,067	0,126	-0,212	0,074	0,280	1,000	0,100
		Sig. (2-tailed)	0,728	0,516	0,269	0,703	0,141		0,606
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Seren_IEA_R_media	Correlation Coefficient	,420*	0,048	-,484**	-0,112	-,445*	0,100	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,023	0,804	0,008	0,561	0,015	0,606	
		N	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 4.6

		Correlações Emoções e Características Demográficas (Idade) - Texto A*																					
		Idade do Participante	Anos_Escolaridade	Delta_Atrevido_1_IEA_R	Delta_Deprimido_2_IEA_R	Delta_Perturbado_3_IEA_R	Delta_Determinado_4_IEA_R	Delta_Serenoso_5_IEA_R	Delta_Capaz_6_IEA_R	Delta_Amável_7_IEA_R	Delta_Afiliado_8_IEA_R	Delta_Compertente_9_IEA_R	Delta_Ousado_10_IEA_R	Delta_Audacioso_11_IEA_R	Delta_Seguro_12_IEA_R	Delta_Atencioso_13_IEA_R	Delta_Angustiado_14_IEA_R	Delta_Afectuoso_15_IEA_R	Delta_Calmo_16_IEA_R	Delta_Tranquilo_17_IEA_R	Delta_Caloroso_18_IEA_R	Delta_Ardente_19_IEA_R	
Spearman's rho	Idade do Participante	1,000																					
	Correlation Coefficient		0,508	0,068	-0,248	-0,313	0,197	-0,089	0,175	0,219	0,068	0,261	-0,333	-0,077	0,183	0,124	-0,216	-0,141	0,524	0,588	0,012	0,089	
	Sig. (2-tailed)		0,005	0,725	0,195	0,098	0,305	0,648	0,364	0,253	0,724	0,171	0,077	0,692	0,341	0,522	0,261	0,465	0,004	0,001	0,951	0,645	
	N		29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Anos_Escolaridade		1,000	0,008	0,072	0,048	0,281	-0,045	-0,163	0,175	0,062	-0,018	-0,356	0,010	-0,271	-0,034	0,023	0,222	0,142	0,060	-0,159	-0,003	
	Correlation Coefficient			0,968	0,709	0,806	0,139	0,804	0,397	0,363	0,750	0,927	0,058	0,958	0,155	0,862	0,905	0,247	0,464	0,756	0,411	0,986	
	Sig. (2-tailed)			0,005	0,008	0,000	-0,012	-0,258	0,108	-0,135	0,346	0,275	-0,139	0,241	0,158	0,003	0,349	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N			29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Atrevido_1_IEA_R			1,000	-0,012	-0,258	0,108	-0,135	0,346	0,275	-0,139	0,241	0,158	0,003	0,349	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	Correlation Coefficient				0,688	0,008	1,000	-0,012	-0,258	0,108	-0,135	0,346	0,275	-0,139	0,241	0,158	0,003	0,349	0,29	0,29	0,29	0,29	
	Sig. (2-tailed)				0,725	0,968		0,950	0,176	0,578	0,485	0,066	0,140	0,474	0,208	0,414	0,980	0,063	0,035	0,257	0,772	0,554	0,852
	N				29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Deprimido_2_IEA_R				1,000	0,562	-0,375	-0,288	-0,254	-0,151	0,158	-0,436	0,276	0,117	0,312	-0,221	0,721	0,092	-0,290	-0,389	-0,091	0,010	
	Correlation Coefficient					0,195	0,709	0,950	0,902	0,045	0,130	0,184	0,434	0,414	0,017	0,147	0,544	0,100	0,249	0,000	0,634	0,127	0,037
	Sig. (2-tailed)					0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29
	N					29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Perturbado_3_IEA_R					1,000	-0,251	-0,260	-0,382	-0,152	0,239	-0,373	-0,139	-0,140	-0,491	-0,096	0,799	0,172	-0,572	-0,645	-0,285	-0,062	
	Correlation Coefficient						0,098	0,806	0,176	0,002	0,190	0,172	0,041	0,432	0,211	0,046	0,473	0,469	0,007	0,619	0,000	0,372	0,001
	Sig. (2-tailed)						0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29
	N						29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Determinado_4_IEA_R						1,000	0,243	0,207	0,480	-0,282	0,048	-0,340	-0,145	-0,197	0,177	-0,401	0,097	0,161	0,299	0,192	0,016	
	Correlation Coefficient							0,305	0,139	0,578	0,045	0,190	0,205	0,281	0,008	0,139	0,804	0,071	0,154	0,305	0,358	0,031	0,617
	Sig. (2-tailed)							0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29
	N							29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Serenoso_5_IEA_R							1,000	0,137	0,130	0,031	-0,015	0,033	-0,171	0,101	-0,360	-0,195	0,246	0,162	0,171	0,435	0,150	
	Correlation Coefficient								0,648	0,804	0,485	0,130	0,172	0,205	0,480	0,502	0,873	0,937	0,866	0,376	0,600	0,055	0,311
	Sig. (2-tailed)								0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29
	N								29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Capaz_6_IEA_R								1,000	0,236	-0,322	0,041	-0,226	-0,242	0,386	0,156	-0,303	-0,058	0,219	0,202	0,066	-0,214	
	Correlation Coefficient									0,364	0,397	0,066	0,184	0,041	0,281	0,480	0,139	0,089	0,834	0,239	0,205	0,039	0,419
	Sig. (2-tailed)									0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29
	N									29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Amável_7_IEA_R									1,000	0,109	0,010	-0,127	-0,078	-0,067	0,196	-0,109	0,021	0,290	0,117	-0,020	-0,001	
	Correlation Coefficient										0,253	0,363	0,149	0,434	0,432	0,008	0,502	0,218	0,574	0,961	0,510	0,687	0,729
	Sig. (2-tailed)										0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29
	N										29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Afiliado_8_IEA_R										1,000	-0,149	0,014	-0,118	-0,096	-0,254	0,295	0,285	0,130	-0,178	-0,002	0,177	
	Correlation Coefficient											0,724	0,750	0,474	0,414	0,211	0,139	0,873	0,089	0,574	0,441	0,943	
	Sig. (2-tailed)											0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N											29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
	Delta_Compertente_9_IEA_R											1,000	-0,121	0,015	-0,393	0,282	-0,412	-0,247	0,403	0,309	-0,138	-0,054	
	Correlation Coefficient												0,261	0,927	0,474	0,017	0,046	0,804	0,937	0,834	0,961	0,441	
	Sig. (2-tailed)												0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N												29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
	Delta_Ousado_10_IEA_R												1,000	0,315	-0,053	-0,011	0,121	0,088	-0,316	-0,237	0,003	0,071	
	Correlation Coefficient													0,077	0,058	0,208	0,147	0,473	0,531	0,531	0,531	0,531	
	Sig. (2-tailed)													0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N													29	29	29	29	29	29	29	29	29	
	Delta_Audacioso_11_IEA_R													1,000	-0,133	0,142	-0,035	-0,017	0,079	0,052	-0,081	0,057	
	Correlation Coefficient														0,692	0,958	0,414	0,544	0,469	0,454	0,376	0,205	
	Sig. (2-tailed)														0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N														29	29	29	29	29	29	29	29	
	Delta_Seguro_12_IEA_R														1,000	-0,133	0,000	0,021	-0,314	-0,244	0,478	0,420	
	Correlation Coefficient															0,341	0,155	0,990	0,100	0,007	0,305	0,600	
	Sig. (2-tailed)															0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N															29	29	29	29	29	29	29	
	Delta_Atencioso_13_IEA_R															1,000	-0,021	1,000	-0,201	-0,200	-0,069	-0,155	
	Correlation Coefficient																0,522	0,862	0,063	0,249	0,619	0,358	
	Sig. (2-tailed)																0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	0,29	
	N																29	29	29	29	29	29	
	Delta_Angustiado_14_IEA_R																						

Anexo 4.7

Correlações Subescalas de Emoções e Características Demográficas (Escolaridade) - Texto A ^a									
			Idade do Participante	Anos_Escolaridade	Itens - 2,3,8,14 / 4	Itens - 1,10,11,19	Itens - 4,12,9,6 / 4	Itens - 13,18,15,7 / 4	Itens - 5,17,16 / 3
Spearman's rho	Idade do Participante	Correlation Coefficient	1,000	,508**	-0,235	0,239	,453*	,424*	0,359
		Sig. (2-tailed)		0,005	0,220	0,212	0,014	0,022	0,056
		N	29	29	29	29	29	29	29
Anos_Escolaridade		Correlation Coefficient	,508**	1,000	-0,061	0,112	0,161	,472**	0,225
		Sig. (2-tailed)	0,005		0,755	0,565	0,405	0,010	0,240
		N	29	29	29	29	29	29	29
Itens - 2,3,8,14 / 4		Correlation Coefficient	-0,235	-0,061	1,000	0,207	-,391*	-0,023	-,473**
		Sig. (2-tailed)	0,220	0,755		0,281	0,036	0,906	0,010
		N	29	29	29	29	29	29	29
Itens - 1,10,11,19		Correlation Coefficient	0,239	0,112	0,207	1,000	0,213	0,178	-0,202
		Sig. (2-tailed)	0,212	0,565	0,281		0,268	0,356	0,295
		N	29	29	29	29	29	29	29
Itens - 4,12,9,6 / 4		Correlation Coefficient	,453*	0,161	-,391*	0,213	1,000	,406*	,468*
		Sig. (2-tailed)	0,014	0,405	0,036	0,268		0,029	0,010
		N	29	29	29	29	29	29	29
Itens - 13,18,15,7 / 4		Correlation Coefficient	,424*	,472**	-0,023	0,178	,406*	1,000	,442*
		Sig. (2-tailed)	0,022	0,010	0,906	0,356	0,029		0,016
		N	29	29	29	29	29	29	29
Itens - 5,17,16 / 3		Correlation Coefficient	0,359	0,225	-,473**	-0,202	,468*	,442*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,056	0,240	0,010	0,295	0,010	0,016	
		N	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 4.8

Correlações Subescalas de Emoções e Características Demográficas (Escolaridade) - Texto B ^a									
			Idade do Participante	Anos_Escolaridade	Delta_EmNegat_IE_A_R_media	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Delta_Seren_IEA_R_media
Spearman's rho	Idade do Participante	Correlation Coefficient	1,000	0,296	0,169	-0,182	0,129	-0,041	0,167
		Sig. (2-tailed)		0,106	0,365	0,326	0,490	0,827	0,368
		N	31	31	31	31	31	31	31
Anos_Escolaridade		Correlation Coefficient	0,296	1,000	0,098	-,361*	0,008	-0,027	-0,006
		Sig. (2-tailed)	0,106		0,600	0,046	0,967	0,884	0,976
		N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_EmNegat_IEA_R_media		Correlation Coefficient	0,169	0,098	1,000	-0,305	-,487**	-0,230	-0,329
		Sig. (2-tailed)	0,365	0,600		0,096	0,005	0,212	0,071
		N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_EmActiva_IEA_R_media		Correlation Coefficient	-0,182	-,361*	-0,305	1,000	0,289	-0,184	0,129
		Sig. (2-tailed)	0,326	0,046	0,096		0,115	0,322	0,489
		N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_AutoEfic_IEA_R_media		Correlation Coefficient	0,129	0,008	-,487**	0,289	1,000	0,071	0,327
		Sig. (2-tailed)	0,490	0,967	0,005	0,115		0,705	0,072
		N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_ProSoc_IEA_R_media		Correlation Coefficient	-0,041	-0,027	-0,230	-0,184	0,071	1,000	0,228
		Sig. (2-tailed)	0,827	0,884	0,212	0,322	0,705		0,217
		N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Seren_IEA_R_media		Correlation Coefficient	0,167	-0,006	-0,329	0,129	0,327	0,228	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,368	0,976	0,071	0,489	0,072	0,217	
		N	31	31	31	31	31	31	31

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 4.9

Correlações Deltas Subescalas de Emoções e CORE-OM - Texto A ^a																		
			Total_W	Mean_Scores_W	Total_P	Mean_Scores_P	Total_F	Mean_Scores_F	Total_R	Mean_Scores_R	Total_All_Minus_R	Mean_Scores_All_Minus_R	Delta_EmNegat_IEA_R_media	Delta_EmActiva_IEA_R_media	AutoEfic_IEA_R_media	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Delta_Seren_IEA_R_media	
Spearman's rho	Total_W	Correlation Coefficient	1,000	1,000														
		Sig. (2-tailed)																
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Mean_Scores_W		Correlation Coefficient	1,000	1,000	,687	,684	,425	0,289	0,326	0,326	,806	,809	,625	0,225	0,001	-,548	-,315	-,154
		Sig. (2-tailed)			0,000	0,000	0,021	0,128	0,084	0,085	0,000	0,000	0,000	0,240	0,996	0,002	0,096	0,424
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Total_P		Correlation Coefficient	,687	,687	1,000	1,000	,621	0,313	0,333	0,335	,899	,895	,878	0,274	-0,072	-0,364	-0,079	-0,084
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000		0,000	0,000	0,098	0,077	0,076	0,000	0,000	0,000	0,150	0,711	0,052	0,682	0,667
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Mean_Scores_P		Correlation Coefficient	,684	,684	1,000	1,000	,619	0,312	0,333	0,334	,897	,893	,876	0,273	-0,069	-0,365	-0,079	-0,078
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000		0,000	0,000	0,100	0,077	0,076	0,000	0,000	0,000	0,152	0,724	0,052	0,682	0,687
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Total_F		Correlation Coefficient	,425	,425	,621	,619	1,000	,770	0,116	0,122	,685	,688	,883	-0,042	-0,308	-0,020	-0,068	0,322
		Sig. (2-tailed)	0,021	0,021	0,000	0,000		0,000	0,550	0,528	0,000	0,000	0,000	0,828	0,104	0,919	0,726	0,089
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Mean_Scores_F		Correlation Coefficient	0,289	0,289	0,313	0,312	,770	1,000	0,092	0,100	,401	,405	,582	-0,186	-0,140	-0,025	-0,118	0,251
		Sig. (2-tailed)	0,128	0,128	0,098	0,100	0,000		0,634	0,607	0,031	0,029	0,001	0,333	0,468	0,897	0,542	0,190
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Total_R		Correlation Coefficient	0,326	0,326	0,333	0,333	0,116	0,092	1,000	,999	,479	,478	0,165	-0,037	0,343	-0,028	0,104	-0,077
		Sig. (2-tailed)	0,084	0,084	0,077	0,077	0,550	0,634		0,000	0,009	0,009	0,393	0,847	0,069	0,885	0,591	0,691
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Mean_Scores_R		Correlation Coefficient	0,326	0,326	0,335	0,334	0,122	0,100	,999	1,000	,484	,484	0,170	-0,032	0,327	-0,016	0,108	-0,081
		Sig. (2-tailed)	0,085	0,085	0,076	0,076	0,528	0,607	0,000		0,008	0,008	0,377	0,868	0,084	0,934	0,577	0,676
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Total_All_Minus_R		Correlation Coefficient	,806	,806	,899	,897	,685	,401	,479	,484	1,000	1,000	,827	0,273	-0,072	-,383	-0,116	-0,058
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,031	0,009	0,008	0,000	0,000	0,000	0,152	0,712	0,040	0,549	0,766
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Mean_Scores_All_Minus_R		Correlation Coefficient	,809	,809	,895	,893	,688	,405	,478	,484	1,000	1,000	,826	0,279	-0,068	-,388	-0,118	-0,054
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,029	0,009	0,008	0,000	0,000	0,000	0,143	0,727	0,038	0,541	0,781
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Total_All_Minus_R		Correlation Coefficient	,625	,625	,878	,876	,883	,582	0,165	0,170	,827	,826	1,000	0,101	-0,260	-0,205	-0,085	0,133
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,001	0,393	0,377	0,000	0,000		0,601	0,173	0,286	0,663	0,492
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Delta_EmNegat_IEA_R_media		Correlation Coefficient	0,225	0,225	0,274	0,273	-0,042	-0,186	-0,037	-0,032	0,273	0,279	0,101	1,000	-0,225	-,540	-0,212	-,484
		Sig. (2-tailed)	0,240	0,240	0,150	0,152	0,828	0,333	0,847	0,868	0,152	0,143	0,601		0,240	0,003	0,269	0,008
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Delta_EmActiva_IEA_R_media		Correlation Coefficient	0,001	0,001	-0,072	-0,069	-0,308	-0,140	0,343	0,327	-0,072	-0,068	-0,260	-0,225	1,000	-0,210	0,074	-0,112
		Sig. (2-tailed)	0,996	0,996	0,711	0,724	0,104	0,468	0,069	0,084	0,712	0,727	0,173	0,240		0,275	0,703	0,561
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Delta_AutoEfic_IEA_R_media		Correlation Coefficient	-,548	-,548	-0,364	-0,365	-0,020	-0,025	-0,028	-0,016	-,383	-,388	-0,205	-,540	-0,210	1,000	0,280	,445
		Sig. (2-tailed)	0,002	0,002	0,052	0,052	0,919	0,897	0,885	0,934	0,040	0,038	0,286	0,003	0,275		0,141	0,015
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Delta_ProSoc_IEA_R_media		Correlation Coefficient	-0,315	-0,315	-0,079	-0,079	-0,068	-0,118	0,104	0,108	-0,116	-0,118	-0,085	-0,212	0,074	0,280	1,000	0,100
		Sig. (2-tailed)	0,096	0,096	0,682	0,682	0,726	0,542	0,591	0,577	0,549	0,541	0,663	0,269	0,703	0,141		0,606
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	
Delta_Seren_IEA_R_media		Correlation Coefficient	-0,154	-0,154	-0,084	-0,078	0,322	0,251	-0,077	-0,081	-0,058	-0,054	0,133	-,484	-0,112	,445	0,100	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,424	0,424	0,667	0,687	0,089	0,190	0,691	0,676	0,766	0,781	0,492	0,008	0,561	0,015	0,606	
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 4.10

Correlações Deltas Subescalas de Emoções e CORE-OM - Texto B ^a																		
			Total_W	Mean_Scores_W	Total_P	Mean_Scores_P	Total_F	Mean_Scores_F	Total_R	Mean_Scores_R	Total_All_Items	Mean_Scores_All_Items	Total_All_Minus_R	Delta_EmNegat_IEA_R_media	Delta_EmActiva_IEA_R_media	AutoEfic_IEA_R_media	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Delta_Seren_IEA_R_media
Spearman's rho	Total_W	Correlation Coefficient	1,000	,954**	,630**	,619**	,718**	,696**	0,086	0,085	,814**	,816**	,810**	0,283	-0,246	-0,258	-,511**	-,445**
		Sig. (2-tailed)		0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,644	0,651	0,000	0,000	0,000	0,123	0,182	0,161	0,003
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Mean_Scores_W	Correlation Coefficient	,954**	1,000	,686**	,675**	,742**	,644**	0,025	0,027	,842**	,845**	,847**	0,277	-0,264	-0,230	-,498**	-,329**
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,000	0,000	0,000	0,000	0,893	0,886	0,000	0,000	0,000	0,132	0,151	0,213	0,004	0,071
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Total_P	Correlation Coefficient	,630**	,686**	1,000	,999**	,589**	,515**	0,027	0,027	,906**	,900**	,909**	0,158	-0,296	-0,148	-,379**	-,381**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000		0,000	0,000	0,003	0,887	0,887	0,000	0,000	0,000	0,395	0,106	0,428	0,036	0,035
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Mean_Scores_P	Correlation Coefficient	,619**	,675**	,999**	1,000	,581**	,503**	0,014	0,014	,899**	,892**	,902**	0,151	-0,290	-0,133	-,387**	-,377**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000		0,001	0,004	0,940	0,942	0,000	0,000	0,000	0,417	0,113	0,477	0,032	0,036
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Total_F	Correlation Coefficient	,718**	,742**	,589**	,581**	1,000	,938**	0,228	0,229	,824**	,826**	,824**	0,205	0,030	-0,074	-,382**	-,383**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,001		0,000	0,217	0,215	0,000	0,000	0,000	0,270	0,874	0,694	0,034	0,034
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Mean_Scores_F	Correlation Coefficient	,696**	,644**	,515**	,503**	,938**	1,000	,436**	,437**	,758**	,756**	,744**	0,158	0,075	-0,079	-0,311**	-,476**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,003	0,004	0,000		0,014	0,014	0,000	0,000	0,000	0,395	0,688	0,673	0,088	0,007
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Total_R	Correlation Coefficient	0,086	0,025	0,027	0,014	0,228	,436**	1,000	1,000**	0,101	0,094	0,075	-0,138	0,121	0,044	0,100	-0,055
		Sig. (2-tailed)	0,644	0,893	0,887	0,940	0,217	0,014	0,000	0,589	0,614	0,688	0,459	0,517	0,814	0,592	0,770	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Mean_Scores_R	Correlation Coefficient	0,085	0,027	0,027	0,014	0,229	,437**	1,000**	1,000	0,101	0,095	0,075	-0,138	0,121	0,038	0,105	-0,058
		Sig. (2-tailed)	0,651	0,886	0,887	0,942	0,215	0,014	0,000	0,587	0,612	0,687	0,459	0,518	0,839	0,573	0,755	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Total_All_Items	Correlation Coefficient	,814**	,842**	,906**	,899**	,824**	,758**	0,101	0,101	1,000	,999**	,999**	0,235	-0,238	-0,244	-,408**	-,426**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,589	0,587	0,000	0,000	0,000	0,203	0,198	0,186	0,023	0,017
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Mean_Scores_All_Items	Correlation Coefficient	,816**	,845**	,900**	,892**	,826**	,756**	0,094	0,095	,999**	1,000	,998**	0,247	-0,237	-0,253	-,407**	-,420**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,614	0,612	0,000	0,000	0,180	0,200	0,170	0,023	0,019	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Total_All_Minus_R	Correlation Coefficient	,810**	,847**	,909**	,902**	,824**	,744**	0,075	0,075	,999**	,998**	1,000	0,241	-0,241	-0,235	-,415**	-,415**
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,688	0,687	0,000	0,000	0,192	0,192	0,203	0,020	0,020	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_EmNegat_IEA_R_media	Correlation Coefficient	0,283	0,277	0,158	0,151	0,205	0,158	-0,138	-0,138	0,235	0,247	0,241	1,000	-0,305	-,487**	-0,230	-0,329
		Sig. (2-tailed)	0,123	0,132	0,395	0,417	0,270	0,395	0,459	0,459	0,203	0,180	0,192	0,096	0,005	0,212	0,071	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,246	-0,264	-0,296	-0,290	0,030	0,075	0,121	0,121	-0,238	-0,237	-0,241	-0,305	1,000	0,289	-0,184	0,129
		Sig. (2-tailed)	0,182	0,151	0,106	0,113	0,874	0,688	0,517	0,518	0,198	0,200	0,192	0,096	0,115	0,322	0,489	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,258	-0,230	-0,148	-0,133	-0,074	-0,079	0,044	0,038	-0,244	-0,253	-0,235	-,487**	0,289	1,000	0,071	0,327
		Sig. (2-tailed)	0,161	0,213	0,428	0,477	0,694	0,673	0,814	0,839	0,186	0,170	0,203	0,005	0,115	0,705	0,072	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-,511**	-,498**	-,379**	-,387**	-,382**	-0,311**	0,100	0,105	-,408**	-,407**	-,415**	-0,230	-0,184	0,071	1,000	0,228
		Sig. (2-tailed)	0,003	0,004	0,036	0,032	0,034	0,088	0,592	0,573	0,023	0,023	0,020	0,212	0,322	0,705	0,217	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_Seren_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-,445**	-,329**	-,381**	-,377**	-,383**	-,476**	-0,055	-0,058	-,426**	-,420**	-,415**	-0,329	0,129	0,327	0,228	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,012	0,071	0,035	0,036	0,034	0,007	0,770	0,755	0,017	0,019	0,020	0,071	0,489	0,072	0,217	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 4.11

Correlações Deltas Subescalas de Emoções e MAIA - Texto A ^a														
			Delta_EmNegat_IEA_R_media	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Delta_Seren_IEA_R_media	MAIA - Itens - 1,2,3	MAIA - Itens - 4,5,6,7	MAIA - Itens - 8,9,10,11	MAIA - Itens - 12,13,14,15,16,17,18	MAIA - Itens - 19,20,21,22,23	MAIA - Itens - 24,25,26,27	MAIA - Itens - 31,32,33
Spearman's rho	Delta_EmNegat_IEA_R_media	Correlation Coefficient	1,000	-0,225	-,540**	-0,212	-,484**	-0,153	-,494**	,403	-0,066	-0,195	-0,108	-0,296
		Sig. (2-tailed)		0,240	0,003	0,269	0,008	0,429	0,007	0,030	0,734	0,311	0,576	0,119
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,225	1,000	-0,210	0,074	-0,112	0,224	0,294	-0,163	0,135	0,095	-0,080	0,123
		Sig. (2-tailed)	0,240		0,275	0,703	0,561	0,244	0,122	0,399	0,484	0,624	0,679	0,524
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-,540**	-0,210	1,000	0,280	,445*	0,009	0,325	-0,156	0,070	0,025	0,174	,478**
		Sig. (2-tailed)	0,003	0,275		0,141	0,015	0,965	0,085	0,419	0,719	0,896	0,367	0,009
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,212	0,074	0,280	1,000	0,100	-0,064	0,051	-0,107	0,108	0,166	,388*	0,294
		Sig. (2-tailed)	0,269	0,703	0,141		0,606	0,742	0,795	0,582	0,579	0,389	0,037	0,122
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Seren_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-,484**	-0,112	,445*	0,100	1,000	0,074	0,260	0,038	-0,043	0,096	,374*	,470*
		Sig. (2-tailed)	0,008	0,561	0,015	0,606		0,703	0,173	0,844	0,826	0,619	0,046	0,010
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 1,2,3		Correlation Coefficient	-0,153	0,224	0,009	-0,064	0,074	1,000	0,186	-0,326	0,000	0,340	0,205	0,257
		Sig. (2-tailed)	0,429	0,244	0,965	0,742	0,703		0,335	0,085	0,999	0,071	0,287	0,178
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 4,5,6,7		Correlation Coefficient	-,494**	0,294	0,325	0,051	0,260	0,186	1,000	-0,334	-0,275	0,021	-0,026	0,149
		Sig. (2-tailed)	0,007	0,122	0,085	0,795	0,173	0,335		0,076	0,149	0,915	0,892	0,440
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 8,9,10,11		Correlation Coefficient	,403	-0,163	-0,156	-0,107	0,038	-0,326	-0,334	1,000	,379*	-0,360	0,130	0,079
		Sig. (2-tailed)	0,030	0,399	0,419	0,582	0,844	0,085	0,076		0,042	0,055	0,501	0,683
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 12,13,14,15,16,17,18		Correlation Coefficient	-0,066	0,135	0,070	0,108	-0,043	0,000	-0,275	,379*	1,000	-0,001	,416*	,546**
		Sig. (2-tailed)	0,734	0,484	0,719	0,579	0,826	0,999	0,149	0,042		0,997	0,025	0,002
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 19,20,21,22,23		Correlation Coefficient	-0,195	0,095	0,025	0,166	0,096	0,340	0,021	-0,360	-0,001	1,000	0,346	0,146
		Sig. (2-tailed)	0,311	0,624	0,896	0,389	0,619	0,071	0,915	0,055	0,997		0,066	0,448
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 24,25,26,27		Correlation Coefficient	-0,108	-0,080	0,174	,388*	,374*	0,205	-0,026	0,130	,416*	0,346	1,000	,552**
		Sig. (2-tailed)	0,576	0,679	0,367	0,037	0,046	0,287	0,892	0,501	0,025	0,066		0,002
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
MAIA - Itens - 31,32,33		Correlation Coefficient	-0,296	0,123	,478**	0,294	,470*	0,257	0,149	0,079	,546**	0,146	,552**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,119	0,524	0,009	0,122	0,010	0,178	0,440	0,683	0,002	0,448	0,002	
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 4.12

Correlações Deltas Subescalas de Emoções e MAIA - Texto B ^a														
			Delta_EmNegat_IEA_R_media	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Delta_Seren_IEA_R_media	MAIA - Itens - 1,2,3	MAIA - Itens - 4,5,6,7	MAIA - Itens - 8,9,10,11	MAIA - Itens - 12,13,14,15,16,17,18	MAIA - Itens - 19,20,21,22,23	MAIA - Itens - 24,25,26,27	MAIA - Itens - 31,32,33
Spearman's rho	Delta_EmNegat_IEA_R_media	Correlation Coefficient	1,000	-0,305	-,487*	-0,230	-0,329	0,067	-0,151	-0,114	0,108	0,121	0,046	-0,185
		Sig. (2-tailed)		0,096	0,005	0,212	0,071	0,721	0,416	0,542	0,564	0,517	0,805	0,320
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_EmActiva_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,305	1,000	0,289	-0,184	0,129	-0,221	0,113	0,019	-0,073	0,028	-0,085	0,171
		Sig. (2-tailed)	0,096		0,115	0,322	0,489	0,232	0,546	0,918	0,696	0,879	0,648	0,359
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_AutoEfic_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-,487*	0,289	1,000	0,071	0,327	-0,168	-0,123	0,021	-0,067	0,060	0,045	-0,073
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,115		0,705	0,072	0,367	0,508	0,910	0,722	0,748	0,810	0,695
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_ProSoc_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,230	-0,184	0,071	1,000	0,228	0,174	-0,096	0,129	0,198	0,266	0,293	0,226
		Sig. (2-tailed)	0,212	0,322	0,705		0,217	0,349	0,607	0,488	0,285	0,148	0,110	0,221
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	Delta_Seren_IEA_R_media	Correlation Coefficient	-0,329	0,129	0,327	0,228	1,000	0,207	0,218	-0,264	,356*	,436*	,424*	0,234
		Sig. (2-tailed)	0,071	0,489	0,072	0,217		0,263	0,239	0,152	0,049	0,014	0,018	0,206
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 1,2,3	Correlation Coefficient	0,067	-0,221	-0,168	0,174	0,207	1,000	0,185	-0,321	0,273	,369*	0,225	0,114
		Sig. (2-tailed)	0,721	0,232	0,367	0,349	0,263		0,320	0,078	0,138	0,041	0,224	0,543
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 4,5,6,7	Correlation Coefficient	-0,151	0,113	-0,123	-0,096	0,218	0,185	1,000	-,652**	-0,176	-0,025	-0,157	0,209
		Sig. (2-tailed)	0,416	0,546	0,508	0,607	0,239	0,320		0,000	0,342	0,894	0,398	0,259
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 8,9,10,11	Correlation Coefficient	-0,114	0,019	0,021	0,129	-0,264	-0,321	-,652**	1,000	0,180	0,027	0,156	0,210
		Sig. (2-tailed)	0,542	0,918	0,910	0,488	0,152	0,078	0,000		0,333	0,887	0,403	0,256
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 12,13,14,15,16,17,18	Correlation Coefficient	0,108	-0,073	-0,067	0,198	,356*	0,273	-0,176	0,180	1,000	,522**	,759**	0,261
		Sig. (2-tailed)	0,564	0,696	0,722	0,285	0,049	0,138	0,342	0,333		0,003	0,000	0,157
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 19,20,21,22,23	Correlation Coefficient	0,121	0,028	0,060	0,266	,436*	,369*	-0,025	0,027	,522**	1,000	,688**	0,199
		Sig. (2-tailed)	0,517	0,879	0,748	0,148	0,014	0,041	0,894	0,887	0,003		0,000	0,284
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 24,25,26,27	Correlation Coefficient	0,046	-0,085	0,045	0,293	,424*	0,225	-0,157	0,156	,759**	,688**	1,000	0,262
		Sig. (2-tailed)	0,805	0,648	0,810	0,110	0,018	0,224	0,398	0,403	0,000	0,000		0,155
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
	MAIA - Itens - 31,32,33	Correlation Coefficient	-0,185	0,171	-0,073	0,226	0,234	0,114	0,209	0,210	0,261	0,199	0,262	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,320	0,359	0,695	0,221	0,206	0,543	0,259	0,256	0,157	0,284	0,155	
		N	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31	31

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

ANEXO 5

DADOS SPSS: DOR E CORRELAÇÕES

Anexo 5.1

Estimulação Elétrica Depois e Antes da Leitura - Texto B ^a							
Z	Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_1_Resposta_Pós_Texto - Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_1_Resposta_Pré_Texto	Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_2_Resposta_Pós_Texto - Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_2_Resposta_Pré_Texto	Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_3_Resposta_Pós_Texto - Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_3_Resposta_Pré_Texto	Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_4_Resposta_Pós_Texto - Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_4_Resposta_Pré_Texto	Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_5_Resposta_Pós_Texto - Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_5_Resposta_Pré_Texto	Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_6_Resposta_Pós_Texto - Tarefa_Estimulação_Elétrica_Estimulo_6_Resposta_Pré_Texto	
	-.952 ^a	-.702 ^a	-1.610 ^d	-2.214 ^d	-1.089 ^d	-.495 ^c	
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,341	0,483	0,107	0,027	0,276	0,621	

a. Texto que Leu Primeiro = Texto B
b. Wilcoxon Signed Ranks Test
c. Based on negative ranks.

Anexo 5.2

Correlações Emoções e Dor - Texto A ^a													
			Itens - 2,3,8,14 / 4	Itens - 1,10,11,19 / 4	Itens - 4,12,9,6 / 4	Itens - 13,18,15,7 / 4	Itens - 5,17,16 / 3	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6
Spearman's rho	Itens - 2,3,8,14 / 4	Correlation Coefficient	1,000	0,349	0,154	0,009	-0,315	0,142	,468 [*]	-0,031	0,197	-0,163	0,281
		Sig. (2-tailed)		0,080	0,452	0,965	0,117	0,488	0,016	0,880	0,334	0,427	0,165
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Itens - 1,10,11,19 / 4	Correlation Coefficient	0,349	1,000	0,172	0,186	-0,384	0,098	0,166	-0,064	0,075	0,132	-0,058
		Sig. (2-tailed)	0,080		0,401	0,364	0,053	0,632	0,419	0,755	0,715	0,520	0,780
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Itens - 4,12,9,6 / 4	Correlation Coefficient	0,154	0,172	1,000	,428 [*]	0,386	0,355	0,125	-0,136	0,176	0,181	-0,073
		Sig. (2-tailed)	0,452	0,401		0,029	0,052	0,075	0,543	0,508	0,388	0,375	0,722
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Itens - 13,18,15,7 / 4	Correlation Coefficient	0,009	0,186	,428 [*]	1,000	0,365	0,053	-0,032	-0,178	0,113	0,024	-,407 [*]
		Sig. (2-tailed)	0,965	0,364	0,029		0,067	0,797	0,879	0,385	0,584	0,906	0,039
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Itens - 5,17,16 / 3	Correlation Coefficient	-0,315	-0,384	0,386	0,365	1,000	0,095	-0,108	0,061	0,343	0,291	-0,140
		Sig. (2-tailed)	0,117	0,053	0,052	0,067		0,645	0,600	0,766	0,086	0,150	0,496
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	0,142	0,098	0,355	0,053	0,095	1,000	,416 [*]	0,341	0,294	0,116	0,202
		Sig. (2-tailed)	0,488	0,632	0,075	0,797	0,645		0,034	0,088	0,144	0,573	0,321
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	,468 [*]	0,166	0,125	-0,032	-0,108	,416 [*]	1,000	,536 ^{**}	0,081	0,117	0,221
		Sig. (2-tailed)	0,016	0,419	0,543	0,879	0,600	0,034		0,005	0,695	0,569	0,277
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,031	-0,064	-0,136	-0,178	0,061	0,341	,536 ^{**}	1,000	0,153	0,072	0,271
		Sig. (2-tailed)	0,880	0,755	0,508	0,385	0,766	0,088	0,005		0,457	0,726	0,181
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	0,197	0,075	0,176	0,113	0,343	0,294	0,081	0,153	1,000	0,259	0,245
		Sig. (2-tailed)	0,334	0,715	0,388	0,584	0,086	0,144	0,695	0,457		0,200	0,227
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	-0,163	0,132	0,181	0,024	0,291	0,116	0,117	0,072	0,259	1,000	0,166
		Sig. (2-tailed)	0,427	0,520	0,375	0,906	0,150	0,573	0,569	0,726	0,200		0,416
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_6	Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	0,281	-0,058	-0,073	-,407 [*]	-0,140	0,202	0,221	0,271	0,245	0,166	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,165	0,780	0,722	0,039	0,496	0,321	0,277	0,181	0,227	0,416	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 5.3

Correlações Emoções e Dor - Texto B ^a													
			Itens - 2,3,8,14 / 4	Itens - 1,10,11,19 / 4	Itens - 4,12,9,6 / 4	Itens - 13,18,15,7 / 4	Itens - 5,17,16 / 3	Delta_Pain _Pos_Pre_ 1	Delta_Pain _Pos_Pre_ 2	Delta_Pain _Pos_Pre_ 3	Delta_Pain _Pos_Pre_ 4	Delta_Pain _Pos_Pre_ 5	Delta_Pain _Pos_Pre_ 6
Spearman's rho	Itens - 2,3,8,14 / 4	Correlation Coefficient	1,000	0,286	0,179	0,182	-0,277	0,028	-0,143	0,007	0,325	0,252	0,218
		Sig. (2-tailed)		0,132	0,354	0,346	0,146	0,886	0,459	0,973	0,085	0,186	0,255
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Itens - 1,10,11,19 / 4	Correlation Coefficient	0,286	1,000	,546**	,622**	-0,059	-0,203	-0,242	0,028	-0,117	-0,167	0,004
		Sig. (2-tailed)	0,132		0,002	0,000	0,763	0,291	0,206	0,886	0,546	0,387	0,983
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Itens - 4,12,9,6 / 4	Correlation Coefficient	0,179	,546**	1,000	,680**	0,021	-0,190	-0,300	0,149	-0,016	0,023	0,182
		Sig. (2-tailed)	0,354	0,002		0,000	0,914	0,323	0,113	0,440	0,934	0,907	0,344
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Itens - 13,18,15,7 / 4	Correlation Coefficient	0,182	,622**	,680**	1,000	-0,056	-0,245	-,498**	-0,027	-0,248	0,022	0,158
		Sig. (2-tailed)	0,346	0,000	0,000		0,772	0,201	0,006	0,888	0,195	0,911	0,414
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Itens - 5,17,16 / 3	Correlation Coefficient	-0,277	-0,059	0,021	-0,056	1,000	-0,324	-0,119	-0,232	-0,184	-,477**	-,444*
		Sig. (2-tailed)	0,146	0,763	0,914	0,772		0,086	0,540	0,226	0,340	0,009	0,016
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Delta_Pain_Pos_Pre _1		Correlation Coefficient	0,028	-0,203	-0,190	-0,245	-0,324	1,000	,463*	0,277	0,238	0,295	,439*
		Sig. (2-tailed)	0,886	0,291	0,323	0,201	0,086		0,011	0,146	0,214	0,120	0,017
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Delta_Pain_Pos_Pre _2		Correlation Coefficient	-0,143	-0,242	-0,300	-,498**	-0,119	,463*	1,000	,508**	,443*	0,295	0,188
		Sig. (2-tailed)	0,459	0,206	0,113	0,006	0,540	0,011		0,005	0,016	0,121	0,330
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Delta_Pain_Pos_Pre _3		Correlation Coefficient	0,007	0,028	0,149	-0,027	-0,232	0,277	,508**	1,000	,622**	,386*	0,177
		Sig. (2-tailed)	0,973	0,886	0,440	0,888	0,226	0,146	0,005		0,000	0,039	0,358
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Delta_Pain_Pos_Pre _4		Correlation Coefficient	0,325	-0,117	-0,016	-0,248	-0,184	0,238	,443*	,622**	1,000	,398*	0,269
		Sig. (2-tailed)	0,085	0,546	0,934	0,195	0,340	0,214	0,016	0,000		0,033	0,158
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Delta_Pain_Pos_Pre _5		Correlation Coefficient	0,252	-0,167	0,023	0,022	-,477**	0,295	0,295	,386*	,398*	1,000	,614**
		Sig. (2-tailed)	0,186	0,387	0,907	0,911	0,009	0,120	0,121	0,039	0,033		0,000
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Delta_Pain_Pos_Pre _6		Correlation Coefficient	0,218	0,004	0,182	0,158	-,444*	,439*	0,188	0,177	0,269	,614**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,255	0,983	0,344	0,414	0,016	0,017	0,330	0,358	0,158	0,000	
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 5.4

Correlações Dor e Batimentos Cardíacos - Texto B ^a									
			ABS_formula_according_to_pollatos_25s_35s_45s	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6
Spearman's rho	ABS_formula_according_to_pollatos_25s_35s_45s	Correlation Coefficient	1,000	-0,067	-0,293	-0,114	-0,243	-,398	-,418
		Sig. (2-tailed)		0,732	0,123	0,555	0,205	0,033	0,024
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	-0,067	1,000	,463	0,277	0,238	0,295	,439
		Sig. (2-tailed)	0,732		0,011	0,146	0,214	0,120	0,017
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	-0,293	,463	1,000	,508	,443	0,295	0,188
		Sig. (2-tailed)	0,123	0,011		0,005	0,016	0,121	0,330
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,114	0,277	,508	1,000	,622	,386	0,177
		Sig. (2-tailed)	0,555	0,146	0,005		0,000	0,039	0,358
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	-0,243	0,238	,443	,622	1,000	,398	0,269
		Sig. (2-tailed)	0,205	0,214	0,016	0,000		0,033	0,158
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	-,398	0,295	0,295	,386	,398	1,000	,614
		Sig. (2-tailed)	0,033	0,120	0,121	0,039	0,033		0,000
		N	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	-,418	,439	0,188	0,177	0,269	,614	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,024	0,017	0,330	0,358	0,158	0,000	
		N	29	29	29	29	29	29	29

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**.. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 5.5

Correlações Deltas Dor e PCS - Texto A ^a												
			PCS - Itens - 6,7,13	PCS -Itens - 8,9,10,11	PCS - Itens - 1,2,3,4,5,12	PCS_Total Itens	Delta_Pain _Pos_Pre_ 1	Delta_Pain _Pos_Pre_ 2	Delta_Pain _Pos_Pre_ 3	Delta_Pain _Pos_Pre_ 4	Delta_Pain _Pos_Pre_ 5	Delta_Pain _Pos_Pre_ 6
Spearman's rho	PCS - Itens - 6,7,13	Correlation Coefficient	1,000	,629**	,767**	,866**	-0,159	0,217	0,111	-0,074	0,050	0,129
		Sig. (2- tailed)		0,001	0,000	0,000	0,437	0,287	0,588	0,720	0,809	0,530
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	PCS -Itens - 8,9,10,11	Correlation Coefficient	,629**	1,000	,558**	,838**	0,282	,393*	,389*	-0,154	0,084	0,022
		Sig. (2- tailed)	0,001		0,003	0,000	0,163	0,047	0,050	0,454	0,682	0,917
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	PCS - Itens - 1,2,3,4,5,12	Correlation Coefficient	,767**	,558**	1,000	,888**	-0,065	0,256	0,156	-0,120	0,085	,547**
		Sig. (2- tailed)	0,000	0,003		0,000	0,753	0,206	0,447	0,558	0,679	0,004
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	PCS_Total Itens	Correlation Coefficient	,866**	,838**	,888**	1,000	-0,003	0,307	0,230	-0,180	0,090	0,275
		Sig. (2- tailed)	0,000	0,000	0,000		0,988	0,127	0,258	0,378	0,663	0,173
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Delta_Pain _Pos_Pre_ 1	Correlation Coefficient	-0,159	0,282	-0,065	-0,003	1,000	,416*	0,341	0,294	0,116	0,202
		Sig. (2- tailed)	0,437	0,163	0,753	0,988		0,034	0,088	0,144	0,573	0,321
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Delta_Pain _Pos_Pre_ 2	Correlation Coefficient	0,217	,393*	0,256	0,307	,416*	1,000	,536**	0,081	0,117	0,221
		Sig. (2- tailed)	0,287	0,047	0,206	0,127	0,034		0,005	0,695	0,569	0,277
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Delta_Pain _Pos_Pre_ 3	Correlation Coefficient	0,111	,389*	0,156	0,230	0,341	,536**	1,000	0,153	0,072	0,271
		Sig. (2- tailed)	0,588	0,050	0,447	0,258	0,088	0,005		0,457	0,726	0,181
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Delta_Pain _Pos_Pre_ 4	Correlation Coefficient	-0,074	-0,154	-0,120	-0,180	0,294	0,081	0,153	1,000	0,259	0,245
		Sig. (2- tailed)	0,720	0,454	0,558	0,378	0,144	0,695	0,457		0,200	0,227
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain _Pos_Pre_ 5	Correlation Coefficient	0,050	0,084	0,085	0,090	0,116	0,117	0,072	0,259	1,000	0,166	
	Sig. (2- tailed)	0,809	0,682	0,679	0,663	0,573	0,569	0,726	0,200		0,416	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain _Pos_Pre_ 6	Correlation Coefficient	0,129	0,022	,547**	0,275	0,202	0,221	0,271	0,245	0,166	1,000	
	Sig. (2- tailed)	0,530	0,917	0,004	0,173	0,321	0,277	0,181	0,227	0,416		
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 5.6

Correlações Deltas Dor e PCS - Texto B ^a												
			PCS - Itens - 6,7,13	PCS - Itens - 8,9,10,11	PCS - Itens - 1,2,3,4,5,12	PCS_Total Itens	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6
Spearman's rho	PCS - Itens - 6,7,13	Correlation Coefficient	1,000	,553**	0,324	,657**	-0,236	-0,174	-0,072	-0,199	-0,083	-0,045
		Sig. (2-tailed)		0,002	0,086	0,000	0,218	0,367	0,712	0,301	0,669	0,818
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	PCS - Itens - 8,9,10,11	Correlation Coefficient	,553**	1,000	,696**	,918**	-0,287	-0,079	0,145	-0,116	-0,161	-0,130
		Sig. (2-tailed)	0,002		0,000	0,000	0,132	0,685	0,454	0,549	0,404	0,501
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	PCS - Itens - 1,2,3,4,5,12	Correlation Coefficient	0,324	,696**	1,000	,855**	-,379*	-0,327	-0,217	-,393*	-0,329	-0,169
		Sig. (2-tailed)	0,086	0,000		0,000	0,043	0,083	0,257	0,035	0,081	0,380
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	PCS_Total Itens	Correlation Coefficient	,657**	,918**	,855**	1,000	-0,348	-0,227	-0,078	-0,303	-0,206	-0,145
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000		0,065	0,235	0,687	0,110	0,285	0,454
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	-0,236	-0,287	-,379*	-0,348	1,000	,463*	0,277	0,238	0,295	,439*
		Sig. (2-tailed)	0,218	0,132	0,043	0,065		0,011	0,146	0,214	0,120	0,017
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	-0,174	-0,079	-0,327	-0,227	,463*	1,000	,508**	,443*	0,295	0,188
		Sig. (2-tailed)	0,367	0,685	0,083	0,235	0,011		0,005	0,016	0,121	0,330
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,072	0,145	-0,217	-0,078	0,277	,508**	1,000	,622**	,386*	0,177
		Sig. (2-tailed)	0,712	0,454	0,257	0,687	0,146	0,005		0,000	0,039	0,358
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	-0,199	-0,116	-,393*	-0,303	0,238	,443*	,622**	1,000	,396*	0,269
		Sig. (2-tailed)	0,301	0,549	0,035	0,110	0,214	0,016	0,000		0,033	0,158
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	-0,083	-0,161	-0,329	-0,206	0,295	0,295	,386*	,396*	1,000	,614**
		Sig. (2-tailed)	0,669	0,404	0,081	0,285	0,120	0,121	0,039	0,033		0,000
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	-0,045	-0,130	-0,169	-0,145	,439*	0,188	0,177	0,269	,614**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,818	0,501	0,380	0,454	0,017	0,330	0,358	0,158	0,000	
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 5.7

Correlações Deltas Dor e CORE-OM - Texto A ^a														
			Total_P	Total_W	Total_F	Total_R	Mean_Scores_All_Items	Total_All_Minus_R	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6
Spearman's rho	Total_P	Correlation Coefficient	1,000	,668**	,721**	,394*	,925**	,929**	0,134	-0,006	-0,078	-0,152	0,134	0,043
		Sig. (2-tailed)		0,000	0,000	0,046	0,000	0,000	0,514	0,975	0,707	0,458	0,513	0,835
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Total_W	Correlation Coefficient	,668**	1,000	,596**	0,207	,767**	,766**	0,246	0,089	0,189	-0,129	0,373	0,186	
	Sig. (2-tailed)	0,000		0,001	0,310	0,000	0,000	0,225	0,665	0,355	0,531	0,060	0,363	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Total_F	Correlation Coefficient	,721**	,596**	1,000	0,347	,904**	,901**	-0,050	0,108	0,083	-0,148	-0,025	0,066	
	Sig. (2-tailed)	0,000	0,001		0,082	0,000	0,000	0,807	0,598	0,685	0,471	0,904	0,749	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Total_R	Correlation Coefficient	,394*	0,207	0,347	1,000	,402*	,394*	-0,179	-0,034	-0,184	0,121	0,083	,449*	
	Sig. (2-tailed)	0,046	0,310	0,082		0,042	0,046	0,381	0,870	0,369	0,558	0,686	0,021	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Mean_Scores_All_Items	Correlation Coefficient	,925**	,767**	,904**	,402*	1,000	,999**	0,040	0,033	0,036	-0,168	0,148	0,127	
	Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,042		0,000	0,847	0,874	0,862	0,412	0,471	0,536	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Total_All_Minus_R	Correlation Coefficient	,929**	,766**	,901**	,394*	,999**	1,000	0,056	0,041	0,039	-0,169	0,147	0,131	
	Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,046	0,000		0,787	0,843	0,848	0,408	0,473	0,523	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	0,134	0,246	-0,050	-0,179	0,040	0,056	1,000	,416*	0,341	0,294	0,116	0,202	
	Sig. (2-tailed)	0,514	0,225	0,807	0,381	0,847	0,787		0,034	0,088	0,144	0,573	0,321	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	-0,006	0,089	0,108	-0,034	0,033	0,041	,416*	1,000	,536**	0,081	0,117	0,221	
	Sig. (2-tailed)	0,975	0,665	0,598	0,870	0,874	0,843	0,034		0,005	0,695	0,569	0,277	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,078	0,189	0,083	-0,184	0,036	0,039	0,341	,536**	1,000	0,153	0,072	0,271	
	Sig. (2-tailed)	0,707	0,355	0,685	0,369	0,862	0,848	0,088	0,005		0,457	0,726	0,181	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	-0,152	-0,129	-0,148	0,121	-0,168	-0,169	0,294	0,081	0,153	1,000	0,259	0,245	
	Sig. (2-tailed)	0,458	0,531	0,471	0,558	0,412	0,408	0,144	0,695	0,457		0,200	0,227	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	0,134	0,373	-0,025	0,083	0,148	0,147	0,116	0,117	0,072	0,259	1,000	0,166	
	Sig. (2-tailed)	0,513	0,060	0,904	0,686	0,471	0,473	0,573	0,569	0,726	0,200		0,416	
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	0,043	0,186	0,066	,449*	0,127	0,131	0,202	0,221	0,271	0,245	0,166	1,000	
	Sig. (2-tailed)	0,835	0,363	0,749	0,021	0,536	0,523	0,321	0,277	0,181	0,227	0,416		
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 5.8

Correlações Deltas Dor e CORE-OM - Texto B ^a														
			Total_P	Total_W	Total_F	Total_R	Mean_Scores_All_Items	Total_All_Minus_R	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6
Spearman's rho	Total_P	Correlation Coefficient	1,000	,705**	,665**	0,030	,911**	,917**	-0,020	-0,057	-0,005	0,326	0,138	0,026
		Sig. (2-tailed)		0,000	0,000	0,879	0,000	0,000	0,920	0,769	0,980	0,085	0,475	0,892
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Total_W	Correlation Coefficient	,705**	1,000	,741**	0,061	,852**	,846**	-0,119	-0,102	-0,215	0,164	-0,007	0,117
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,000	0,752	0,000	0,000	0,538	0,598	0,263	0,396	0,972	0,547
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Total_F	Correlation Coefficient	,665**	,741**	1,000	0,225	,856**	,857**	-0,082	-0,166	-0,207	0,253	-0,105	-0,008
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000		0,240	0,000	0,000	0,671	0,390	0,280	0,185	0,588	0,966
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Total_R	Correlation Coefficient	0,030	0,061	0,225	1,000	0,092	0,070	-0,254	-0,232	-0,156	-0,049	-,496**	-0,363
		Sig. (2-tailed)	0,879	0,752	0,240		0,636	0,717	0,183	0,225	0,418	0,801	0,006	0,053
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
Mean_Scores_All_Items		Correlation Coefficient	,911**	,852**	,856**	0,092	1,000	,998**	-0,047	-0,104	-0,143	0,322	0,087	0,094
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,636		0,000	0,810	0,592	0,459	0,088	0,652	0,628
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Total_All_Minus_R	Correlation Coefficient	,917**	,846**	,857**	0,070	,998**	1,000	-0,032	-0,088	-0,139	0,312	0,091	0,091
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,000	0,717	0,000		0,868	0,649	0,472	0,099	0,639	0,639
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	-0,020	-0,119	-0,082	-0,254	-0,047	-0,032	1,000	,463	0,277	0,238	0,295	,439
		Sig. (2-tailed)	0,920	0,538	0,671	0,183	0,810	0,868		0,011	0,146	0,214	0,120	0,017
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	-0,057	-0,102	-0,166	-0,232	-0,104	-0,088	,463	1,000	,508**	,443	0,295	0,188
		Sig. (2-tailed)	0,769	0,598	0,390	0,225	0,592	0,649	0,011		0,005	0,016	0,121	0,330
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,005	-0,215	-0,207	-0,156	-0,143	-0,139	0,277	,508**	1,000	,622**	,386	0,177
		Sig. (2-tailed)	0,980	0,263	0,280	0,418	0,459	0,472	0,146	0,005		0,000	0,039	0,358
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	0,326	0,164	0,253	-0,049	0,322	0,312	0,238	,443	,622**	1,000	,396	0,269
		Sig. (2-tailed)	0,085	0,396	0,185	0,801	0,088	0,099	0,214	0,016	0,000		0,033	0,158
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	0,138	-0,007	-0,105	-,496**	0,087	0,091	0,295	0,295	,386	,398	1,000	,614**
		Sig. (2-tailed)	0,475	0,972	0,588	0,006	0,652	0,639	0,120	0,121	0,039	0,033		0,000
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	0,026	0,117	-0,008	-0,363	0,094	0,091	,439	0,188	0,177	0,269	,614**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,892	0,547	0,966	0,053	0,628	0,639	0,017	0,330	0,358	0,158	0,000	
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 5.9

Correlações Deltas Dor e MAIA - Texto A ^a																
			MAIA - Notar_Itens - 1,2,3	MAIA - Não se distrair_Itens - 4,5,6,7	MAIA - Não se preocupar - 8,9,10,11	MAIA - regulação atencional - 12,13,14,15,16,17,18	MAIA - Consciência Emocional_Itens - 19,20,21,22,23	MAIA - Autorregulação_Itens - 24,25,26,27	MAIA - Confiar_Itens - 31,32,33	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6	
Spearman's rho	MAIA - Notar_Itens - 1,2,3	Correlation Coefficient	1,000	0,152	-0,274	0,049	0,349	0,317	0,300	-0,069	0,046	-0,165	-0,361	-0,034	-0,152	
		Sig. (2-tailed)		0,458	0,175	0,811	0,080	0,115	0,136	0,736	0,822	0,421	0,070	0,868	0,459	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	MAIA - Não se distrair_Itens - 4,5,6,7	Correlation Coefficient	0,152	1,000	-0,244	-0,236	0,038	0,082	0,222	-0,018	0,277	0,318	0,031	0,117	0,224	
		Sig. (2-tailed)	0,458		0,229	0,245	0,852	0,689	0,275	0,929	0,171	0,113	0,879	0,569	0,272	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	MAIA - Não se preocupar - 8,9,10,11	Correlation Coefficient	-0,274	-0,244	1,000	0,313	-,420*	-0,069	-0,001	-0,286	-0,334	0,091	0,247	-0,052	-0,033	
		Sig. (2-tailed)	0,175	0,229		0,120	0,033	0,738	0,995	0,156	0,096	0,657	0,224	0,802	0,871	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	MAIA - regulação atencional - 12,13,14,15	Correlation Coefficient	0,049	-0,236	0,313	1,000	-0,010	0,350	,507**	0,170	-0,273	-0,240	0,224	0,117	0,142	
		Sig. (2-tailed)	0,811	0,245	0,120		0,962	0,080	0,008	0,407	0,177	0,238	0,272	0,569	0,489	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	MAIA - Consciência Emocional_Itens - 19,20,21,22,23	Correlation Coefficient	0,349	0,038	-,420*	-0,010	1,000	0,384	0,143	,426*	0,331	0,082	-0,214	-0,316	-0,189	
		Sig. (2-tailed)	0,080	0,852	0,033	0,962		0,053	0,485	0,030	0,098	0,690	0,294	0,116	0,356	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	MAIA - Autorregulação_Itens - 24,25,26,27	Correlation Coefficient	0,317	0,082	-0,069	0,350	0,384	1,000	,552**	0,027	-0,068	-0,044	-0,076	-0,075	-0,045	
		Sig. (2-tailed)	0,115	0,689	0,738	0,080	0,053		0,003	0,894	0,740	0,833	0,714	0,716	0,829	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	MAIA - Confiar_Itens - 31,32,33	Correlation Coefficient	0,300	0,222	-0,001	,507**	0,143	,552**	1,000	0,193	-0,249	-0,292	0,118	-0,191	0,101	
		Sig. (2-tailed)	0,136	0,275	0,995	0,008	0,485	0,003		0,344	0,220	0,148	0,565	0,351	0,624	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	-0,069	-0,018	-0,286	0,170	,426*	0,267	0,193	1,000	,416*	0,341	0,294	0,116	0,202	
		Sig. (2-tailed)	0,736	0,929	0,156	0,407	0,030	0,894	0,344		0,034	0,088	0,144	0,573	0,321	
		N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	0,046	0,277	-0,334	-0,273	0,331	-0,068	-0,249	,416*	1,000	,536**	1,000	0,153	0,072	0,271	
	Sig. (2-tailed)	0,822	0,171	0,096	0,177	0,098	0,740	0,220	0,034		0,005	0,695	0,569	0,277		
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,165	0,318	0,091	-0,240	0,082	-0,044	-0,292	0,341	,536**	1,000	0,153	0,072	0,271		
	Sig. (2-tailed)	0,421	0,113	0,657	0,238	0,690	0,833	0,148	0,088	0,005		0,457	0,726	0,181		
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	-0,361	0,031	0,247	0,224	-0,214	-0,076	0,118	0,294	0,081	0,153	1,000	0,259	0,245		
	Sig. (2-tailed)	0,070	0,879	0,224	0,272	0,294	0,714	0,565	0,144	0,695	0,457		0,200	0,227		
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	-0,034	0,117	-0,052	0,117	-0,316	-0,075	-0,191	0,116	0,117	0,072	0,259	1,000	0,166		
	Sig. (2-tailed)	0,868	0,569	0,802	0,569	0,116	0,716	0,351	0,573	0,569	0,726	0,200		0,416		
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	
Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	-0,152	0,224	-0,033	0,142	-0,189	-0,045	0,101	0,202	0,221	0,271	0,245	0,166	1,000		
	Sig. (2-tailed)	0,459	0,272	0,871	0,489	0,356	0,829	0,624	0,321	0,277	0,181	0,227	0,416			
	N	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	26	

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
 **. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
 a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 5.10

Correlações Deltas Dor e MAIA - Texto B ^a															
			MAIA - Notar_Itens - 1,2,3	MAIA - Não se distrair_Itens - 4,5,6,7	MAIA - Não se preocupar - 8,9,10,11	MAIA - regulação atencional - 12,13,14,15,16,17,18	MAIA - Consciência Emocional - 19,20,21,22,23	MAIA - Autorregulação_Itens - 24,25,26,27	MAIA - Confiar_Itens - 31,32,33	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Delta_Pain_Pos_Pre_6
Spearman's rho	MAIA - Notar_Itens - 1,2,3	Correlation Coefficient	1,000	0,166	-0,298	0,249	0,326	0,179	0,097	-0,172	-0,007	-0,066	-0,260	-0,179	-0,222
		Sig. (2-tailed)		0,390	0,117	0,193	0,084	0,354	0,617	0,373	0,973	0,734	0,173	0,354	0,247
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	MAIA - Não se distrair_Itens - 4,5,6,7	Correlation Coefficient	0,166	1,000	-,644**	-0,210	-0,089	-0,222	0,160	0,093	-0,043	0,180	0,008	-0,115	0,033
		Sig. (2-tailed)	0,390		0,000	0,274	0,648	0,248	0,406	0,630	0,826	0,350	0,966	0,554	0,865
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	MAIA - Não se preocupar - 8,9,10,11	Correlation Coefficient	-0,298	-,644**	1,000	0,222	0,083	0,210	0,269	-0,113	-0,186	-0,158	0,025	-0,141	-0,249
		Sig. (2-tailed)	0,117	0,000		0,247	0,667	0,273	0,158	0,561	0,334	0,412	0,898	0,466	0,193
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	MAIA - regulação atencional - 12,13,14,15	Correlation Coefficient	0,249	-0,210	0,222	1,000	,483**	,743**	0,247	0,117	-,406*	-0,239	-0,333	-0,011	0,155
		Sig. (2-tailed)	0,193	0,274	0,247		0,008	0,000	0,196	0,545	0,029	0,211	0,078	0,956	0,422
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	MAIA - Consciência Emocional - 19,20,21,22,23	Correlation Coefficient	0,326	-0,089	0,083	,483**	1,000	,662**	0,152	0,156	-0,280	-0,103	-,499**	-0,219	-0,005
		Sig. (2-tailed)	0,084	0,648	0,667	0,008		0,000	0,431	0,420	0,142	0,596	0,006	0,254	0,979
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	MAIA - Autorregulação_Itens - 24,25,26,27	Correlation Coefficient	0,179	-0,222	0,210	,743**	,662**	1,000	0,224	0,202	-0,150	-0,090	-0,363	-0,160	0,125
		Sig. (2-tailed)	0,354	0,248	0,273	0,000	0,000		0,243	0,294	0,438	0,642	0,053	0,408	0,518
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	MAIA - Confiar_Itens - 31,32,33	Correlation Coefficient	0,097	0,160	0,269	0,247	0,152	0,224	1,000	-0,063	-0,174	0,158	-0,067	-0,013	-0,218
		Sig. (2-tailed)	0,617	0,406	0,158	0,196	0,431	0,243		0,746	0,367	0,412	0,729	0,947	0,257
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_1	Correlation Coefficient	-0,172	0,093	-0,113	0,117	0,156	0,202	-0,063	1,000	,463*	0,277	0,238	0,295	,439*
		Sig. (2-tailed)	0,373	0,630	0,561	0,545	0,420	0,294	0,746		0,011	0,146	0,214	0,120	0,017
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_2	Correlation Coefficient	-0,007	-0,043	-0,186	-,406*	-0,280	-0,150	-0,174	,463*	1,000	,508**	,443*	0,295	0,188
		Sig. (2-tailed)	0,973	0,826	0,334	0,029	0,142	0,438	0,367	0,011		0,005	0,016	0,121	0,330
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_3	Correlation Coefficient	-0,066	0,180	-0,158	-0,239	-0,103	-0,090	0,158	0,277	,508**	1,000	,622**	,386*	0,177
		Sig. (2-tailed)	0,734	0,350	0,412	0,211	0,596	0,642	0,412	0,146	0,005		0,000	0,039	0,358
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_4	Correlation Coefficient	-0,260	0,008	0,025	-0,333	-,499**	-0,363	-0,067	0,238	,443*	,622**	1,000	,398*	0,269
		Sig. (2-tailed)	0,173	0,966	0,898	0,078	0,006	0,053	0,729	0,214	0,016	0,000		0,033	0,158
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_5	Correlation Coefficient	-0,179	-0,115	-0,141	-0,011	-0,219	-0,160	-0,013	0,295	0,295	,386*	,398*	1,000	,614**
		Sig. (2-tailed)	0,354	0,554	0,466	0,956	0,254	0,408	0,947	0,120	0,121	0,039	0,033		0,000
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
	Delta_Pain_Pos_Pre_6	Correlation Coefficient	-0,222	0,033	-0,249	0,155	-0,005	0,125	-0,218	,439*	0,188	0,177	0,269	,614**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,247	0,865	0,193	0,422	0,979	0,518	0,257	0,017	0,330	0,358	0,158	0,000	
		N	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29	29

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

ANEXO 6

DADOS SPSS: REBATIMENTOS CARDÍACOS E CORRELAÇÕES

Anexo 6.1

Baseline Batimentos Cardíacos - Texto A ^a									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	Baseline_1_1.5 - Bat_Card_Texto_1	3,65517	32,91252	6,11170	-8,86408	16,17443	0,598	28	0,555
Pair 2	Baseline_1_1.5 - Bat_Card_Texto_2	1,86207	33,18210	6,16176	-10,75973	14,48386	0,302	28	0,765

a. Texto que Leu Primeiro = Texto A

Anexo 6.2

Baseline Batimentos Cardíacos - Texto B ^a									
		Paired Differences					t	df	Sig. (2-tailed)
		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	Interval of the Difference				
					Lower	Upper			
Pair 1	Baseline_1_1.5 - Bat_Card_Texto_1	8,06452	21,72086	3,90118	0,09724	16,03179	2,067	30	0,047
Pair 2	Baseline_1_1.5 - Bat_Card_Texto_2	9,74194	22,41869	4,02652	1,51869	17,96518	2,419	30	0,022

a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

Anexo 6.3

Correlações Deltas Batimentos Cardíacos e Deltas Dor - Texto B ^a								
		Delta_Batimentos 1	Delta_Pain _Pos_Pre 1	Delta_Pain _Pos_Pre 2	Delta_Pain _Pos_Pre 3	Delta_Pain _Pos_Pre 4	Delta_Pain _Pos_Pre 5	Delta_Pain _Pos_Pre 6
Delta_Batimento s1	Pearson Correlation	1	-,356 [*]	-,0276	-,0284	-,0023	-,0280	-,476 ^{**}
	Sig. (2-tailed)		0,050	0,133	0,121	0,903	0,128	0,007
	N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Pain_Pos _Pre_1	Pearson Correlation	-,356 [*]	1	,601 ^{**}	0,259	0,341	,382 [*]	,564 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	0,050		0,000	0,160	0,060	0,034	0,001
	N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Pain_Pos _Pre_2	Pearson Correlation	-,0276	,601 ^{**}	1	,529 ^{**}	,428 [*]	0,286	0,277
	Sig. (2-tailed)	0,133	0,000		0,002	0,016	0,118	0,132
	N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Pain_Pos _Pre_3	Pearson Correlation	-,0284	0,259	,529 ^{**}	1	,514 ^{**}	0,342	0,230
	Sig. (2-tailed)	0,121	0,160	0,002		0,003	0,060	0,213
	N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Pain_Pos _Pre_4	Pearson Correlation	-,0023	0,341	,428 [*]	,514 ^{**}	1	,434 [*]	0,317
	Sig. (2-tailed)	0,903	0,060	0,016	0,003		0,015	0,083
	N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Pain_Pos _Pre_5	Pearson Correlation	-,0280	,382 [*]	0,286	0,342	,434 [*]	1	,652 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	0,128	0,034	0,118	0,060	0,015		0,000
	N	31	31	31	31	31	31	31
Delta_Pain_Pos _Pre_6	Pearson Correlation	-,476 ^{**}	,564 ^{**}	0,277	0,230	0,317	,652 ^{**}	1
	Sig. (2-tailed)	0,007	0,001	0,132	0,213	0,083	0,000	
	N	31	31	31	31	31	31	31

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).
 **. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
 a. Texto que Leu Primeiro = Texto B

ANEXO 7

MATRIZ RECOLHA DE DADOS: DOCUMENTOS E TEXTOS

Anexo 7.1



CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAR NO ESTUDO

“Jornalismo Literário: Aspetos Cognitivos da Receção”

O presente estudo tem como investigador principal a estudante de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Mestre Isabel Lopes Almeida Nery de Oliveira, Carteira Profissional de Jornalista nº1745A, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa. Colaboram ainda a estudante de mestrado Maria Ana Guerra e a Prof. Doutora Rita Canaipa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa (Cédula Profissional Ordem dos Psicólogos Portugueses nº 6567). Os responsáveis pela supervisão do projeto são o Prof^º Doutor Alexandre Castro Caldas, do mesmo Instituto e a Prof. Doutora Alice Trindade do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

A sua participação neste estudo é inteiramente voluntária. Deve ler a informação que se segue e colocar questões sobre aquilo que não entender antes de decidir se participa ou não neste estudo.

Objetivos do Estudo

Este projeto de investigação propõe-se complementar o conhecimento sobre comunicação e jornalismo com o conhecimento sobre neurociências e cognição, seguindo uma posição interdisciplinar. O objetivo principal é o de investigar o impacto da leitura de textos de jornalismo nos mecanismos de processamento de emoções, da dor e da cognição em indivíduos saudáveis.

Procedimentos

Pediremos a sua colaboração no preenchimento de alguns questionários que avaliam questões relacionadas com as suas vivências emocionais. Realizará depois duas tarefas de avaliação de memória e serão recolhidos dados de funcionamento cardíaco e de resposta de sudação da pele, através de um pequeno dispositivo certificado para investigação. Depois, ser-lhe-á pedido que participe em tarefas em que lhe são aplicados estímulos elétricos de intensidades variáveis no seu antebraço, mas sempre em níveis considerados moderados. Esses estímulos serão avaliados por si tendo em conta a intensidade que sentiu. Por fim, ser-lhe-á pedido que leia um texto e avalie o impacto que esse texto teve em si. O estudo decorre numa única sessão, que se estima durar cerca de 1h.

Os dados cardíacos e de sudação da pele não envolvem qualquer dor. Os estímulos de dor que serão aplicados para a tarefa de dor, durante o estudo, terão intensidades variáveis, mas serão no máximo de dor moderada, **nunca atingindo níveis intensos**. Caso algum estímulo seja de intensidade que considere mais elevada, poderá pedir para retirar o equipamento e o seu pedido será **imediatamente** aceite. Estes estímulos são seguros, não implicando qualquer

dano nos tecidos nem quaisquer consequências físicas ou emocionais a longo prazo. Eventualmente poderá ficar com alguma vermelhidão que passará após alguns minutos. **PODERÁ PARAR A ESTIMULAÇÃO ASSIM QUE O ENTENDA.**

Benefícios previstos do projeto de investigação

Este estudo pretende ajudar a esclarecer de que forma as pessoas avaliam textos jornalísticos. Nesse sentido, os resultados obtidos poderão trazer informações importantes para a compreensão do impacto que as notícias podem ter nos indivíduos, quer do ponto de vista comportamental quer psicofisiológico. Contudo, deste estudo não se esperam benefícios diretos para o participante. Por outro lado, também não são de esperar quaisquer consequências negativas para o seu bem-estar físico ou psicológico.

Privacidade e Confidencialidade

As únicas pessoas que terão acesso à informação que nos fornecer serão os membros da equipa de investigação. Nenhuma informação sobre si será facultada a qualquer outra pessoa se não assinar consentimento escrito para tal.

Ser-lhe-á atribuído um número para o tratamento e armazenamento dos seus dados, que serão guardados durante tempo da análise dos mesmos.

Quando os resultados deste projeto de investigação forem publicados ou apresentados em conferências, não será fornecida qualquer informação que possa revelar a sua identidade.

Participação e desistência

A sua participação neste estudo é inteiramente **VOLUNTÁRIA**. Escolher participar ou não neste estudo não altera a sua relação com os investigadores nem com as instituições participantes. Se decidir participar poderá, no entanto, retirar o seu consentimento e desistir dessa participação em qualquer fase do estudo sem que tais relações se alterem.

Identificação dos investigadores

Caso tenha alguma dúvida relacionada com o estudo ou necessite de entrar em contacto com os investigadores poderá fazê-lo para:

Mestre Isabel Nery isabel.nery@gmail.com ou pelo telemóvel 919772275

Licenciada Maria Ana Costa Guerra mariaanacostaguerra@gmail.com

Prof. Doutora Rita Canaipa rita.canaipa@ics.lisboa.ucp.pt ou pelo telemóvel 966538648



Prof. Doutor Alexandre Castro Caldas acastrocaldas@ics.lisboa.ucp.pt

Prof. Doutora Alice Trindade atrindade@iscsp.ulisboa.pt

O Encarregado da Proteção de Dados (DPO) no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa é Dra. Frederica Campos de Carvalho. compliance.rgpd@ucp.pt ou para o telefone +351 217214179

Assinatura do participante da investigação

Declaro que eu, _____

(nome)
com o número de identificação _____ li e compreendi a
informação relativa ao projeto de investigação acima. Foi-me dada a oportunidade de colocar
questões, as quais foram devidamente esclarecidas. Foi-me dada uma cópia deste documento.

AO ASSINAR ESTE DOCUMENTO ASSUMO ACEITAR PARTICIPAR VOLUNTARIAMENTE NO ESTUDO NELE DESCRITO.

Assinatura: _____

Local: _____

Data: _____

Assinatura do investigador

Expliquei o estudo ao participante e respondi a todas as suas questões. Considero que
compreende a informação apresentada neste documento e consente livremente participar
neste estudo.

(nome do investigador)

Assinatura: _____

Local: _____

Data: _____

Anexo 7.2

CHECKLIST EXPERIÊNCIA DOUTORAMENTO

- 1) Ler e assinar Consentimento Informado
- 2) Preencher Folha de Registo (Nome; ID; etc)
- 3) Preencher Folha Demográfica (Idade; etc)
- 4) Tarefa de Memória de Dígitos: sequência normal
- 5) Tarefa de Memória de Dígitos: sequência invertida
- 6) Preencher Questionário CORE-OM
- 7) Preencher Questionário Maia (Tensão Corporal)
- 8) Preencher Questionário PCS (Dores)
- 9) Preencher Questionário Auto Consciência
- 10) Explicar Instruções de Recolha de Dados Interoceção
- 11) Fixar os 3 elétrodos que vão registar os batimentos cardíacos
- 12) Registo cardíaco (ECG)
- 13) Estabelecer a Baseline (ECG)
- 14) Tarefa do Batimento Cardíaco
- 15) Preencher 1º IEA-R
- 16) Ler Instruções de Estímulos Elétricos
- 17) Calibração do Estímulo de Dor
- 18) Aplicação dos Estímulos de Dor (Seis)
- 19) Leitura do 1º texto A B
- 20) Manter elétrodos. Registrar batimentos cardíacos durante o primeiro minuto e meio de leitura
- 21) Avisar que se vai fazer nova sequência de estímulos de dor
- 22) Segunda Aplicação dos Estímulos de Dor (Seis)
- 23) Repetir IEA-R (preenchimento pós-leitura)
- 24) Aplicação do Questionário Avaliação de Texto
- 25) Leitura do 2º Texto A B
- 26) Registrar batimentos cardíacos durante o primeiro minuto e meio de leitura
- 27) Aplicação do Questionário Avaliação de Texto (2ª parte)
- 28) Aplicação do Questionário Pós-Leitura

Anexo 7.5



ID _____

Avaliadores _____

Data _____

MEMÓRIA DE DÍGITOS

Dígitos em sentido direto

“Vou-lhe dizer alguns números. Ouça-os com atenção e, quando eu acabar, repita-os”.

Em cada série, se o indivíduo repetir corretamente no Ensaio 1 (E1), passar à série seguinte. Se houver insucesso, apresentar o Ensaio 2 (E2) da mesma série. Apresentar, depois, a série seguinte, se for bem-sucedido. O segundo ensaio de uma série de uma série só é apresentado, se o primeiro for malsucedido.

Item	Ensaio	Resposta	Cotação	
1	E 1	1 – 7	0	1
	E 2	6 – 3	0	1
2	E 1	5 – 8 – 2	0	1
	E 2	6 – 9 – 4	0	1
3	E 1	6 – 4 – 3 – 9	0	1
	E 2	7 – 2 – 8 – 6	0	1
4	E 1	4 – 2 – 7 – 3 – 1	0	1
	E 2	7 – 5 – 8 – 3 – 6	0	1
5	E 1	6 – 1 – 9 – 4 – 7 – 3	0	1
	E 2	3 – 9 – 2 – 4 – 8 – 7	0	1
6	E 1	5 – 9 – 1 – 7 – 4 – 2 – 8	0	1
	E 2	4 – 1 – 7 – 9 – 3 – 8 – 6	0	1
7	E 1	5 – 8 – 1 – 9 – 2 – 6 – 4 – 7	0	1
	E 2	3 – 8 – 2 – 9 – 5 – 1 – 7 – 4	0	1
8	E 1	2 – 7 – 5 – 8 – 6 – 2 – 5 – 8 – 4	0	1
	E 2	7 – 1 – 3 – 9 – 4 – 2 – 5 – 6 – 8	0	1
Pontuação Total do Sentido Direto Mínimo=0 Máximo=16			<input type="text"/>	

ID _____

Avaliadores _____

Data _____

Dígitos em Sentido Inverso

“Agora, vou dizer-lhe alguns números, mas, desta vez, quando eu acabar, a senhora vai repeti-los em sentido contrário. Por exemplo, se eu disser 7-1-9, que dirá a senhora?”

Se o indivíduo não responder corretamente, ou não tiver compreendido, dar a resposta exata e um outro exemplo: **“Lembre-se de que deve repetir em sentido contrário: 3-4-8”**. Se o indivíduo for bem sucedido neste segundo exemplo, começar o teste com o Ensaio 1 (E1) da série 2 dígitos. Se o indivíduo for bem sucedido num exemplo mas não o for nos dois ensaios da Série 3, apresenta-se a série 2 e suspende-se a prova. Parar quando houver insucesso nos dois ensaios da mesma série.

Item	Ensaio	Resposta	Cotação	
1	E 1	2 - 4 (4 - 2)	0	1
	E 2	5 - 7 (7 - 5)	0	1
2	E 1	6 - 2 - 9 (9 - 2 - 6)	0	1
	E 2	4 - 1 - 5 (5 - 1 - 4)	0	1
3	E 1	3 - 2 - 7 - 9 (9 - 7 - 2 - 3)	0	1
	E 2	4 - 9 - 6 - 8 (8 - 6 - 9 - 4)	0	1
4	E 1	1 - 5 - 2 - 8 - 6 (6 - 8 - 2 - 5 - 1)	0	1
	E 2	6 - 1 - 8 - 4 - 3 (3 - 4 - 8 - 1 - 6)	0	1
5	E 1	5 - 3 - 9 - 4 - 1 - 8 (8 - 1 - 4 - 9 - 3 - 5)	0	1
	E 2	7 - 2 - 4 - 8 - 5 - 6 (6 - 5 - 8 - 4 - 2 - 7)	0	1
6	E 1	8 - 1 - 2 - 9 - 3 - 6 - 5 (5 - 6 - 3 - 9 - 2 - 1 - 8)	0	1
	E 2	4 - 7 - 3 - 9 - 1 - 2 - 8 (8 - 2 - 1 - 9 - 3 - 7 - 4)	0	1
7	E 1	9 - 4 - 3 - 7 - 6 - 2 - 5 - 8 (8 - 5 - 2 - 6 - 7 - 3 - 4 - 9)	0	1
	E 2	7 - 2 - 8 - 1 - 9 - 6 - 5 - 3 (3 - 5 - 6 - 9 - 1 - 8 - 2 - 7)	0	1
Pontuação Total do Sentido Inverso			<input style="width: 40px; height: 20px;" type="text"/>	
Mínimo=0				
Máximo=14				

PONTUAÇÃO TOTAL

Somar as pontuações totais do Sentido Direto e do Sentido Inverso

Mínimo=0 e Máximo=30

Anexo 7.6



Texto A:

A cidade de Hiroshima, com 245 mil habitantes, foi alvo de um ataque nuclear às oito horas e quinze minutos da manhã do dia 6 de agosto de 1945 que provocou a morte a quase metade da sua população e deixou feridos outros cem mil. Pelo menos 10 mil procuraram auxílio no melhor hospital de Hiroshima, a instituição da Cruz Vermelha, impedido de dar resposta por falta de camas.

A situação agravou-se com a escassez de pessoal especializado para o socorro, já que a maioria ficou também ferida durante a explosão. Dos 150 médicos existentes em Hiroshima, 65 estavam mortos e os restantes estavam, na sua maioria, feridos. Das 1780 enfermeiras, 1654 estavam igualmente mortas ou impossibilitadas de agir. No hospital da Cruz Vermelha, o maior da cidade, apenas seis médicos de uma equipa de trinta, e dez enfermeiras, de entre mais de duzentas, conseguiam trabalhar. Com consultórios e hospitais destruídos, equipamento disperso e os próprios corpos incapacitados em diferentes graus, os feridos não puderam receber os cuidados necessários. Tal cenário ajuda a explicar porque morreram tantos cidadãos que podiam ter sido salvos.

Sasaki, único médico do hospital que escapou ileso à explosão, foi testemunha do caos no edifício: frascos de remédio caídos das prateleiras, unguentos a mancharem as paredes, instrumentos caídos.

A população descreve um imenso clarão no céu, dirigindo-se de leste para poente, da cidade em direção às montanhas. Mesmo os que se encontravam a pouco mais de três quilómetros do centro da explosão mal tiveram tempo de reagir. Há também quem recorde uma pressão repentina e estilhaços de madeira e de telhas a caírem sobre as pessoas.

Apesar da violência da explosão, praticamente ninguém em Hiroshima se lembra de ter ouvido qualquer barulho produzido pela bomba. Mas o ataque repercutiu-se a mais de 30 quilómetros de Hiroshima, perto de Tsuzu, onde pescadores relatam o clarão e a explosão. O estrondo foi maior do que quando os B-29 bombardearam Iwakuni, a apenas oito quilómetros de distância.

Há relatos de nuvens de poeira, casas destruídas e de um pelotão de soldados que tinham estado a cavar a encosta para construir um dos milhares de abrigos em que os japoneses pretendiam resistir à invasão. Os soldados tiveram de deixar a escavação devido aos ferimentos graves.

Embora os incêndios não fossem comuns inicialmente, os médicos observaram um grande número de queimaduras graves, algumas na cara e nos braços. O vento de leste

viria a provocar e a agravar os fogos existentes. Em pouco tempo ocorreram lufadas de ar quente e chuvas de cinzas.

Com as ruas em chamas, muitos habitantes só encontraram refúgio dentro de água. Entre as vítimas havia médicos e enfermeiros, que foram auxiliados pela população. Escoriações e cortes justificaram os primeiros pedidos de auxílio, mas os profissionais rapidamente se depararam com queimaduras em número tão elevado que obrigou a deixarem para trás os feridos de menor gravidade.

O edifício do hospital caiu ao rio Kio. Além da explosão, estes feridos corriam o risco de morrer afogados quando a maré subisse. Alguns sobreviventes socorreram-se de tábuas para chegar a terra firme.

Anexo 7.7



Texto B:

Foi então que um tremendo clarão rasgou o céu. O reverendo Tanimoto lembra-se perfeitamente que às oito horas e quinze minutos da manhã do dia 6 de agosto o clarão percorreu o firmamento de nascente para poente, da cidade em direção às colinas. Parecia uma lâmina de luz. Aterrorizados, os dois homens reagiram cada qual à sua maneira — e ambos tiveram tempo para o fazer, por se encontrarem a mais de três quilómetros do centro da explosão. O Sr. Matsuo galgou os degraus da entrada até ao interior da casa e encafuou-se de um salto no meio das trouxas de roupa. O reverendo Tanimoto deu quatro ou cinco passos e atirou-se para o meio de duas grandes pedras do jardim. Comprimiu-se com toda a força contra uma delas. Como ficou com a cara contra a pedra não viu o que aconteceu. Sentiu uma súbita pressão seguida da queda de bocados de madeira e de estilhaços de telha. Não ouviu barulho algum. Quase ninguém em Hiroshima se lembra de ter ouvido qualquer barulho provocado pela bomba. Porém, um pescador a bordo da sua sampana, no mar Interior perto de Tsuzu, o homem em cuja casa viviam a sogra e a cunhada do reverendo Tanimoto, viu o clarão e ouviu uma tremenda explosão; separavam-no de Hiroshima mais de trinta quilómetros, mas o barulho foi maior do que quando os B-29 atingiram Iwakuni, situado a apenas oito quilómetros.

Quando teve coragem, Tanimoto levantou a cabeça e viu que a casa do fabricante de seda se tinha desmoronado. Pensou que lhes caíra uma bomba mesmo em cima. Haviam-se erguido tamanhas nuvens de pó que em redor tudo parecia envolto numa espécie de crepúsculo. Tomado pelo pânico, sem naquele momento se lembrar do Sr. Matsuo, soterrado sob os escombros, precipitou-se na direção da estrada. No meio da correria reparou que o muro de cimento à volta da propriedade se desmoronara, mais na direção da casa do que para o outro lado. Já na estrada, a primeira coisa que viu foi um pelotão de soldados que haviam estado a escavar na encosta da colina em frente, construindo um dos milhares de abrigos antiaéreos dentro dos quais os japoneses aparentemente esperavam resistir à invasão, colina após colina, vida após vida; os soldados estavam a sair do buraco, onde supostamente se deveriam encontrar em segurança, com sangue a escorrer-lhes da cabeça, do peito e das costas. Silenciosos e estupefactos.

Sob o que parecia ser uma nuvem de pó ali formada, o dia foi enegrecendo. No dia anterior ao lançamento da bomba, perto da meia-noite, um locutor da rádio da cidade noticiou que cerca de duzentos B-29 se aproximavam de Honshu, vindos de sul, e aconselhou a população de Hiroshima a dirigir-se para as respetivas «áreas de segurança». A Sra. Hatsuio Nakamura, a viúva do alfaiate, que vivia na secção chamada Nobori-cho e que há muito ganhara o hábito de fazer como lhe mandavam, tirou os três filhos da cama — Toshio, um rapaz de dez anos, Iaeo e Mieko, duas raparigas de oito e

cinco anos — vestiu-os e levou-os para a área militar conhecida por Parada Leste, no limite nordeste da cidade. Uma vez aí chegados, a Sra. Nakamura estendeu uns tapetes onde as crianças se deitaram. Dormiram até cerca das duas da manhã, altura em que acordaram com o roncar dos aviões que sobrevoavam Hiroshima.

(...)

O hospital do Dr. Masakazu Fujii já não se encontrava na margem do rio Kio; encontrava-se no próprio rio. Após o desmoronamento, o Dr. Fujii ficou tão estupefacto e tão apertado pelas tábuas que lhe comprimiam o peito que não reagiu logo de início, assim ficando durante cerca de vinte minutos naquela manhã escura. De súbito ocorreu-lhe um pensamento - em breve a maré iria subir, submergindo-lhe a cabeça - que o despertou para uma atividade inspirada pelo medo; torceu-se e retorceu-se, exercendo toda a força que tinha (apesar de o braço esquerdo não lhe servir para nada devido à dor no ombro), conseguindo libertar-se do torniquete passado pouco tempo. Após uns momentos de descanso, subiu para cima do monte de tábuas e, descobrindo uma mais comprida que subiu até à margem, por ela trepou pensosamente.

O Dr. Fujii, que só tinha vestida a roupa interior, via-se agora sujo e encharcado. A camisola interior estava toda rasgada, cheia do sangue que lhe saía de ferimentos profundos no queixo e nas costas. Nesse estado de confusão e desalinho caminhou até à ponte Kio, ao lado da qual se situara o seu hospital. A ponte continuava de pé. Via tudo baço sem os óculos, mas enxergava o suficiente para se espantar com o número de casas destruídas por todo o lado. Na ponte encontrou um amigo, um médico chamado Machii, e ainda estupefacto perguntou-lhe: «O que achas que foi isto?»

O Dr. Machii respondeu-lhe: «Deve ter sido um Molotoffano hanakago», um cesto de flores Molotov, o delicado nome japonês para cacho de bombas de dispersão atómica. No início, o Dr. Fujii conseguia ver apenas dois fogos, um que se estendia para o outro lado do rio a partir do sítio onde estivera o hospital e outro bastante mais para sul. Contudo, ele e o amigo observavam algo que os intrigava e que, na qualidade de médicos, discutiam entre si: apesar de até ao momento haver muito poucos fogos, via-se gente ferida a atravessar a ponte num passo apressado, numa parada infundável de sofrimento, exibindo queimaduras horríveis na cara e nos braços. «Como explicas isto?», perguntou o Dr. Fujii. Até uma teoria era coisa reconfortante nesse dia e o Dr. Machii agarrou-se à dele. «Talvez fosse um cesto de flores Molotov.»

Não corria qualquer brisa de manhã cedo, quando o Dr. Fujii se deslocara à estação para se despedir do amigo, mas agora sopravam ventos fortes em todas as direcções; na ponte o vento soprava de leste. Começavam a surgir novos focos de incêndio, que se espalhavam rapidamente, e não foi preciso esperar muito para que fortes rajadas de ar quente e aguaceiros de cinzas tornassem impossível a permanência na ponte. O Dr.

Machii correu para a zona do rio mais afastada dali, metendo por uma rua onde o fogo ainda não chegara. O Dr. Fujii enfiou-se na água por baixo da ponte, onde grande número de pessoas já se havia refugiado, incluindo os seus empregados, que tinham conseguido libertar-se dos estroços. De onde se encontrava, o médico reparou numa enfermeira dependurada pelas pernas nos destroços do seu hospital e numa outra com o peito dolorosamente entalado. Com a ajuda de alguns dos que se encontravam debaixo da ponte, libertou-as a ambas. A certa altura pareceu-lhe ouvir a voz de sua sobrinha, mas não conseguiu localizá-la. Nunca mais a viu. Quatro das suas enfermeiras e os dois doentes que se encontravam no hospital tinham também morrido. O Dr. Fujii entrou novamente no rio e esperou que o fogo diminuísse de intensidade.

O facto de, logo após a explosão, os Drs. Fujii, Kanda e Machii — e, sendo estes três uma amostra representativa, a maioria dos médicos e cirurgiões de Hiroshima — terem ficado com os respetivos consultórios e hospitais destruídos, com o equipamento dissipado e com o próprio corpo incapacitado em grau variável, explica por que razão tantos cidadãos feridos ficaram sem assistência médica e porque acabaram por morrer tantos que podiam ter sobrevivido. Dos 150 médicos da cidade, 65 tinham morrido e os restantes estavam feridos em sua maioria. Das 1780 enfermeiras, 1654 tinham morrido ou estavam demasiado feridas para poder trabalhar. No maior hospital, o da Cruz Vermelha, só seis médicos, de um total de trinta, e dez enfermeiras, dentre mais de duzentas, estavam aptos a trabalhar. O único médico ileso do corpo clínico do Hospital da Cruz Vermelha era o Dr. Sasaki. Depois da explosão, correu até uma despensa para ir buscar ligaduras. A despensa, como tudo o que viu enquanto corria pelo hospital, encontrava-se num estado caótico: frascos de medicamentos partidos e espalhados pelo chão, as paredes todas salpicadas de unguento, instrumentos por tudo quanto era sítio. Agarrou nalgumas ligaduras e num frasco intacto de mercurocromo, saiu a correr para onde se encontrava o cirurgião-chefe e ligou-lhe os ferimentos. De seguida foi até ao corredor e começou a tratar das feridas dos doentes, médicos e enfermeiras que aí se encontravam. Tinha tanta dificuldade em movimentar-se sem os óculos que retirou um par deles da cara de uma enfermeira ferida. Apesar de lhe compensarem apenas parcialmente o defeito da visão, eram melhores que nada. (Acabaria por ter de os utilizar durante mais de um mês).

O Dr. Sasaki trabalhava sem método, assistindo em primeiro lugar os que estavam mais à mão, e em pouco tempo pareceu-lhe que o corredor estava a ficar cada vez mais cheio. À mistura com as escoriações e lacerações que a maioria dos que se encontravam no hospital apresentava, começou a descobrir queimaduras horríveis. Foi então que se apercebeu dos magotes de feridos que chegavam ao hospital. Eram tantos que começou a deixar para trás os feridos ligeiros; decidiu que tudo o que podia tentar fazer era impedir que as pessoas sangrassem mortalmente. Passado pouco tempo havia doentes

deitados e acorados no chão das enfermarias, dos laboratórios e de todas as outras salas, e nos corredores, nas escadas, na entrada, debaixo do portão e nas escadarias de pedra da entrada, no acesso, no pátio, e por quarteirões sucessivos ao longo das ruas. Os feridos ajudavam os estropiados; famílias desfiguradas ajudavam-se mutuamente. Muitos vomitavam. Alunas em número assustador — algumas das que tinham sido levadas das salas de aula para trabalharem no exterior a abrir corta-fogos - entraram no hospital em passo lento e silencioso. Numa cidade com 245 mil habitantes, quase 100 mil haviam sido mortos, ou condenados a morrer, de uma assentada; 100 mil outros ficaram feridos. Pelo menos 10 mil destes últimos dirigiram-se para o melhor hospital da cidade, cuja capacidade era de todo insuficiente para tamanho tropel, uma vez que as seiscentos camas disponíveis já tinham sido todas ocupadas. No meio da multidão que sufocava dentro do hospital, pessoas choravam e gritavam, para o Dr. Sasaki ouvir — «Sensei! Doutor!», e os feridos mais ligeiros puxavam-lhe pelas mangas, implorando-lhe que fosse em auxílio dos maus gravemente feridos. Assediado por todos os lados, os pés calçados apenas com meias, estupefacto com a afluência, atónito perante tanta carne viva, o Dr. Sasaki deixou de atuar como cirurgião competente e homem prestável e compreensivo, para se transformar num autómato, que mecanicamente limpava, desinfetava, ligava, limpava, desinfetava, ligava.

ANEXO 8

MATRIZ QUESTIONÁRIOS CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS INDIVIDUAIS

Anexo 8.1



Identif:

Idade: **Género:** M F

Therapist ID numbers only (1) numbers only (2)

Sub codes
 D M Y

Date form given

Stage Completed
 S Screening
 R Referral
 A Assessment
 F First Therapy Session
 P Pre-therapy (unspecified)
 D During Therapy
 L Latest Therapy Session
 X Follow up 1
 Y Follow up 2

Stage

Episode

IMPORTANTE – LEIA ANTES DE RESPONDER

Este questionário tem 34 afirmações sobre como se sentiu durante a última semana. Por favor, leia cada afirmação e pense quantas vezes se sentiu assim. Depois, marque a resposta que mais se aproxima da maneira como se sentiu.

		<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre, ou quase sempre</i>	<i>Other Use Only</i>
1 Tenho-me sentido terrivelmente sozinho/a e isolado/a	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	F
2 Tenho-me sentido tenso/a, ansioso/a ou nervoso/a	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	P
3 Senti que tenho alguém a quem posso pedir ajuda, se precisar	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/>	F
4 Tenho-me sentido bem comigo próprio/a	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/>	W
5 Senti-me totalmente sem energia ou entusiasmo	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	P
6 Fui violento/a fisicamente com outras pessoas	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	R
7 Tenho sentido que sou capaz de lidar com as coisas que correm mal	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/>	F
8 Tenho-me sentido incomodado/a com dores, mal-estar ou outros problemas físicos	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	P
9 Pensei em fazer mal a mim próprio/a	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	R
10 Tem-me custado muito falar com as outras pessoas	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	F
11 A tensão e a ansiedade não me têm deixado fazer coisas importantes	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	P
12 Senti-me bem com as coisas que consegui fazer	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/>	F
13 Tenho tido pensamentos e sentimentos que não quero ter e que me perturbam	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	P
14 Tenho sentido vontade de chorar	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/>	W

Please turn over

Durante a última semana...

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre	Other Use Only
15 Senti pânico ou terror	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
16 Fiz planos para acabar com a minha vida	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> R
17 Senti que os meus problemas são demais para mim	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> W
18 Tenho tido dificuldade em adormecer ou em dormir toda a noite	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
19 Senti que tenho pessoas de quem gosto	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> F
20 Não consegui pôr os meus problemas de lado	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
21 Tenho sido capaz de fazer a maior parte das coisas que preciso	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> F
22 Ameacei ou fiz alguém sentir medo	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> R
23 Senti-me desesperado/a ou sem saída	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
24 Pensei que era melhor se eu estivesse morto/a	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> R
25 Tenho-me sentido criticado/a por outras pessoas	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> F
26 Senti que não tinha amigos	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> F
27 Tenho-me sentido triste	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
28 Tenho-me sentido perturbado/a por imagens ou recordações que não quero ter	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
29 Tenho-me sentido mais facilmente irritável quando estou com outras pessoas	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> F
30 Tenho-me sentido culpado/a pelos meus problemas	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> P
31 Tenho-me sentido optimista em relação ao meu futuro	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> W
32 Tenho conseguido as coisas que queria	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> F
33 Senti-me humilhado/a ou envergonhado/a por outras pessoas	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> F
34 Fiz mal a mim próprio/a fisicamente, ou pus a minha saúde gravemente em risco	<input type="checkbox"/> 0	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> R

ObRIGADO PELA SuA COLAbORAÇÃO

Total Scores

<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
----------------------	----------------------	----------------------	----------------------	----------------------	----------------------

Mean Scores

(Total score for each dimension divided by number of items completed in that dimension)

<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
----------------------	----------------------	----------------------	----------------------	----------------------	----------------------

(W)

(P)

(F)

(R)

All items

All minus R

Anexo 8.2

Questionário MAIA



ID: _____

Data: __/__/____

Em baixo encontra uma lista de afirmações. Indique por favor com que frequência cada afirmação se aplica a si na sua vida do dia a dia, considerando 0(zero) como nunca e 5 (cinco) como sempre.

	Nunca					Sempre						
1. Quando estou tenso(a), eu noto onde a tensão está localizada no meu corpo.	0	1	2	3	4	5						
2. Eu noto quando estou desconfortável no meu corpo.	0	1	2	3	4	5						
3. Eu noto quais as partes do meu corpo onde estou confortável.	0	1	2	3	4	5						
4. Quando sinto dor ou desconforto, tento aguentar e continuar com o que estava a fazer.	0	1	2	3	4	5						
5. Eu tento ignorar a dor.	0	1	2	3	4	5						
6. Eu afasto as sensações de desconforto focando-me noutra coisa qualquer.	0	1	2	3	4	5						
7. Quando sinto sensações corporais desagradáveis, ocupo-me com outra coisa qualquer para não ter de as sentir.	0	1	2	3	4	5						
8. Se sinto algum desconforto, começo a preocupar-me que algo não está bem.	0	1	2	3	4	5						
9. Eu consigo aperceber-me de uma sensação corporal desagradável, sem ficar preocupado(a) com ela.	0	1	2	3	4	5						
10. Eu consigo manter-me calmo(a) e não me preocupar quando sinto desconforto ou dor.	0	1	2	3	4	5						
11. Quando estou desconfortável ou com dor não consigo tirar isso da minha cabeça.	0	1	2	3	4	5						
12. Eu consigo prestar atenção à minha respiração sem me distrair com as coisas que estão a acontecer à minha volta.	0	1	2	3	4	5						
13. Eu consigo manter-me consciente das minhas sensações corporais internas, mesmo quando há muita coisa a acontecer à minha volta.	0	1	2	3	4	5						
14. Quando estou a conversar com alguém, consigo prestar atenção à minha postura.	0	1	2	3	4	5						
15. Se me distrair, consigo voltar a prestar atenção ao meu corpo.	0	1	2	3	4	5						
16. Eu consigo redirecionar a atenção dos meus pensamentos para as sensações do meu corpo.	0	1	2	3	4	5						
17. Eu consigo manter a consciência de todo o meu corpo mesmo quando uma parte de mim está com dor ou desconforto.	0	1	2	3	4	5						
18. Eu sou capaz de focar-me conscientemente no meu corpo como um todo.	0	1	2	3	4	5						
19. Eu noto como o meu corpo se altera quando estou zangado(a).	0	1	2	3	4	5						

	Nunca					Sempre						
20. Quando algo não está bem na minha vida consigo senti-lo no meu corpo.	0	1	2	3	4	5						
21. Eu noto que o meu corpo fica diferente depois de uma experiência tranquila.	0	1	2	3	4	5						
22. Eu noto que a minha respiração se torna mais livre e fácil quando me sinto confortável.	0	1	2	3	4	5						
23. Eu noto como o meu corpo se altera quando me sinto feliz/contente.	0	1	2	3	4	5						
24. Quando me sinto sobrecarregado(a), consigo encontrar um lugar de paz dentro de mim.	0	1	2	3	4	5						
25. Quando dirijo a minha consciência para o meu corpo sinto uma sensação de calma.	0	1	2	3	4	5						
26. Eu consigo usar a minha respiração para diminuir a tensão.	0	1	2	3	4	5						
27. Quando fico preso(a) a pensamentos, consigo acalmar a minha mente focando-me no meu corpo ou na minha respiração.	0	1	2	3	4	5						
28. Eu “escuto” a informação que o meu corpo me dá sobre o meu estado emocional.	0	1	2	3	4	5						
29. Quando eu estou aborrecido(a), procuro perceber como o meu corpo se sente.	0	1	2	3	4	5						
30. Eu “escuto” o meu corpo para saber o que fazer.	0	1	2	3	4	5						
31. Eu sinto-me bem no meu corpo.	0	1	2	3	4	5						
32. Eu sinto que o meu corpo é um lugar seguro.	0	1	2	3	4	5						
33. Eu confio nas minhas sensações corporais.	0	1	2	3	4	5						

Anexo 8.3

Questionário PCS

L.F. Azevedo, et al.: Tradução, Adaptação Cultural e Estudo Multicêntrico de Validação de Instrumentos para Rastreamento e Avaliação do Impacto da Dor Crônica



Copyright © 1995
Michael J.L. Sullivan

PCS

Toda a gente passa por situações de dor em certos momentos da sua vida. Estas experiências podem incluir dores de cabeça, dores de dentes, dores articulares ou dores musculares. As pessoas estão muitas vezes expostas a situações que podem causar dor, tais como doenças, ferimentos, intervenções de dentista ou cirurgias.

Queremos conhecer os pensamentos e sentimentos que tem quando está a sentir dores. Em baixo encontra-se uma lista com treze afirmações que descrevem diferentes pensamentos e sentimentos que podem estar associados à dor. Usando a escala seguinte, por favor indique em que medida tem estes pensamentos e sentimentos quando está com dores.

0 – Nunca **1** – Ligeiramente **2** – Moderadamente **3** – Bastante **4** – Sempre

Quando estou com dores ...

- 1 Estou constantemente preocupado(a) em saber se a dor terá fim.
- 2 Sinto que não consigo continuar.
- 3 É terrível e penso que nunca mais vai melhorar.
- 4 É horrível e sinto que me ultrapassa completamente.
- 5 Sinto que já não aguento mais.
- 6 Fico com medo que a dor piore.
- 7 Estou sempre a pensar noutras situações dolorosas.
- 8 Quero ansiosamente que a dor desapareça.
- 9 Não consigo deixar de pensar nisso.
- 10 Estou sempre a pensar no quanto dói.
- 11 Estou sempre a pensar que quero muito que a dor passe.
- 12 Não há nada que eu possa fazer para reduzir a intensidade da dor.
- 13 Pergunto -me se poderá acontecer algo grave.

Versão portuguesa do *Pain Catastrophizing Scale*. Tradução, adaptação cultural e validação da responsabilidade da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, com a autorização do autor Michael J.L. Sullivan, PhD.

Anexo 8.4

Questionário Autoconsciência



A seguir encontra algumas afirmações quanto à maneira como as pessoas se vêm a si próprias. Coloque um círculo à volta do número que corresponda à sua maneira de ser, de acordo com a seguinte classificação:

- 0 - falso
- 1 - mais ou menos falso
- 2 - não sei
- 3 - mais ou menos verdadeiro
- 4 - verdadeiro

1-Estou sempre a tentar-me avaliar.	0	1	2	3	4
2 - Preocupo-me com a maneira como faço as coisas	0	1	2	3	4
3 - Geralmente, não ligo muito a mim próprio	0	1	2	3	4
4 - Perante novas situações, leva-me tempo a vencer a minha timidez	0	1	2	3	4
5 - Penso muito sobre mim próprio	0	1	2	3	4
6 - Preocupo-me com a maneira como me apresento	0	1	2	3	4
7 - Sou muitas vezes o assunto das minhas fantasias	0	1	2	3	4
8 - Quando trabalho, incomoda-me que estejam a observar-me	0	1	2	3	4
9 - Nunca me analiso a mim próprio	0	1	2	3	4
10 - Fico perturbado com facilidade	0	1	2	3	4
11 - Estou consciente da impressão que dou	0	1	2	3	4
12 - Não me é difícil falar com desconhecidos	0	1	2	3	4
13 - Estou geralmente atento aos meus sentimentos	0	1	2	3	4
14 - Geralmente preocupo-me em causar boa impressão	0	1	2	3	4
15 - Examino constantemente as causas das minhas ações	0	1	2	3	4
16 - Sinto-me ansioso quando falo perante um grupo	0	1	2	3	4
17 - Uma das últimas coisas que faço antes de sair de casa é olhar-me ao espelho	0	1	2	3	4
18 - Às vezes, tenho a impressão de estar de fora a observar-me a mim próprio	0	1	2	3	4
19 - Preocupo-me com o que as outras pessoas pensam de mim	0	1	2	3	4
20 - Estou atento às minhas mudanças de humor	0	1	2	3	4
21 - Habitualmente, dou atenção à minha aparência física	0	1	2	3	4
22 - Estou consciente da maneira como trabalha a minha mente quando resolvo um problema	0	1	2	3	4
23 - Os grandes grupos dão-me pouco à vontade	0	1	2	3	4

Anexo 8.5



IEA-R

Esta escala consiste numa série de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada item e faça um círculo na resposta apropriada na escala junto a cada palavra. Indique *em que grau se sente neste momento*. Por favor, verifique se respondeu a todos os itens e se deu apenas uma resposta a cada um. Muito obrigada.

	<i>Muito pouco ou nada</i>	<i>Um pouco</i>	<i>Moderadamente</i>	<i>Muito</i>	<i>Extremamente</i>
1 Atrevido	1	2	3	4	5
2 Deprimido	1	2	3	4	5
3 Perturbado	1	2	3	4	5
4 Determinado	1	2	3	4	5
5 Sereno	1	2	3	4	5
6 Capaz	1	2	3	4	5
7 Amável	1	2	3	4	5
8 Aflito	1	2	3	4	5
9 Competente	1	2	3	4	5
10 Ousado	1	2	3	4	5
11 Audacioso	1	2	3	4	5
12 Seguro	1	2	3	4	5
13 Atencioso	1	2	3	4	5
14 Angustiado	1	2	3	4	5
15 Afectuoso	1	2	3	4	5



16	Calmo	1	2	3	4	5
17	Tranquilo	1	2	3	4	5
18	Caloroso	1	2	3	4	5
19	Ardente	1	2	3	4	5

João M. Moreira - FPCE-UL - 2008

<https://sites.google.com/a/campus.ul.pt/joao-manuel-moreira/>

ANEXO 9

MATRIZ TAREFAS PSICOFISIOLÓGICAS

Anexo 9.1



ID _____

Avaliadores _____

Data _____

INSTRUÇÕES PARA O PARTICIPANTE

“Nesta tarefa pretendemos avaliar a sua interoção, isto é, a sua perceção ou sensibilidade em relação a estímulos e variações de processos fisiológicos internos.

Para isto, iremos utilizar este aparelho para registar a sua frequência cardíaca. [Mostrar] Vamos realizar um ECG e vamos colocar os eléctrodos segundo o triângulo de Einthoven.”

Colocar os eléctrodos no participante acordo com as indicações da folha de registo.

VERIFICAR O SINAL NO PROGRAMA, se não, terminar a aquisição, reajustar os eléctrodos e começar a aquisição novamente

“Nesta tarefa pedimos que tente contar o número de batimentos cardíacos durante os períodos de tempo que lhe vou indicando, concentrando-se apenas em sensações corporais. Não pode sentir o pulso ou tentar outro tipo de manipulação física que possa facilitar a deteção. Ao sinal sonoro “agora” pedimos que comece a contar o número de batimentos cardíacos silenciosamente e que quando ouvir a palavra “stop” nos diga o número ou estimativa dos batimentos cardíacos que contou. Inicialmente iremos começar com alguns minutos em repouso e quando ouvir a palavra “agora” pode começar. Irá realizar esta tarefa algumas vezes, intercalada com períodos de repouso, pelo que pedia que estivesse muito concentrado. É muito importante que se mantenha o mais imóvel possível, evitando movimentos bruscos. Isto ajudará a sua contagem e permitirá uma melhor recolha de dados.”

“Vamos começar com uma tarefa de 5 minutos de repouso, em que não será necessário contar, e depois eu aviso quando estivermos a chegar ao momento em que começará a contar e ao meu sinal “agora” começa a contar.”

Quando faltar cerca de um minuto para o início dizer “vamos começar brevemente”

“Quando ouvir a palavra “agora” comece a contar os batimentos cardíaco até ouvir “stop”. “

Quando o participante termina perguntar “Indique numa escala de 0-10, em que zero é “nada confiante” e 10 é “muito confiante” o grau de confiança que tem na sua precisão na contagem dos batimentos cardíacos”

Anexo 9.2



ID _____

Avaliadores _____

Data _____

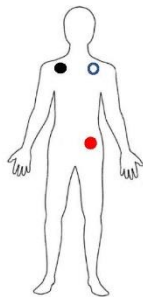
FOLHA DE REGISTO INTEROCEPÇÃO E MEMÓRIA

INTEROCEPÇÃO

Etapa 1. Objetivo: Primeiras instruções ao participante antes da colocação dos eléttodos

Etapa 2. Objetivo: Colocação dos eléttodos. Colocar e fixar ANTES DE COLOCAR NO CORPO DO PARTICIPANTE

Eléttodo	Local
Preto	Direita do participante em cima
Branco	Esquerda do participante em cima
Vermelho	Esquerda do participante em baixo



Etapa 3: Continuar as instruções

Anexo 9.3

Registo de batimentos cardíacos



ID _____

Avaliadores _____

Data _____

Tarefa	Tempo início	Tempo decorrido após a tarefa	NOTAS	Nº Batimentos reportado	Grau de confiança na sua precisão nos batimentos (0-10)
5 minutos baseline	0min	5min	AVISAR AOS 4min que estamos prestes a começar		
60 segundos	5min	6min	Repouso		
10 segundos	6min*	6 min 10seg	Treino		
60 segundos	6min 10seg	7min 10seg	Repouso		
25 segundos	7min 10seg	7min 35seg	CONTAR		
30 segundos	7min 35seg	8min 5seg	Repouso		
35 segundos	8min 5seg	8min 40seg	CONTAR		
30 segundos	8min 40seg	9min 10seg	Repouso		
45 segundos	9min 10seg	9min 55seg	CONTAR		

* Carregar no "Play" e dizer "Agora"

Anexo 9.4

Registo de Dor



PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Instruções Experimentais

Neste estudo, receberá estímulos elétricos. É importante sublinhar que todos os equipamentos e estímulos que lhe serão aplicados durante este estudo são aprovados e seguros e não devem causar qualquer dano ou lesão física. Pode apresentar alguma vermelhidão na área do corpo estimulada, o que desaparecerá em alguns minutos ou horas após a experiência.

Neste estudo, focar-nos-emos na intensidade da dor que experiênciamos após a estimulação – se é que sentirá alguma dor. Ser-lhe-á pedido que avalie a sua dor numa escala de 0-10; onde “0” é “sem dor” e “10” é a “pior dor imaginável”.

*É muito importante que compreenda toda a escala para que possa dar avaliações proporcionais à intensidade da dor que está a experienciar. Uma vez que esta escala se refere à sensação de **dor** apenas, qualquer outra sensação para além da dor – como calor, formigueiro, cócegas, etc., será **definido como “0”**. É importante mencionar que não há respostas erradas, e cada número (isto é, 2, 3, 4) que considera refletir a intensidade de dor percebida está certa.*

Ser-lhe-á pedido que avalie a intensidade da dor com base nesta escala em diferentes pontos no tempo em que lhe será pedido para o fazer. Por favor forneça uma resposta rápida e precisa que reflita a sua dor percebida.

Em qualquer momento pode pedir para parar a estimulação, ou para terminar o estudo, e o seu pedido será atendido imediatamente. Uma vez que os equipamentos são muito sensíveis, pedimos-lhe para não lhes tocar.”

Soma Temporal Elétrica (eTS)

Instruções para o sujeito: “Agora vai receber estimulação elétrica. Os estímulos elétricos serão dados através deste equipamento (mostra-se ao participante a parte que se liga ao braço). Este teste tem duas etapas. Na primeira, receberá um só estímulo elétrico no seu antebraço e ser-lhe-á perguntado se o sente (responde sim/não) e se é doloroso (responde sim/não). Estou à procura do ponto onde o estímulo começa a tornar-se doloroso, isto é, move-se do “0” para o “1”, isto é, passa a ser ligeiramente doloroso, por isso é o 1 numa escala que vai de 0-10.”

- Começar o primeiro estímulo a 10 MA e aumenta 10 MA de cada vez até encontrar o limiar de dor (dor 6, que é o máximo). Estímulos aplicados três vezes: 1) Baseline; 2) Antes do Texto; 3) Depois do Texto

Mínimo	
Máximo	

Randomization for pain stimulations						
Pain stimulations results						

Instruções para o participante na 2ª etapa: ***“agora, nesta segunda etapa receberá um conjunto de estímulos elétricos, e ser-lhe-á pedido que avalie todos os estímulos, quando lhe for perguntado. Relembro-o de que deverá utilizar a escala de 0 a 10, “0” é “sem dor”, e “10” é a “pior dor imaginável.”. Não se esqueça que pode pedir para parar a estimulação quando desejar.***

PRÉ – Texto

Pain stimulations						
Answer						

PÓS – Texto

Pain stimulations						
Answer						

ANEXO 10

MATRIZ QUESTIONÁRIOS TEXTOS

Anexo 10.1



Questionário de Avaliação de Texto

Data: __/__/__

ID: _____

Em baixo encontra uma lista de afirmações. Numa escala de 0-5, em que zero (0) significa discordo completamente e cinco (5) concordo plenamente, indique:

	Discordo completamente					Concordo plenamente					
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Amanhã ainda me vou lembrar do que acabei de ler neste artigo.											
2. Este texto fala da bomba atómica.											
3. Os acontecimentos relatados passam-se em Hiroshima.											
4. O hospital tinha todas as condições para socorrer as vítimas.											
5. Ninguém sobreviveu à bomba lançada sobre Hiroshima.											
6. A maior parte dos sobreviventes tinham ferimentos e queimaduras.											
7. Este texto revela a destruição causada pela bomba atómica. Qual foi o edifício que caiu ao rio?											
8. O texto fala de muitos mortos e feridos. Quantas pessoas ficaram feridas?											

Numa escala de 0-5, em que zero (0) significa discordo completamente e cinco (5) concordo plenamente, indique:

	Discordo completamente					Concordo plenamente					
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. A leitura deste artigo deu-me satisfação.											
2. A leitura deste artigo despertou o meu interesse.											
3. Recomendaria este texto a um amigo.											
4. A leitura deste texto angustiou-me.											
5. A leitura deste texto deu-me vontade de aderir a movimentos anti-nuclear.											
6. A leitura deste texto fez-me sentir que estava no local da explosão da bomba.											
7. A forma como o texto está escrito influenciou a minha compreensão e perceção do conteúdo.											
8. Senti-me informado/a com este texto.											
9. Este texto vai-me permitir ter uma opinião mais fundamentada sobre o uso da energia nuclear.											
10. A leitura deste texto causou-me emoções fortes.											

Anexo 10.2



Questionário de Avaliação de Texto

Data: __/__/__

ID: _____

Numa escala de 0-5, em que zero (0) significa discordo completamente e cinco (5) concordo plenamente, indique:

	Discordo completamente		Concordo plenamente			
	0	1	2	3	4	5
1. A leitura deste artigo deu-me satisfação.						
2. A leitura deste artigo despertou o meu interesse.						
3. Recomendaria este texto a um amigo.						
4. A leitura deste texto angustiou-me.						
5. A leitura deste texto deu-me vontade de aderir a movimentos anti-nuclear.						
6. A leitura deste texto fez-me sentir que estava no local da explosão da bomba.						
7. A forma como o texto está escrito influenciou a minha compreensão e perceção. do conteúdo.						
8. Senti-me informado/a com este texto.						
9. Este texto vai-me permitir ter uma opinião mais fundamentada sobre o uso da energia nuclear.						
10. A leitura deste texto causou-me emoções fortes.						

Anexo 10.3

Questionário pós-leitura

Data: __/__/__

ID: _____

1) CONHECIA O TEXTO QUE ACABOU DE LER?

- SIM
 NÃO

2) CONHECIA O AUTOR QUE ACABOU DE LER?

- SIM
 NÃO

3) COM QUAL DOS TEXTOS SE SENTIU MELHOR INFORMADO?

- A
 B

4) DE QUE TEXTO GOSTOU MAIS?

- A
 B

5) QUAL DOS TEXTOS RECOMENDARIA A UMA AMIGO?

- A
 B
 NENHUM

6) QUAL DOS TEXTOS LHE CAUSOU MAIS EMOÇÃO?

- A
 B
 NENHUM

7) QUAL DOS TEXTOS ASSOCIA A «PRAZER DE LEITURA»?

- A
 B
 NENHUM

8) JÁ OUVIU FALAR DE JORNALISMO LITERÁRIO/NOVO JORNALISMO?

- SIM
 NÃO

9) ALGUMA VEZ LEU UM TEXTO DE JORNALISMO LITERÁRIO/NOVO JORNALISMO?

- SIM
 NÃO

10) PARA SI, JORNALISMO LITERÁRIO/NOVO JORNALISMO É:

- JORNALISMO SOBRE LITERATURA
- JORNALISMO BASEADO EM FACTOS, MAS QUE PODE RECORRER À FICÇÃO
- JORNALISMO QUE REPORTA FACTOS NUM ESTILO LITERÁRIO
- NÃO SEI

11) A LEITURA DE INFORMAÇÃO/TEXTOS JORNALÍSTICOS EM PAPEL OU DISPOSITIVOS ELECTRÓNICOS É DIFERENTE?

- SIM
- NÃO

12) QUAL DOS SUPORTES É MAIS ADEQUADO PARA UMA LEITURA IMERSIVA (MEMORIZAÇÃO, ESTUDO OU COMPREENSÃO DE UM TEMA)?

- PAPEL
- DISPOSITIVO ELECTRÓNICO
- INDIFERENTE

13) QUANDO LEIO EM PAPEL ASSIMILO MELHOR A INFORMAÇÃO

- VERDADEIRO
- FALSO

14) A MINHA LEITURA DE INFORMAÇÃO/TEXTOS JORNALÍSTICOS EM PAPEL, POR COMPARAÇÃO COM A LEITURA EM DISPOSITIVOS, É:

- DIFERENTE
 - IGUAL
 - MELHOR
 - PIOR
-

ANEXO 11

FOTOS RECOLHA DADOS PSICOFISIOLÓGICOS

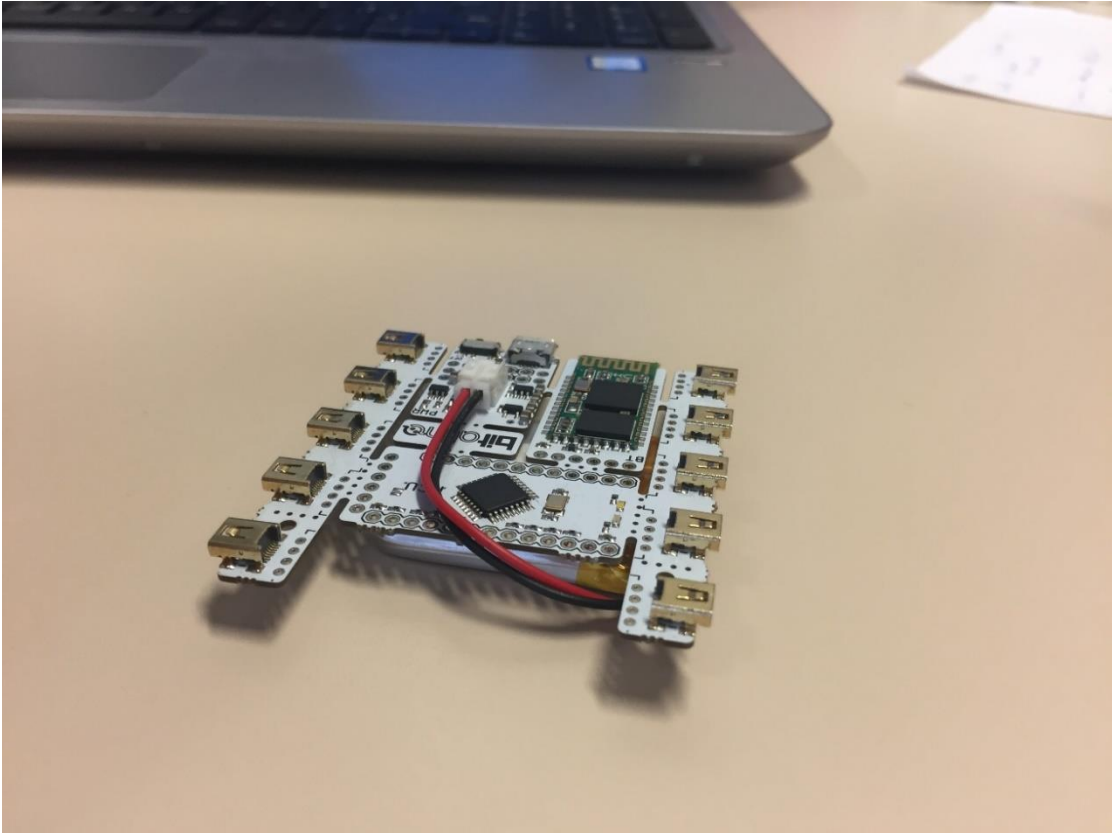
Anexo 11.1

Sala Experiências

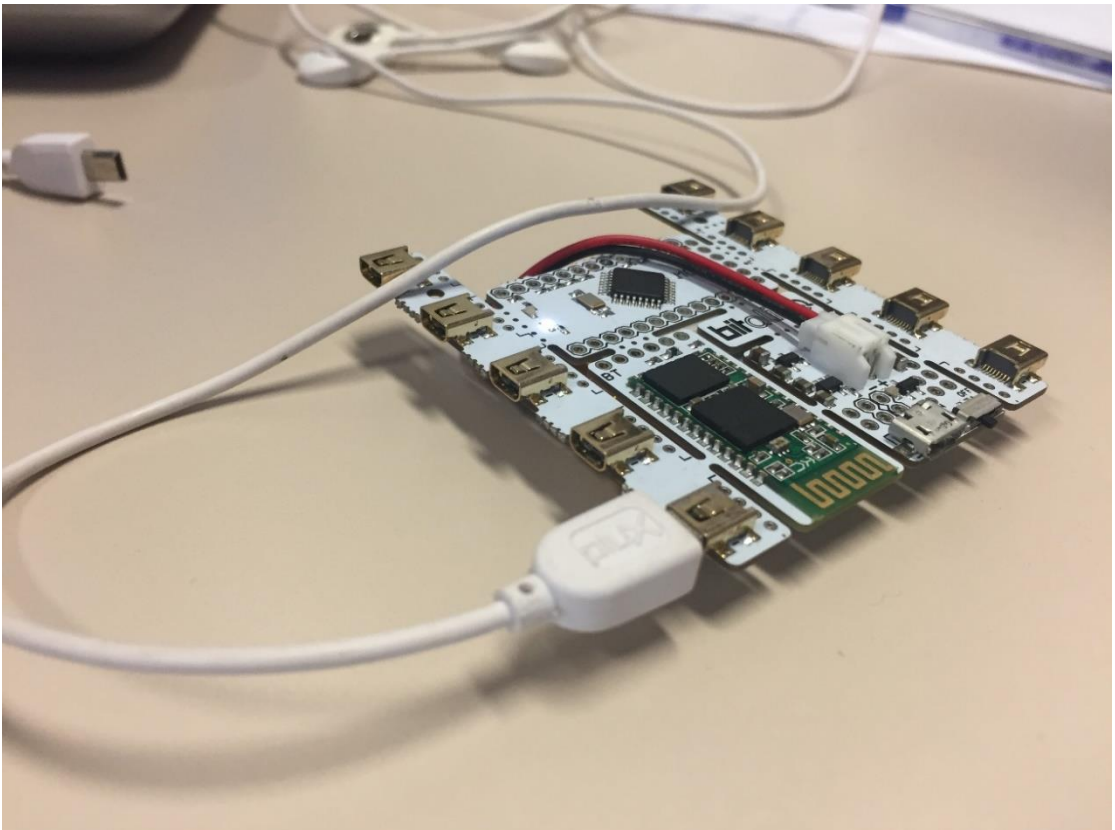


Anexo 11.2

Bitlino

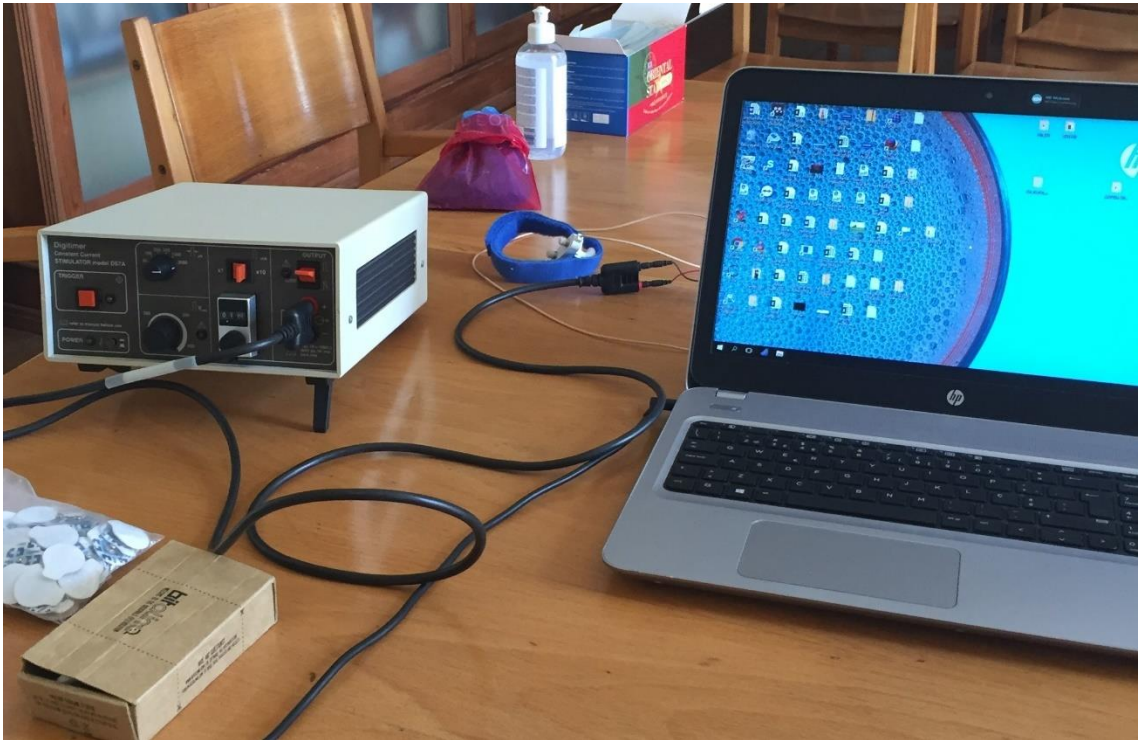


Bitlino ligado a PC



Anexo 11.3

Aparelho de Estímulos elétricos



Braçadeira de Estímulos elétricos



WWW.ISCSP.ULISBOA.PT